

Edgar Rice Burroughs



Tarzan

O Magnífico

dusko





Edgar Rice Burroughs

Tarzan
O Magnífico

Digitalização por Digital Source
Formatação de LeYtor

CÍRCULO DO LIVRO

Círculo do Livro

CIRCULO DO LIVRO S.A. Caixa postal 7413 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original

Tarzan The Magnificent

Copyright 1939 by Edgar Rice Burroughs, Inc.

Tradução de Affonso Blacheyre

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Distribuidora Record de Serviço de Imprensa S.A.

É proibida a venda a quem não pertença ao Círculo

Composto pela Linoart Ltda. Impresso e encadernado em oficinas próprias

PERSONAGENS E CENÁRIOS

Rio Neubari Mafa — afluente do Neubari

Kajis — tribo de mulheres guerreiras

Lorde e Lady Mountford — perdidos na África há vinte anos

Stanley Wood — escritor americano

Robert van Eyk — amigo e companheiro de Wood

Spike e Troll — caçadores brancos, ligados ao safári de Wood e Van Eyk

Mafka — mágico dos kajis

Gonfala — rainha dos kajis

Gonfal — o grande diamante dos kajis

Zulis — tribo de mulheres guerreiras, inimigas dos kajis

Lorde — inglês, prisioneiro dos zulis

Woorá — mágico dos zulis

Lorro — guerreiro zuli A grande esmeralda dos zulis

Kamudi — um negro

Muviro — chefe dos waziris

Bantangos — tribo canibal

Waranji — guerreiro waziri

Tomos — primeiro-ministro de Cathne, a Cidade de Ouro

Alextar — rei de Cathne

Valthor — nobre de Athne

Phoros — ditador de Athne, a Cidade de Marfim

Zygo — rei de Athne

Menofra — esposa de Phoros

Dyaus — deus-elefante dos athnianos

Daimon — um demônio

Kandos — braço direito de Phoros

Gemba — escravo negro

Hyark — guerreiro morto por Tarzan na arena

CAPÍTULO 1

A voz do passado

A verdade se mostra mais estranha do que a imaginação.

Se este relato vier a parecer, em parte, inacreditável, será favor manter presente o axioma referido. Ele teve início há mais de vinte anos, a menos que se deseje remontar à época ainda mais distante, remontar à primeira ameba ou mesmo além dela, ao universo com suas colisões fantásticas de dois sóis esquecidos; mas restringiremos nosso relato, a não ser por alguma referência ocasional, ao cenário, atores e assuntos da nossa época.

Os raios calcinantes do sol esturricam uma planície encarquilhada, a pouco mais de cinco graus ao norte do equador terrestre. Um homem, envergando camisa esfarrapada e calças nas quais o sangue secou, tornando-se cor de ferrugem, cambaleia e cai, estendendo-se inerte no chão.

Um leão enorme olha o cenário, do cimo da elevação rochosa distante, onde alguns arbustos tenazes persistem, proporcionando sombra à juba do rei, pois estamos na África.

Ska, o abutre, voa em círculos pelo azul do céu, em manobras preparatórias, bem acima do corpo do homem que tombou.

Não muito longe, ao sul, na orla da planície ressecada, outro homem caminha rumo ao norte. Não demonstra qualquer sinal de fadiga ou esgotamento. Sua pele bronzeada reluz com saúde, músculos completos se movimentam por baixo dela. O passo desembaraçado, a marcha sem ruído poderiam ser os de Sheeta, a pantera, mas não há qualquer ar furtivo nessa marcha. Temos, nela, a caminhada de alguém que não conhece a dúvida ou o medo, a caminhada de um soberano, em seu próprio reino.

Ostenta apenas uma tanga no corpo, feita de couro de corça. Em um dos ombros traz um rolo de corda feita de capim, atrás do outro ombro vê-se um carcás de flechas; uma faca em bainha balança em seu quadril; um arco e uma lança curta completam-lhe o equipamento. O feixe de cabelos negros tomba livremente sobre olhos serenos, cinzentos, olhos esses que podem refletir a luz de um mar de verão, ou o brilho metálico de uma espada.

O senhor da selva está em marcha.

Encontra-se muito ao norte de seus antigos retiros, mas ainda assim o terreno não lhe é desconhecido. Esteve ali muitas vezes. Sabe onde pode encontrar água, bastando cavar. Sabe onde se acha o buraco de água mais próximo, onde pode matar

algum animal, saciar a fome.

Veio a pedido de um imperador, a fim de investigar o boato de que uma potência européia procura levar um chefe nativo à defecção, utilizando o suborno. A guerra e os boatos de guerra circulam pelo ar, mas contamos que tais coisas não façam parte de nosso relato. Ainda assim, não somos profeta. Limitamo-nos ao papel de cronista dos acontecimentos, conforme os mesmos se apresentam. Acompanhamos as atividades de nossos personagens até o amargo fim, até mesmo à guerra, mas contamos sempre com o melhor. Só o tempo, entretanto, poderá confirmar-nos ou desmentir-nos.

Enquanto Tarzan seguia com passos desembaraçados, atravessando a planície, nenhum som lhe escapava aos ouvidos aguçados; nenhuma coisa que se movesse escapava-lhe ao olhar; nenhum odor, contido no seio macio de Usha, o vento, passava sem ser identificado por ele. Bem a distância, ele viu Numa, o leão, sobre seu posto rochoso de observação; viu Ska, o abutre, circulando acima de alguma coisa que sua visão não permitia divulgar. Em tudo quanto via, escutava ou farejava, dava para ler uma situação; isso porque, para ele, aquele mundo selvagem era como um livro aberto, sempre uma narrativa emocionante, interessante, uma narrativa de amor, ódio, vida e morte.

Onde o leitor ou eu poderíamos, de vez em quando, entender uma letra ou palavra, Tarzan compreendia todo o texto e as inúmeras implicações que escapariam inteiramente ao nosso entendimento.

E logo à frente viu algo branco, brilhando sob a luz do sol — um crânio humano; ao aproximar-se, seus olhos divisaram o esqueleto de um homem, no qual os ossos haviam sido apenas levemente deslocados. Entre eles crescia um arbusto desértico, proclamando que o esqueleto ali estivera por muito tempo.

Tarzan fez uma pausa para investigar, pois em seu mundo nada é trivial demais para se deixar sem indagações. Viu que o esqueleto era de um negro que ali estivera por muito tempo, provavelmente anos seguidos; e isso era de todo possível, na planície quente e seca. Não dava para calcular como o homem encontrara a morte, mas imaginou que fosse devido à sede.

Viu, então, algo ao lado dos ossos da mão, algo semi-enterrado pelo solo; estacou e recolheu aquilo, retirando-o cuidadosamente da terra. Era um bastão partido, de madeira pesada, e na extremidade partida achava-se preso um fragmento fino de seda oleada.

A seda estava manchada, quebradiça e seca. Dava a impressão de que ia desfazer-se ao contato, mas apenas na camada externa. Ao abrir cuidadosamente o envoltório, encontrou as camadas internas mais bem conservadas. No interior do

envoltório de seda estava o que ele contava encontrar — uma carta.

Achava-se escrita em inglês, a caligrafia pequena e muito clara. Tarzan leu com interesse, o que talvez fosse causado pela data em cima da folha de papel. Vinte anos haviam decorrido desde que a carta fora escrita. Por vinte anos ela ali estivera, ao lado do esqueleto de seu portador, prestando testemunho mudo da solidão imperante naquela planície inóspita.

Tarzan leu:

A quem encontrar: Estou enviando esta sem grande esperança de que consiga sair desta terra infernal, ainda menos de que chegue às mãos de qualquer homem branco; se chegar, entretanto, peço o favor de entrar em contato com o comissário residente mais próximo ou qualquer outra autoridade que nos possa prestar auxílio com rapidez.

Minha esposa e eu estávamos explorando a parte setentrional do lago Rudolph. Fomos longe demais. Aconteceu o que sempre acontece. Nossos carregadores ficaram assustados com os boatos de uma tribo feroz que habita a região em que estávamos. Eles nos abandonaram.

Onde o rio Mofa desemboca no Neubari, subimos a ravina do primeiro, como se fôssemos arrastados por alguma força sobrenatural, e ali fomos capturados pelas mulheres selvagens de Kaji, quando chegamos ao platô. Um ano depois, nasceu nossa filha e minha esposa morreu — aquelas selvagens de Kaji a mataram, porque não nasceu um filho homem. Elas queriam homens brancos. Ê esse o motivo pelo qual não me mataram, bem como a uma dúzia de outros prisioneiros, homens brancos também.

A região dos kajis fica em planície alta, por cima das cataratas do Mafa. Ê lugar quase inacessível, mas pode-se chegar lá acompanhando a garganta do Mafa, vindo do Neubari.

Será necessária uma expedição bem armada, de homens brancos, para poder salvar-me e à minha filhinha, pois duvido que os negros possam ser levados a vir aqui. Essas mulheres kajis lutam como demônios, e possuem poderes estranhos e ocultos de algum tipo. Tenho visto coisas que... bem, coisas que não podiam existir, mas existem.

Nenhuma tribo nativa vive perto dessa região misteriosa e malsinada; por esse motivo, sabe-se pouco a respeito dos kajis; mas os boatos de seus costumes apavorantes tornaram-se parte do folclore dos vizinhos mais próximos, e é o relato assustado dessas coisas que amedronta os carregadores de qualquer safári que se aproxime de sua influência nefasta.

Os homens brancos talvez jamais venham a saber qual é a causa, pois os negros têm medo de contar, achando que a magia negra dos kajis poderá castigá-los; mas o resultado é sempre o mesmo — se o safári se aproximar demasiadamente dos kajis, todos os negros desertam.

Acontece então o que ocorreu com minha esposa e comigo — os brancos são atraídos por algum meio misterioso, chegando ao planalto e sendo ali aprisionados.

Talvez até mesmo uma força numerosa seja vencida, pois os brancos não estariam lutando contra fenômenos naturais. Se fosse vitoriosa, entretanto, a recompensa talvez se revelasse enorme. É a esperança dessa recompensa que apresento, contra os perigos da empreitada.

Os kajis são donos de um diamante gigantesco. De onde veio, de que solo foi retirado, não pude verificar; mas desconfio que tenha vindo do solo de sua própria região.

Eu já vi e segurei o diamante Cullinan, que pesava mais de três mil quilates; e tenho a certeza de que o diamante dos kajis pesa mais de seis mil. Não posso imaginar qual o seu valor, agora, mas usando como medida a pedra brasileira, o Cruzeiro do Sul, deve orçar por cerca de £ 2.000.000 — recompensa que justifica algum risco.

É impossível saber se conseguirei mandar esta caria para fora da região dos kajis, mas tenho a esperança de consegui-lo, subornando um dos escravos negros que, de vez em quando, saem do planalto para servir de espiões nas terras mais baixas.

Deus permita que ela chegue a tempo.

Mountford.

Tarzan leu duas vezes a carta. Mountford. Vinha-lhe a recordação antiga do desaparecimento misterioso de Lorde e Lady Mountford, que eram lembrados graças aos boatos de que ainda viviam, até se haverem tornado uma lenda na selva.

Ninguém acreditava realmente que eles vivessem, mas, com certos intervalos, algum viajante vindo do interior fazia reviver o boato, trazendo indicações mais ou menos circunstanciais. Recolhera a história de um chefe de alguma tribo distante, ou talvez dos lábios de um branco moribundo, mas nunca se apresentava qualquer chave definida quanto ao paradeiro exato dos Mountford — pois haviam surgido notícias da presença deles em uma série de lugares, desde o Sudão à Rodésia.

E agora, finalmente, viera a verdade, porém viera tarde. Lady Mountford morrera vinte anos antes, era de todo improvável que o marido continuasse vivo. A filha,

naturalmente, teria morrido ou sido morta pelos *kajis*. Seria difícil sobreviver entre aqueles selvagens, atravessando a infância.

Para o homem-macaco, criado na selva, a morte era fenômeno comum da existência e muito menos notável do que inúmeras outras manifestações da natureza, pois vinha mais cedo ou mais tarde a todos os seres vivos; desse modo, a possibilidade da morte do homem e da criança não lhe causou qualquer reação de pesar ou tristeza. Aquilo simplesmente não significava coisa alguma para ele. Ia entregar a carta às autoridades inglesas na primeira oportunidade que tivesse, e seria tudo. Ou era assim, pelo menos, que Tarzan pensava. Continuou em sua jornada, afastando a questão dos pensamentos. Achava-se mais interessado nas manobras de Ska, o abutre, pois estas indicavam que Ska rodopiava acima de alguma criatura que não morrera e que, por causa de sua dimensão ou natureza, hesitava em atacar.

Ao aproximar-se do local acima do qual Ska rodopiava com as asas paradas, ele viu Numa, o leão, saltar da orla em que estivera em pé e aproximar-se cautelosamente da coisa que despertava a curiosidade do homem. Embora este último se achasse bem à vista, Numa pareceu ignorar-lhe a presença; tampouco Tarzan alterou seu rumo por causa do leão. Se nenhum dos dois desviasse os passos ou a direção, iriam encontrar-se bem perto da coisa sobre a qual Ska adejava.

Quando o homem-macaco se aproximou do objeto de seu interesse, viu o corpo de um homem caído em pequena depressão natural do terreno — o corpo de um homem branco.

Para a direita, a cem metros de distância, estava Numa. E logo o homem se remexia. Não morrera. Ergueu a cabeça e viu o leão, esforçou-se para ficar em pé, mas estava muito enfraquecido e só conseguiu erguer-se sobre o joelho. Atrás dele estava Tarzan, a quem o homem não via.

O leão rosnou quando o homem conseguiu erguer-se um pouco mais. Era apenas advertência, na qual não se notava qualquer ameaça imediata. Tarzan reconheceu isso desse modo. Sabia que Numa fora atraído pela curiosidade, não pela fome. Tinha o estômago cheio. Mas o homem não conhecia essas coisas e julgou chegado seu fim, pois estava desarmado e indefeso; e o grande carnívoro, o rei dos animais, se achava a tão pouca distância.

Foi quando ouviu outro rosnado baixo, por trás, e, voltando os olhos rapidamente nessa direção, divisou um homem quase nu, vindo em sua direção. Por instantes, não compreendeu, pois não via qualquer outro animal; e quando ouviu novamente o rosnado, percebeu que era emitido pela garganta do gigante bronzeado que se avizinhava.

Numa também ouviu, e fez uma pausa. Sacudiu a cabeça e rosnou. Tarzan não se

deteve, continuou caminhando na direção do homem. Não se via qualquer abrigo, caso o leão atacasse, nenhuma árvore a oferecer a segurança de seus galhos, apenas as armas de Tarzan, sua grande força e habilidade; maior que tudo isso, entretanto, era sua convicção de que Numa não atacaria.

O senhor da selva conhecia muito bem a arte do blefe e seu valor. De repente, ergueu a cabeça e emitiu o berro horroroso de advertência do macaco guerreiro. O homem estremeceu, ao ouvir o grito bestial saindo dos lábios de um ser humano. Numa, com um rosnado de despedida, voltou-se e bateu em retirada.

Tarzan aproximou-se e interpelou o homem:

— Está ferido? Ou fraco de fome e sede?

A voz de uma fera, vinda dos lábios daquele gigante branco e estranho, não fora mais desconcertante do que ouvi-lo agora falar em inglês. O homem não sabia se devia ou não sentir medo. Olhou com aflição na direção do leão e viu que este se afastava para o local de onde viera. Sentiu novo respeito por aquela criatura que sabia assustar o rei dos animais, tirar-lhe a presa.

— Bem — interpelou o homem-macaco —, você compreende inglês?

— Sim — respondeu o outro. — Sou americano. Não estou ferido. Há dias que não como. Não bebi água hoje.

Tarzan abaixou-se, ergueu o homem e colocou-o no ombro.

— Vamos achar água e comida, e depois você poderá contar o que está fazendo sozinho nesta região.

CAPÍTULO 2

Estranho relato

Enquanto Tarzan carregava o homem para lugar mais seguro, o peso morto e inerte que levava aos ombros servia para dizer-lhe que a criatura perdera a consciência. De vez em quando murmurava coisas incoerentes, mas durante a maior parte da caminhada era como se houvesse morrido.

Quando chegaram finalmente à água Tarzan depositou o homem à sombra de uma árvore pequena e, erguendo-lhe a cabeça e ombros, colocou algumas gotas do líquido entre seus lábios. Logo o homem pedia mais e, graças ao efeito da água, começou a falar. Eram fragmentos de frases, interrompidas, desconjuntadas, às vezes sem sentido, assim como alguém fala em delírio, ou quando sai da anestesia.

— Mulher-demônio... — murmurava. — Muito bela... Meu Deus! Como é bela.

Em seguida silenciou por algum tempo enquanto Tarzan lhe banhava o rosto e os punhos com água fresca.

O homem logo abria os olhos, fitava o homem-macaco, as sobrancelhas arqueadas em perplexidade e indagação.

— O diamante! — exclamou. — Você pegou o diamante? Enorme... deve ter sido feito por Satanás... que beleza... enorme... grande como... o quê? Não pode ser... mas eu vi... com meus próprios olhos, olhos! Olhos!... Que olhos! Mas que perigo... dez milhões de dólares... desse tamanho... grande... do tamanho da cabeça de uma mulher.

— Sossegue e descanse — disse o homem-macaco. — Vou buscar comida.

Quando voltou, anoitecia e o homem dormia tranqüilamente. Tarzan acendeu a fogueira e preparou duas codornas e uma lebre que derrubara com flechas. Envolveu as codornas em argila molhada, colocou-as nas cinzas; a lebre foi esquartejada e assada sobre varetas pontiagudas.

Tendo feito isso, olhou para o homem e notou que este o fitava. Era expressão de todo normal, mas ainda assim de perplexidade.

— Quem é você? — perguntou o homem. — O que aconteceu? Não consigo lembrar-me de nada.

— Eu o achei caído na planície... esgotado — explicou Tarzan.

— Oh! — exclamou o outro. — Você é o... o homem de quem o leão fugiu. Agora me lembro. E você me trouxe para cá, arranjou comida... ? E tem água, também?

— Sim, você já bebeu alguma. Pode beber mais, agora. Há uma nascente aí atrás.

Tem forças para ir até lá?

O homem voltou-se, viu a água. Logo se arrastou para ela — parte de suas energias havia voltado.

— Não beba demais, por enquanto — advertiu o homem-macaco.

Após ter bebido, o outro voltou-se novamente para Tarzan.

— Quem é você? — perguntou. — Por que me salvou?

— Você responderá às perguntas — disse o senhor da selva. — Quem é você? E o que está fazendo sozinho neste lugar? Na verdade, o que está fazendo aqui?

A voz era baixa,, profunda. Indagava mas ao mesmo tempo impunha, dava ordens. O homem percebeu-o. Tratava-se da voz bem modulada e firme de homem que era sempre obedecido. Ficou a imaginar quem poderia ser aquele gigante branco, quase nu. Um verdadeiro Tarzan, pensava. Ao olhar, dava quase para crer na existência de tal criatura, confirmando relatos e lendas, e julgar que se achava realmente em sua presença.

— Talvez seja melhor comer e depois responder às minhas perguntas — disse o homem-macaco, tomando uma bola de argila cozida e endurecida no fogo, raspando-a com um graveto; depois, com o cabo da faca, abriu-a, a argila cozida separou-se do corpo da codorna, levando consigo as penas. Enfiou então a ave no graveto pontiagudo, entregando-a ao homem. — Está quente — advertiu.

O desconhecido, famélico, arriscou-se a queimar a boca na mordida inicial. Sem tempero, como aquilo fora preparado, ainda assim a comida pareceu-lhe incomparável. Apenas a temperatura elevada o impedia que a devorasse. Ele comeu uma das codornas e metade da lebre, antes de encostar-se novamente na árvore, satisfeito ao menos em parte.

— Respondendo às suas perguntas — disse ele —, meu nome é Wood. Sou escritor... escrevo sobre viagens. Assim, eu me valho de minha inutilidade natural, que muitas vezes encontra expressão e desculpa em andar vagabundeando por aí. Isso me proporcionou mais de uma capacidade, de modo que agora posso empreender expedições que requerem financiamento maior do que simples passagem de vapor e um par de boas botas.

Ele fez uma pausa, e prosseguiu então:

— Devido a essa riqueza relativa, você me achou sozinho e a ponto de morrer na selva por onde ninguém andou. Mas embora você me encontrasse abandonado, sem coisa alguma, sem uma migalha de pão, tenho na cabeça material para escrever um livro de viagens, um livro como nunca foi escrito pelo homem moderno. Vi coisas com as quais a civilização não sonha e nas quais não acreditará, e vi também o

maior diamante do mundo. Eu o tive em minhas mãos. Cheguei à temeridade de acreditar que pudesse levá-lo comigo.

Fez nova pausa, continuando o relato:

— E vi a mais bela mulher do mundo... a mais bela e mais cruel também; e cheguei à temeridade de acreditar que pudesse levá-la comigo, também. Levá-la, porque a amava. Ainda a amo, embora a amaldiçoe enquanto durmo, pois o ódio e o amor estão muito próximos um do outro, são as duas emoções mais poderosas e devastadoras que controlam o homem, as nações, a vida... a tal ponto que se separam apenas por um olhar, um gesto, uma sílaba. Eu a odeio com a mente, amo-a com o corpo e a alma.

Tarzan ouvia, e o homem prosseguiu:

— Desculpe-me se me antecipo. Para mim ela é o começo e o fim... o começo e o fim de tudo, mas vou tentar ser mais coerente, mais concatenado.

Ele fitou o homem-macaco e fez a pergunta:

— Para começar: você já ouviu falar do desaparecimento misterioso de Lorde e Lady Mountford?

Tarzan assentiu:

— E quem não ouviu?

— E soube dos boatos insistentes acerca da sobrevivência deles, mesmo hoje, vinte anos após desaparecerem da vista e conhecimento do homem civilizado?

Percebendo a concordância do homem-macaco, ele continuou:

— Pois bem, esse caso exerceu tamanho encanto sobre mim, com seu mistério, que por anos a fio estive pensando em organizar uma expedição que fizesse o levantamento de todos os boatos, até chegar à comprovação de que eram falsos ou verdadeiros. Eu ia descobrir Lorde e Lady Mountford, ou tomaria conhecimento do destino que lhes coube.

Nova pausa, e ele prosseguiu:

— Eu tinha um grande amigo, um rapaz que herdara grandes recursos e que tinha apoiado algumas de minhas aventuras anteriores... Robert van Eyk, dos antigos Van Eyk de Nova York. Mas isso naturalmente não significa coisa alguma para você.

Tarzan não ofereceu qualquer comentário. Limitava-se a ouvir — sem qualquer sombra de interesse ou emoção a transparecer no semblante. Não era fácil confidenciar a ele, mas Stanley Wood estava tão repleto de emoção da qual precisava desfazer-se, que teria confidenciado até mesmo aos ouvidos moucos de um Buda de pedra, caso não encontrasse mais coisa alguma.

— Bem, eu falei tanto de meus planos com Bob van Eyk que ele também se entusiasmou e insistiu em vir e partilhar as despesas. Isso significava, naturalmente, que teríamos possibilidade de arranjar equipamento muito mais complexo do que eu planejava e, com mais certeza, assegurar o êxito da empreitada.

Ele logo continuava:

— Passamos todo um ano em pesquisas, tanto na Inglaterra quanto na África, e resultou que ficamos inteiramente convencidos de que Lorde e Lady Mountford haviam desaparecido de um ponto sobre o rio Neubari, a noroeste do lago Rudolph. Tudo parecia levar a isso,, embora praticamente tudo se baseasse em boatos.

“Reunimos uma beleza de safári, contratamos dois caçadores brancos que conheciam bastante as costas da África, embora jamais houvessem estado nessa parte do continente. Tudo correu bem, até subirmos um pouco o Neubari. A região era escassamente habitada, e, quanto mais entrávamos, tanto menor o número de nativos que víamos. Eram gente selvagem e temerosa. Não conseguíamos informação alguma com eles sobre o que estava à frente, mas falaram com nossos carregadores. Puseram neles o medo a Deus.

“Logo começamos a sofrer deserções. Procuramos arranjar explicação sobre isso junto aos que haviam ficado, mas não contavam coisa alguma. Limitavam-se a ficar paralisados... paralisados de medo ... nem mesmo reconheciam que estavam com medo, mas continuavam desertando.

“A coisa tornou-se bem séria. Estávamos em região que não conhecíamos, da qual não sabíamos coisa alguma... uma região possivelmente hostil... com muito equipamento, provisões, e sem homens para prosseguir.

“Finalmente um dos cabeças me contou o que receava. Os nativos com quem haviam conversado tinham dito que havia uma tribo mais acima do Neubari que matava ou escravizava todos os negros entrados em seu território, tribo essa com uma espécie misteriosa de mágica que prendia as pessoas... não deixava que elas fugissem ou, se o fizessem, a mágica acompanhava a criatura e a matava antes que regressasse a seu próprio país... ainda que bastante tempo depois. Diziam que não era possível matar essas pessoas, já que não eram humanas... e sim demônios que haviam tomado a forma de mulheres.

“Bem, quando eu falei com Spike e Troll, os caçadores brancos, dizendo qual era o problema, eles zombaram de tudo aquilo, é claro. Disseram que não passava de uma desculpa para fazer-nos voltar, pois a nossos carregadores não agradava a idéia de se afastarem tanto de sua região, estavam com saudade. Por isso trataram de endurecer o trato com os negros. Apertaram os parafusos, tratavam-nos como escravos. Foi Spike quem disse: 'É pôr o medo a Deus neles, e na noite que vem vão

desertar todos... cada um desses filhos da mãe'.

“Quando acordamos de manhã, lá estávamos os quatro, Bob van Eyk, Spike, Troll e eu, quatro homens brancos sozinhos, com carga para cinquenta homens; nossos criados pessoais, os carregadores de armas, os nossos *askaris*, todos haviam desaparecido.

“Spike e Troll voltaram atrás, tentando descobrir alguns dos carregadores, para darmos o fora dali, já que sabíamos que estávamos derrotados, mas não descobriram um só, embora andassem por dois dias. Bob e eu estávamos a ponto de partir por conta própria quando eles voltaram. Acredite em mim quando digo que, se a coisa já era dura antes da saída deles, ficou bem pior enquanto estiveram fora.

“Não posso dizer-lhe o que era, pois nunca vimos pessoa alguma. Talvez estivéssemos apenas com medo, mas não creio que seja essa a explicação. Van Eyk é homem de muita coragem, e eu já andei em meio a muitas dificuldades... extraviado e sozinho entre os caçadores de cabeça do Equador, capturado no interior da Nova Guiné por canibais, enfrentando um pelotão de fuzilamento durante uma revolução na América Central... esse tipo de coisas, você imagina, em que se mete um escritor, se estiver realmente procurando assunto, e quando não é homem muito ajuizado.

“Não, aquilo foi diferente. Era apenas uma *sensação* ... a sensação estranha de estar sendo observado por olhos invisíveis dia e noite. E havia ruídos também. Não posso descrevê-los ... não eram ruídos humanos, nem animais. Eram apenas ruídos que faziam a carne contrair-se, a pele formigar.

“Formamos um conselho de guerra na noite em que Spike e Troll voltaram. De início eles riram de nós, mas logo começaram a ouvir e sentir coisas. Depois concordaram conosco em que o melhor era dar o fora. Resolvemos não levar coisa alguma, apenas um revólver e fuzil cada um, munição e comida, deixando tudo o mais. Íamos começar a voltar na manhã seguinte.

“Quando amanheceu comemos em silêncio, pusemos as mochilas nas costas e, sem dizermos uma palavra, partimos *rumo ao Neubari*. Nem mesmo olhamos um para o outro. Não sei o que eles pensaram, mas eu senti vergonha de fitá-los. Lá estávamos, fazendo exatamente o oposto do que tínhamos decidido... aprofundando-nos cada vez mais na região, metendo-nos em apuros... e sem saber o motivo pelo qual o fazíamos. Tentei usar minha força de vontade, obrigar meus pés a caminhar na direção oposta, mas de nada adiantou. Era uma força muito maior do que a minha que me dirigia. Tornava-se apavorante.

“Não tínhamos percorrido mais de oito quilômetros quando encontramos um homem caído no chão... um homem branco. O cabelo e a barba eram brancos, mas

ele não parecia tão velho... teria menos de cinquenta anos, a meu ver. E dava a impressão de estar bem acabado, a despeito do fato de o corpo parecer em boa forma... sem qualquer indicação de fome, e também não podia estar sofrendo de sede, pois o rio Neubari corria a menos de cinquenta passadas dali. Quando paramos a seu lado ele abriu os olhos e olhou para nós.

“— Voltem! — cochichou. Parecia muito enfraquecido e falar constituía esforço evidente.

“Eu estava com uma pequena garrafa de *brandy*, que levava para qualquer emergência, e o fiz beber um pouco. Isso pareceu dar-lhe mais força.

“— Pelo amor de Deus, voltem — disse ele. — Vocês não são muitos. Vão pegá-los, como me pegaram faz mais de vinte anos, e não poderão fugir... não poderão escapar. Depois de todos esses anos pensei que tinha achado minha oportunidade e tentei fugir. Mas estão vendo? Eles me pegaram. Estou morrendo. O poder dele. Ele manda o poder no encalço da pessoa, pega a pessoa. Voltem, arranjem uma força grande, de homens brancos... os pretos não entram aqui. Arranjem uma força grande, entrem no país dos *kajis*. Se puderem matá-lo estarão bem. Ele é o poder, só ele.

“— Quem é ele? — perguntei.

“— Mafka — foi a resposta.

“— Ele é o chefe? — perguntei.

“— Não, nem sei como chamá-lo. Ele não é um chefe, mas ainda assim tem todo o poder. É mais como um feiticeiro. Em outros tempos teria sido um mágico. Faz coisas que nenhum mágico jamais pensou em fazer. É um demônio. Às vezes, cheguei a pensar que ele é o Demônio. E está preparando-a... ensinando-lhe seus poderes infernais.

“— Quem é você?

“— Eu sou Mountford — respondeu ele.

“— Lorde Mountford? — perguntei.

“Ele fez que sim, com a cabeça.”

— E falou-lhe do diamante? — perguntou Tarzan.

O outro olhou para o homem-macaco, com ar de surpresa.

— E como é que você sabe disso?

— Você andou falando um pouco, quando estava delirando, mas eu já sabia antes. Tem mesmo duas vezes o tamanho do Cullinan?

— Eu nunca vi o Cullinan, mas o diamante dos *kajis* é enorme. Deve valer pelo menos dez milhões de dólares, talvez mais. Troll já trabalhou em Kimerly. Ele falou

de alguma coisa entre dez e quinze milhões. Sim, Mountford falou-nos do diamante e depois disso Troll e Spike começaram a querer entrar na região dos kajis, pretendendo roubar o diamante. Nada que Mountford dissesse conseguiria dissuadi-los.

Mas afinal de contas de nada adiantou. Não teríamos podido voltar, ainda que quiséssemos.

— E Mountford? — perguntou Tarzan. — O que aconteceu com ele?

— Estava tentando contar-nos alguma coisa sobre uma jovem. Falou um pouco, e nós não conseguimos entender do que se tratava. Suas últimas palavras foram: “Salvem-na ... matem Mafka”. Em seguida faleceu.

“Nós não soubemos a quem ele se referia, mesmo depois de entrarmos no país dos *kajis*. Não vimos qualquer mulher prisioneira. Se tinham alguma, sabiam mantê-la escondida. Mas também nunca vimos Mafka. Ele mora num verdadeiro castelo, que deve ter sido construído séculos atrás, talvez pelos portugueses, embora seja possível que existisse antes da passagem deles pela Abissínia. Van Eyk achou que talvez tenha sido construído durante as cruzadas, embora não soubesse o que os cruzados estivessem fazendo nesse canto da selva. De qualquer modo os *kajis* não o construíram; embora hajam trabalhado bastante para a restauração e conservação do castelo.

“O diamante é mantido lá, onde também ficam Mafka e a rainha, sob guarda constante dos *kajis*, na única entrada que tem. Os *kajis* atribuem todos os seus poderes e o poder de Mafka ao diamante; assim sendo, é natural que o guardem com muito cuidado. Não demonstram qualquer reverência especial pela pedra em si. Eles a seguram e deixam que outros a peguem, como se fosse uma pedra comum. É para a rainha que reservam sua reverência.

“Não tenho certeza de haver sondado corretamente a ligação entre a rainha e o diamante, mas acho que eles a consideram a personificação da pedra, e que em seu corpo entrou o espírito, a chama do brilhante. Ela é uma criatura fabulosa, a mulher mais bela que já vi até hoje. Não hesito em dizer que é a mulher mais bela do mundo, mas criatura de contradições tão radicais que se chega a duvidar de sua sanidade mental. Num dado momento, é cheia de compaixão e doçura feminina, no seguinte, um verdadeiro demônio. Chamam-na de Gonfala e, ao diamante, Gonfal.

“Foi durante um momento de feminilidade que ela me ajudou a fugir, mas deve ter-se arrependido, pois somente o poder de Mafka poderia alcançar-me. Só ela sabia que eu tinha ido, de modo que deve ter falado com ele.

— O que aconteceu com os três outros homens? — perguntou Tarzan.

— Ainda são prisioneiros dos *kajis*. Quando Gonfala me ajudou a fugir, planejei

voltar com uma força de homens brancos, em número suficiente para salvá-los — explicou Wood.

— Estarão vivos ainda?

— Sim, os *kajis* os protegem, casam-se com eles. Os *kajis* são, todos eles, mulheres. De início eram negras que desejavam tornar-se brancas, de modo que só se casavam com homens brancos. Isso tornou-se parte de sua religião. Aí o motivo pelo qual atraem os homens brancos a Kaji... e afugentam os negros.

“Deve ter sido assim por gerações seguidas, pois não existe uma só negra pura entre elas. Variam em cor, desde o pardo ao branco. Gonfala é uma loura. Ao que parece, não tem um só vestígio de sangue negro nas veias.

“Se uma criança nascer negra, é destruída, e todos os filhos homens são destruídos. Acreditam que a cor da pele é herdada do pai.”

— Se matam todos os homens, onde arranjam os guerreiros? — indagou Tarzan.

— As mulheres são os guerreiros. Eu nunca as vi lutando, mas, pelo que soube, acredito que sejam muito ferozes. A coisa é que nós entramos na terra delas como se fôssemos amigos desde muito separados, pois não queríamos lutar com elas. Dois de nós só queriam o diamante delas, Bob van Eyk queria aventura e eu estava procurando material para escrever outro livro. Se pudéssemos tornar-nos amigos, tanto melhor.

“Isso foi há seis meses. Bob já teve sua aventura e eu estou com o material para um livro, embora de nada vá me adiantar. Spike e Troll não pegaram o diamante, mas cada um tem sete esposas *kajis*... e foram todos devidamente casados por Gonfala na presença do grande diamante. A coisa é que Gonfala, como rainha, escolhe as esposas para todos os brancos aprisionados, mas ela própria não pode casar.

“Essa distribuição de brancos é mais ou menos uma negociata. As mulheres fazem oferendas a Gonfala, e as que **vêm** com as ofertas mais valiosas ficam com os maridos. Bem, vimos muito Gonfala. Ela pareceu gostar de Bob e de mim, e eu certamente passei a gostar dela. Na verdade apaixonei-me pela criatura, e mesmo depois de calcular qual fosse a verdade, isso não importava.

“Ela gostava de tomar conhecimento do mundo exterior, e ouvia nossos relatos horas seguidas. Você sabe como são as pessoas. Vendo-a tanto, estando perto dela, minha revolta contra suas crueldades diminuiu, de modo que estava sempre a desculpá-la mentalmente. E por todo o tempo me apaixonava cada vez mais, até que finalmente lhe disse isso. Ela olhou para mim por instantes prolongados, sem dizer uma só palavra. Não sei se estava com raiva. Se você soubesse que importância tem a rainha dos *kajis*, compreenderia minha presunção, ao declarar meu amor. Ela é

mais do que uma rainha, uma espécie de divindade que eles adoram... tudo isso de mistura com sua adoração ao diamante.

“— Amor — disse ela, em voz baixinha. — Amor! Então é isso!

“Em seguida, ergueu o corpo e, de repente, tornou-se muito portentosa.

“— Você sabe o que fez? — perguntou-me.

“— Eu me apaixonei por você — foi o que disse. — É tudo que sei ou que me importa.

“— Não diga isso — ordenou, batendo com o pé no chão. — Não volte a dizê-lo. Eu deveria mandar matá-lo, é essa a pena por atrever-se a aspirar ao amor de Gonfala. Ela não pode amar, não pode casar-se, nunca. Você não compreende que eu sou uma deusa, bem como rainha?

“— Não posso evitar — respondi. — E não posso evitar esse amor, *assim como você não pode evitar seu amor por mim!*

“Ela soltou uma exclamação de espanto e pavor. Havia uma expressão nova em seu olhar; não era raiva, mas medo. Eu enunciará uma desconfiança que alimentara por algum tempo, e acertara na mosca... Gonfala se apaixonara por mim. Ela não o compreendera senão naquele instante... não entendera o que se passava em seu íntimo. Mas entendia agora, sentia medo.

“Ela não o negou, mas disse que seríamos ambos mortos, e mortos de maneira horrível, se Mafka desconfiasse da verdade. E receava que Mafka viesse a tomar conhecimento, devido a seus poderes espantosos de magia.

“Foi quando resolveu ajudar-me a fugir. Para ela, parecia ser o único modo de garantir nossa segurança; a mim, representava a oportunidade de levar a efeito o salvamento de meus amigos, e mais a possibilidade de persuadir Gonfala a sair de lá comigo, se obtivéssemos êxito. Com a ajuda dela eu fugi. O resto você já sabe.”

CAPÍTULO 3

O poder de Mafka

O homem-macaco ouvira pacientemente o relato de Stanley Wood. Não sabia até que ponto podia crer no que ouvira, pois não conhecia o homem, e aprendera a desconfiar de que todos os homens civilizados fossem mentirosos e trapaceiros, até que provassem o contrário.

Ainda assim, recebera impressão favorável da personalidade do camarada, e tinha parte do conhecimento instintivo das feras, no que tange ao caráter essencial — se assim o pudermos chamar. Talvez fosse mais uma sensação intuitiva de confiança por alguns, desconfiança por outros. Nem sempre isso era infalível, ao que Tarzan bem sabia, de modo que se mostrava cauteloso em todas as ocasiões. E também nisso a fera transparecia nele,

— E o que pretende agora? — perguntou.

O outro cocou a cabeça, tomado de perplexidade.

— Para dizer a verdade, não faço a menor idéia. Acredito que Mafka tenha descoberto minha fuga e que foi a magia dele o que me acompanhou e jogou-me ao chão. Talvez Gonfala tenha contado a ele. Ela é uma pessoa do tipo Jekyll e Hyde, pois numa personalidade transborda doçura e ternura, na outra é temível.

Fez uma pausa e depois aduziu:

— No que diz respeito a meus atos no futuro imediato, tenho o pressentimento muito definido de que não sou um homem livre.

— De que está falando? — perguntou o homem-macaco.

— Desde que começou a escurecer, você não percebeu uma presença invisível perto de nós, não percebeu olhos invisíveis que nos fitam, não ouviu coisas, não viu, quase, outras coisas? São essas as manifestações de Mafka. Estamos no poder dele. Se quiser que vamos para algum lugar, iremos para lá, e você pode acreditar no que estou dizendo.

Uma sombra de sorriso fez mover os lábios do senhor da selva.

— Eu já vi, ouvi e senti muitas coisas, desde que paramos aqui, mas nenhuma delas era Mafka. Identifiquei-as todas, pelos ouvidos ou nariz. Nada existe a rezear.

— Você não conhece Mafka — retrucou Wood.

— Conheço a África, conheço a mim mesmo — afirmou o homem-macaco, com simplicidade. Não havia qualquer fanfarronice no tom de voz, apenas uma certeza

completa que impressionou o americano.

— Você até parece Tarzan — observou ele.

O outro dedicou-lhe um olhar rápido, avaliando as palavras. Notou que Wood falara sem ter conhecimento de sua identidade, sentiu-se satisfeito por isso. Sua missão tornava necessário que permanecesse incógnito, se possível. De outro modo, talvez nunca obtivesse as informações que buscava. Sentia-se a salvo do reconhecimento, pois não era conhecido naquela região.

— Por falar nisso — prosseguiu Wood —, você não me disse o seu nome. Já vi tantas coisas inacreditáveis desde que vim para esta região que nem mesmo a visão de um homem de alta civilização evidente, andando por aí quase nu e sozinho, no meio da selva, causou tanta surpresa como seria de esperar. Está claro que não quero intrometer-me em sua vida, mas é natural que minha curiosidade esteja despertada. Fico imaginando quem é você, o que está fazendo aqui.

Ele se deteve de repente, olhou com atenção para Tarzan. Seu olhar demonstrou desconfiança e uma sombra de medo.

— Escute! — exclamou. — Foi Mafka quem o mandou? Você é uma de suas... criaturas?

O homem-macaco sacudiu a cabeça em negativa.

— Você se acha em posição das mais deploráveis — comentou. — Se eu fosse ou não uma das *criaturas* de Mafka, minha resposta seria a mesma... eu negaria. Desse modo, para que vou responder? Vai ter de descobrir por si mesmo e, entretanto, terá de confiar em mim ou desconfiar, como lhe pareça mais aconselhável.

O outro sorriu.

— Tenho mesmo, não é? — Deu de ombros e prosseguiu. — Bem, estamos os dois na mesma canoa. Você, pelo menos, não sabe mais a meu respeito do que eu sobre o seu. Eu podia ter inventado a história que lhe narrei. Reconheço que ela não tem bom aspecto. Mas disse meu nome, pelo menos. Você ainda não me disse nada a esse respeito. Não sei como chamá-lo.

— Meu nome é Clayton — disse o homem-macaco, e poderia ter acrescentado: John Clayton, Lorde Greystoke, Tarzan, mas não o fez. — Suponho que você queira sair deste país — disse Tarzan — e obter auxílio para os seus amigos.

— Sim, é claro, mas não existe qualquer possibilidade agora.

— Por que não?

— Mafka... Mafka e Gonfala.

— Eu posso tirá-lo no momento — disse o homem-macaco, ignorando o obstáculo que ficara indicado. — Você pode vir para a região do lago Tana comigo, se quiser.

Por lá, vai tomar conhecimento de uma história... história que jamais deverá escrever. Terá de dar-me sua palavra, nesse particular. Se não for assim, terei de deixá-lo aqui. A decisão é sua.

— Irei com você — disse Wood —, mas nenhum de nós jamais chegará ao lago Tana.

Parou um instante, apertou os olhos para enxergar no rápido crepúsculo.

— Ali! — disse, em cochicho. — Voltou, está nos vigiando. Você não escuta? Não percebe? — E sua voz era cheia de tensão, os olhos levemente dilatados.

— Não há nada — afirmou Tarzan. — Você está com os nervos abalados.

— Quer dizer que você não escuta... os gemidos, os suspiros?

— Eu ouço o vento, ouço Sheeta, a pantera, muito longe daqui — replicou o homem-macaco.

— Sim, eu também escuto esses, mas ouço algo além. Você deve estar surdo.

Tarzan sorriu.

— Talvez, mas vá dormir. Você precisa de descanso. Amanhã não estará ouvindo coisas.

— Estou dizendo que escuto. Dá quase para ver. Olhe só! Ali, no meio daquelas árvores... a sombra de uma coisa que não tem corpo.

Tarzan sacudiu a cabeça.

— Procure dormir — contrapôs. — Eu ficarei vigiando.

O outro fechou os olhos. A presença daquele desconhecido tranqüilo vinha trazer-lhe uma sensação de segurança, a despeito da certeza de que algo fantasmagórico e horrível pairava ali, na escuridão... vigiando, sempre vigiando. Com o ruído desalentador ainda a ecoar em seus ouvidos, adormeceu.

Por muito tempo Tarzan permaneceu sentado, imerso em pensamentos. Não ouvira coisa alguma além dos ruídos comuns da selva, durante a noite, mas conhecia suficientemente o mistério e a magia negra para compreender que Wood realmente ouvira algo fora de sua capacidade de audição. O americano era homem inteligente, lúcido, experiente. Não parecia o tipo de criatura a deixar-se arrastar por imaginação ou histeria. Era bem possível que se achasse sob o efeito de sugestão hipnótica — e que Mafka pudesse projetar seus poderes a grande distância. Isso encontrava forte apoio nas indicações que Tarzan recebera nas últimas horas: a morte do mensageiro de Mountford vinte anos antes, a queda de Wood a pouca distância do mesmo local, a morte de Mountford sem qualquer motivo aparente e válido exatamente no limiar da fuga.

O poderio de Mafka era realmente sinistro, mas tratava-se de um poder que o homem-macaco não receava. Com frequência demasiada fora ele o alvo da necromancia maligna de poderosos feiticeiros, de modo que não se receava de sua mágica. Como as feras da selva, imunizara-se. Por qual motivo, ignorava. Talvez fosse devido ao fato de que não tinha medo; talvez sua psicologia se parecesse mais com a animal do que com a humana.

Arredando do espírito tais pensamentos, espreguiçou-se e adormeceu.

O sol estava pouco acima do horizonte quando Wood despertou. Verificou que se encontrava sozinho, o homem branco e desconhecido desaparecera.

Wood não se deixou surpreender muito. Não havia motivo por que aquele desconhecido devesse esperar, deixar-se atrasar por um homem a quem não conhecia; mas achava que o outro poderia pelo menos ter esperado que acordasse, para então abandoná-lo, deixá-lo à mercê do primeiro leão ou leopardo que lhe recolhesse a pista pelo faro.

E havia também Mafka. Esse pensamento fazia surgirem perguntas no espírito do americano. Não poderia aquele camarada que se chamava Clayton ser joguete do mágico dos *kajis*? O próprio fato de ter negado ouvir qualquer som estranho ou percebido alguma presença invulgar vinha reforçar tal desconfiança. Ele devia ter ouvido, devia ter percebido. Nesse caso, por que o negara?

Talvez, porém, não fosse espião de Mafka. Talvez houvesse sido vitimado pelo feitiço do velho demônio. Seria fácil para Mafka afastá-lo dali. A Mafka, tudo parecia fácil. Poderia tê-lo afastado, levando-o ao cativeiro ou à destruição, deixando Wood à morte, como Mafka pretendia — a morte pela fome.

Wood jamais vira Mafka. Para ele, não passaria de um simples nome, mas ainda assim era criatura de existência muito real. O americano chegara a conjurar uma imagem dele, imagem tão verdadeira e tangível como se dispusesse de carne e ossos. Via-o como um homem negro, muito velho e medonho, corpo encurvado e enrugado. Teria dentes amarelos, em mau estado, seus olhos seriam apertados, injetados de sangue.

E ali! O que foi aquilo? Um ruído em meio das árvores! A coisa voltava!

Wood era corajoso, mas fatos como aquele podem atacar o sistema nervoso dos mais valentes. Uma coisa é enfrentar o perigo que se conhece, outra bem diversa é estar constantemente perseguido por algo invisível — uma ameaça horrível e invisível, contra a qual não se pode lutar.

O americano se pôs em pé com um salto, de frente para o farfalhar da folhagem.

— Saia daí! — gritou. — Saia daí, com os diabos, lute como homem!

Da folhagem que a ocultava, uma figura baixou com leveza ao chão. Era Tarzan. Sobre um dos ombros, trazia a carcaça de um pequeno antílope.

Chegado ao chão, relanceou o olhar em volta.

— O que se passa? — perguntou. — Não estou vendo pessoa alguma.

E logo um leve sorriso vinha-lhe aos lábios.

— Está novamente ouvindo coisas? — perguntou.

Wood sorriu, com ar de tolo.

— Acho que o negócio me pegou — declarou.

— Bem, esqueça por algum tempo — aconselhou o homem-macaco. — Logo estaremos comendo, depois você vai sentir-se melhor.

— Você matou esse antílope? — perguntou Wood. Tarzan pareceu surpreso.

— Ora, sim.

— Deve tê-lo morto com uma flecha. Isso levaria horas a um homem comum... espreitar um antílope e aproximar-se o bastante para matá-lo com uma flecha.

— Eu não usei flecha — replicou o homem-macaco.

— Nesse caso, como o matou?

— Matei-o com a faca... é menor o perigo de perder a flecha.

— E o trouxe pelas árvores, no ombro! Puxa, esse tal de Tarzan não faz vantagem nenhuma, comparado a você. Como é que veio viver desse modo, Clayton? Como aprendeu a fazer essas coisas?

— É uma história muito comprida — disse Tarzan. — O que temos a fazer agora é preparar um pouco desta carne e partir em seguida.

Após haverem comido, Tarzan disse ao outro para levar um pouco da carne nos bolsos.

— Talvez você precise de comida antes que eu possa matar outro animal — explicou. — Vamos deixar o resto para Dango e Ungo.

— Dango e Ungo? Quem são esses?

— A hiena e o chacal.

— Em que idioma? Nunca ouvi esses animais serem chamados assim, e conheço um pouco uma porção de dialetos nativos.

— Nenhum nativo fala essa língua — replicou o homem-macaco. — Ela não é falada pelos homens.

— Quem a fala, então? — perguntou Wood, mas não obteve resposta e preferiu

não insistir. Havia algo misterioso naquele homem e em seu semblante. No modo de falar, percebia-se a falta de incentivo a interpelações. Wood imaginava se aquela criatura não era um pouco demente. Ouvira falar de homens brancos que se tornavam primitivos, levavam vidas solitárias, como se fossem animais selvagens; e eram sempre um tanto dementes. No entanto, seu companheiro parecia bastante lúcido. Não, não seria isso; mas, ainda assim, o homem era diferente dos demais. Para Wood, lembrava o leão. Sim, isso mesmo — aquela era a personificação do vigor, majestade e ferocidade do leão. Tratava-se de ferocidade controlada, mas ali estava, bem presente, Wood a sentia. E talvez servisse de explicação para um pouco do receio que sentia.

Em silêncio, acompanhou o selvagem branco e bronzeado, subindo o vale do Neubari e., ao se aproximarem da região dos *kajis*, sentiu que aumentava o poder de Mafka, arrastando-o de volta ao labirinto de intriga e bruxedo que tornava a vida pavorosa na terra das mulheres que queriam ser brancas. Imaginava se Clayton também sentia tal força.

Chegaram finalmente à embocadura do Mafa no Neubari. Era ali, onde a corrente menor desembocava na maior, que a trilha para o país dos *kajis* acompanhava a garganta do Mafa. Era ali que eles *teriam* de subir o Mafa.

Tarzan achava-se poucos passos à frente de Wood. Este último o observava com atenção, ao chegar à bifurcação bem clara da trilha, dando para a direita e para o cruzamento do Neubari, subindo o Mafa. Naquele ponto, a despeito das intenções anteriores, teria de voltar-se na direção de Kaji. O poder de Mafka viria vencer-lhe a vontade, submetê-la à do mágico maligno, mas Tarzan não se voltou — prosseguiu na marcha, subindo o Neubari sem qualquer sinal de perturbação.

Aconteceria, por acaso, que Mafka ignorava a chegada deles? Wood teve a sensação repentina de ânimo. Se um deles pudesse passar, o outro passaria também. Apresentava-se a oportunidade excelente de escaparem de todo a Mafka. Se conseguisse, ao menos, passar por ali... se pudesse chegar a algum lugar, organizar uma grande expedição, voltaria então para salvar Bob van Eyk, Spike e Troll.

Conseguiria passar, entretanto? Pensou na presença invisível que parecia mantê-lo sob vigilância constante. Fora aquilo apenas fruto da imaginação sobrecarregada, como sugerira Clayton?

Chegou então à bifurcação nas trilhas. Concentrou toda a força de vontade em sua decisão de acompanhar Clayton, subindo o Neubari... e seus pés se voltaram para a direita, na direção do Mafa.

Ele chamou Clayton, com nota de desespero na voz:

— Não adianta, meu velho. Tenho de subir o Mafa... Mafka me pegou. Você

continue... se puder.

Tarzan voltou-se para trás.

— Você quer mesmo ir comigo? — perguntou.

— É claro, mas não posso. Tentei não passar por esta trilha infernal, mas não pude. Meus pés a seguiram, não houve outro jeito.

— Mafka faz coisas fortes — comentou o homem-macaco —, mas acho que podemos derrotá-lo.

— Não — contrapôs Wood. — Você não o pode derrotar. Ninguém pode.

— Veremos — disse Tarzan e, suspendendo Wood do chão, jogou-o sobre o ombro largo, voltando a tomar a trilha do Neubari.

— Você não sente? — interpelou Wood. — Você não sente qualquer vontade de subir o Mafa?

— Apenas uma curiosidade forte, a de ver essa gente ... principalmente Mafka — replicou o homem-macaco.

— Você nunca o veria... ninguém o vê. Receiam que alguém o mate, e ele também tem esse medo. É muito bem guardado, por todo o tempo. Se um de nós pudesse matá-lo, a maior parte do poder dos *kajis* desapareceria. Todos nós ficaríamos com a oportunidade de fugir. Há cerca de cinquenta prisioneiros brancos por lá. Alguns deles se acham ali há muito tempo. Podíamos ter lutado para sair, se não fosse por Mafka, e alguns de nós teriam conseguido sair com vida.

Tarzan, entretanto, não cedeu à curiosidade que sentia. Prosseguiu caminhando para o norte, com os passos leves que não combinavam com o peso carregado no ombro. Seguia em silêncio, a mente ocupada pelo relato estranho que o americano lhe fizera. Não sabia até onde acreditar no outro, mas inclinava-se a dar crédito ao americano, reconhecendo assim sua própria crença na força misteriosa que escravizava os outros, tanto mental quanto fisicamente; isso porque o homem parecia sincero e correto, impressionando Tarzan pela idoneidade.

Havia uma fase no relato que parecia destituída de qualquer confirmação — a decantada capacidade de luta das amazonas *kajis*. Wood reconheceu não as ter visto lutando, e dizia que elas capturavam os prisioneiros graças às artimanhas do poder maligno de Mafka. Como, nesse caso, saberia que eram guerreiras tão temíveis? Apresentou então a pergunta ao americano. Com quem lutavam elas?

— Existe outra tribo, mais para o leste — explicou Wood —, do outro lado do divisor de águas do Mafa. Eles se chamam *zulis*. Houve época em que os *kajis* e os *zulis* formavam uma só tribo, com dois feiticeiros ou bruxos, ou que nome se possa dar a eles. Um era Mafka, o outro, um camarada chamado Woorá.

“A inveja surgiu entre os dois, ocasionando um cisma.

Os membros da tribo se dividiram, seguiu-se uma batalha. Durante a luta, Woorá furtou um dos fetiches sagrados e deu o fora, dizendo a alguns dos seus seguidores para onde ia, a fim de que fossem ter com ele, terminada a luta. A coisa é que, como as pessoas que causam as guerras civilizadas, ele não se empenhava pessoalmente nela.

“Bem parece que esse outro fetiche que ele roubou é o complemento do grande diamante, o Gonfal, dos *kajis*. Unidos, têm poderio supremo, mas separados o poder de cada tribo sofre grande redução. Desse modo, os *kajis* e os *zulis* travam batalhas freqüentes, cada tribo procurando a posse do fetiche da outra.

“Foram os relatos das incursões, refregas e batalhas em disputa dessas pedras, como fiquei sabendo por intermédio de Gonfala e de outros *kajis*, que me levaram ao palpite de que essas senhoras são guerreiras bem ferozes. Alguns dos relatos que ouvi eram exagero, sem dúvida, mas as cicatrizes de ferimentos antigos, na maioria delas, servem de comprovação, bem como os troféus espantosos, pendurados nas paredes externas do palácio de Gonfala... as cabeças mumificadas de mulheres penduradas pelos cabelos compridos.

“O traço interessante do caso é a descrição do fetiche dos *zulis*... uma pedra verde, tão grande quanto o Gonfal e com o mesmo brilho. Ela refulge como esmeralda, mas Santo Deus! pense só em uma esmeralda que pesasse seis mil quilates! Seria algo a justificar uma luta, e eles não conhecem o valor que a pedra possa ter.”

— Você conhece? — perguntou Tarzan.

— Bem, não, não conheço com exatidão... talvez vinte milhões de dólares, em cálculo bruto.

— E o que representaria isso para você... o luxo, o poder? Os *kajis* provavelmente não têm luxo algum, mas com base no que você me contou, o poder é tudo para eles; e acreditam que esse outro fetiche viesse trazer-lhes poder ilimitado, exatamente como você pensa que vinte milhões de dólares viriam trazer-lhe felicidade.

Tarzan fez uma curta pausa e continuou:

— Provavelmente os dois estão errados, mas resta em pé o fato de que eles sabem tão bem quanto você qual é o valor da pedra e, pelo menos, ela causa menos mal por aqui do que causaria pelo mundo afora, entre homens que são capazes de roubar até mesmo vinténs, nas covas dos mortos!

Wood sorriu. Era a declaração mais comprida que seu estranho companheiro fizera até então. Dava a perceber uma filosofia de vida que poderia transformar uma

selva desabitada em lugar preferível aos contatos da civilização, aos olhos daquele homem.

Por uma hora Tarzan carregou o americano e, depois, o colocou no chão, de pé.

— Talvez você possa prosseguir por conta própria — disse então.

— Vou tentar. Vamos!

Tarzan recomeçou a caminhada da trilha, rumo ao norte. Wood hesitou. Em seu olhar e na expressão forçada do rosto refletia-se o esforço estupendo que fazia a vontade. Com um gemido de angústia, voltou-se e começou a caminhar rapidamente para o sul.

O homem-macaco girou sobre os calcanhares e veio apressadamente em sua perseguição. Wood olhou para trás, prorrompeu em corrida. Por instantes, Tarzan hesitou. Aquele camarada de nada lhe valia, era um encargo. Por que não o deixar ir, livrar-se de sua companhia? Lembrou-se então do pavor espelhado no rosto do outro e percebeu, ao mesmo tempo, o desafio que Mafka fazia ao senhor da selva.

Talvez fosse este último o motivo que o levou a agir, mais do que qualquer outra coisa, quando empreendeu a perseguição ao americano que corria.

O poder de Mafka devia ser muito grande, sem dúvida, mas não conferia velocidade suficiente aos pés de Stanley Wood, permitindo-lhe que escapasse ao homem-macaco. Em questão de momentos Tarzan o alcançava e segurava. Wood debateu-se debilmente para fugir, ao mesmo tempo em que agradecia a Tarzan por salvá-lo.

— É horrível — gemia o americano. — Você acha que eu conseguiria escapar à vontade daquele velho demônio?

Tarzan deu de ombros.

— Talvez não — replicou. — Sei de feiticeiros comuns que matam homens, após bom número de anos e sobre distâncias de centenas de quilômetros; e esse Mafka, como se torna evidente, não é um feiticeiro comum.

Acamparam aquela noite ao lado do Neubari e, de manhã, quando o homem-macaco despertou, Stanley Wood havia desaparecido.

CAPÍTULO 4

Condenado à morte

Ao compreender que o americano desaparecera, Tarzan compreendeu também, com mais amplidão, o poder da necromancia de Mafka; pois não duvidou um só instante de que fosse a influência do mágico dos *kajis* o que obrigara a deserção de Wood, contra a vontade do mesmo.

O homem-macaco reconheceu a admiração que sentia pela astúcia e poder que roubara aquele homem a ele, pois tomara medidas especiais a fim de impedir tal possibilidade. Quando se deitara para dormir, atara uma extremidade de sua corda de capim, com segurança, ao tornozelo do homem que pusera sob sua proteção e a outra extremidade a um de seus próprios punhos; mas aquilo com que mais contara fora sua própria agudeza sobrenatural, que de ordinário funcionava um pouco menos ativamente quando dormia, em comparação a seu estado de vigília.

Que Wood soubera libertar-se e fugir, podia dever-se a nenhum poder próprio do fugitivo, mas tinha de ser atribuído unicamente às maquinações sobrenaturais de Mafka, constituindo aos olhos do homem-macaco um desafio direto à sua própria perícia.

Talvez isso o motivasse em parte, mas era também o desejo de salvar o jovem americano de um destino ignorado, o que o levou a voltar atrás, em perseguição.

Não acompanhou a trilha de volta ao rio Mafa, mas partiu em direção sul-oriental, para a região montanhosa que forma proteção quase inexpugnável para o reduto dos *kajis*.

Gargantas profundas, penhascos alcantilados, retardavam a marcha do homem-macaco, de modo que se escoaram três dias até ele alcançar o objetivo: um ponto próximo às nascentes do Mafa, a um dia de viagem rumo a leste da cidade de Kaji.

Tarzan previra que Mafka talvez contasse vê-lo seguir Wood, o que ofereceria ao mágico a oportunidade de desviar e destruir Tarzan em algum ponto da trilha, na qual estaria indefeso contra a investida de um destacamento bem situado, composto de guerreiras *kajis*; e assim preferira chegar a Kaji de direção inesperada, contando com sua astúcia animal e grande vigor e agilidade para chegar à presença do poder maligno, cuja destruição parecia ser o único meio pelo qual Wood e seus companheiros ficariam permanentemente em liberdade.

Acima de tudo, entretanto, seu êxito dependia da veracidade da convicção de que estava imune aos poderes sobrenaturais de Mafka; embora, nesse ponto, houvesse algo que o perturbava; parecia-lhe que Mafka já devia ter conhecimento da amizade

formada com Wood. O próprio fato de que tirara Wood de sua companhia vinha sugerir-lo. Ainda assim, talvez isso tivesse sido realizado por meio de espiões, que o americano dissera existirem, utilizados pelos *kajis*. Apresentava-se também a possibilidade de que o poderio de Mafka sobre as vítimas era tão grande que pudesse ler-lhes as mentes, até mesmo sobre grandes distâncias, e assim ver por meio de seus olhos as coisas que elas viam; de modo que, enquanto Tarzan estivera em companhia do americano, Mafka tivera tanta percepção dele e de suas atividades como se se achasse presente, pessoalmente; mas quando Wood já não mais estava com ele, o mágico não poderia exercer essa vigilância telepática sobre Tarzan. Era a premissa sobre a qual o homem-macaco baseava sua estratégia.

Foi ao final da tarde do terceiro dia, após o desaparecimento de Wood, que Tarzan fez pausa sobre uma elevação montanhosa, examinando o terreno em volta. Em um vale abaixo e ao sul, estrugia caudaloso rio de montanhas. Com o olhar, acompanhou-lhe os meandros na direção do oeste, onde, a distância, enevoadas, viu uma rachadura na cordilheira espinhosa que tinha de ser a garganta do Mafa, dando para sua confluência com o Neubari.

Pôs-se em pé, então, perto da nascente dessa corrente, entre as regiões dos *kajis* e *zulis*.

O vento vindo do ocidente soprava com suavidade, do terreno baixo em direção ao cume da cordilheira, trazendo às narinas do homem-macaco a indicação de coisas que não se viam com os olhos — de Tongani, o babuíno, Sheeta, o leopardo, do lobo vermelho e do búfalo; mas ele não tinha qualquer conhecimento do oriente, exceto o que era proporcionado pelos olhos e ouvidos; e assim, de frente para o oriente, não percebia os olhos que o vigiavam, por trás do cume da elevação acima dele, olhos que desapareciam quando o homem-macaco se voltava em sua direção.

Havia uma dúzia de pessoas a vigiá-lo, formando grupo heterogêneo de guerreiros selvagens, de aspecto desalinhado. Deles, sete eram homens brancos, barbudos, e cinco negros. Todos se achavam identicamente dotados de tangas surradas, feitas com pele de animais selvagens. Traziam arcos, flechas e lanças curtas e fortes; e todos os negros, bem como alguns dos brancos, usavam ornamentos bárbaros — colares de presas de animais, braceletes e tornozeleiras. Nas costas, havia pequenos escudos feitos com couro de búfalo.

Observavam Tarzan, enquanto este descia para a garganta do Mafa e matava a sede. Viram-no tirar um pedaço de carne do carcás das flechas e comer, e cada movimento que fazia era vigiado. Às vezes eles se entrefalavam, em cochichos que não eram levados pelo vento aos ouvidos do homem-macaco.

Um deles, que parecia ser o chefe, falava com mais freqüência. Era branco, os cabelos castanhos haviam embranquecido nas têmporas, a barba matizada de pêlos

grisalhos. Corpulento, exibia a magreza rija que caracteriza o atleta. A testa e os olhos denotavam inteligência. Os companheiros o chamavam de Lord.

Tarzan estava cansado. Por três dias escalara alcantiladas e, na noite da véspera, seu repouso fora interrompido por leopardos que o haviam pressentido pelo faro e espreitado. Ele matara um dos animais que o atacara, mas os demais haviam-no obrigado a se manter constantemente alerta, eliminando a possibilidade de descanso prolongado.

Faltava ainda uma hora para o ocaso quando ele se deitou para dormir, por trás de arbustos, na encosta acima do Mafa. Seu grande cansaço deve explicar o que aconteceu em seguida, pois, normalmente, nada poderia aproximar-se sem despertá-lo.

Quando despertou, ainda era dia; e uma dúzia de guerreiros formara círculo fechado em volta dele, tendo as pontas das lanças a visar-lhe o corpo desprotegido. Fitou os olhos selvagens e inamistosos de um negro, e logo o olhar percorreu rapidamente o círculo, observou a composição do grupo. Não falou, notou que fora numericamente sobrepujado, tornara-se ^prisoneiro. Em tais circunstâncias, nada havia a dizer que lhe pudesse trazer qualquer vantagem.

Seu silêncio e calma surpreenderam os captores. Haviam contado com que ele demonstrasse medo e agitação. Tal não ocorrera. Ele permaneceu deitado onde se achava, avaliou-os com olhar firme.

— Bem, *kaji* — disse Lord, finalmente —, nós o pegamos.

Era demasiada a veracidade da afirmação, que assim dispensava qualquer comentário; Tarzan continuou em silêncio. Interessava-se menos pelo que o homem dissera do que pela linguagem em que o fizera. O camarada parecia claramente anglo-saxão, mas falava um idioma abastardado, cuja base era o gala, tão entremeado com outras línguas que teria sido ininteligível para qualquer pessoa menos versada em dialeto africano e línguas européias do que Tarzan. Em sua rápida fala, que podia ser traduzida para seis palavras em inglês, ele utilizara outras tantas línguas.

Lord oscilou o corpo.

— Bem, *kaji* — disse, depois de breve silêncio —, o que tem a declarar?

— Nada — replicou o homem-macaco.

— Levante-se! — ordenou Lord.

Tarzan ergueu-se e se espreguiçou, com a calma e indiferença de um leão em sua própria toca.

— Tirem-lhe as armas — ordenou Lord e logo, falando para si próprio, em inglês,

aduziu: — Por Deus, esse é dos mais estranhos.

Foi quando Tarzan sentiu verdadeiro interesse. Aquele era um inglês. Poderia haver motivo para falar, agora, fazer perguntas.

— Quem é você? — interpelou. — O que o leva a pensar que eu seja um *kaji*?

— Pelo mesmo motivo que leva você a saber que somos *zulis* — replicou Lord.
— Porque não há outras pessoas nessas montanhas.

Em seguida, voltou-se para um dos seus acompanhantes.

— Amarre-lhe as mãos por trás das costas.

Eles o levaram a atravessar a elevação, descendo pelo outro lado do divisor de águas; mas já escurecera e Tarzan nada via do terreno pelo qual passavam. Sabia que seguiam uma trilha bem conhecida, trilha essa que muitas vezes tombava pelo lado de uma garganta rochosa, até chegar à descida mais suave, prosseguindo tortuosamente, como a acompanhar os meandros do córrego que escachoava à direita.

Era grande a escuridão naquela ravina, mas, afinal, saíram para campo aberto e nivelado; ali, existia mais luz, embora continuasse a invisibilidade de acidentes geográficos que conferissem ao homem-macaco uma idéia do terreno, naquele território desconhecido.

Bem à frente, muito longe, havia uma luz fraca e tremelicante. Por meia hora eles se aproximaram, até que a proximidade explicasse essa iluminação. Foi quando Tarzan notou que vinha de uma fogueira acesa ao lado da paliçada de uma aldeia.

Ao se aproximarem dos portões, Lord chamou e, após identificar-se, tiveram ingresso. Tarzan observou que estava em aldeia feita de cabanas de pedra, cobertas de fibras vegetais. A luz da fogueira acesa no centro da rua principal revelava apenas parte da aldeia, que, de modo evidente, atingia dimensões consideráveis; o resto se perdia nas sombras além do limite da luz da fogueira.

Ao lado dele, diretamente em frente da avenida principal, via-se um edifício de pedras, grande e de dois andares. No portão da aldeia achavam-se diversas mulheres vestidas e armadas de modo semelhante àquela de seus captores. À luz nada forte da fogueira pareciam mulheres brancas e havia outras, como elas, paradas nos umbrais das portas das cabanas ou em volta da fogueira. Entre elas via-se certo número de homens brancos, e todos eles, mas as mulheres de modo especial, demonstravam interesse considerável por Tarzan, enquanto Lord o levava pela aldeia.

— Aí, *kaji*! — gritavam-lhe. — Logo vai morrer, *kaji*!

— É uma pena que ele seja um *kaji* — gritou uma das mulheres. — Seria ótimo marido.

— Talvez Woorá o dê a você — zombou outra —, depois de tratar do caso.

— Mas já não servirá para marido, então. Eu não quero carne de leão por marido.

— Espero que Woorá o dê vivo aos leões. Desde as últimas chuvas, nós não temos bom divertimento.

— Ele não vai entregar esse aí aos leões. O camarada tem cabeça boa demais. Parece ter miolos, também; e Woorá nunca desperdiça bons miolos, dando aos leões.

Em meio a essa barragem de comentários, Lord levava o prisioneiro para a entrada do edifício grande, que dominava a aldeia. Nos umbrais do prédio havia uma dúzia de guerreiras barrando a entrada. Uma delas se adiantou para receber Lord, baixando a ponta da lança para o abdome dele. Lord estacou.

— Diga a Woorá que trazemos um prisioneiro *kaji* — anunciou.

A mulher se voltou para uma das guerreiras.

— Diga a Woorá que Lord traz um prisioneiro *kaji* — ordenou, e logo seu olhar examinou o homem-macaco, avaliando-o.

— Um bom espécime, hem? — perguntou Lord. — Daria excelente companheiro para você, Lorro.

A mulher cuspiu, imersa em reflexões.

— Hum, sim — concordou. — Ele tem boa conformação, mas é um pouco escuro demais. Se eu tivesse certeza de que só tem sangue branco, valeria a pena lutar por sua causa. Você acha que ele seja todo branco? Mas que diferença faz? É um *kaji*, e isso chega para acabar com a vida dele.

Desde que fora capturado, Tarzan dissera apenas algumas palavras, e o fizera no dialeto gálico. Não negara ser *kaji*, pelo mesmo motivo que o levava a não se esforçar por fugir: a curiosidade o incitava a querer saber mais a respeito dos *zulis* — a curiosidade e a esperança de poder informar-se de algo que lhe conferisse vantagem, junto àqueles inimigos dos *kajis*, e o ajudasse a libertar, de modo permanente, os dois americanos e seus companheiros do cativeiro do poderio maligno de Mafka.

Enquanto esperava, diante da entrada do palácio de Woorá, resolveu que estava gostando da situação. A avaliação franca, por parte de Lorro, vinha diverti-lo. A idéia de uma mulher a lutar por sua posse despertava-lhe o senso de humor. Na ocasião, não sabia com exatidão o que significavam as palavras da mulher, mas pôde avaliar alguma coisa, com base no que Wood lhe dissera, a respeito dos costumes dos *kajis*.

De modo indiferente, avaliou a mulher. Podia ser uma oitavona, criatura com um oitavo de sangue negro, ou talvez mulher branca, com o tismado do sol. Seus traços

não eram negróides e, a não ser pelo cabelo negro, seria facilmente tomada por escandinava. Era mulher de corpo bem formado, cerca de trinta anos, membros graciosos e os contornos musculares de atleta tornados atraentes pela feminilidade. Os traços fisionômicos eram bons e, por qualquer padrão civilizado, teria sido considerada bela mulher.

As reflexões do homem-macaco, a esse respeito, foram interrompidas pelo regresso da guerreira que Lorro mandara a Woorá, falando do prisioneiro trazido por Lord.

— Lord deve levar o kaji a Woorá — anunciou ela. — Que o prisioneiro não tenha armas, as mãos estejam amarradas atrás do corpo e uma guarda forte o acompanhe e a Lord... guarda de mulheres.

Com seis de suas guerreiras, Lorro acompanhou Lord e seu prisioneiro, entrando no palácio, nome dado àquela construção devido ao fato de ser ocupada por um governante — palácio por expressão cortês, podia-se dizer.

Entraram em um saguão sombrio, fracamente iluminado por lamparina que ardia sobre um prato raso de cerâmica, um fogaréu primitivo que fazia mais fuligem do que luz. Em ambos os lados do corredor havia umbrais, na maioria dos quais se viam cortinados fechados, feitos de pele de animais, em sua maior parte búfalos.

O umbral descoberto revelava a câmara na qual se reuniam numerosas mulheres guerreiras. Algumas se achavam deitadas em catres baixos, cobertas de peles; outras se acocoravam em círculo no chão, atentas a algum jogo que transcorria. As paredes do aposento eram cobertas de lanças, escudos, arcos e flechas. Tornava-se evidente que era a sala da guarda. Logo além, o corredor terminava diante de porta imponente, guardada por duas guerreiras.

Era claro que as guardas contavam com os recém-chegados e haviam recebido instruções, pois, ao se aproximarem, as portas foram abertas para que entrassem.

Tarzan tinha diante de si um aposento grande, na extremidade do qual se via alguém sentado em um tablado. Fogaréus fumacentos iluminavam o interior, revelando paredes cobertas de estranha coleção de peles, armas, tapetes, sedas, chita — um verdadeiro museu, ao que Tarzan conjecturava, formado com o saque de muitos safáris; mas o traço mais destacado e impressionante dessas decorações era a fileira de cabeças humanas, circundando a câmara — as cabeças mumificadas de mulheres, pendentes dos cabelos compridos, enquanto das vigas enegrecidas pela fumaça, no teto, pendia outra centena. Aquelas coisas foram absorvidas pelo olhar do homem-macaco, em amplo relance; e logo ele fitava o tablado e a figura que ali se achava. Uma série de guerreiras rodeava o tablado, onde aquela figura solitária se encontrava sentada em grande trono.

À primeira vista Tarzan viu apenas uma cabeça enorme, encoberta de cabelos grisalhos e hirsutos; e logo, por baixo da cabeça, o corpo encarquilhado, que era abdome em sua maior parte — figura tremendamente repulsiva, cuja nudez se encobria apenas por uma tanga. A pele do rosto e da cabeça era esticada como pergaminho amarelado sobre os ossos do crânio — uma cabeça de morto-vivo, na qual se encontravam dois olhos encovados e brilhantes, que ardiam e fumegavam como dois poços do inferno. E Tarzan sabia, agora, que se achava na presença de Woorá.

Sobre a mesa diretamente em frente do mágico fora colocada enorme esmeralda que refletia a luz dos fogaréus mais próximos e a refratava em raios cintilantes, preenchendo o aposento com iluminação incomum.

O interesse de Tarzan centralizava-se mais no homem, entretanto, do que na esmeralda. Woorá não era negro, mas tornava-se difícil determinar a que raça podia pertencer. A pele era amarela, mas os traços fisionômicos não correspondiam aos de um chinês. Podia ser de qualquer nacionalidade.

Por alguns minutos ele permaneceu examinando Tarzan, após este haver estacado diante do tablado. De maneira gradual, uma expressão de perplexidade e frustração espalhou-se pelo semblante, e ele falou, então:

— Como vai meu irmão? — interpelou, as palavras rangendo como uma dobradiça enferrujada.

A expressão do rosto de Tarzan não pôs à mostra qualquer emoção, embora intimamente ficasse muito intrigado pela pergunta.

— Não conheço seu irmão — respondeu.

— O quê?! — exclamou Woorá. — Você quer me dizer, *kaji*, que não conhece aquele príncipe de mentirosos, aquele ladrão, aquele assassino, aquele ingrato, o meu irmão?

O homem-macaco sacudiu a cabeça.

— Eu não o conheço — repetiu —, e não sou *kaji*.

— O quê?! — berrou Woorá, olhando para Lord com dureza. — Esse homem não é *kaji*? Você não me disse que ia trazer um *kaji*?

— Nós o capturamos perto da nascente do Mafa, ó Woorá, e que outra espécie de homem poderia estar lá, senão um *kaji*?

— Não é *kaji*, seu idiota — retrucou Woorá. — Eu verifiquei isso, no instante em que fitei os olhos dele. Ele não é como os outros homens. O meu apodrecido irmão não tem poder sobre esse aí. Você é um idiota, Lord, e eu não desejo criar mais idiotas entre os *zulis*... o número já é suficiente. Você vai ser destruído. Tire as

armas dele, Lorro. Ele é um prisioneiro, agora.

Em seguida, voltou-se para o homem-macaco.

— O que estava fazendo na terra dos *zulis*? — interpelou.

— Procurando um dos meus, que se perdeu.

— E contava encontrá-lo aqui?

— Não, eu não vinha para cá. Ia para a terra dos *kajis*.

— Está mentindo — exclamou Woorá. — Você não podia vir à nascente do Mafa sem passar pela terra dos *kajis*. Não existe outro caminho.

— Eu vim por outro caminho — retorquiu Tarzan.

— Homem algum pode atravessar as montanhas e gargantas que cercam os *kajis* e *zulis*. Não existe outra trilha, a não ser a que sobe o rio Mafa — persistiu Woorá.

— Eu atravessei as montanhas e as gargantas — afirmou Tarzan.

— Estou vendo tudo! — exclamou Woorá. — Você não é *kaji*, mas está a serviço de meu detestável irmão, Mafka. Ele o mandou aqui para me matar.

Fez uma pausa e aduziu então, com escárnio:

— Bem, vamos ver quem tem mais poder, Mafka ou eu. Veremos se ele pode salvar seu servidor da ira de Woorá. E vamos dar-lhe tempo.

Voltou-se então para Lorro.

— Leve-o daqui, com o outro prisioneiro — ordenou —, e providencie para que nenhum dos dois fuja... principalmente este, que é homem perigoso. Mas vai morrer do mesmo modo que Lord.

CAPÍTULO 5

A pantera negra

Tarzan e Lord foram levados a um aposento no segundo andar do palácio de Woorá. Tratava-se de sala pequena, com uma só janela, muito bem guarnecida com barras de madeira. A porta era grossa e firme, presa por fora com barras fortes.

Quando a guarda havia fechado e trancado a porta, afastando-se dali, Tarzan caminhou até a janela, olhando para fora. A lua surgira e as nuvens fracas que haviam encoberto o céu anteriormente tinham desaparecido.

Ao brilho suave da luz noturna, o homem-macaco viu um conjunto de paredes imediatamente abaixo da janela; e à sombra da parede, algo que se mostrava irreconhecível pela visão, mas ainda assim Tarzan sabia, pelo cheiro que lhe vinha às narinas, o que ali estava. Segurou as barras e submeteu-as à prova de solidez e logo se voltou, fitando Lord.

— Se você houvesse perguntado, eu teria dito que não sou um kaji — afirmou. — Nesse caso, não se teria metido nesta situação.

Lord sacudiu a cabeça, em resposta.

— Foi apenas um pretexto para matar-me — afirmou. — Woorá andou à espera desse pretexto. Ele tem medo de mim. Os homens são mais importantes, aqui, do que na terra dos *kajis*. Temos licença de andar armados e de sermos guerreiros. Isso é porque Woorá sabe que não podemos fugir, pois a única saída para o mundo exterior passa pela região dos *kajis*. E os *kajis* nos fariam seus escravos, ou nos matariam.

Ele se deteve, aduzindo depois:

— Woorá ouviu dizer que alguns dos homens se reuniram e combinaram fugir. O plano incluía o seu assassinato e o roubo da grande esmeralda, que é tida como fonte de sua força mágica. Com essa esmeralda, que Mafka ambiciona mais do que qualquer outra coisa no mundo, contamos suborná-lo e passar pela terra dos *kajis*. Woorá acredita — prosseguiu — que eu seja o instigador da trama, de modo que quer destruir-me. Ele naturalmente poderia fazê-lo a qualquer momento, mas é um velho demônio astuto, procura ocultar o fato de que alimenta qualquer desconfiança. Desse modo, conta pegar todos os conspiradores, mais cedo ou mais tarde, matando-os um por um, sob este ou aquele pretexto.

— Como pode saber tanta coisa a respeito dos planos dele? — interpelou o homem-macaco.

— Mesmo nesta terra de desigualdade e horror há, às vezes, o amor — explicou

Lord. — E há sempre o desejo. Uma mulher íntima de Woorá está sinceramente apaixonada por um de nós. Woorá contou a ela mais do que devia contar... é essa a explicação. Ele é tido como criatura acima das tentações da carne, mas a verdade é outra.

Mudou de tom e continuou:

— Mas tudo está arruinado, agora. Os outros ficarão com medo. Permanecerão aqui até o último dia de vida.

— Você é inglês, não? — perguntou Tarzan. Lord assentiu, em resposta.

— Sim, fui um inglês, mas só Deus sabe o que sou agora. Estive aqui por vinte anos... aqui e em Kaji. Os *kajis* me pegaram, no início, e depois os *zulis* me aprisionaram, em uma de suas incursões.

— Eu pensei que Woorá matasse os kajis que apanha — disse o homem-macaco. — Ele ia mandar matar-me, por pensar que eu fosse um *kaji* ou, pelo menos, pensei que ia, com base no que soube, depois de chegarmos à cidade.

— Sim, ele os mata a todos, agora, porque temos os homens de que precisamos. Naqueles dias, porém, o número de homens não era suficiente. Só podemos sustentar um número limitado de pessoas. Há muita carne, porque a caça é abundante, mas as frutas e legumes escasseiam. E assim é que crescemos mais do que o bastante para manter a população... Na verdade, crescemos em demasia. A maioria dos recém-nascidos é morta. E também as mulheres já são bastante brancas. Foi para isso que estiveram procriando, só Deus sabe por quantas gerações, de modo que não há grande necessidade de sangue branco novo. É muito raro, agora, que nasça uma criança com características negróides, mas de vez em quando ocorre um caso assim.

— Por que elas querem ser brancas? — perguntou Tarzan.

— Somente Deus sabe. Elas nunca vêem outras pessoas, senão a si próprias, e nunca verão. O motivo para isso perdeu-se no passado... morreu com quem concebeu. A menos, talvez, que Woorá e Mafka saibam. Dizem que eles estiveram aqui por todo o tempo, que são imortais, mas não é verdade, está claro.

Fez uma pausa e em seguida aduziu:

— Formei uma teoria a respeito deles, baseado em diversos fragmentos de informação que recolhi nos últimos vinte anos. Eles são gêmeos idênticos, que vieram da Colúmbia, faz muitos anos, trazendo consigo a grande esmeralda, que provavelmente roubaram. Como entraram na posse do Gonfal dos *kajis*, não sei. Por certo mataram alguém que estava tentando sair do país levando o diamante.

Nova pausa, e ele prosseguiu:

— Que tenham poderes ocultos invulgares, não resta dúvida, e o próprio fato de

acreditarem que esses poderes estão na dependência do grande diamante dos *kajis* e da esmeralda dos *zulis* deve ter levado isso a ser verdade; assim sendo, se Mafka ou Woorá fossem privados de sua pedra, o poder estaria perdido. Mas se os matassem, a coisa seria mais segura. Não íamos arriscar-nos; pretendíamos matar Woorá. Mas agora, no que me diz respeito, o sonho acabou. Eu serei jogado aos leões e você, torturado até morrer.

— Por que essa diferença? — perguntou Tarzan.

— Eu proporcionarei entretenimento a Woorá, no pátio dos leões, mas ele não se arriscará com você. Talvez o destruam aos pedaços, cabeça e o mais, e Woorá quer o seu cérebro. Tenho certeza de que é assim.

— Por que ele o quer?

— Você o fez pensar. Deu para perceber, e ele calcula que qualquer pessoa que chegue a esse ponto deve ter cérebro muito bom, de modo que o quer.

— Mas por quê? — insistiu o homem-macaco.

— Para comer.

— Oh, entendo — disse Tarzan. — Ele acredita que quem come a parte na qual outra pessoa é destacada adquire certa medida dessa qualidade. Eu vi isso antes, muitas vezes. O guerreiro come o coração de um inimigo corajoso a fim de aumentar sua própria coragem, ou as solas dos pés de quem corre muito a fim de acelerar sua própria velocidade, ou ainda as palmas das mãos de um artesão habilidoso.

— Tudo isso é besteira — proclamou Lord.

— Não sei — comentou Tarzan. — Tenho vivido toda a vida na África e há muitas coisas que aprendi a não negar, simplesmente por não as compreender. Mas há algo que calculo.

— E o que é?

— Que Woorá não comerá meu cérebro e tampouco você será jogado aos leões, se desejar fugir.

— Fugir! — contrapôs Lord com desdém. — Não há meio de fugir.

— Talvez não — reconheceu o homem-macaco. — Eu disse apenas que calculava, não disse que sabia.

— Como podemos fugir? — interpelou Lord. — Olhe para aquela porta, veja as barras na janela, e por baixo da janela...

— A pantera — concluiu Tarzan.

— Como sabe que há uma pantera ali? — perguntou Lord, em cujo tom de voz transparecia a incredulidade.

— O cheiro de Sheeta é forte — explicou o homem-macaco. — Notei o cheiro no instante em que entrei nesta sala, e quando fui à janela sabia que ele estava no cercado por baixo... é um macho de pantera.

Lord sacudiu a cabeça.

— Bem, não sei como adivinhou, mas tem razão. Tarzan foi à janela,- examinando as barras e a estrutura em que se achavam presas.

— Estúpido — afirmou.

— O que é estúpido? — perguntou Lord.

— Quem construiu isto. Olhe só.

Ato contínuo, segurou duas das barras próximas ao peitoril e lançou-se para trás com toda a força e peso. Houve o ruído de madeira que se partia, quando toda a estrutura foi tirada do lugar; em seguida ele a depositou, com todas as barras, no chão da sala.

Lord emitiu um assovio.

— Céus! — exclamou. — Você é forte como um touro, mas não se esqueça da pantera, e o barulho provavelmente chamará a guarda.

— Estaremos prontos para enfrentá-las — asseverou-lhe Tarzan.

Voltara a segurar a estrutura da janela, que, momentos depois, reduzia a pedaços. As barras saíam das bases e Tarzan apanhou duas delas, entregando uma a Lord.

— Servirão como armas — declarou. Aguardaram em silêncio por algum tempo, mas nenhum guarda se aproximou. Ao que parecia, apenas a pantera fora perturbada em seu sossego. Estava agora rosnando, e quando se dirigiram à janela viram-na em pé, no centro do cercado, erguendo o olhar para vê-los. Era um animal enorme, inteiramente negro.

Tarzan voltou-se para o companheiro.

— Você conseguiria afastar-se, se saíssemos da cidade?

— perguntou. — Ou terá Woorá o mesmo poder de dirigir os movimentos das vítimas, a distância, como faz Mafka?

— Aí está a coisa — reconheceu Lord. — É o motivo pelo qual planejamos matá-lo.

— E qual é a posição dele junto aos *zulis*? Eles lhe são leais?

— O único poder que exerce baseia-se no terror. Eles o odeiam e receiam.

— As mulheres, também?

— Sim, todos.

— O que aconteceria aqui, se ele morresse? — perguntou Tarzan.

— Os pretos e os brancos, que são prisioneiros e escravos, juntar-se-iam com as mulheres, na tentativa de abrir caminho para o mundo exterior. Os pretos e os brancos (todos são homens) querem voltar a seus próprios lares. As mulheres, as verdadeiras *zulis*, ouviram falar tanto do mundo que nunca viram, que estão também desejando sair daqui. Elas sabem, com base no que os brancos lhes disseram, que ficariam ricas com o resultado da venda da esmeralda grande; e embora não tenham conhecimento direto do poder do dinheiro, aprenderam o bastante com os homens brancos daqui, sabem que obterão tudo que desejam... principalmente mais homens brancos. Aqui, cada um dos brancos está casado com sete a doze mulheres *zulis*, porque somos pouquíssimos, de modo que o ápice da ambição de cada *zuli* é ter marido próprio.

— Por que elas não matam Woora, então?

— Medo aos poderes sobrenaturais. Não só seriam incapazes de matá-lo, pessoalmente, como haveriam de proteger-lhe a vida, contra outros; mas uma vez morto, a coisa seria diferente.

— Onde está ele? — perguntou Tarzan. — Onde dorme?

— Em um quarto logo atrás do trono — replicou Lord.

— Mas, por quê? Por que pergunta? Você não vai...

— Vou matá-lo. Não há outro jeito.

Lord sacudiu a cabeça.

— É impossível. Meu amigo, ele é quase tão poderoso quanto Deus e tem quase a mesma onisciência. Mesmo assim, por que pretende fazê-lo?

— Um de meus conterrâneos é prisioneiro dos *kajis*. Com o auxílio dos *zulis*, posso libertá-lo, bem como aos demais prisioneiros dos *kajis*. Não tenho tanta certeza de que o conseguiria sozinho. Seria difícil chegar à presença de Mafka. Ele tem mais medo e adota mais cuidados do que Woora.

— Você ainda não chegou à presença de Woora, a não ser com as mãos atadas atrás do corpo — lembrou Lord.

— Existe algum modo de chegar ao quarto dele, a não ser passando pela sala do trono?

— Existe, sim, mas você não pode entrar. O quarto de Woora tem uma janela que dá para os cercados abaixo de nós. A pantera está ali para guardar Woora, bem como para impedir que os prisioneiros fujam. Você teria de passar por lá, para chegar à janela.

— Não é fácil — comentou o homem-macaco. — Seria preciso fazer muito

barulho. Com certeza despertaria Woorá, quebrando as barras da janela dele.

— Não existem barras por lá.

— Mas, a pantera! O que impede que a pantera entre e mate Woorá?

— Woorá tem poder ainda maior sobre a pantera do que sobre nós, seres humanos. Ele sabe controlar todos os movimentos do animal.

— Tem certeza de que não há barras na janela? — interpelou Tarzan.

— Certeza completa, e a janela está sempre aberta, de modo que Woorá possa chamar a pantera para sua companhia, se estiver correndo perigo.

— Excelente! Entrarei pela janela.

— Continua esquecendo a pantera.

— Não esqueci. Conte-me alguma coisa sobre os hábitos de Woorá. Quem lhe faz companhia? Quando se levanta? Onde come? Quando vai pela primeira vez à sala do trono?

— Ninguém fica com ele no dormitório, em momento algum. Ninguém, até onde sabemos, já esteve lá, só ele próprio. A refeição matinal é entregue por uma pequena abertura, perto do chão, no lado do quarto em frente ao da sala do trono. Ele se levanta ao amanhecer e come em seguida. Tem um conjunto de três aposentos. O que faz lá, só o Demônio sabe. Às vezes, ordena que uma das mulheres guerreiras entre em um dos aposentos., Elas nunca relatam o que vêem por lá ou o que acontece. Ficam apavoradas demais. Mais ou menos uma hora após a refeição matinal ele vai para a sala do trono. A essa altura, muitos dos *zulis* já se dirigiram para lá. As acusações são apresentadas, castigos distribuídos, cuida-se das questões do dia, isto é, expedições de caçada e envio de grupos em incursões; dão-se ordens para o plantio, cultivo ou colheita. Woorá recebe os relatos e as queixas. Em seguida, vai para seus aposentos e fica por lá, até a refeição da tarde, que faz na sala do trono. É assim o dia dele, a menos que ocorra algo inesperado, como o exame de um prisioneiro trazido de repente, que é seu caso.

— Ótimo! — exclamou o homem-macaco. — Tudo pode ser levado a dar certo, em meu plano.

— Menos a pantera — observou Lord.

— Talvez você tenha razão — reconheceu Tarzan. — Veremos.

Dito isso, caminhou para a janela. A pantera já sossegara e estava mais uma vez deitada à sombra da parede. Tarzan se pôs à escuta e logo se voltou para o companheiro.

— Dormiu — disse, e passou uma perna pelo peitoril da janela.

— Você não vai lá! — exclamou Lord.

— Por que não? É o único caminho para Woorá, e a pantera está dormindo.

— Não ficará dormindo muito tempo.

— Nem espero que fique. Só peço que durma até que eu esteja sobre os pés, lá embaixo.

— Isso é suicídio — proclamou Lord —, e não se ganha nada desse modo.

— Talvez, mas vamos esperar e ver.

Tarzan passou a outra perna pelo peitoril e, em seguida, voltou-se sobre o ventre. Na mão direita levava uma das barras pesadas que tirara da janela. Com cautela, em silêncio, deslizou até pender do peitoril, seguro por uma das mãos.

Lord o observava, sem fôlego. Viu que os dedos escorregavam gradualmente do peitoril, e olhou então para fora. O homem caíra em pé e se voltara como o relâmpago para enfrentar a pantera, mas esta não se mexera. Continuava dormindo.

Tarzan foi com passos furtivos em sua direção, tão silencioso quanto a sombra de Usha, o vento. O homem-macaco percorrera metade da distância até a pantera quando o animal despertou; então, antes que pudesse perceber o que se passava, o homem saltou em sua direção.

Na janela acima, Lord prendeu a respiração. Não podia deixar de admirar a coragem do companheiro de prisão, mas julgava-o alucado. Foi exatamente quando a pantera atacou.

CAPÍTULO 6

Aprisionado

De todos os felinos nenhum é possuidor de reputação tão má quanto a pantera. Sua ferocidade é proverbial, a malícia, inacreditável, demoníacas a força e a ferocidade de ataque. Mas o homem-macaco sabia de todas essas coisas, achava-se preparado. Examinara suas possibilidades com a pantera, em confronto com as possibilidades de que dispunha, com relação a Woorá, e escolhera o menor dos dois males, na crença de que assim pudesse livrar-se de ambos. E agora, nos poucos segundos que se avizinhavam, tal escolha seria confirmada ou ele estaria morto.

A fera negra acometeu-o com toda a fúria de sua espécie, atacando em silêncio. Nenhum rosnado veio perturbar o silêncio mortífero da noite. A lua, astro sereno, parecia fitar a aldeia dos *zulis* e, além dos confins daquele cercado, não se via qualquer advertência de morte.

Lord olhava para aquela tragédia rápida, sentindo algo parecido com o desdém pela estupidez que levava um homem a desfazer-se inutilmente da vida, e de outra janela dois olhos encovados e brilhantes observavam, por cima de lábios que rosnavam — observavam da janela do aposento que pertencia a Woorá.

Segurando o bastão com ambas as mãos, Tarzan o fez girar sobre a cabeça, em grande círculo que começou baixo, ao lado direito, sincronizando-o à fração de segundo necessária, de modo a atingir a pantera com todo o impulso, apoiado pelo vigor das mãos gigantescas do homem-macaco, no ápice da velocidade desenvolvida pela fera.

O bastão de madeira atingiu o crânio feroz e liso antes que as unhas estendidas ou as presas ameaçadoras pudessem alcançar a vítima. Ouviu-se o ruído de madeira que se quebrava, ossos que se partiam, a batida do corpo pesado no chão duro, e logo veio o silêncio.

Lord arquejou. Embora houvesse visto com seus próprios olhos, não dava para acreditar. Os olhos à janela de Woorá estavam tomados de medo repentino — medo e astúcia. Observavam com atenção, para ver qual seria o movimento seguinte do estranho prisioneiro.

Tarzan colocou um pé sobre a carcaça do animal e ergueu o rosto para Goro, a lua. Por um só instante, assim ficou, mas nenhum grito de vitória dos macacos veio romper o silêncio da noite, advertindo seus inimigos de que se achava por ali. Em seguida, partiu em direção da janela que se abria para o quarto de Woorá, o mágico; e, ao fazê-lo, os olhos recuaram para a escuridão do interior.

O homem-macaco parou diante da janela aberta, enquanto os ouvidos e narinas examinavam a câmara escura. Os ouvidos perceberam um som leve e farfalhante, como o de arrastar de pés em sandália sobre o chão, e o fechamento quase silencioso de uma porta. As narinas registraram claramente o cheiro de Woorá.

Colocando uma das mãos no peitoril da janela, Tarzan entrou silenciosamente no aposento. Ali ficou em silêncio, à escuta, tendo em uma das mãos os restos destroçados do bastão de madeira. Não ouvira som algum, nem mesmo o som mais leve da respiração, que os ouvidos teriam percebido, caso houvesse outra pessoa presente. Concluiu então que Woorá notara sua aproximação e que os ruídos leves haviam sido causados pelo mágico, ao afastar-se dali. O homem, agora, devia ter ficado duplamente cauteloso.

Lord Ihe dissera que havia três aposentos no conjunto de Woorá. Havia também a sala do trono, contígua aos mesmos. Para qual aposento fugira o homem? Fora chamar ajuda? Era provável, mas ainda assim Tarzan não ouviu som algum indicando a aproximação de alguém. O luar fraco dissipou apenas de leve a escuridão, mas bastava para os olhos aguçados do homem-macaco, ao se acostumarem. Ele se adiantou sem ruído pelo aposento e logo viu uma porta na parede à frente, outra para a direita. Esta última, ao que avaliou, devia dar para a sala do trono. Aproximou-se da outra e procurou o ferrolho.

Sem ruído, puxou a porta para si, mantendo-se parcialmente atrás dela, a fim de se proteger de um golpe de surpresa ou de algum projétil. O aposento estava escuro, inteiramente sem luz. Ele ficou em escuta atenta, não ouviu coisa alguma. As narinas lhe diziam que Woorá estivera ali recentemente, mas os ouvidos asseguravam que o mágico se fora — provavelmente para o aposento mais distante.

Ele entrou, pretendendo examinar o aposento seguinte, que era o último. Sabia que Woorá viera por ali e que o encontraria além da porta seguinte. Sentiu algo por baixo dos pés, algo que se assemelhava a cordas estendidas no chão. No mesmo instante desconfiou — teve a desconfiança do animal selvagem que pressente a armadilha.

Ia começar a retirar-se para o aposento do qual acabara de vir, mas era tarde demais. Cordas se ergueram em volta dele, puxaram-no, enredaram-no, de modo que caiu. Sentiu então que elas se fechavam e o apertavam em volta do corpo. Debateu-se para escapar, mas estavam por toda parte. Ele ficara emaranhado em uma rede de cordas.

A porta do terceiro aposento abriu-se, deixando passar luz. Ali estava Woorá, de archote à mão. Trazia, no rosto medonho, um sorriso retorcido. Por trás do mágico, Tarzan teve o vislumbre de um aposento que podia ser o laboratório de um alquimista medieval, a não ser pela exposição tétrica de cabeças humanas, penduradas nas vigas do teto.

O aposento era iluminado por diversos archotes, e sobre a mesa no centro via-se a grande esmeralda dos *zulis*, irradiando luz fantasmagórica e pressaga, de modo que toda a câmara se via cheia de uma essência aparentemente palpável que era, de algum modo, misteriosamente maligna.

— Você procura uma morte mais horrível do que tínhamos planejado — disse Woorá, em sua voz rangente.

O homem-macaco não deu qualquer resposta. Examinava a armadilha que o havia capturado. Tratava-se de rede forte de couro cru, cuja boca podia ser puxada do chão e fechada por uma corda que passava por um bloco na viga do teto e, por ali, passando por um buraco e indo ter ao aposento onde Woorá aguardara, para capturar a presa. Tornava-se claro a Tarzan que o aposento era dedicado unicamente à rede, formando assim a proteção final do mágico contra qualquer assassino que lhe procurasse tirar a vida.

Acertara apenas em parte em tal cálculo, pois anteriormente todas as vítimas haviam sido convidadas a ingressar naquele local reservado pelo mágico, e assassinadas com facilidade, uma vez capturadas pela rede e tornadas indefesas. Aquela noite, todavia, a rede servia a um novo fim.

Satisfeito com o êxito de sua estratégia ao atrair o forasteiro ao aposento, Woorá parecia bem disposto. O medo e a raiva haviam deixado seu olhar, ele examinou o homem-macaco com interesse.

— Você é criatura estranha — comentou. — Vou deixá-lo aqui por algum tempo, a fim de examiná-lo. Talvez fique com fome e sede, mas quem vai morrer dentro em breve não precisa de comida ou de água. E verá enquanto eu como e bebo, e meditará sobre as diversas mortes lentas e torturantes que lhe podem ser dadas. Prometo escolher alguma coisa nova e prolongada para você, quanto mais não seja por ter morto meu animal de estimação... a única criatura que realmente amei, em todo o mundo. Você vai morrer muitas mortes por isso, e mais algumas por procurar destruir-me e roubar a grande esmeralda. Não sei qual das duas coisas planejava fazer, nem me importa. Cada uma delas merece o castigo mais completo que eu possa imaginar.

Fez uma pausa, prosseguiu então:

— Enquanto isso, vou mostrar-lhe que Woorá sabe ser bondoso até mesmo para com um inimigo. É sorte sua que eu não seja cruel nem vingativo. Seria capaz de salvá-lo de sofrimento desnecessário, da angústia causada pela visão de objetos horrorosos ou sugestivos. Preste bastante atenção.

Ao parar de falar, passou ao aposento contíguo, ocupando-se ali com os carvões em um braseiro. Levou algum tempo para acender fogo bem quente; feito isso,

apanhou um comprido bastão de metal, de ponta aguçada e cabo de madeira. Enfiou a ponta entre os carvões quentes e voltou a dedicar a atenção ao homem-macaco.

— As cabeças humanas nas paredes do quarto, os instrumentos de minha profissão, os preparativos que devo fazer para sua tortura e morte — a visão de todas essas coisas vai ser muito deprimente para você e aumentará seu sofrimento além do necessário. Assim sendo, vou queimar-lhe os olhos, para que você não veja!

Ainda assim, o homem-macaco não falou. Seu olhar calmo continuou fixo sobre a figura repulsiva do velho mágico e o cenário fantasmagórico em que executava suas vilanias, tudo banhado na luz verde e medonha da grande esmeralda. Somente ele sabia em que pensava, mas pode-se supor que não cogitava da morte — a sua própria morte. Provavelmente pensava em fugir. Pôs à prova a resistência da rede de couro cru. Ela cedeu, mas não se rompeu.

Woorá viu isso e prorrompeu em risada.

— Nem mesmo um elefante sairia daí — afirmou.

A cabeça grotesca inclinada para um dos lados fitava atentamente a vítima. A risada desapareceu nos lábios, deixando ali o contorcimento. Instava com raiva porque o homem-macaco não demonstrava medo. Olhou para o ferro, resmungando e falando sozinho. O ferro já esquentara, a ponta brilhava.

— Olhe pela última vez, meu convidado — disse Woorá, com uma casquinada —, pois em questão de momentos nunca mais verá coisa alguma.

Retirou o ferro dos carvões e aproximou-se do prisioneiro.

As malhas da rede fechavam-se com firmeza em torno do homem-macaco, impedindo-lhe os movimentos dos braços; e assim é que, embora pudesse movê-los, não o podia fazer com rapidez ou alcance. Teria dificuldade ao defender-se contra a ponta candente do bastão de ferro.

Woorá aproximou-se, ergueu o ferro em brasa ao nível dos olhos de Tarzan e, de repente, investiu contra um deles. A vítima esquivou-se da ponta em brasa, de modo que esta não atingiu o alvo pretendido. Apenas a mão foi queimada. Repetidas vezes Woorá investiu, mas Tarzan sempre conseguiu salvar os olhos, ainda que às custas das mãos e ante-braços.

Diante do fracasso repetido em cegá-lo, Woorá entrou em convulsão de raiva. Gritava e amaldiçoava, enquanto dançava em volta da rede, espumando pela boca. E então, de modo súbito, recuperou o seu controle. Levou o ferro de volta ao braseiro, enfiou-o novamente entre as brasas; em seguida passou à outra parte do aposento, fora da direção da porta, e ali, sem que Tarzan o pudesse ver, ficou por momentos, trazendo uma corda ao regressar.

Voltava a dar risadinhas ao aproximar-se de Tarzan.

— O ferro vai estar mais quente, dessa vez — anunciou —, e agora acerto seus olhos.

Passou a corda em volta da rede e de Tarzan, fez um nó corredio e o apertou com força. Em seguida, circulou em volta do homem-macaco, atando-lhe as mãos e os braços com muitas voltas da corda, até que Tarzan não mais pudesse usá-los para proteger-se.

Foi então ao braseiro e retirou o ferro. Este ostentava aspecto singularmente vermelho, à luz verde e fantasmagórica da câmara. Tendo-o na mão, Woorá se dirigiu devagar para a vítima, como se estivesse tentando prolongar a agonia da espera, mas Tarzan não dava qualquer sinal de medo. Sabia que se achava indefeso, aguardava o inevitável com indiferença cheia de estoicismo.

Woorá, de repente, foi tomado por outro acesso de fúria.

— Você finge que não tem medo — berrava. — Mas vou fazer com que grite, pedindo misericórdia. O olho direito, em primeiro lugar!

E ele se adiantou mais uma vez, segurando a ponta vermelha do ferro ao nível dos olhos do homem-macaco.

Tarzan ouviu que se abria a porta, atrás dele. E viu também que Woorá se encolhia, tendo no rosto nova expressão de fúria. E logo um homem saltava, passando por ele, empunhando alentado bastão de madeira. Era Lord.

Woorá voltou-se para fugir, rumo ao aposento ao lado, mas Lord o alcançou, atingindo-o com golpe forte na cabeça. O mágico voltou-se então, procurou defender-se com o ferro em brasa. Berrava, pedindo misericórdia e ajuda, mas não havia misericórdia alguma em Lord, nenhuma ajuda apareceu.

Segurando o porrete com as mãos, o inglês arrancou o ferro da mão de Woorá, partindo-lhe o braço no pulso. E ele voltou a brandir a arma, cheio de fúria, acertando em cheio no crânio grotesco. Em meio ao ruído de ossos partidos, Woorá tombou ao chão, morto.

Lord voltou-se para Tarzan.

— A coisa andou feia — observou.

— Sim, bem feia. Não me esquecerei do que fez.

— Vi quando você matou a pantera — prosseguiu Lord. — Santo Deus! Nunca imaginei que fosse possível. Depois, fiquei esperando. Não sabia o que fazer. Logo comecei a preocupar-me; sabia que Woorá, velho demônio cheio de astúcia, era criatura perigosa. Acompanhei você e acho que fiz bem.

Enquanto falava, o inglês apanhava um punhal e cortava as malhas da rede onde o

homem-macaco se achava preso; e logo os dois homens examinavam o conteúdo do aposento. Havia uma pequena fornalha a um canto, diversas retortas e tubos de ensaio sobre uma mesa comprida, prateleiras com frascos e ampolas ali arrumados, pequena biblioteca de ocultismo, magia negra, vodu. Em pequeno nicho, diante do qual havia uma cadeira, encontrava-se uma esfera de cristal. Mas dominando tudo aquilo, centro de tudo, estava a grande esmeralda.

Lord olhou para ela, fascinado, em transe.

— Vale mais de dois milhões de libras esterlinas — declarou —, e é nossa, basta apanhar! A noite vai durar ainda algum tempo, e talvez leve horas, talvez dias, para que alguém descubra que Woorá está morto e a esmeralda desapareceu. Eles nunca nos pegariam.

— Você esqueceu seus amigos que estão aqui — lembrou Tarzan.

— Qualquer um deles faria o mesmo, se tivesse a oportunidade — contrapôs Lord. — Eles ficarão com a liberdade. Nós já lhes demos isso. A esmeralda deve ser nossa.

— Você também esqueceu os *kajis*. Como vai passar pelo país deles?

Lord fez um gesto, manifestando desagrado.

— Sempre aparece alguma coisa... mas você tem razão... não podemos fugir, a não ser que formemos uma força bem grande.

— Há também a questão de saber se você poderá escapar a Mafka — disse Tarzan. — Eu já tive algumas indicações do poderio daquele homem. Em comparação, o poder de Woorá não era grande coisa.

— Bem, se é assim, o que acha?

— Eu irei à frente, tentarei acabar com Mafka — disse Tarzan.

— Ótimo! Irei com você.

O homem-macaco sacudiu a cabeça, em negativa.

— Preciso ir sozinho. Os poderes ocultos de Mafka são de tal natureza que ele pode controlar os atos de suas vítimas, até mesmo a grandes distâncias, mas por algum motivo ele não exerce poder sobre mim. Talvez tivesse sobre você. Aí está o motivo pelo qual devo ir sozinho; ele poderia perceber a presença de outra pessoa comigo e, por intermédio dela, tomar conhecimento de meus planos... os poderes daquele homem são quase inacreditáveis.

Ao encerrar a explicação, Tarzan apanhou a grande esmeralda e a envolveu em um pano que arrancou da parede. Os olhos de Lord se estreitaram.

— Para que está fazendo isso? — interpelou.

— Vou levar a esmeralda comigo. Isso garante a realização de minha entrevista com Mafka.

Lord emitiu uma risada curta e desagradável.

— E acha que pode agir assim? — perguntou. — Pensa que sou o quê... um imbecil?

Tarzan conhecia a cobiça dos homens. Era um dos motivos pelos quais tanto gostava das feras.

— Se tentar interferir — disse, então — saberei que é, mesmo, um imbecil... você viu o que fiz com a pantera, e com que facilidade.

— Para que você quer dois milhões de libras? Talvez três milhões... só Deus sabe o que isso vale. Aí existe mais do que o bastante para nós dois.

— Eu não quero parte alguma — replicou o homem-macaco. — Tenho toda a riqueza de que preciso. Vou utilizar a esmeralda para retirar alguns dos meus, que se acham retidos por Mafka. Quando isso estiver feito, não me importa o que acontecer com a esmeralda.

Amarrou com dois cordões o envoltório da esmeralda. Passou um dos cordões por sobre a cabeça, amarrou o outro em volta da cintura, mantendo o envoltório bem perto do corpo. Apanhou também o punhal que Lord depositara sobre a mesa e o enfiou em sua bainha. Em seguida, descobriu um pedaço comprido de corda, que enrolou e passou pelo ombro.

Lord o observava com ar taciturno. Lembrava-se da pantera e sabia que nada podia fazer a fim de impedir que o desconhecido levasse a esmeralda.

— Vou agora — disse Tarzan. — Espere um dia, depois venha com todos os que quiserem sair daqui. Mesmo que eu tenha êxito, vocês talvez sejam obrigados a abrir caminho lutando para passar pelos *kajis*, mas, se Mafka não puder atrapalhar, as possibilidades serão muito maiores. Se eu puder passar, esconderei a esmeralda no Neubari, perto da desembocadura do Mafa, e irei cuidar de minha vida. Em questão de três semanas voltarei novamente e depois entregarei a esmeralda aos *zulis*.

— Aos *zulis*!? — exclamou Lord. — E onde é que eu entro, em tudo isso? A esmeralda me pertence, e você está querendo me tapear. É assim que me paga por salvar sua vida?

Tarzan deu de ombros.

— Nada tenho a ver com isso — afirmou. — A mim não importa quem fica ou não com a esmeralda. Você me disse que havia um plano de apanhá-la e, com o dinheiro, satisfazer o desejo dos *zulis*, que querem ir morar na civilização. Eu não sabia que pretendia trair os companheiros.

Lord já não podia fitar o homem-macaco diretamente nos olhos e ficava vermelho enquanto respondia:

— Vou providenciar para que recebam, mas quero controlar o dinheiro. O que sabem eles de negócios? Seriam tapeados e ficariam sem um tostão, dentro de um mês.

— No Neubari, daqui a três semanas, portanto — disse o homem-macaco. Voltou-se então e saiu do aposento.

Depois de pular o peitoril da janela, no aposento externo, e atravessar o cercado onde se achava o corpo da pantera negra, Lord abriu a porta que dava para a sala do trono e dirigiu-se em carreira para a sala da guarda, já com um plano baseado na crença de que o desconhecido pretendia fugir com a grande esmeralda e guardá-la para si.

Magia verde

As guardas no corredor fora da sala do trono ficaram tão surpresas ao verem alguém emergindo de lá, naquela hora da noite, que Lord pôde passar por elas antes que se recobrassem do inesperado. Elas o perseguiram, gritando-lhe que parasse, até a porta para a sala da guarda, onde, a essa altura, todas as guerreiras estavam em pé, apanhando suas armas.

Lorro foi a primeira a reconhecer o inglês.

— O que foi, Lord? — interpelou. — O que está fazendo aqui? Como saiu da cela? Que aconteceu?

— A grande esmeralda! — gritou Lord. — O *kaji* matou Woorá e roubou a grande esmeralda.

— Matou Woorá! — exclamaram diversas guerreiras, em uníssono. — Quer dizer que Woorá está morto?

— Sim, sim — replicou Lord, cheio de impaciência. — Mas a esmeralda foi roubada. Vocês não entendem?

— Woorá está morto! — gritaram as mulheres, e, como se estivessem combinadas, correram para a rua da aldeia, a fim de espalhar a boa notícia.

Na escuridão da noite, a pequena distância da aldeia, Tarzan ouviu a agitação, acompanhada pelas notas roufenhas de uma trombeta primitiva. Reconheceu logo o chamamento às armas, ao qual se aduzia agora o bater rítmico dos tambores de guerra, e supôs que Lord havia dado o alarma e organizava a perseguição.

O homem-macaco aumentou a velocidade, movendo-se sem errar pela trilha na qual passara apenas uma vez antes, e passara durante a noite; e atrás dele veio toda a tribo das guerreiras *zulis*, com seus homens brancos e escravos negros.

Lord havia finalmente conseguido fazer as *zulis* compreenderem que a morte de Woorá constituía benefício inútil, sem a posse da esmeralda que poderia conferir-lhes a riqueza e a independência no mundo externo; e assim é que uma multidão raivosa e sedenta de sangue perseguia o senhor da selva, em meio da tranqüila noite africana.

Bem claros aos ouvidos do homem-macaco chegavam os sons da perseguição, permitindo-lhe também avaliar o estado de espírito dos perseguidores. Se o alcançassem, não podia contar com a vitória, nem com qualquer misericórdia. Era demasiado o número deles, estavam com fúria desencadeada, eram selvagens demais

para demonstrar qualquer misericórdia. Apenas a astúcia do animal selvagem, astúcia essa que o ambiente e o preparo haviam implantado nele, poderia valer-lhe contra tais obstáculos.

Ao seguir pela trilha tortuosa que dava para o curso do riacho, na direção do divisor de águas, tornou-se agudamente ciente de uma presença que não conseguia ver. Seus sentidos aguçados diziam-lhe que não estava sozinho. Algo se movia com ele, atendo-se tão perto como sua sombra. Ele se deteve para escutar. A coisa parecia tão próxima que deveria dar para ouvi-la respirando, mas tal som não existia. Suas narinas aguçadas procuravam uma chave, mas não a encontravam.

Ao seguir adiante, procurou raciocinar e assim desvendar o mistério. Procurou até mesmo convencer-se de que era vítima de uma ilusão, mas Tarzan jamais sofrerá qualquer ilusão, apenas ouvira dizer que outras pessoas eram por vezes acometidas disso. E aquela presença estava sempre com ele, perseguindo-o como um fantasma.

Ele sorriu. Talvez fosse — talvez fosse o fantasma de Woorá. E então, de modo inteiramente repentino, percebeu a verdade. Era a grande esmeralda!

Parecia impossível, mas ainda assim não podia ser outra coisa. A pedra misteriosa possuía alguma qualidade em comum com a vida — uma aura que talvez fosse mesmérica. Era concebível que exatamente isso houvesse conferido a Woorá os poderes ocultos que o tinham tornado tão temido e poderoso. E viria explicar, em parte, o cuidado com o qual a pedra fora guardada.

Se fosse verdade, nesse caso as mesmas condições poderiam existir no caso do Gonfal, o grande diamante dos *kajis*. Sem ele, o poderio de Mafka desapareceria. O homem-macaco ficou pensando. Pensava também se o poderio de Mafka não seria duplicado, caso possuísse tanto o diamante quanto a esmeralda.

Como podiam aquelas pedras afetar o poder das pessoas? Bastava a simples posse de uma delas para trazer a qualquer mortal poderes tais como os exercidos por Woorá e Mafka?

Essa idéia causava perplexidade a Tarzan. Deixou-se pensar sobre o assunto por algum tempo enquanto seguia na direção do divisor de águas e logo chegou a uma decisão.

Voltando-se de modo abrupto para a direita, abandonou a trilha e procurou onde se esconder. Logo descobria uma grande pedra, ao pé da muralha do *canyon*. Por trás, estaria oculto da visão de qualquer pessoa na trilha. Sempre cauteloso, olhou em torno, procurando um meio de retirada caso se tornasse necessário, e viu que poderia escalar o lado do *canyon* com facilidade; em seguida, colocou-se atrás da pedra e aguardou.

Ouviu que os *zulis* vinham pela trilha. Não faziam qualquer esforço por ocultar

sua aproximação. Tornava-se evidente que, a seu ver, o fugitivo não lhes poderia escapar.

Já a frente da coluna chegava à vista, encabeçada por Lord. Havia mais de cinquenta homens, em sua maioria brancos, e trezentas ou quatrocentas guerreiras. Tarzan concentrou seus esforços sobre as últimas.

— Para trás! Para trás! — foi o que ordenou, mentalmente. — Voltem para a aldeia e fiquem lá.

As mulheres seguiram em sua marcha na trilha, aparentemente imunes, mas ainda assim Tarzan sentia a presença da esmeralda, com vigor maior do que antes. Ergueu-a de onde se achava, ao lado do corpo, abriu o couro em que a protegera. Sua superfície polida, refletindo o luar, emitiu raios que envolviam o homem-macaco em brilho sobrenatural. Quando suas mãos nuas tocaram a pedra, sentiu formigamento nos braços, no corpo, como se suave corrente elétrica estivesse a perpassá-lo. Percebeu a onda de poder novo — um poder estranho e incomum, que jamais lhe pertencera. Mais uma vez ordenou às mulheres que voltassem, e agora sabia que obedeceriam, agora conhecia seu próprio poder, sem a menor dúvida, sem o menor reboço.

As mulheres estacaram e deram meia-volta.

— O que se passa? — interpelou um dos homens.

— Eu vou voltar — respondeu uma das mulheres.

— Por quê?

— Não sei. Sei apenas que tenho de voltar. Não acredito que Woorá esteja morto. Ele está me chamando de volta. Ele chama a nós todas, para que voltemos.

— Bobagens! — exclamou Lord. — Woorá está morto. Eu vi quando morreu. Teve o crânio esmagado.

— Ainda assim, ele nos chama para que voltemos. As mulheres já começavam a regressar pela trilha, os homens se apresentavam indecisos. Lord disse, em voz baixa:

— Deixemos que se vão.

Ali ficaram eles, em pé, até que as mulheres houvessem desaparecido em uma curva da trilha.

— Somos mais de cinquenta — disse Lord, e aduziu:

— E não precisamos das mulheres. Será menor o número para dividir, quando pegarmos a esmeralda.

— Nós ainda não a pegamos — observou um dos outros.

— Mas é praticamente nossa, assim que pegarmos o *kaji*, antes que volte para a aldeia dele. É dos mais fortes, mas cinquenta de nós dão cabo dele.

Tarzan, por trás da pedra, sorria ao ouvir isso, mas era apenas a sombra de um sorriso, uma sombra.

— Vamos! — disse Lord. — Vamos andar. — Mas não se moveu, ninguém saiu de onde estava.

— Bem, por que você não começa? — perguntou um dos outros.

Lord empalideceu, parecia assustado.

— Por que você não começa? — perguntou.

— Não consigo — disse o homem. — E você também não. Sabe muito bem, Lord, é o poderio de Woorá. A mulher tinha razão... ele não morreu. Meu Deus! Como vamos ser castigados!

— Eu já disse que ele está morto — resmungou Lord.

— Morto sem remissão.

— Nesse caso, é o fantasma dele — sugeriu outro, a voz trêmula.

— Olhem! — gritou outro, apontando.

Movidos pelo mesmo impulso, olharam. Um deles, que fora católico, persignou-se. Outro rezava baixinho, e Lord praguejou.

De trás de um penhasco, bem afastado da trilha, espalhava-se uma luminosidade esverdeada, leve, tremelicante. emitindo raios tênues de luz esmeraldina, desafiando o brilho suave do luar.

Os homens ficaram fascinados, os olhos fixos no milagre. E surgiu então um homem, vindo de trás do penhasco — um gigante bronzeado, que envergava apenas tanga.

— O *kaji*! — exclamou Lord.

— É a grande esmeralda — disse outro. — Agora é nossa oportunidade.

Ninguém, entretanto, preparou a arma; ninguém avançou para o desconhecido. Só sabiam desejar, as vontades não podiam desobedecer àquele que possuía o poder misterioso da esmeralda.

Tarzan aproximou-se deles, estacou e os examinou.

— Há mais de cinquenta de vocês — observou. — Virão comigo à aldeia dos *kajis*. Alguns dos meus estão presos por lá. Nós os libertaremos, sairemos em seguida da terra dos *kajis*, tomaremos nossos rumos.

Não estava perguntando ou pedindo, ordenava; pois ele e todos aqueles homens

sabiam que, enquanto possuísem a grande esmeralda, não teriam de pedir nem perguntar nada a ninguém.

— Mas a esmeralda — disse Lord. — Você prometeu dividir comigo.

— Quando, faz poucos minutos, você planejou me matar — replicou o homem-macaco —, perdeu o direito de me fazer cumprir a promessa. Ademais, descobri o poderio da esmeralda. Esta pedra é perigosa. Em mãos de homens como você, poderia causar males infintos. Quando eu houver terminado, ela irá para o Neubari, onde ninguém poderá encontrá-la.

Lord arquejou.

— Meu Deus, homem! — gritou. — Você não poderia fazer isso! Não poderia jogar fora uma fortuna de dois ou três milhões de libras! Não, está brincando. Você não quer dividir... é isso. Quer ficar com ela toda para você.

Tarzan deu de ombros.

— Pense o que quiser, não faz diferença para mim. Agora, vocês me acompanharão. — E desse modo recomeçaram a caminhada pela trilha que atravessava o divisor de águas e descia para a região dos *kajis*.

Chegara o crepúsculo do dia seguinte, quando, de leve alteamento no terreno, Tarzan viu pela primeira vez a cidade de Kaji e reduto de Mafka. Fora construída no lado de um vale, bem próximo à superfície de um penhasco perpendicular de calcário. Parecia lugar consideravelmente maior que o dos *zulis*, do qual havia acabado de escapar. Ali ficou a examinar por alguns momentos e depois voltou-se para os homens, agrupados atrás dele.

— Viajamos muito, comemos pouco — disse. — Muitos de vocês estão cansados. Não será bom nos aproximarmos da cidade senão após a escuridão da noite. Assim sendo, descansaremos.

Tirou a lança de um dos homens e traçou uma linha no chão com a ponta aguda da arma.

— Vocês não podem atravessar esta linha — determinou —, nenhum de vocês.

Ato contínuo, entregou a lança de volta ao dono, afastou-se um pouco da linha que traçara entre si e eles e deitou-se. Uma das mãos continuava sobre a superfície luzidia da esmeralda e assim é que ele dormiu.

Os outros, satisfeitos por terem a oportunidade de descansar, deitaram-se imediatamente, e logo adormeciam. Nem todos, entretanto. Lord continuava desperto, os olhos fascinados e presos pela radiação débil da jóia que trazia a seu espírito as atrações da civilização, as atrações que tal fortuna poderia comprar.

O crepúsculo passou com rapidez, chegou a noite. A lua ainda não subira, a

escuridão era grande. Apenas a luminosidade verde, cercando o homem-macaco, aliviava aquela treva completa. Ao seu brilho fantasmagórico, Lord enxergava o homem a quem chamava de “o *kaji*”. Observava a mão que repousava na esmeralda — observava e aguardava, pois conhecia grande parte do poderio da pedra e o modo pelo qual era conferido a seu possuidor.

Fazia planos e deixava alguns de lado. Aguardava. Tarzan se moveu, dormindo, a mão deslizou da face da esmeralda; foi quando Lord se ergueu. Agarrou a lança com firmeza e arrastou-se cautelosamente na direção do homem que dormia. Tarzan não dormira por dois dias, estava imerso no sono pesado do esgotamento.

À linha que Tarzan traçara no chão, Lord hesitou por momentos, mas logo a atravessava e sabia que o poder da esmeralda passara, saída do desconhecido, quando sua mão deslizara da pedra. Por muitos anos Lord observara Woorá, sabia que sempre que forçava sua vontade sobre outra pessoa uma parte do corpo se achava em contato com a esmeralda, mas teve um suspiro de alívio ao ver confirmada tal esperança.

Aproximava-se agora do homem-macaco adormecido, a lança pronta na mão. Acheou-se mais e ali ficou em silêncio, por instantes, sobre Tarzan adormecido e inconsciente. Em seguida, abaixou-se e apanhou a esmeralda.

O plano de matar Tarzan fora um dos que ele abandonara. Receara que o homem pudesse gritar, antes de morrer, e assim despertar os demais; e isso não se ajustava ao seu plano, pois queria possuir a esmeralda sozinho.

Afastando-se furtivamente, desapareceu na noite.

O poço do leopardo

O homem-macaco despertou com um sobressalto. A lua brilhava sobre seu rosto, e no mesmo instante percebeu que dormira demais. Pressentiu que algo faltava, procurou a esmeralda. Não a encontrando, olhou em volta. Desaparecera. Ele se pôs em pé com um salto, aproximou-se dos homens adormecidos. Um olhar rápido confirmou a primeira desconfiança. Lord desaparecera!

Examinou os homens, eram cinqüenta. Sem a esmeralda, não tinha poder algum sobre eles, não os poderia controlar. Transformar-se-iam em inimigos. Saiu dali e circundou o campo, até encontrar o faro do ladrão. Estava onde contara encontrá-lo — dando para o vale do Mafa, na direção do vale do Neubari. Não sabia que vantagem Lord tinha. Talvez fosse de duas horas, mas ainda que fossem duas semanas teria sido o mesmo. Homem algum poderia escapar ao senhor da selva.

Ele prosseguiu em marcha pela noite, o faro bem forte nas narinas. A trilha dava para a cidade dos *kajis*. O terreno era descampado e de inclinação suave, o luar intenso. Tarzan caminhava com rapidez, muito mais rapidez do que Lord.

Estivera seguindo o inglês por talvez uma hora, quando percebeu uma luz débil e esverdeada muito à frente. Ela se movia para a direita de uma linha reta e Tarzan sabia que, tendo passado pela cidade dos *kajis*, Lord voltava para a trilha. Atalhando diretamente, o homem-macaco podia ganhar muita distância. Ao fazê-lo, aumentou a velocidade, caminhando com passos largos e ligeiros.

Estava ganhando terreno com rapidez, quando de repente o chão cedeu a seus pés e ele foi precipitado em um buraco negro. Caiu sobre terra solta e ramos fracos que formavam um acolchoamento, amaciando a queda, de modo que não se feriu.

Ao se repor em pé, verificou ser difícil movimentar-se em meio dos ramos, que cediam quando pisava neles ou emaranhavam-se nos pés, quando os procurava evitar. Erguendo o olhar, viu a boca do poço fora de alcance, lá por cima.

Adivinhou logo a finalidade daquilo. Tratava-se, com toda a probabilidade, de um poço de leopardos, utilizado pelos *kajis* a fim de capturar vivos aqueles felinos ferozes. E compreendeu igualmente o fito da terra solta e os ramos que haviam amortecido sua queda; não proporcionavam chão firme do qual um leopardo pudesse saltar de volta à liberdade. Ergueu novamente o olhar, fitando a orla do poço. Estava muito acima de sua cabeça e duvidou de que um felino pudesse saltar dali, ainda que não houvesse ramos e galhos no chão; na verdade, teve a certeza de que tal seria impossível.

Nada havia a fazer, senão esperar. Se se tratasse de um poço novo, e parecia ser, os *kajis* logo surgiriam, em questão de um dia, mais ou menos, ocasião em que seria capturado ou morto. Era tudo quanto tinha a esperar. Nenhum leopardo cairia sobre ele, agora que a cobertura do poço já não estava oculta, após sua queda.

Pensou em Lord e nos malefícios que este poderia causar, se chegasse ao mundo exterior em posse da grande esmeralda dos *zulis*, mas não se preocupou muito pelo fato de ter deixado de alcançar o inglês. As coisas haviam transcorrido de outro modo, resignava-se, fizera o melhor possível. Nunca se lamentava, nunca se preocupava. Limitava-se a esperar o acontecimento seguinte que a vida lhe traria, calmo no conhecimento de que, fosse o que fosse, ele o enfrentaria com os recursos naturais de que dispunha, além dos recursos de que os homens comuns eram dotados. Não que fosse criatura egoísta, bastava-lhe ter certeza de si próprio.

A noite se estendeu e ele se valeu disso para dormir bem. Os nervos, que não tinham sido enfraquecidos por vida dissipada, nem mesmo se haviam retesado naquela dificuldade em que se encontrava ou pela iminência de captura ou de morte. Ele adormeceu.

O sol já ia alto pelo céu quando Tarzan despertou. Ouviu atentamente o som que o despertara. Era o som de passos, trazido da distância por meio da terra. Os passos se aproximavam, ele ouviu vozes. Eles, então, estavam chegando! Ficariam surpresos ao verem o leopardo que haviam capturado. Aproximaram-se e ele ouviu as exclamações de satisfação, ao descobrirem que a abertura do poço fora rompida; e logo chegavam à orla, olhando-o de lá. Viu o rosto de diversas guerreiras e alguns homens, todos cheios de espanto.

— Aí está um belo leopardo! — exclamou um deles.

— Mafka ficará satisfeito ao receber novo recruta.

— Mas como foi que caiu aí? Como poderia passar pelos guardas, na entrada do vale?

— Vamos puxá-lo para cima. Ei, você aí! Pegue essa corda e amarre em volta dos braços.

Ato contínuo, uma corda foi jogada ao fundo do poço.

— Segurem — disse o homem-macaco — e eu subirei. Desde muito resolvera entregar-se ao cativoiro sem luta, e o faria por dois motivos. Um deles era que a resistência certamente representaria a morte; o outro, que o cativoiro o aproximaria de Mafka, possivelmente simplificando o salvamento de Wood e seus amigos.

Não ocorria a Tarzan o fato de que talvez não pudesse providenciar sua própria fuga. Não se inclinava a examinar qualquer possibilidade com pensamentos antecipados de fracasso. Talvez isso, por si só, explicasse até certo ponto o fato de

que raramente fracassava no que pretendia fazer.

Os que estavam lá fora seguraram a corda, enquanto o homem-macaco galgava com a agilidade de um símio. Quando se achava de pé no chão firme, viu-se diante de diversas pontas de lança. Havia ali oito mulheres e quatro homens, todos brancos. As mulheres achavam-se armadas, os homens traziam uma rede grossa.

As mulheres o avaliaram sem qualquer disfarce.

— Quem é você? — perguntou uma delas.

— Um caçador — respondeu Tarzan.

— O que está fazendo aqui?

— Eu ia procurar o Neubari, quando caí no poço de vocês.

— Estava saindo?

— Sim.

— Mas como foi que chegou aqui? Só existe uma entrada para a terra dos *kajis*, e a entrada é guardada. Como passou por nossas guerreiras?

Tarzan deu de ombros.

— É evidente que eu não vim por ali — explicou.

— Não existe outro caminho, estou dizendo — insistiu a guerreira.

— Mas eu vim por outro. Passei pelas montanhas, a boa distância daqui, querendo caçar. Esse o motivo pelo qual vim do oriente. Eu estava caçando naquela região, descendo do norte. O caminho era difícil, eu procurava o modo mais fácil de chegar ao Neubari. Agora que saí do poço, vou prosseguir.

— Calma aí! — disse a mulher que lhe falara pela primeira vez e que participara mais da conversa, desde o início. — Você irá conosco. É prisioneiro.

— Está bem — concordou o homem-macaco. — Façam como quiserem... vocês são oito lanças e eu apenas uma faca.

Não tardava para que Tarzan fosse desprovido até mesmo dessa faca, já que a tiraram dele. Não amarraram suas mãos atrás do corpo, demonstrando assim o desdém que sentiam pela bravura dos homens. Algumas delas seguiam à frente, outras atrás de Tarzan, bem como os quatro homens, quando empreenderam a caminhada na direção da cidade, vista a pouca distância. Em qualquer dos momentos o homem-macaco poderia ter feito uma arremetida, procurando fugir, caso o desejasse, e com grandes possibilidades a favor, graças à velocidade de que era dotado; mas desejava entrar na cidade dos *kajis*.

Suas captoras falavam incessantemente entre si. Falavam contra outras mulheres que não estavam ali, e o faziam de modo depreciativo, em todos os momentos;

queixavam-se das dificuldades que atravessavam; ao arrumarem os cabelos, comparavam o talhe, caimento e qualidade das peles que formavam suas tangas e cada uma delas dissertava sobre a qualidade de alguma pele excepcionalmente rara que contava adquirir no futuro.

Os quatro homens marchando em companhia de Tarzan procuravam conversa com ele. Um era sueco, outro polonês, outro alemão e um inglês. Falavam todos a estranha língua dos *kajis* — mistura de muitos idiomas. Tarzan conseguia compreendê-los, mas encontrava dificuldade em fazê-los entender o que dizia, a menos que se exprimisse na língua nativa daquele com quem estava falando no momento, ou se falasse francês, que aprendera com D'Arnot antes de adquirir conhecimento de inglês. Apenas o sueco não entendia francês, mas falava um inglês macarrônico, idioma que o alemão entendia, mas não o polonês. Assim é que uma conversa geral se tornava difícil, e Tarzan preferiu conversar com o inglês, cujo conhecimento de francês era pequeno, os dois falando sua língua comum.

Ouviu que o homem era chamado Troll e recordou que

Stanley Wood lhe dissera ser esse o nome de um de seus caçadores brancos. O homem era baixote e atarracado, de ombros fortes e baixos, braços compridos, o que lhe conferia aparência de gorila. Era dono de musculatura desenvolvida. Tarzan aproximou-se mais dele.

— Você estava com Wood e Van Eyk? — perguntou. O outro ergueu o olhar, fitando-o com surpresa.

— Você os conhece? — indagou.

— Conheço Wood. Eles o recapturaram? Troll assentiu, confirmando.

— Não se pode sair deste lugar infernal. Mafka sempre puxa a pessoa para trás, quando não mata. Wood quase escapuliu. Um camarada... — e ele fez uma pausa.

— Escute, você é o Clayton?

— Sou.

— Wood falou a seu respeito. Eu devia tê-lo reconhecido desde o começo por causa da descrição que Wood fez de você.

— Ele ainda está vivo?

— Está, sim. Mafka ainda não o matou, mas está furioso. Ninguém andou tão perto de fugir, até hoje. Acho que o velho tremeu nas calças... só que ele não usa calça. Uma expedição grande, formada por brancos, podia esquentar a coisa para ele... um negócio assim como um batalhão de soldados. Meu Deus do céu! Como eu gostaria de ver um batalhão chegando por aqui!

— E que me diz do Gonfal? — indagou Tarzan. — Mafka não poderia deter esse

batalhão como detém os outros, usando o poder do grande diamante?

— Ninguém sabe, mas a gente acha que não. A gente pensa assim porque, se ele pudesse, não haveria de ficar com tanto medo da fuga de um de nós.

— Você acha que Mafka pretende matar Wood?

— Nós temos certeza disso. Ele não está só com raiva porque Wood quase escapuliu, mas essa raiva aumentou porque Wood se apaixonou por Gonfala, a rainha. E parece que Gonfala deu confiança a Wood. Isso seria ruim também, porque ela é negra.

— Wood me disse que ela era branca.

— É mais branca do que você, mas olhe todas essas mulheres aqui. Elas são brancas? Parecem brancas, porém todas têm sangue negro. Mas não caia na besteira de dizer isso a elas. Lembra-se do Kipling? “Ela me apunhalou na anca, porque desejei que fosse branca”? Bem, o negócio é esse, está aí a explicação. Elas querem ser brancas. Só Deus sabe o motivo, porque ninguém vê essas mulheres, só nós; e a gente não importa a cor. No que me diz respeito, podiam ser verdes. Estou casado com seis de uma vez. Elas me obrigam a fazer todo o trabalho, enquanto ficam sentadas, batendo boca, falando de cabelo e tanga. Quando elas não fazem isso, é porque estão falando mal de alguma outra mulher ausente.

Parou um instante, aduzindo em tom sonhador:

— Eu tinha uma mulherzinha na Inglaterra. Pensei que ela não era das melhores, fugi de lá, e olhe só o que arranjei! Seis de uma vez.

Troll manteve a conversa sem cessar, até chegarem à cidade. Havia passado por mais dificuldades do que o encarregado da seção de trocas, em qualquer grande loja urbana.

A cidade de Kaji era cercada por blocos de calcário, tirados do penhasco contra o qual fora construída. Também as construções por dentro desse cercado eram de calcário. Ali se viam casas de ume dois pavimentos, a não ser o palácio de Mafka, que se erguia contra o penhasco, tendo quatro pavimentos.

O palácio e a cidade davam a impressão de construção prolongada, já que algumas partes do primeiro e a parte de baixo de alguns dos edifícios haviam sofrido mais com as intempéries que outras. Nas ruas havia homens negros e brancos, bem como guerreiras. Algumas crianças, todas elas meninas, brincavam ao sol; cabras eram vistas por toda a parte. Essas coisas, bem como muitas outras, foram observadas pelo homem-macaco, ao ser conduzido pela rua principal, na direção do palácio de Mafka.

Ouvira as mulheres falando a seu respeito, avaliando-o, assim como pecuaristas

comentariam um touro para a procriação. Uma delas observou que o prisioneiro deveria alcançar bom preço, mas ele continuava a andar, parecendo inteiramente cego a todas elas.

O interior do palácio fez Tarzan pensar no interior do palácio de Woorá, a não ser pelo fato de que era mais completo, com mais riqueza. Mafka se achava mais próximo da fonte de abastecimento e ali se encontrava o resultado do saque de muitos safáris. Tarzan procurava imaginar como Woorá detivera alguma coisa.

Os quatro homens haviam sido dispensados, no interior da cidade; apenas as oito mulheres acompanhavam Tarzan no interior do palácio. Haviam sido detidas à entrada fortemente armada e ali tinham esperado, enquanto a notícia era levada ao interior da construção; e logo, tendo alguns componentes da guarda por acompanhamento, haviam entrado no palácio. Passando por um corredor comprido, e também por outra porta bem guardada, eles prosseguiram, sendo então levados a uma câmara ampla. Na extremidade oposta havia uma figura acocorada sobre um trono. Ao vê-la, Tarzan quase deixou transparecer emoção pela surpresa — era Woorá!

Ao lado deste, em outro trono, achava-se sentada uma bela moça. Tarzan calculou que seu nome fosse Gonfala, a rainha. Mas Woorá! Ele vira o homem morrer, com seus próprios olhos. Poderia a mágica chegar a esse ponto, o de ressuscitar os mortos?

Ao ser levado à frente e estacar diante dos tronos, esperou que Woorá o reconhecesse, demonstrasse o rancor que devia sentir por ter sido contrariado, tendo perdido a grande esmeralda. Mas o homem não deu qualquer sinal de ter visto Tarzan em ocasião anterior.

Ouviu o relato da chefe do grupo que capturara o homem-macaco, mas por todo o tempo tinha os olhos cravados no prisioneiro. Eram olhos que pareciam perfurá-lo, porém ainda assim não se percebia qualquer sinal de reconhecimento. Terminado o relato da guarda, o mágico sacudiu a cabeça, tomado de impaciência. Parecia perplexo e preocupado.

— Quem é você? — interpelou.

— Sou um inglês. Estava caçando.

— Caçando o quê?

— Comida.

Enquanto o mágico interrogava Tarzan, mantinha a mão sobre um diamante imenso, posto num suporte a seu lado. Era o Gonfal, o grande diamante dos *kajis*, pedra que dotava seu possuidor dos mesmos poderes misteriosos inerentes à grande esmeralda dos *zulis*.

A jovem sentada no outro trono permanecia silenciosa e taciturna, os olhos fitos nos do homem-macaco. Usava peitoral de ouro virgem e peitilho coberto de discos de ouro. A saia fora feita das peles de filhotes de leopardo, macias e presas a seu corpo. Calçava sandálias requintadas, e sobre os antebraços, pulsos e tornozelos viam-se muitas argolas de cobre e ouro. Tinha sobre a cabeça loura uma coroa leve. Era ela o símbolo do poder, mas Tarzan sabia que o verdadeiro poder estava na figura grotesca e medonha ao lado, figura que envergava apenas uma tanga velha e suja.

Finalmente, o homem fez movimentos, denotando impaciência.

— Levem-no daqui — ordenou.

— E não devo escolher as esposas para ele? — interpelou Gonfala. — As mulheres pagariam muito por esse aí.

— Ainda não — replicou o companheiro. — Existem motivos pelos quais devo observá-lo algum tempo. Será provavelmente melhor destruí-lo do que dá-lo às mulheres. Levem-no daqui!

A guarda levou o homem-macaco para um andar superior, colocando-o dentro de uma grande câmara. Ali o deixaram a sós, fechando a porta ao saírem. Era aposento sem qualquer móvel, excetuando dois banquinhos. Diversas janelinhas na parede, dando para a cidade, permitiam a entrada da luz e o arejamento. Na parede em frente via-se uma lareira enorme, na qual, ao que parecia, nenhum fogo jamais fora aceso.

Tarzan investigou aquela prisão. Descobriu que as janelas eram altas demais com relação ao chão, para serem utilizadas como meio de fuga, sem auxílio de uma corda, e ele não tinha corda alguma. A lareira era o único componente do aposento que podia despertar algum interesse. Tratava-se de lareira invulgarmente grande, tão profunda que parecia uma caverna, e ao entrar nela não foi preciso abaixar-se. Ficou imaginando o motivo pelo qual uma lareira tão grande fora construída, sem ser usada em época alguma.

Entrando, ergueu o olhar para a chaminé, julgando que assim poderia descobrir como sair, caso ela tivesse proporções correspondentes às da lareira. Estava fadado a uma decepção, todavia, pois nenhum brilho de luz existia por ali indicando abertura que desse para o exterior.

Seria possível que a lareira fosse construída apenas como adorno arquitetônico do aposento — que fosse uma lareira falsa? Parecia altamente improvável, já que o aposento não dispunha de qualquer outro embelezamento e a própria lareira não era ponto de beleza arquitetônica, não passava de uma abertura na parede.

Qual, então, teria sido seu fito? O problema intrigava a imaginação ativa do senhor da selva. Era possível, naturalmente, que houvesse chaminé, mas que essa

tivesse sido fechada, o que constituiria a explicação óbvia, caso a lareira desse qualquer sinal de já ter sido utilizada. Ainda assim, tal não ocorria; não se via a menor descoloração no interior — nenhum fogo fora aceso ali.

Tarzan estendeu-se para cima o mais que pôde, mas não conseguiu tocar em teto algum; em seguida, passou os dedos pela parede dos fundos do compartimento destinado ao fogo. À ponta dos dedos, sentiu uma proeminência. Erguendo-se sobre os dedos dos pés, agarrou com firmeza essa proeminência, usando os dedos de ambas as mãos. Em seguida, suspendeu-se devagar. Mesmo quando seus braços estavam retos e ele se erguera o mais que podia, a cabeça não tocava em teto algum. Inclinou o corpo vagarosamente à frente até que, afinal, se achasse sobre o beirai. O recanto, portanto, tinha pelo menos alguns palmos de profundidade.

Ele puxou as pernas para cima e depois se ergueu vagarosamente, pondo-se em pé. Suspendeu a mão acima da cabeça e, a um palmo, sentiu a pedra de um teto — havia bastante espaço para andar. Lateralmente, a abertura tinha cerca de três palmos de largura.

Estendeu a mão à frente, a fim de examinar a profundidade, mas não encontrou coisa alguma; caminhou então adiante, devagar. Deu alguns passos apenas — nada encontrava. Movendo-se com cautela, tateou e seguiu em frente. Logo se convencia do que desconfiara — estava em um corredor, e o segredo da “lareira” fora parcialmente revelado. Mas para onde dava o corredor?

A escuridão era completa. Talvez estivesse à beira de um poço, sem desconfiar. Se houvesse corredores a se espalharem, partindo dali, talvez se perdesse inapelavelmente, em um ou dois minutos. Desse modo, manteve a mão esquerda em contato constante com a parede por aquele lado. Caminhava devagar, apalpando o caminho à frente com o pé, antes de pisar nele, e a mão direita estava sempre estendida à frente do corpo.

Assim é que caminhou por distância considerável, percebendo que o corredor se voltava gradualmente para a esquerda, até encontrar-se em ângulo reto com o rumo inicial. Logo via uma luz fraca à frente, parecendo vir do chão do corredor. Ao se aproximar mais, notou que ela vinha de uma abertura no chão. Deteve-se na beirada da abertura e espiou para baixo. A pouco menos de dois metros via uma laje de pedra — o chão de uma lareira. Tornava-se evidente que aquela passagem secreta dava de uma lareira falsa para outra.

Ficou atentamente à escuta, mas nada ouviu, senão o que devia ser uma respiração muito suave — quase suave demais, quase passando despercebida até mesmo aos ouvidos aguçados do homem-macaco. As narinas percebiam o aroma de uma mulher.

Por momentos, Tarzan hesitou e deixou-se cair sem ruído ao chão da lareira. Não fez som algum. Tinha diante de si uma câmara ornamentada com luxo bárbaro. A uma janela na parede à frente, olhando para a cidade embaixo, via-se uma jovem de cabelos dourados, de costas para a lareira.

Tarzan não precisava ver-lhe o rosto para saber que era Gonfala.

O fim do corredor

Sem qualquer ruído ele entrou na câmara e caminhou na direção da extremidade da mesma, aproximando-se do umbral. Procurava chegar à porta antes que ela o descobrisse. Preferiria que ela não soubesse como entrara no aposento. Um ferrolho grosso, de madeira, prendia a porta, por dentro. Ele chegou lá sem atrair a atenção da jovem, pôs a mão no ferrolho.

Fê-lo deslizar em silêncio e depois se afastou da porta, rumo à janela onde a garota se encontrava absorta em seus devaneios. Dava para ver o perfil dela. Gonfala já não parecia taciturna, porém, ao contrário, indizivelmente triste.

O homem estava bem próximo dela quando a jovem lhe percebeu a presença. Não o ouvira. Voltava de repente à consciência, notando que não se achava a sós, e então girou lentamente, da janela. Apenas o leve alargamento do olhar e o pequeno arquejo revelaram a surpresa que a acometia. Ela não gritou nem emitiu qualquer exclamação de surpresa.

— Não tenha medo — disse ele. — Não vim atacá-la.

— Não tenho medo — foi a resposta. — São muitas as guerreiras a quem posso chamar. Mas como foi que chegou aqui?

Ela olhou para a porta, viu que o ferrolho estava aberto.

— Devo ter esquecido de fechar a porta, mas não entendo como você passou pela guarda. Ela ainda está lá, não é?

Tarzan não respondeu, pôs-se a olhá-la, maravilhando-se diante da transformação sutil que se efetuara na moça, desde que a vira no trono, pouco tempo antes. Já não era mais a rainha, porém uma jovem, terna, suave e atraente.

— Onde está Stanley Wood? — perguntou.

— O que é que você sabe de Stanley Wood? — contrapôs ela, em tom de quem exige resposta.

— Sou amigo dele. Onde está Stanley? O que vão fazer com ele?

— Você é amigo? — perguntou ela, em tom pensativo, os olhos bem arregalados.
— Mas não, isso não causa diferença alguma... por mais amigos que tenha, nada poderá salvá-lo.

— Gostaria de que se salvasse?

— Sim.

— Nesse caso, por que não me ajuda? Você tem poder para isso.

— Não, não posso. Você não compreende. Eu sou rainha. Sou eu quem deve condená-lo à morte.

— Você já o ajudou antes a escapar — recordou Tarzan.

— Psiu! Não fale tão alto — advertiu ela. — Mafka já desconfia disso. Se soubesse, não sei o que faria com ele e comigo. Mas sei que desconfia. É esse o motivo pelo qual sou mantida neste quarto, com guardas que não me deixam sair. Ele diz que é para me proteger, mas sei que não é assim.

— Onde está esse Mafka? Gostaria de vê-lo.

— Você já o viu. Foi levado a ele, na sala do trono.

— Aquele era Woorá — contrapôs Tarzan. Ela sacudiu a cabeça em negativa.

— Não. Quem lhe deu idéia tão estapafúrdia? Woorá está com os *zulis*.

— Esse, então, era Mafka! — disse o homem-macaco, e lembrou-se, então, da teoria de Lord, de que Mafka e Woorá eram gêmeos idênticos. — Mas pensei que ninguém podia ver Mafka.

— Foi Stanley Wood quem lhe disse isso — observou Gonfala. — Aí está o que ele pensou, o que lhe disseram. Mafka andou muito doente, por bastante tempo. Não se atrevia a que soubessem disso. Receava que alguém se aproveitasse para matá-lo. Mas queria ver você. Queria ver um homem que pôde entrar em nosso país e aproximar-se tanto da cidade quanto você, sem que ele o soubesse. Eu própria não o compreendo, e deu para ver que ele ficou agitado, quando conversava com você. Quem é você? O que é você? Como entrou aqui? Tem poderes iguais aos de Mafka?

— Talvez — respondeu. Não faria mal algum, se ela o julgasse possuidor de poderes assim. Falava em voz baixa agora e a observava atentamente. — Você gostaria de que Stanley Wood fugisse, gostaria de ir com ele. Por que não me ajuda?

Ela o fitou, cheia de aflição. Dava para ler-lhe o anseio no olhar.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou Gonfala.

— Ajude-me a ver Mafka” .. sozinho. Diga-me onde encontrá-lo.

Ela estremeceu, e o medo que sentia refletia-se na expressão fisionômica.

— Sim — disse ela. — Posso dizer-lhe. Se você ... Fez uma pausa, sua expressão modificou-se, o corpo enrijou. O olhar tornou-se duro e frio, cruel. A boca adotou a expressão taciturna que usara quando Tarzan a vira pela primeira vez na sala do trono. Lembrou-se, então, da afirmação de Wood, de que ela, às vezes, era um anjo, e outras, demônio. A metamorfose ocorrera diante de seu próprio olhar. Mas o que a causara? Era possível, naturalmente, que ela sofresse de alguma forma de insanidade

mental, mas ainda assim Tarzan duvidava. Acreditava que fosse outra a explicação.

— E então? — perguntou ele. — Você ia dizendo...

— Guarda! Guarda! — gritou ela. — Socorro! Tarzan deu um salto à porta, correu o ferrolho. Gonfala sacou a adaga da cinta e deu um salto na direção dele. Antes que o pudesse atingir, o homem-macaco segurou-a pelo pulso e arrebatou-lhe a arma.

A guarda batia na porta, berrava, pedindo para entrar. O homem-macaco segurou Gonfala pelo braço, tinha a adaga que lhe tirara pronta a golpear.

— Diga à guarda que você está bem — cochichou-lhe. — Diga-lhes que vão embora.

Ela rosnou, tentou morder-lhe a mão, e logo gritava mais alto do que antes, pedindo socorro.

No lado oposto do aposento, em frente à porta pela qual a guarda procurava entrar, havia outra, fechada por dentro como a primeira. Na direção dela o homem-macaco arrastou Gonfala, que gritava. Correndo o ferrolho, abriu a porta. Dava para outra câmara, no lado oposto da qual se via uma terceira porta. Ali se achava uma série de aposentos, de que seria bom lembrar-se.

Ele empurrou Gonfala para a primeira câmara, fechou e trancou a porta. As guerreiras da guarda batiam agora na porta fechada, cheias de aflição. Era evidente que logo a derrubariam e entrariam no aposento.

Tarzan dirigiu-se à lareira e saltou para a boca da passagem secreta, exatamente quando a porta era derrubada e as guerreiras entraram no aposento. Ali ficou onde estava

— à escuta. Dava para ouvir Gonfala gritando, no aposento ao lado, batendo na porta, que logo era aberta.

— Onde está ele? — perguntou a rainha. — Vocês o pegaram?

— Onde está quem? Não há ninguém aqui — respondeu uma das mulheres da guarda.

— O homem... o prisioneiro que foi trazido hoje.

— Não havia ninguém aqui — insistiu uma das guerreiras.

— Vão imediatamente informar a Mafka que ele fugiu

— ordenou ela. — Algumas de vocês vão ao quarto em que ele foi preso e descubram como saiu. Depressa! Não fiquem aí paradas, como se fossem idiotas. Acham que não sei o que vi? Já disse que ele esteve aqui. Tirou minha adaga e me empurrou para aquele quarto. Agora vão! Mas fiquem aqui algumas de vocês. Talvez ele volte.

Tarzan não aguardou mais — tratou de refazer sua caminhada pela passagem, até o aposento no qual fora aprisionado. Deixou a adaga de Gonfala no peitoril alto, dentro da lareira, e mal se havia sentado em um dos banquinhos quando ouviu passadas no corredor lá fora. Logo a porta era escancarada, e algumas guerreiras entravam.

Demonstraram a surpresa que sentiam, ao vê-lo sentado tranqüilamente na cela.

— Onde esteve? — interpelou uma delas.

— E onde poderia eu ir? — contrapôs o homem-macaco.

— Você esteve no quarto de Gonfala, a rainha.

— Mas como poderia ter ido lá? — replicou Tarzan.

— É o que queremos saber. Tarzan deu de ombros.

— Alguém está louco — asseverou —, mas não sou eu. Se acham que eu estive lá, por que não perguntam à rainha?

As guerreiras sacudiam a cabeça, perplexas.

— Isto de nada adianta — observou uma delas. — Ele está aqui, é tudo que temos de saber. Que Mafka solucione o enigma.

Ato contínuo, retiraram-se.

Decorreu uma hora, durante a qual Tarzan não ouviu coisa alguma, e depois a porta foi aberta, uma guerreira ordenou que saísse. Escortado por uma dúzia delas, foi levado por comprido corredor a um alojamento no mesmo andar do palácio. Sua noção de direção dizia-lhe que a peça fazia parte do conjunto contíguo aos aposentos da rainha.

Lá estava Mafka, atrás de uma mesa sobre a qual se via algo coberto por pano. Também sobre a mesa achava-se o grande diamante de Kaji, o Gonfal. A mão esquerda de Mafka repousava sobre ele.

As narinas aguçadas do homem-macaco farejavam sangue e seus olhos viram que o pano cobrindo o objeto sobre a mesa estava manchado de sangue. Sangue de quem? Algo lhe disse que fora trazido para ver aquilo que se achava por baixo do pano ensangüentado.

Apresentou-se diante do mágico, os braços cruzados no peito amplo, o olhar firme e inflexível sobre a figura grotesca que defrontava. Por minutos, os dois assim ficaram em silêncio, travando estranha batalha mental. Mafka tentava sondar a mente de seu prisioneiro e Tarzan sabia disso, mas apresentava defesa passiva. Tinha certeza de que o outro não o conseguiria controlar.

Mafka irritou-se. Aquilo era algo novo que lhe acontecia, o ser derrotado. A

mente do homem que tinha à frente era como um livro fechado. Sentia um pouco de medo dele, mas a curiosidade o obrigava a vê-lo, impedia que ordenasse a destruição do prisioneiro. Desejava sondá-lo, desejava romper aquele selo. Dentro do livro que tinha à frente, havia algo estranho e novo. Mafka estava decidido a tomar conhecimento do que esse livro revelava.

— Como chegou ao quarto da rainha? — interpelou, de repente.

— Se estive ou não no quarto da rainha, quem poderia sabê-lo melhor do que Mafka? — contrapôs Tarzan. — Se estive lá, quem poderia saber, melhor do que Mafka, como lá cheguei?

O mágico pareceu inquieto. Sacudiu a cabeça com raiva.

— Como chegou lá? — bradou.

— E como sabe que estive lá? — replicou o homem-macaco.

— Gonfala viu você.

— E ela tem certeza de que era eu pessoalmente ou apenas um produto de sua imaginação? Não teria sido possível ao grande Mafka fazê-la pensar que estive lá, quando não estive?

— Mas eu não o fiz — resmungou o mágico.

— Talvez alguém mais o tenha feito — sugeriu Tarzan.

Tinha a certeza, agora, de que Mafka ignorava a existência da passagem secreta pela qual chegara aos aposentos de Gonfala. Talvez aquela parte do palácio pertencesse a um período anterior a Mafka, mas por que motivo ninguém investigara as lareiras que, de modo óbvio, não se destinavam a fogos acesos? Havia lareira naquele aposento onde Mafka se encontrava e onde, sem dúvida, estivera muitas vezes antes. Tarzan também imaginava se dava para um corredor, e a que local esse corredor conduzia, mas teve pouco tempo para conjecturar, porquanto Mafka veio com nova pergunta.

— Quem tem esse poder, senão Mafka? — perguntava o mágico, cheio de arrogância, mas havia incerteza na voz. Aquilo era mais um desafio do que declaração de fato.

Tarzan não respondeu e Mafka pareceu ter esquecido a pergunta feita, enquanto continuava a perscrutar atentamente o homem-macaco. Este último, indiferente, examinou o interior do aposento com olhar calmo, ao qual nada escapou. Por portas abertas e que davam para outros aposentos, via um dormitório e uma oficina. Esta última era semelhante à que ele vira no palácio de Woora. Tornava-se óbvio que aquele era o conjunto de aposentos de Mafka.

O mágico, de repente, saiu-se com outra pergunta:

— Como chegou a Zuli, sem que minhas sentinelas o vissem?

— Quem disse que estive em Zuli? — contrapôs Tarzan.

— Você matou meu irmão. Roubou a grande esmeralda dos *zulis*. Vinha matar-me. Pergunta agora quem disse que você esteve em Zuli. O mesmo homem que me contou essas outras coisas. Este homem! — E ele retirou o pano que encobria o objeto sobre a mesa.

Olhando para o homem-macaco, de olhos abertos, estava a cabeça ensangüentada do inglês Lord, e ao lado dela a grande esmeralda dos *zulis*.

Mafka observava o prisioneiro atentamente, a fim de ver a reação àquele clímax surpreendente e dramático do encontro, mas foi pouca a satisfação obtida. A expressão do semblante de Tarzan não sofreu qualquer mudança.

Reinou silêncio, por momentos, e depois Mafka falou.

— Assim morrem os inimigos de Mafka — asseverou.

— Assim é que você vai morrer, bem como os outros que trouxeram intriga e descontentamento a Kaji. Voltou-se então para a chefe da guarda.

— Levem-no daqui. Ponham-no novamente na câmara do sul, com os outros encenqueiros que vão morrer com ele. Dia aziago, o que os trouxe a Kaji.

Fortemente escoltado, Tarzan foi levado de volta ao aposento em que o tinham confinado. Devido às instruções de Mafka à chefe da guarda, contara encontrar outros prisioneiros quando voltasse, mas estava sozinho. Ficou pensando em quem seriam seus futuros companheiros e depois caminhou para a janela, olhando a cidade lá fora, o amplo vale de Kaji.

Ali ficou por muito tempo, tentando formular algum plano pelo qual pudesse entrar em contato com Wood e examinar os meios que permitissem a fuga do americano. Tinha um plano próprio, mas precisava do conhecimento maior de que Wood dispunha, no tocante a certas questões relacionadas a Mafka e aos *kajis*, antes de contar com certeza razoável de êxito.

Ao ponderar, ali em pé, a conveniência de regressar aos aposentos de Gonfala e buscar novamente a colaboração que sabia ter ela estado a ponto de dar, quando ocorrera a transformação repentina de Jekyll em Hyde, modificação tão notável nela, ouviu passadas diante da porta da prisão. Logo, o ferrolho era aberto e a porta se escancarava. Quatro homens foram empurrados para dentro, com brutalidade. Atrás deles, a porta batia e era trancada. Um dos quatro homens era Stanley Wood. Ao ver Tarzan, exclamou com espanto:

— Clayton, de onde veio? Que diabo está fazendo aqui?

— O mesmo que você... esperando que me matem.

— Como foi que ele o pegou? Eu o julguei imune... que ele não o poderia controlar.

Tarzan explicou o infortúnio que lhe ocorrera, no poço de leopardo, e logo Wood apresentou os demais três companheiros. Eram Robert van Eyk, companheiro de Wood, e Troll e Spike, os dois caçadores brancos que haviam acompanhado seu safári. Troll já era conhecido de Tarzan.

— Ainda não tive ocasião de falar com Wood que vi você — explicou Troll. — É a primeira vez que o estou vendo. Ele já estava na “geladeira”, eu acabei de ser preso. Não sei por quê. Nem sei o que vão fazer comigo.

— Posso explicar o que pretendem fazer com você — disse Tarzan. — Todo nós seremos mortos. Mafka acabou de contar-me. Ele diz que vocês são todos encenqueiros.

— E não precisaria ser psicanalista para calcular isso — comentou Van Eyk. — Se tivéssemos ao menos a sombra de possibilidade, teríamos mostrado a ele o que é uma boa encenca, mas o que se pode fazer contra um sujeito daquele? Ele sabe em que estamos pensando, antes mesmo de pensarmos.

— A gente não estaria nesta encenca, se não fosse Wood andar por aí se engraçando com aquela Gonfala — resmungou Spike. — Eu nunca vi coisa para dar mais encenca do que alguém começar a mexer com as mulheres desses selvagens... principalmente os negros. Mas o camarada que mexe com alguma mulher preta não escapa, de jeito nenhum.

— Feche essa boca suja — retorquiu Wood — ou eu cuido do caso.

Dizendo isso, deu um passo rápido na direção de Spike e lançou o punho direito na mandíbula do outro. Spike recuou e Van Eyk se interpôs.

— Parem com isso! — ordenou. — Já estamos metidos em enrascada suficiente, não é preciso começarmos a brigar entre nós.

— Tem toda a razão — concordou Troll. — Vamos arrancar a cabeça do primeiro que começar outra vez.

— Está certo — confirmou Wood. — Mas Spike tem de pedir desculpas, ou eu o mato na primeira ocasião que tiver. Ele tem de pedir desculpas.

— É melhor pedir, Spike — aconselhou Van Eyk.

O caçador, taciturno, olhava o outro, com sobrancelhas baixas. Tjoll foi até lá e cochichou-lhe alguma coisa.

— Está certo — disse Spike, afinal. — Eu peço desculpas. Não estava falando nada.

Wood assentiu.

— Muito bem — disse. — Aceito suas desculpas. Voltou-se então e foi ter com Tarzan, que estivera perto de uma das janelas, espectador silencioso do que acontecera. Wood ali ficou por alguns instantes, calado, e depois sacudiu a cabeça, cheio de desânimo.

— O diabo — e falava em voz baixa — é que Spike tem razão. Ela certamente tem sangue negro... todas elas têm, mas isso não parece causar diferença alguma para mim ... estou doido por ela, o negócio é esse. Se vocês pudessem vê-la, compreenderiam.

— Eu já vi — disse o homem-macaco.

— O quê! — exclamou Wood. — Você viu? Quando?

— Pouco depois de ser trazido para cá — explicou Tarzan.

— Quer dizer que ela veio aqui para vê-lo?

— Ela estava no trono com Mafka, quando fui levado à presença dele — explicou Tarzan.

— Oh, sim, entendo. Pensei que você talvez houvesse falado com ela.

— E falei... mais tarde, no aposento dela. Descobri um jeito de chegar lá.

— O que disse ela? Como estava? Eu não a vi, desde que voltei. Receio que algo lhe tenha acontecido.

— Mafka desconfia de que ela o ajudou a fugir. E a mantém trancada, debaixo de guarda.

— Ela disse alguma coisa a meu respeito? — interpelou Wood, aflito.

— Sim, quer ajudá-lo. De início, estava pronta e amistosa e, então, de modo abrupto e sem motivo aparente, tornou-se taciturna e perigosa, gritou pedindo ajuda à guarda.

— Sim, ela é desse jeito... doçura e encanto em um instante e, no outro, um demônio e tanto. Nunca pude entender. Você acha que ela... bem, será que ficou maluca?

O homem-macaco sacudiu a cabeça em negativa.

— Não. Não creio. Deve haver outra explicação. Mas isso não vem ao caso. Só existe uma questão que nos importa... darmos o fora daqui. Não sabemos quando Mafka planeja acabar conosco, nem como. O que podemos fazer deve ser feito imediatamente... pegá-lo de surpresa.

— E como vamos pegá-lo de surpresa... trancados aqui, sob guarda? — indagou Wood.

— Vocês ficariam surpresos — respondeu Tarzan, sorrindo de leve. — E Mafka

também. Diga uma coisa, podemos contar com alguma ajuda, além do que nós mesmos fazemos... nós cinco? Que me diz dos outros prisioneiros? Eles se juntarão a nós?

— Sim, praticamente todos... se puderem. Mas que fazer contra Mafka? Estaríamos derrotados antes de começar. Se ao menos pudéssemos pegar o Gonfal! Acredito que seja essa a força de todo o poderio que exerce sobre nós.

— Talvez pudéssemos fazê-lo, também — disse Tarzan.

— Impossível — retorquiu Wood. — O que acha, Bob? — perguntou a Van Eyk, que acabara de chegar-se.

— Não há uma possibilidade em milhão — foi o que respondeu o outro. — Ele mantém aquela pedra no alojamento, de noite, e na verdade o Gonfal está sempre com ele, onde quer que vá. Os alojamentos estão sempre trancados e com guarda... guerreiros à porta, por todo o tempo. Não, jamais conseguiríamos pegá-lo.

Tarzan voltou-se para Wood.

— Se não me engano, você me disse uma vez que eles pareciam muito descuidados quanto ao Gonfal... e que você o havia segurado com a mão.

Wood sorriu.

— Pensei que sim, mas desde que voltei fiquei sabendo de outra coisa. Foi uma das mulheres quem me contou. Parece que Mafka sabe um pouco de química. Tem um laboratório razoável e trabalha por lá bastante... na química comum, bem como na linha principal da magia negra. Pois bem, ele aprendeu a fabricar diamantes falsos, de modo que fez uma imitação do Gonfal, e foi essa imitação que eu segurei. Dizem que deixa a imitação do lado de fora, onde pode ser vista, e esconde o Gonfal verdadeiro à noite, quando vai deitar. Assim, se alguém pudesse chegar ao aposento dele para roubá-lo, pegaria a pedra errada. Mas ele tem de manter o Gonfal perto de si, ou ficaria mais ou menos indefeso contra os inimigos.

— A única possibilidade de pegar a pedra seria entrar de noite no alojamento de Mafka — disse Van Eyk. — E essa proeza não pode ser realizada.

— O alojamento dele é ligado ao de Gonfala? — perguntou Tarzan.

— Sim, mas o velho mantém a porta muito bem fechada, durante a noite. Ele não se arrisca... nem mesmo com Gonfala.

— Mas podemos chegar ao alojamento de Mafka — disse o homem-macaco. — Vou descobrir agora.

— Vai descobrir! — exclamou Wood. — E vai descobrir como, posso perguntar?

— Não deixe que ninguém me acompanhe — advertiu o homem-macaco. — Voltarei logo.

Os dois americanos sacudiram a cabeça, cheios de incredulidade, enquanto Tarzan se afastava e atravessava o aposento. Logo viram quando entrava na lareira e desaparecia.

— Ora essa, com seiscentos demônios! — exclamou Van Eyk. — Quem é esse sujeito, afinal de contas?

— Um inglês chamado Clayton — explicou Wood. — Pelo menos é tudo que sei sobre ele, e foi ele mesmo quem me contou.

— Se existisse criatura tal como Tarzan, eu diria que era ele — disse Van Eyk.

— Foi o que pensei, quando o encontrei pela primeira vez. Olhe, ele anda no meio das árvores como um verdadeiro Tarzan, mata os animais com arco e flecha e os carrega de volta, sobre o ombro, pulando de árvore em árvore.

— E olhe só o que fez! Subiu pela chaminé como um... um... bem, como não sei o quê, quando sobe por uma chaminé.

— Fumaça — sugeriu Wood. — Só que ele vai voltar, e a fumaça não volta... ou não costuma voltar.

Tarzan tomou o corredor, como fizera antes, até chegar à abertura na câmara de Gonfala; dali voltou alguns passos, apalpou novamente o caminho com a mão direita, que tocava o lado da passagem, em vez da esquerda, como antes. E não teve surpresa alguma ao descobrir que o túnel ia além do apartamento de Gonfala. Era o que esperava, aquilo em que depositara as esperanças.

E agora, passando pela abertura que dava para o aposento de Gonfala, tocou novamente a parede da esquerda e, cobrindo a mesma distância aproximadamente, chegou à outra abertura, que devia estar no lado oposto ao centro do alojamento contíguo, um dos que faziam parte do conjunto de Mafka. Não se deteve ali, mas prosseguiu, até localizar três outras aberturas. Era onde o corredor terminava.

Foi à beira da chaminé e olhou para baixo. Anoitecera, mas uma iluminação débil vinha da abertura. Era um brilho esverdeado, que já conhecia muito bem.

Ficou à escuta, percebeu os rancos de alguém que dormia. Haveria alguém mais no alojamento embaixo, ou estaria sozinha a criatura que dormia ali? Suas narinas sensíveis procuravam a resposta.

Tendo em uma das mãos a adaga de Gonfala, Tarzan deixou-se cair ao chão da lareira que dava para o quarto onde a criatura dormia.

Rumo à liberdade

Tinha diante de si a câmara grande, dotada de uma só porta fortemente guarnecida por dentro. Quem dormia ali era pessoa evidentemente receosa. Tratava-se de Mafka. Lá estava, sobre o catre estreito. Em cima da mesa, a um dos lados, viam-se o Gonfal e a grande esmeralda dos *zulis* e, ao lado dos mesmos, uma espada e uma adaga. Armas semelhantes eram vistas sobre a mesa no outro lado do catre. Todas ao alcance de quem dormia. Um archote isolado iluminava uma dessas mesas.

Tarzan seguiu sem ruído para o lado do catre e retirou as armas, primeiramente as de um lado, depois as do outro. Em seguida, levou a grande esmeralda e o Gonfal para a lareira, colocando-os sobre o peitoril, na boca do corredor; voltou então para o lado do catre. Mafka prosseguia dormindo, pois o homem-macaco se movia de modo tão silencioso quanto um fantasma noturno.

Ele colocou a mão no ombro do mágico e o sacudiu de leve. Mafka despertou, sobressaltado.

— Fique quieto e não sofrerá — disse Tarzan, em voz baixa, mas dotada de autoridade, de quem conhecia sua força.

Mafka olhou alucinadamente pelo aposento, como a procurar ajuda, mas não havia auxílio algum.

— O que quer? — perguntou, a voz trêmula. — Diga-me o que quer, e será seu, se não me matar.

— Eu não mato homens ou mulheres velhos, nem crianças, a menos que me obriguem. Enquanto minha vida estiver a salvo, a sua estará também.

— Se é assim, por que veio aqui? O que deseja?

— Nada que você me possa dar. O que eu quero, eu tomo.

Fez Mafka virar de costas e atou-lhe os pulsos, os tornozelos e os joelhos, com faixas de pano tiradas da roupa da cama; depois o amordaçou, de modo que não pudesse dar alarme. Vendou-lhe também os olhos, para não saber como entrara no alojamento.

Em seguida, voltou ao corredor e tateou até o alojamento de Gonfala, deixando as duas grandes jóias onde as colocara de início. Tinha confiança em que jamais seriam encontradas por outra pessoa que não ele, na certeza de que tais corredores eram inteiramente desconhecidos dos residentes atuais do palácio.

Na entrada do alojamento de Gonfala ele se pôs novamente à escuta, mas os

sentidos não registraram a presença de pessoa alguma no alojamento de baixo. Ao entrar no mesmo, bastou-lhe um olhar rápido para perceber que estava vazio. Um pequeno archote isolado iluminava fracamente a peça. Uma porta na extremidade oposta do aposento estava entreaberta, ele foi até lá e a escancarou.

Ao fazê-lo, Gonfala sentou-se em seu sofá, perto do centro da sala, de frente para ele.

— Você voltou! Bem queria que voltasse. E escolheu bom momento.

— Achei que sim... Ele está dormindo.

— Você sabe, então?

— Adivinhei.

— Mas por que você voltou?

— Wood e os três amigos dele estão presos. Todos serão mortos.

— Sim, eu sei. É por ordens minhas.

No semblante de Gonfala transpareceram pesar e desagrado por si própria.

— Você pode ajudá-los a escapar. Quer fazê-lo?

— De nada adiantaria. Ele os arrastaria de volta e o castigo seria pior do que podem esperar agora. É caso sem esperanças.

— Se Mafka não interferisse, as mulheres obedeceriam a você?

— Sim.

— E se você tivesse a oportunidade, gostaria de fugir de Kaji?

— Sim.

— Para onde iria?

— Para a Inglaterra.

— Por que a Inglaterra?

— Alguém que sempre foi bom para mim, mas que está morto agora, disse-me para ir à Inglaterra, se conseguisse escapar. Deu-me uma carta, para levar comigo.

— Bem, apanhe sua carta e prepare-se. Você vai fugir. Voltaremos para buscá-la daqui a pouco... Wood, os amigos dele e eu. Mas você terá de ajudar. Terá de dar as ordens necessárias às mulheres, para que nos deixem passar a todos.

Ela sacudiu a cabeça do modo mais enfático.

— De nada adiantará, fique sabendo. Ele nos pegará a todos.

— Não se preocupe com isso. Basta prometer que fará o que eu pedir.

— Prometo, mas significa a morte para mim e também para vocês.

— Prepare-se, então. Voltarei com os outros em questão de minutos.

Ele deixou o quarto, fechando a porta ao passar, e foi imediatamente para o corredor. Momentos depois, tombava na peça onde Wood e os companheiros se achavam aprisionados. A escuridão era grande e ele lhes falou em voz baixa, dizendo que o seguissem. Logo estavam todos no corredor.

Tarzan seguiu à frente até o quarto de Mafka e o brilho das grandes jóias iluminava o caminho, ao se aproximarem da extremidade do corredor.

Spike arquejou, espantado.

— Caramba! Aquela pedra! — exclamou.

Troll estacou diante das pedras radiantes e as fitou, por momentos, em silêncio fascinado.

— Esta outra... deve ser a grande esmeralda dos *zulis*. Estão aqui, as duas! Meu Deus! Devem valer milhões.

Fez como quem ia tocá-las mas recuou apavorado. Conhecia o poder existente nas pedras, receava-o.

Tarzan deixou-se cair do peitoril para a lareira, nesse momento, e os demais o acompanharam. Ao se reunirem em volta do catre de Mafka, Wood e os companheiros ficaram sem falar, tamanho o espanto ao verem o velho mágico atado e indefeso.

— Como fez isso? — exclamou Wood.

— Em primeiro lugar, tirei dele as jóias. Acho que toda a força de Mafka está nelas. Se acertei, poderemos dar o fora daqui. Se errei... — e o homem-macaco deu de ombros.

Van Eyk assentiu.

— Creio que tem razão. O que vamos fazer com este velho patife?

Troll apoderou-se de uma das espadas que estavam ao lado do catre.

— Já lhe mostro o que vamos fazer com ele! Tarzan segurou o pulso do homem.

— Calma, rapaz! Você recebe ordens de mim.

— E quem diz isso?

Tarzan arrancou a arma da mão de Troll e desferiu na face do homem um bofetada que o fez cambalear de costas pelo aposento, caindo ao bater na parede.

Troll se pôs em pé, incerto, apalpando o rosto.

— Ainda o pego, por causa disso — afirmou, a voz trêmula de raiva.

— Cale-se e faça o que mando.

A voz do homem-macaco não denotava qualquer emoção. Era, ainda assim, voz que extraía obediência dos outros. Em seguida, voltou-se para Wood.

— Você e Van Eyk apanhem as jóias. Troll e Spike carregarão Mafka.

— Aonde vamos? — perguntou Van Eyk cheio de apreensão, sabendo que havia uma guarda de guerreiras no corredor, diante dos alojamentos de Mafka.

— Em primeiro lugar, vamos aos aposentos de Gonfala. Ficam ao lado dos quartos de Mafka.

— Mas ela vai dar o alarma, e toda essa cambada vem em cima de nós — contrapôs Spike.

— Não se preocupe por causa de Gonfala. Faça o que digo. Ainda assim, podem levar estas armas. Talvez aconteça alguma coisa, é claro.

Wood e Van Eyk apanharam a grande esmeralda e o Gonfal no beirai da lareira; em seguida, Troll e Spike suspenderam Mafka, que tremia de pavor. Todos acompanharam Tarzan até a porta do alojamento. Passaram ao aposento contíguo e pelo seguinte, chegando então à porta que dava para o conjunto de Gonfala. Como as demais, estava fechada por dentro. Fazendo deslizar as barras, o homem-macaco abriu-a.

Gonfala estava em pé, no centro do quarto, quando o grupo entrou. Vestira-se para uma viagem, com manto comprido e feito de peles de leopardo, calçara sandálias grossas. Uma correia estreita de pele de animal, orlada de miçangas, prendia-lhe os cabelos dourados. Ao ver Mafka manietado, amordaçado e de olhos vendados, arquejou e recuou. Em seguida notou a presença de Wood, foi ter correndo com ele. Wood a abraçou.

— Não tenha medo, Gonfala. Vamos levar você daqui. Isto é, se quer vir conosco.

— Sim, para qualquer lugar... com você. Mas ele! O que pretendem fazer com ele?

Fazia a pergunta enquanto apontava para Mafka e aduzia:

— Ele nos arrastará de volta, a todos, onde quer que vamos, e nos matará. Ou poderá matar-nos por lá. Ele mata a todos os que fogem.

Spike cuspiu, cheio de raiva.

— A gente devia matá-lo agora. Van Eyk olhou para Tarzan.

— Concordo com Spike. Por que não o matamos, quando se trata da vida dele ou da nossa?

O homem-macaco sacudiu a cabeça, em negativa.

— Não conhecemos o temperamento das mulheres *kajis*. Este homem deve ser

coisa parecida a uma divindade a seus olhos. Representa o poder que têm... ele “é” o poderio delas. Sem Mafka, não passariam de uma tribo de mulheres, sobre a qual qualquer outra tribo poderia prevalecer. Ele tem mais valor para nós enquanto está vivo, como refém.

Wood assentiu.

— Acho que Clayton tem razão.

O debate foi interrompido por uma agitação no corredor externo para o qual davam os alojamentos de Mafka e Gonfala. Batiam com força à porta do conjunto de Mafka, ouviam-se gritos altos, pedindo a presença do mágico.

Tarzan voltou-se para Gonfala.

— Chame alguma guerreira que tenha autoridade e veja o que elas querem. Nós vamos esperar na sala ao lado. Venham!

Fez um gesto para que os outros o acompanhassem e seguiu à frente, para o conjunto contíguo.

Gonfala caminhou pela sala e bateu em um tambor colocado no chão, perto da porta que dava para o corredor. Bateu três vezes e depois abriu o ferrolho que prendia a porta por dentro. Momentos depois a porta era aberta e uma guerreira entrava no alojamento. Ajoelhou-se diante da rainha.

— Qual é o significado do ruído no corredor? Por que estão chamando Mafka, a esta hora da manhã?

— Os *zulis* vêm aí, Gonfala. Eles vêm para lutar conosco. Mandaram um escravo exigindo a devolução da grande esmeralda. São muitos. Nós invocamos o poder de Mafka para enfraquecer os *zulis*, para podermos matá-los em grande número, expulsá-los daqui.

— Eles não têm mais poder. Woorá morreu, mas estamos com a grande esmeralda. Diga às guerreiras que eu, Gonfala, a rainha, ordeno que saiam e abatam os *zulis*.

— Os *zulis* já estão nos portões” da cidade. E nossas guerreiras têm medo, pois não recebem poder de Mafka. Onde está Mafka? Por que não atende às orações dos *kajis*?

Gonfala bateu com o pé no chão.

— Faça o que ordeno. Você não está aqui para indagar. Vão para o portão e defendam a cidade. Eu, Gonfala, darei às minhas guerreiras o poder de derrotar os *zulis*.

— Queremos ver Mafka — insistiu a mulher, em tom taciturno.

Gonfala tomou a decisão rápida.

— Muito bem. Providencie para que minhas ordens de defesa sejam obedecidas e depois venha à sala do trono e verá Mafka. Traga as chefes com você.

A mulher se retirou e a porta foi fechada. Imediatamente Tarzan entrou na sala.

— Eu ouvi. Qual é o seu plano?

— Queria apenas ganhar tempo.

— Nesse caso, não pretendia levar Mafka para a sala do trono, a fim de recebê-las?

— Não. Seria fatal. Se o levássemos lá amarrado, amordaçado, talvez elas nos matassem a todos. Se lhe dêssemos liberdade, ele nos mataria.

— Ainda assim, acho que é um bom plano. Vamos executá-lo.

Um sorriso brincava nos lábios do homem-macaco,

— Você enlouqueceu.

— Talvez. Mas se tentarmos fugir agora, não sairemos de Kaji sem luta, e a mim não agrada a idéia de lutar com mulheres. Creio que existe outro jeito. Você sabe onde está a imitação do Gonfal?

— Sei.

— Vá apanhá-la e traga-a aqui, imediatamente. Embrulhe em uma pele, para ninguém ver, não diga a pessoa alguma. Apenas eu e você devemos saber.

— O que vai fazer?

— Espere para ver. Faça o que digo.

— Você esquece que sou rainha — retrucou ela, empertigando-se altivamente.

— Sei apenas que você é uma mulher que gostaria de fugir de Kaji, em companhia do homem que ama.

Gonfala corou, mas não respondeu. Em seguida, retirou-se do aposento, seguindo para os alojamentos de Mafka.

Tardou apenas alguns instantes e, ao voltar, trazia um embrulho em pele de animal.

Tarzan tirou-o dela.

— Agora, estamos prontos. Siga à frente, até a sala do trono.

Ele chamou os demais, do alojamento ao lado, e voltou-se novamente para a rainha.

— Há um caminho particular até a sala do trono? Gonfala assentiu.

— É por aqui. Sigam-me.

Ela foi em frente, entrando nos alojamentos de Mafka, onde abriu pequena porta que punha à mostra um lance de degraus, e eles a acompanharam, descendo até a outra porta que dava para o tablado sobre o qual se achavam os tronos.

A sala de tronos estava vazia. As chefes ainda não tinham chegado. Por ordens de Tarzan, Wood colocou o Gonfal no suporte ao lado do trono; Troll e Spike sentaram Mafka, ainda amarrado, amordaçado e vendado, em seu trono; e Gonfala sentou-se no outro. Tarzan permaneceu em pé, ao lado da mesa sobre a qual fora colocado o Gonfal. Os demais se colocaram atrás dos tronos. Van Eyk ocultou a grande esmeralda dos *zulis* sob uma pele que tirara do tablado.

Ali esperaram, em silêncio. O nervosismo reverberava em todos, menos em Tarzan. Logo ouviam as passadas no corredor, aproximando-se da sala do trono. As portas foram escancaradas e as chefes *kajis* entraram.

Vieram de cabeça inclinada, em reverência pela rainha e grande poder de seu mágico. Ao erguerem o olhar, estavam bem próximas do tablado. Ao verem Mafka, emitiram gritos de espanto e raiva. Olharam para os desconhecidos no tablado, e logo fitavam a rainha.

Uma delas adiantou-se.

— Qual é o significado disto, Gonfala? — perguntou, em tom ameaçador.

Foi Tarzan quem respondeu.

— Significa que acabou o poder de Mafka. Sempre vocês estiveram sob o controle dele. Fez com que lutassem por ele, apoderou-se dos melhores frutos de suas vitórias. E as manteve prisioneiras aqui. Vocês o temiam e o odiavam, mas a maior parte o odiava.

— Ele nos deu poder — contrapôs a guerreira. — Se esse poder desaparecer, estamos perdidas.

— O poder não desapareceu, mas Mafka já não o maneja mais.

— Matem-nos! — gritou uma das chefes. O grito ecoou em muitas outras gargantas.

— Matem-nos! Matem-nos!

Com berros selvagens, elas se adiantaram para o tablado. Tarzan colocou a mão sobre o Gonfal.

— Parem! Ajoelhem-se diante da rainha!

Falava em voz baixa e, em meio à gritaria delas, suas palavras alcançaram os ouvidos de poucas das guerreiras, mas, como se fossem uma só, elas estacaram e se ajoelharam.

O homem-macaco voltou a falar.

— Em pé! Vão para os portões e tragam aqui as chefes *zulis*. Elas virão. A luta cessará.

As guerreiras deram meia-volta e saíram do aposento. Tarzan dirigiu-se aos companheiros.

— Deu certo. Eu sabia que ia dar. Qualquer que seja esse poder estranho, é inerente ao Gonfal. A grande esmeralda tem o mesmo poder místico. Nas mãos de homens perversos, ela é má. Talvez possa ser usada para o bem, entretanto.

Gonfala ouvia com atenção. Desapareciam os ruídos de batalha, e logo surgiam passadas reverberantes no corredor comprido que dava para a entrada do palácio.

— Aí vêm! — cochichou ela.

Cinquenta guerreiras entraram na sala do trono da rainha dos *kajis*. Metade eram *kajis* e metade *zulis*. Formavam um grupo dos mais selvagens, muitas tinham ferimentos sangrando. Entreolhavam-se taciturnas, fitavam o pequeno grupo sobre o tablado.

Tarzan dirigiu-se a elas.

— Vocês agora estão livres do domínio de Woorá e de Mafka. Woorá morreu, e logo entregarei Mafka a vocês, para que façam o que quiserem. O poder dele desapareceu, e não voltará se não lhe derem mais o Gonfal. Nós vamos sair deste país. Gonfala irá conosco. Todos os prisioneiros e escravos que quiserem acompanhar-nos poderão ir também. Quando estivermos a salvo, devolveremos o Gonfal a uma de suas guerreiras, que poderá acompanhar-nos com três companheiras... apenas três. Já amanhece. Vamos partir imediatamente. Aqui está Mafka.

Ele ergueu o velho mágico nos braços e o entregou às guerreiras.

Em meio a um silêncio sepulcral, o pequeno grupo de homens brancos retirou-se da sala do trono, em companhia de Gonfala, a rainha dos *kajis*. Tarzan carregava o Gonfal, de modo que todos pudessem vê-lo. Van Eyk trazia a grande esmeralda dos *zulis*, oculta sob uma pele.

Na rua principal da cidade, pequeno grupo de homens negros e brancos os esperava, chamados por Tarzan, por intermédio da necromancia do Gonfal. Eram os escravos e prisioneiros dos *kajis*.

— Vamos sair desta terra — disse-lhes ele. — Quem quiser poderá acompanhar-nos.

— Mafka nos matará a todos — contrapôs um deles. Gritos estridentes vinham do interior do palácio, sendo logo afogados nos berros selvagens de fúria.

— Mafka nunca mais voltará a matar — afirmou o homem-macaco.

Traição

Sem serem molestados, atravessaram a região dos *kajis*, sob a proteção de Tarzan e do Gonfal. Os que tinham sido prisioneiros e escravos por anos seguidos estavam cheios de apreensão e nervosismo. Não conseguiam acreditar no milagre que aparentemente os tirara das garras do velho mágico que dominara e apavorara aquela gente por tanto tempo. A cada instante contavam ser mortos ou arrastados de volta à tortura e execução certas; mas nada aconteceu e eles chegaram finalmente ao vale do Neubari.

— Vou deixá-los aqui — disse Tarzan. — Vocês estarão indo para o sul, eu vou para o norte.

Entregou então o Gonfal a Van Eyk.

— Fique com ele até de manhã e depois o entregue a uma dessas mulheres.

Fitava as três guerreiras que os haviam acompanhado desde Kaji. Voltou-se então para elas, dizendo:

— Levem a pedra de volta, e se alguma de vocês puder usá-la, que o faça para o bem e não para o mal.

— Wood — prosseguiu Tarzan —, leve a grande esmeralda dos *zulis*, em benefício de Gonfala. Espero que cause a felicidade dela, mas é provável que não seja assim. Pelo menos, ela jamais passará necessidades.

— E onde é que nós entramos nisso? — interpelou Spike.

O homem-macaco sacudiu a cabeça.

— Não entram, vocês saem... vocês saem, levando suas vidas. É muito mais do que esperavam, alguns dias atrás.

— Quer dizer que vai dar essa pedra aos pretos, e a gente não divide a pedra? Não é justo. Olhe só o que nós passamos. Você não pode fazer isso.

— Está feito.

Spike voltou-se na direção dos outros.

— Vocês vão topa isso? — gritou, cheio de raiva. — Essas duas pedras pertencem a nós. A gente devia levá-las para Londres e vendê-las, dividindo o dinheiro em partes iguais.

— Estou satisfeito em sair daqui ainda vivo — disse Van Eyk. — Acho que Gonfala tem direito a uma das pedras; a outra será mais do que suficiente para que

os *kajis* e *zulis* façam o que pretendem fazer, saindo para o mundo. De qualquer modo, logo serão tapeados e embrulhados, mas realizarão seu desejo.

— Acho que elas deviam ser divididas — disse Troll. — A gente devia ganhar alguma coisa em tudo isso.

Alguns dos homens brancos que haviam sido libertados concordaram com ele, outros afirmavam que bastava voltarem vivos para casa, e ficariam satisfeitos em não ver mais as duas pedras, quanto mais depressa melhor.

— Elas são más — disse um deles. — Não trazem felicidade a ninguém.

— Eu me arrisco — resmungou Spike. Tarzan fitou-o friamente.

— Mas não vai obtê-la. Já disse a todos o que fazer; tratem de obedecer. Estarei viajando para o sul, outra vez, antes que vocês saiam daqui. Terei conhecimento, se fizerem alguma sujeira. É melhor não pensarem nisso.

Caíra a noite e o pequeno grupo de fugitivos, com seus cem componentes mais ou menos, montava acampamento, por assim dizer, e preparava comida trazida de Kaji. Os negros, que tinham sido escravos, adotaram naturalmente as posições de carregadores e criados pessoais dos brancos. Fora feita alguma tentativa, ainda que ligeiramente, no sentido de organizar as coisas. Wood e Van Eyk agiam como tenentes do homem que conheciam apenas pelo nome de Clayton, e que tomara a liderança de modo tão natural quanto os demais haviam aceito o fato.

Apresentava-se em meio deles, agora, observando os preparativos para a noite. Dirigiu-se então a Wood.

— Você e Van Eyk ficarão encarregados. Não terão problemas, a menos que o seja com Spike. Olho nesse homem. A três marchas para o sul, encontrarão aldeias hospitaleiras. Depois, vai ser fácil.

E foi tudo. Ele girou sobre os calcanhares e desapareceu na escuridão da noite. Não houve despedidas, prolongadas e inúteis.

— Muito bem — disse Van Eyk. — Esse homem sabe ser simples.

Wood deu de ombros.

— Ele é assim.

Gonfala forçava os olhos, tentando ver na escuridão.

— Ele foi embora? Você acha que não voltará?

— Quando houver terminado o que pretende, talvez volte. A essa altura, já devemos estar fora deste lugar.

— Eu me sentia tão segura, quando ele estava conosco. Dizendo isso, a jovem aproximou-se de Wood.

— Eu me sinto segura com você, também, Stanlee. Mas ele... ele parecia fazer parte da África. — O homem assentiu, passou o braço por ela.

— Cuidaremos de você, minha querida. Mas sei como se sente. Era a mesma coisa comigo, quando ele estava por perto. Eu não tinha qualquer sentimento de responsabilidade, nem mesmo pelo meu bem-estar. Achava natural que ele providenciasse tudo.

— Já pensei muito sobre ele — disse Van Eyk, em tom de reflexão. — Quem é ele, de onde vem, o que está fazendo na África. Será... será que podia ser... ser...

— Ser o quê?

— Se pode existir um Tarzan. Wood riu.

— Você sabe que eu pensei a mesma coisa? Não existe tal pessoa, naturalmente. Mas esse camarada, o Clayton, dava um Tarzan perfeito.

O negro que cozinhava para eles chamou-os para a refeição. Não era grande coisa e eles resolveram que Spike e Troll teriam de caçar algum animal no dia seguinte.

Wood repentinamente deu uma risada, um tanto pesarosa.

— Caçar com quê? — perguntou. — Nós temos lanças e punhais. O que se pode caçar, com armas assim?

Van Eyk assentiu.

— Tem razão. O que vamos fazer? É preciso achar carne. Por todo o caminho, até essas primeiras aldeias de que ele falou, temos de contar com a caça. Não haverá outra coisa.

— Se encontrarmos animais, teremos de mandar batedores e persegui-los, até que se consiga matá-los com as lanças. Desse jeito, talvez arranjemos algo.

Van Eyk sorriu.

— Se tivermos sorte o bastante para descobrir um animal com *angina pectoris*, talvez o susto acabe de matá-lo.

— Bem, há gente que mata animais grandes com lança

— insistiu Wood.

O rosto de Van Eyk se iluminou, ele estalou os dedos.

— Já sei! Arcos e flechas! Alguns de nossos pretos devem ser capazes de fazê-los e usá-los. Ei, Kamudi! Venha cá!

Um dos negros ergueu-se sobre calcanhares calosos, em que estivera acocorado, e se aproximou.

— Sim, *bwana* ... chamou?

— Escute, alguns de vocês sabem caçar animais com arco e flecha?

Kamudi sorriu.

— Sim, *bwana*.

— Que tal fazer arcos e flechas? Algum de vocês sabe como?

— Sim, *bwana*... todos sabem.

— Ótimo! E o material que vocês usam existe por aqui?

— indagou Van Eyk, em cujo tom de voz transparecia aflição e apreensão.

— Perto do rio. Existe muito.

— Puxa! Isso é uma beleza. Quando o pessoal tiver acabado de comer, vá até lá e arranje o bastante para muitos arcos e flechas para cada um. E façam alguns esta noite. Se a gente não tiver, não poderá comer amanhã, entendeu?

— Sim, *bwana*... depois de comer.

A noite parecia feita de veludo macio. A lua cheia iluminava o acampamento, fazendo empalidecer as brasas dos fogos onde os homens haviam preparado a refeição simples. Os negros ocupavam-se, confeccionando arcos e flechas grosseiros, mas ainda assim adequados.

Os brancos reuniam-se em pequenos grupos. Fora improvisado um abrigo para Gonfala e, diante dele, ela e Wood, bem como Van Eyk, colocaram peles que haviam sido trazidas de Kaji, pondo-se a falar do futuro. Gonfala se referia às maravilhas que a aguardavam na civilização desconhecida, pois ia para Londres. Os homens falavam da América, de suas famílias e velhos amigos, que desde há muito certamente os tinham inscrito no rol dos mortos.

— Com o dinheiro da grande esmeralda dos *zulis* você vai ser uma mulher muito rica, Gonfala — disse Wood, um tanto pesaroso. — Vai ter uma belíssima casa, belíssimas roupas e peles, automóveis, muitos criados; e haverá homens ... oh, muitos homens.

— Mas para que eu teria homens? Eu só quero um.

— É que os homens vão querer ver você, tanto por si própria quanto pelo seu dinheiro — explicou Wood, a quem tal presságio parecia entristecer.

— Vai ser preciso ter cuidado, Gonfala — disse Van Eyk. — Alguns desses camaradas serão muito fascinantes.

— Não tenho medo. Stanlee me protegerá, não é, Stanlee?

— Se você quiser, mas... mas...

— Mas, o quê?

— Bem, o negócio é que você nunca conheceu homens como os que vai conhecer. Talvez descubra alguém que... — e ele hesitava.

— Alguém que o quê? — interpelou ela.

— Alguém de quem você vai gostar mais do que de mim.

Ela riu.

— Não estou preocupada.

— Mas eu estou.

— Não precisa ficar — afirmou a jovem, cujo olhar estava cheio de vontade de agradar.

— Você é tão jovem, tão ingênua e inexperiente! Não faz a menor idéia do que vai encontrar, dos tipos de homens que existem no mundo... principalmente no mundo civilizado.

— Eles são tão maus quanto Mafka?

— De certo modo, são piores ainda. Van Eyk se pôs em pé e espreguiçou-se.

— Vou dormir um pouco — declarou. — É melhor vocês dois fazerem o mesmo. Boa noite.

Eles se despediram, observaram-no enquanto se afastava, e logo a jovem se voltou para Wood.

— Não tenho medo — afirmou. — E você não deve ter medo também. Estaremos um com o outro e, no que me diz respeito, ninguém mais tem importância, em todo o mundo.

Wood segurou-lhe a mão e afagou-a.

— Espero que sempre se sinta assim, querida. É como eu me sinto... é como serei sempre.

— Nada irá colocar-se entre nós, então — afirmou ela, revirando a palma da mão por baixo da dele e apertando-lhe os dedos.

Por um pouco mais de tempo conversaram, fazendo planos, como os enamorados sempre fizeram, desde o início dos tempos; depois, Wood foi deitar-se a certa distância e Gonfala retirou-se para o abrigo. Mas não conseguiu dormir. Sentia-se demasiadamente feliz. Parecia-lhe que não podia perder um só momento dessa felicidade no sono, desperdiçar minutos de êxtase que jamais poderia trazer de volta.

Após instantes, levantou-se e mergulhou na escuridão da noite. O acampamento adormecera. A lua se pusera no ocidente e a jovem caminhou à sombra espessa das árvores antigas, perto das quais o acampamento fora levantado. Caminhava devagar e em silêncio, no estado de êxtase beatífico engendrado não apenas por seu amor,

mas pelo sentimento até então desconhecido de liberdade, que lhe viera ao ser retirada do domínio de Mafka. Já não era mais sujeita aos acessos odiosos de crueldade e vingança que, agora, compreendia não serem características verdadeiras, mas estados de espírito impostos pelos poderes hipnóticos do velho mágico.

Estremeceu, ao recordar-se dele. Talvez fosse seu pai, mas que dizer? Que amor e ternura paterna lhe dera? Procurou esquecer-se, procurou pensar algo bondoso a respeito de Mafka, mas não foi possível. Ela o odiara na vida e, na morte, ainda lhe odiava a recordação.

Mediante esforço, livrou-se dessas lembranças deprimentes e procurou centralizar os pensamentos na felicidade que agora lhe pertencia e seria sua, por futuro extenso.

Percebeu, de súbito, vozes próximas.

— O cara está maluco. Muito atrevimento, dar o Gonfal a esses pretos. A gente devia ficar com ele e ficar com a esmeralda também. Pense só, Troll... quase cinco milhões de libras! É o que as duas pedras davam, em Londres ou Paris.

— E ele dá a esmeralda àquela negra dos infernos. O que ela vai fazer com a pedra? O americano é que pega tudo. A boba acha que ele gosta dela. Pensa que ele vai casar. Mas quem já ouviu falar de americano casando com preta? Você tem razão, Spike. Está tudo errado. Por quê...

A jovem não ficou por ali, para não ouvir mais. Voltou-se e fugiu com rapidez pela escuridão, os sonhos estraçalhados, a felicidade desfeita.

Wood despertou cedo e chamou Kamudi.

— Acorde o pessoal — ordenou. — Vamos começar cedo.

Em seguida, chamou Van Eyk e os dois se ocuparam, dirigindo os preparativos para a marcha do dia.

— Vamos deixar Gonfala dormir o mais que puder — disse ele. — O dia vai ser duro.

Van Eyk tateava à luz fraca da madrugada, apalpando a grama em que fizera o leito. De repente, soltou uma imprecisão.

— O que se passa? — interpelou Wood.

— Stan, o Gonfal sumiu! Estava bem debaixo da beira destas peles, ontem à noite.

Wood deu uma busca rápida em seu próprio leito e logo outra, com mais cuidado. Quando falou, parecia aturdido, chocado.

— A esmeralda também desapareceu, Bob. Quem poderia ...

— As *kajis*! — asseverou a voz de Van Eyk, cheia de convicção.

Juntos os dois homens correram para a parte do acampamento onde as guerreiras

havam-se deitado para passar a noite. E lá, erguendo-se das peles sobre as quais haviam dormido, estavam as três.

Sem qualquer explicação preliminar ou desculpa, os dois homens examinaram as camas onde as mulheres haviam deitado.

— O que estão procurando? — perguntou uma delas.

— O Gonfal — replicou Van Eyk.

— Vocês o têm — disse a mulher —, e não nós.

O amanhecer equatorial cedera à plena luz do dia quando Wood e Van Eyk completaram a busca pelo campo e compreenderam que Spike e Troll haviam desaparecido.

Wood parecia abatido e desalentado.

— Podíamos ter logo adivinhado — afirmou. — Os dois ficaram furiosos, quando Clayton deu o Gonfal aos *kajis* e a esmeralda a Gonfala.

— O que vamos fazer? — perguntou Van Eyk.

— Vamos ter de persegui-los, é claro, mas não é isso o que me preocupa agora... não sei como falar com Gonfala. Ela andou contando muito com a venda da esmeralda, desde que nos pusemos a falar das coisas maravilhosas que poderia comprar e o que seria possível fazer, com tanto dinheiro. A pobre coitada! Eu, naturalmente, tenho o bastante para viver, e ela pode ficar com tudo. Mas não será o mesmo para ela, porque queria tanto ser independente, e não um encargo para mim... como se pudesse ser encargo, para mim, a minha querida.

— Bem, é preciso que fale com ela, e é melhor tratar logo do assunto. Se vamos procurar aqueles dois, é melhor partir em seguida.

— Está certo — disse Wood, e aproximou-se do abrigo de Gonfala, chamando-a.

Não obteve resposta. Voltou a chamar mais alto, chamou repetidas vezes, sem resultado algum. Entrou no abrigo, então. Gonfala não estava lá.

Ele saiu, pálido e abalado.

— Devem tê-la levado também, Bob, aqueles dois. O outro sacudiu a cabeça.

— Isso seria impossível, sem que percebêssemos... se ela tentasse acordar-nos.

Wood agastou-se no mesmo instante.

— Você quer dizer...?

Van Eyk interrompeu, pôs a mão no ombro do outro.

— Eu não sei mais do que você, Stan. Estou apenas enunciando um fato evidente. Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Mas a sua inferência...

— Também não posso evitar a inferência. Não poderiam levar Gonfala, usando a força, sem que acordássemos. Ou ela foi com eles porque quis ou não foi com eles, em absoluto.

— A última hipótese não tem cabimento. Gonfala jamais fugiria de mim. Ontem à noite fazíamos planos para o futuro, depois que nos casássemos.

Van Eyk sacudiu a cabeça.

— Você já parou para pensar realmente sobre o que isso significaria, Stan? O que significaria para vocês dois, no futuro... na América? Estou pensando tanto na felicidade dela quanto na sua, meu velho. Estou pensando no verdadeiro inferno que seria a vida de vocês... a dela e a sua. Você sabe tão bem quanto eu o que acontece a qualquer mulher ou homem que tem uma gota de sangue negro, na grande democracia dos Estados Unidos. Os dois seriam postos no ostracismo, tanto pelos pretos quanto pelos brancos. Não estou falando por causa de qualquer preconceito pessoal, apenas enunciando um fato. É fato duro, cruel e terrível, mas continua em pé.

Wood assentiu, em triste concordância. Não havia raiva em sua voz quando replicou:

— Eu sei, tanto quanto você, mas atravessaria o inferno por causa dela. Viveria no inferno, por ela, e agradeceria a Deus pela oportunidade. Eu a amo o bastante para isso.

— Nesse caso, não resta o que dizer. Se é assim que se sente, estou a seu favor. Nunca mais falarei no assunto, e se se casarem não mudarei minha atitude para com qualquer dos dois.

— Obrigado, meu velho. Tenho a certeza de que seria assim. E agora vamos tratar de pegá-los.

— Ainda acha que eles a levaram?

— Tenho um palpite. Eles estão com o Gonfal e a grande esmeralda dos *zulis*. Você viu como o Clayton utilizou aquele poder misterioso para fazer dobrar os *kajis* e *zulis* à sua vontade. Eles o utilizaram, obrigando Gonfala a acompanhá-los, sem fazer barulho. Você conhece aquilo por que passei. Mafka me separou de Clayton desse modo.

— Acho que tem razão. Não tinha pensado nisso, mas por que eles querem Gonfala?

Van Eyk parecia inquieto, o companheiro o observou.

— Você não quer dizer... ? — exclamou.

Van Eyk deu de ombros, em atitude de desalento.

— Eles são homens — observou —, e não do melhor tipo.

— Temos de encontrá-la... é preciso andar depressa! — exclamou Wood, quase frenético.

Alguns dos negros descobriram o rastro dos dois homens, rumando para o sul. E assim teve início a caçada humana.

CAPÍTULO 12

Reunião

Duas semanas se passaram. Tarzan voltava do norte, trazendo a informação que ali procurara. Às vezes, pensava nos dois americanos e em Gonfala, bem como nos prisioneiros que libertara dos *kajis*, e imaginava como estariam andando. Seu número fora suficiente para chegarem em segurança às tribos hospitaleiras, e depois seria muito simples alcançar os primeiros centros de civilização. Imaginava que estivessem bem longe, a essa altura, com bom safári de carregadores adestrados e fartas provisões. Sabia que os americanos estavam em plena condição de pagar os gastos, ainda que não pudessem garantir-se no tocante à segurança da grande esmeralda dos *zulis*.

A tarde estava no fim quando o senhor da selva seguia por uma trilha de caça, na orla da floresta. Um vento leve soprava em seu rosto, fazendo balançar-lhe os cabelos negros. Trazia às narinas a indicação de coisas à frente, coisas que não podiam ser vistas por enquanto. E logo trazia o cheiro acre de Numa, o leão. Era um leão velho, pois o cheiro vinha mais forte que o de um filhote ou um leão em pleno viço.

Para Tarzan, era apenas mais um leão. Isso não lhe ocupou os pensamentos, até que o vento lhe trouxe vagamente às narinas outro cheiro — o de Tarmangani, uma “ela” — uma mulher branca. O cheiro vinha da mesma direção em que se encontrava Numa. Os dois, em conjunto, significavam tragédia.

Tarzan pulou para as árvores. As trilhas de caça são tortuosas e, por meio das árvores, ele sabia movimentar-se em linha reta, encurtando a distância até o destino. E nas árvores sabia mover-se com rapidez inacreditável. Fora seu elemento natural desde a infância, quando se vira retirado rapidamente do perigo por sua mãe de criação, Kala, a macaca.

A mulher, abatida, desalinhada, faminta e esgotada, caminhava devagar e sem esperanças pela trilha. Tinha os sentidos embotados pela fadiga e sofrimento. Nada ouvia, mas ainda assim algum impulso íntimo a fez voltar-se para olhar a trilha; foi quando viu o leão. Este caminhava sem ruído e devagar, em seu encalço. Ao perceber que fora descoberto, exibiu as presas e rosnou.

A mulher estacou, voltou-se para ele. Não tinha o vigor necessário para subir em uma árvore e chegar à segurança. Sabia que de nada adiantava fugir. Limitou-se a ficar ali, olhos arregalados e sem alento, aguardando o fim. Não lhe importava, não tinha motivo para viver. Rezava apenas para que a morte fosse rápida e misericordiosa.

Quando estacou, o leão fez o mesmo. Fitava-a, os olhos fuzilantes. De repente, partiu em direção dela em carreira. Alguns passos mais e atacaria — aquele ataque rápido e impiedoso do rei dos animais, a culminação da ferocidade.

Ele pareceu acocorar-se um pouco, quase a se arrastar pelo chão, e já um rugido temível saía de sua garganta selvagem, e ele dava um salto à frente!

Os olhos da mulher se arregalaram, de início pelo pavor e logo por causa da surpresa; pois quando o leão atacou, um homem quase nu tombou de um galho, bem sobre as costas da fera. Ela ouviu os bramidos e rosnados do homem, de mistura com os do animal; estremeceu. Viu o punhal cintilando no ar uma vez, duas vezes. E então, com rugido pavoroso e final, o leão derreou-se ao chão, morto.

O homem se pôs em pé. Foi quando o reconheceu, e uma sensação de alívio e de segurança apoderou-se dela. Mas foi apenas por instantes, desfeita pelo pavoroso grito de vitória dos macacos, quando Tarzan colocou o pé sobre a carcaça do vencido, emitindo o berro fantasmagórico que ecoara tantas vezes por outras florestas, desertos e planícies.

E logo seus olhos fitaram a mulher.

— Gonfala! O que aconteceu? O que está fazendo aqui sozinha?

Ela contou um pouco da história — que, a seu ver, causaria infelicidade à vida de Wood, de modo que resolvera fugir. Viera para o norte, sabendo que ele seguia para o sul. Contara encontrar alguma aldeia onde pudesse abrigar-se, mas não descobrira coisa alguma, de modo que tomara outro rumo, pretendendo regressar a Kaji e ao único povo que conhecia como sua gente.

— Você não pode voltar para lá — disse-lhe Tarzan. — Sem a proteção de Mafka, eles a matariam.

— Sim, creio que matariam, mas não tenho outro lugar para ir.

— Virá comigo. Wood guardará a esmeralda para você. Assim, terá todo o dinheiro de que precisar. Poderá viver onde quiser, com segurança e conforto.

Decorreram semanas até que o homem-macaco levasse a jovem para seu lar — para o bangalô confortável onde sua esposa a acolheu e tratou. Por todo aquele tempo, haviam procurado notícias de Wood e Van Eyk, sem qualquer êxito. O completo desaparecimento deles parecia um mistério, aos olhos de Tarzan, e ele planejava partir logo para solucioná-lo. O tempo, todavia, significava pouco para o homem-macaco. Havia outras coisas a serem cuidadas, os dias transcorriam. Ainda assim, o próprio tempo fazia aproximar a solução.

Dois homens brancos, com pequeno safári, marchavam por uma floresta sombria — úmida, escura, deprimente. Ela parecia infinita.

— Se duas pessoas já estiveram completa e inteiramente perdidas, nós somos esses dois.

Era Wood quem falava, tendo estacado e tirado o capacete, a fim de enxugar o suor da testa.

— Estamos tão perdidos quanto nossos guias — observou Van Eyk.

— Se continuarmos na direção do oriente, temos de chegar a alguma aldeia onde possamos arranjar guias.

— Muito bem, vamos tocando.

Em pouco mais de um quilômetro, haviam saído da floresta, na orla de uma planície ampla e que se estendia a perder de vista.

— Que alívio! — exclamou Van Eyk. — Um pouco mais daquela floresta e eu teria ficado maluco.

— Olhe! — bradou Wood, segurando o companheiro pelo braço e apontando. — Homens!

— Parece um grupo de guerreiros. Está vendo aqueles penachos? Talvez fosse melhor deitarmos no chão.

— Bem, já passou o momento para isso. Eles nos viram. E aí vêm.

Os dois homens permaneceram imóveis, observando um grupo de doze guerreiros que se aproximava.

— Olhe só, têm bom aspecto — observou Wood.

— Espero que sejam gente de bom coração.

Os negros se detiveram a dez metros dos homens brancos e logo um deles, que devia ser o chefe, aproximou-se mais.

— O que estão os *bwanas* fazendo nesta região? — perguntou, falando bom inglês. — Caçam?

— Estamos perdidos — explicou Wood. — Queremos arranjar guias que nos tirem daqui.

— Venham — disse o negro. — Eu levo vocês ao Grande Bwana.

— Como se chama ele? — perguntou Van Eyk. — Talvez o conheçamos.

— Ele é Tarzan.

Os dois brancos se entreolharam, aturdidos.

— Você não quer dizer que existe mesmo Tarzan? — interpelou Wood.

— Quem disser que não existe não estará falando palavras de verdade. Em uma hora, vão vê-lo.

— Qual é o seu nome?

— Muviro, *bwana*.

— Bem, mostre o caminho, Muviro. Estamos prontos. Uma hora depois, os dois homens se encontravam na varanda larga de um bangalô, aguardando a chegada do anfitrião.

— Tarzan! — murmurou Van Eyk. — Não parece possível. Deve ser ele quem vem agora.

Ouviam passadas que se aproximavam do interior da casa e, momentos depois, um homem chegava à varanda, pondo-se de frente para eles.

— Clayton! — gritaram ambos, em uníssono.

— Folgo muito em vê-los — disse Tarzan. — Não obtive qualquer notícia de vocês, estive preocupado. Por onde andaram?

— Na noite em que você foi embora, Spike e Troll roubaram o Gonfal e a grande esmeralda e deram o fora. Levaram Gonfala com eles. Estivemos à caça dos dois. Já no primeiro dia, perdemos a trilha deles, em terreno pedregoso. Nunca mais voltamos a encontrá-la. Alguns de nossos pretos acharam que eles voltaram para o sul ou para o oeste. Procuramos nessas direções e também nos perdemos.

— O Gonfal e a grande esmeralda, os dois desapareceram? Bem, talvez seja melhor. Teriam causado mais infelicidade do que outra coisa. As riquezas geralmente causam.

— Que se danem as pedras! — exclamou Wood. — O que eu quero é descobrir Gonfala. Por mim, aquelas pedras podem ir para o inferno.

— Acho que nós a acharemos. Para mim, não é difícil encontrar qualquer pessoa na África. Mas agora vou ter de mostrar-lhes os seus quartos. Tomem um banho, ponham roupas limpas. Vão encontrar alguma coisa que sirva, com certeza. Quando estiverem prontos, venham para o pátio. Estaremos por lá.

Van Eyk foi o primeiro a chegar ao pátio, pequeno paraíso florido em volta do qual a casa fora construída. Uma jovem de cabelos dourados estava em cadeira de espreguiçar, feita de fibras, tendo nas mãos um exemplar do *Illustrated London News*. Ao ouvi-lo, voltou-se. Seus olhos se arregalaram de espanto.

— Bob! — arquejou, dando um salto e pondo-se em pé.

— Gonfala!

— Onde está ele? Ele está bem?

— Sim, está aqui. Como fugiu de Spike e Troll?

— Fugir de Spike e Troll? Nunca estive com eles.

— Você foi embora sozinha? Por que foi?

Ela contou, então, que ouvira a conversa de Spike e Troll.

— Percebi que ia estragar a vida do Stanlee. Imaginava que ele me amasse. Nunca pensei que ele só me queria por causa da esmeralda. E eu o amava. Amava demais, para deixar que se casasse comigo. Talvez, com tempo para pensar no assunto, ele tenha ficado satisfeito por eu ter ido embora.

Van Eyk sacudiu a cabeça.

— Não, você está redondamente enganada. Falei com ele sobre a questão, e o que disse foi o seguinte, vou procurar lembrar-me das palavras: “Eu atravessaria o inferno, por causa dela. Eu moraria no inferno, por ela, e daria graças a Deus pela oportunidade. Eu a amo a esse ponto”. Acho que foram as palavras que ele usou.

As lágrimas assomaram aos olhos da jovem.

— Será que posso vê-lo logo?

— Já vai estar aqui. Aí vem. Vou embora. Gonfala dedicou-lhe um olhar de gratidão.

Quando Wood chegou ao pátio e a viu, limitou-se a ficar parado, fitando-a por momentos, devorando-a com os olhos. Não disse uma só palavra, não fez pergunta alguma — limitou-se a ir ter com ela, tomando-a nos braços. Suas vozes estavam demasiadamente embargadas de lágrimas de felicidade, não conseguiam enunciar palavras inteligíveis.

Depois de algum tempo, quando já conseguiam falar, contaram-se mutuamente o que acontecera. E então perceberam que nada jamais poderia separá-los.

Ao anoitecer, em companhia dos demais, trataram dos planos para o futuro. Wood disse que iam casar-se e seguir imediatamente para a América.

— Tenho de ir antes a Londres — disse Gonfala. — Preciso levar uma carta ao Ministério Colonial de lá. Vocês sabem, já falei a respeito. Vou apanhar a carta. Não consigo ler. Nunca me ensinaram a ler.

Ela foi ao quarto e logo regressava, trazendo o documento. Era um papel amarelado pela idade. Ela o entregou a Tarzan.

— Por favor, leia em voz alta — pediu. Tarzan abriu a folha de papel e leu:

A quem possa interessar:

Estou dando esta carta a minha filha, para levá-la a Londres e identificá-la, se tiver a sorte de escapar dos kajis. Eles mataram sua mãe pouco depois de seu nascimento e a criaram para ser rainha dos kajis. Chamam-na de Gonfala. Nunca

tive a coragem de dizer-lhe que é minha filha, pois Mafka ameaçou matá-la, se ela tiver conhecimento de que ele não é seu pai.

Mountford.

CAPÍTULO 13

Canibais

O sol em ocaso projetava sombras compridas na direção do nascente, e o dia, parecendo cansado, preparava-se para pôr de lado seus encargos. Muito longe dali, um leão bramia. Era o prelúdio de outra noite africana, tão majestosa quanto o rei dos animais e igualmente selvagem.

Um grupo de oito homens pôs ao chão seus poucos pertences e acampou ao lado de um poço de água. Dois deles eram brancos. Como os companheiros negros, achavam-se armados de arco e flecha e lanças curtas, e não se via uma só arma de fogo entre eles.

Alguns traziam carne da última caça abatida e havia dois embrulhos feitos em peles de animal. A não ser pelas armas brancas, era tudo. Tratava-se de um safári de equipamento reduzido, quase se podia dizer que não tinha equipamento algum.

Os negros mantinham silêncio, falando em cochichos, enquanto preparavam a carne para a refeição noturna. Os homens brancos estavam taciturnos, fazendo caretas.

Um deles assentiu na direção dos negros.

— Os coitados estão morrendo de medo. O outro anuiu.

— Nós estamos em terra de canibais, e eles sabem. O companheiro, sentado, fazia carranca para os dois embrulhos de pele, e foi assim durante prolongado silêncio.

— Eu também estou com um medo desgraçado, Troll — declarou, finalmente. — Com medo dessas coisas. Acho que há uma praga nelas.

Troll deu de ombros.

— Por seis milhões de libras eu topo todo tipo de praga.

— Sim, se a gente sair com vida.

— Isso não me assusta. O que não quero é encontrar aquele cara, o Clayton. Ele seria capaz de tirar as pedras da gente.

— Ele foi para o norte.

— Mas disse que voltaria e disse que iria saber, se a gente fizesse alguma sujeira. Não gosto daquele cara.

Silenciaram, mastigando a carne mal cozida e dura de um javali velho que os negros haviam morto na véspera. Da floresta, em meio à vegetação que quase chegava ao poço de água, olhos vigiavam. O leão voltou a bramar.

— Esse bicho está chegando mais perto. Espero que ele não seja comedor de gente.

Troll se remexeu, inquieto.

— Cale a boca! — resmungou. — Você não sabe pensar em nada bom, pelo menos de vez em quando?

— Esse negócio de andar por aqui sem arma nenhuma ataca os nervos de qualquer um. Olhe só essas coisas do diabo!

Desferiu então um pontapé em seu arco e feixe de flechas, que tinha aos pés, aduzindo:

— Dava para matar um coelho com elas... se eu acertasse nele. Mas não acerto um elefante, ainda que esteja a cinco metros de distância... e você sabe como é duro acertar um leão, quando ele está atacando.

— Ora, pela alma de sua tia, cale essa boca! Voltaram a silenciar. A sombra da floresta os encobria, estendendo-se pela planície, pois o sol estava a ponto de desaparecer. Subitamente, ouviu-se um grito assustado de “*Bwana!* Olhe!” Um dos negros apontava na direção da floresta.

Os dois brancos giraram, ao se porem em pé. Uma dúzia de guerreiros negros vinha em sua direção. Spike abaixou-se para apanhar o arco e as flechas.

— Fique quieto! — advertiu Troll. — Nós somos poucos... e talvez eles sejam amigos.

Spike voltou a se pôr ereto, as mãos vazias. Um por um, os negros de sua comitiva se puseram vagarosamente em pé.

Os guerreiros se aproximavam com cautela, tendo as armas preparadas. Estacaram a dez metros do acampamento; seu chefe, de semblante sombrio, vinha à frente dos demais. Examinou os dois homens brancos e os seis carregadores com ar arrogante e desdenhoso. Troll fez o sinal de paz.

O chefe adiantou-se, acompanhado pelos guerreiros.

— O que fazem aqui, na terra dos bantangos? — interpelou.

— Procuramos guias — replicou Troll, no mesmo dialeto. — Grande safári vem atrás de nós... muitas armas ... eles chegam logo. Depois, vamos embora. Esperamos aqui até eles chegarem.

— Mentira — disse o chefe. — Meu guerreiro acompanha vocês há dois dias, depois ele falou comigo. Não tem safári grande. Não tem armas. Você mente.

— O que foi que eu disse? — interveio Spike. — Há uma maldição, uma praga em nós... e olhe só os dentes dessa gente aí. “Você sabe o que significam esses

dentes limados.

— Eu disse a você que era terra de canibais — observou Troll, em tom lamurioso.

— Meu Deus do céu, eu trocava essas duas pedras por uma arma — gemia Spike.

— As pedras! — exclamou Troll. — Isso mesmo! Por que a gente não pensou nisso antes?

— Pensou em quê?

— No Gonfal. A gente pode usá-lo, como o velho Mafka usava, é só botar a mão em cima e fazer qualquer sujeito obedecer à gente.

— Veja só! Boa idéia. Faça esses caras darem o fora daqui.

Ele começou a desembrulhar o Gonfal, o grande diamante dos *kajis*.

O chefe deu um passo à frente.

— O que tem aí? — interpelou.

— Coisa forte — explicou Troll. — Você quer ver? O chefe assentiu.

— Se gostar, eu levo.

Caíra a noite, com a rapidez característica da faixa equatorial. Apenas os fogos acesos no pequeno acampamento, destinados a preparar a comida, iluminavam a cena cheia de tensão. Das sombras profundas, um grande leão observava.

Spike levantou os cordéis que prendiam o envoltório do Gonfal e, as mãos trêmulas, afastou as peles, pondo à mostra a grande pedra que brilhava e cintilava à luz das fogueiras. O chefe recuou, com um arquejo de espanto. Não sabia o que era a pedra, mas o seu brilho o enchia de temor.

Troll ajoelhou-se ao lado do Gonfal e pôs uma das mãos sobre ele.

— Vão embora! — disse, falando com o chefe. — Larguem as armas, vocês todos, e vão embora!

O chefe e os guerreiros continuavam olhando o Gonfal e Troll. Não largaram as armas, não foram embora. Vendo que nada acontecia, recuperaram a coragem.

— Não vou largar as armas. Não vou embora — retorquiu o chefe. — Vou ficar. Eu levo — disse, apontando para o Gonfal. — Vocês vêm à nossa aldeia. Vocês pertencem a mim.

— É melhor ir embora — insistiu Troll, procurando dar tom de ordem à voz, sem o conseguir.

— O Gonfal não está dando certo? — interpelou Spike.

— Pois é, não está.

— Deixe ver aqui — disse Spike, baixando-se e colocando a palma da mão sobre a pedra. — Vocês aí, larguem as armas e dêem o fora, antes que nossa mágica mate todo mundo — berrou, em tom ameaçador.

O chefe deu um passo à frente e desferiu um pontapé no rosto de Spike, jogando-o de costas no chão. Os guerreiros se adiantaram, com gritos de guerra, brandindo as armas. E então, da escuridão em volta, veio um rugido trovejante que sacudiu a terra, um grande leão acometeu aquela confusão selvagem. Saltou por cima de Spike, que estava caído ao chão, passou por Troll e foi atacar o apavorado chefe e seus guerreiros.

Troll aproveitou no mesmo instante a oportunidade e tratou de fugir. Apanhou o grande diamante e berrou para Spike e os carregadores para que o seguissem, trazendo a outra pedra, e partiu em desabalada carreira para a floresta.

Alguns berros, de mistura com rosnados selvagens, vieram a seus ouvidos por instantes rápidos, e logo era o silêncio.

Por toda a noite eles seguiram na orla da floresta, e só pararam ao chegar a um córrego, pouco após o amanhecer. Ali se atiraram ao chão, esgotados.

Enquanto mastigavam mais uma vez a carne do velho javali, recobriram ânimo e falaram pela primeira vez, em todas aquelas horas.

— Acho que nós não sabemos usar essa pedra — sugeriu Troll.

— Que negócio é esse de “nós”? — retorquiu Spike. — Eu a usei, você não viu?

— Você?

— É claro. Não disse a eles que iam morrer todos, se não dessem o fora? E o que aconteceu? O Gonfal chamou o leão. Você se lembra daquela lâmpada que o sujeito costumava esfregar... esqueci o nome dele... mas isso aí faz a mesma coisa para mim. Eu a esfrego, peço uma coisa ... e dá certo!

— Besteira!

— Muito bem. Eu não consegui?

— Não. Aquele leão já vinha, muito antes de você tocar na pedra. Ele cheirou carne... foi o que o trouxe, e não você com sua pedra dos infernos.

— Já lhe mostro. Aqui, dê para cá.

Spike tirou o diamante de Troll, descobriu-o e colocou a palma da mão em sua superfície brilhante. Olhou então fixamente para o companheiro.

— Sente! — ordenou.

Troll teve um sorriso de escárnio e disse a Spike para ir para o inferno. Spike cocou a cabeça, cheio de confusão momentânea, mas logo se animava.

— Já sei — exclamou. — Tenho uma idéia melhor. Riscou uma linha no chão, usando um galho.

— Agora, eu digo que você não pode cruzar essa linha... e você não pode.

— Quem diz que eu não posso? — contrapôs Troll, atravessando a linha.

— Bem, é capaz de ter um truque nessa pedra que eu não entendi — reconheceu Spike. — Aquele cara, o Clayton, fez as pedras funcionarem nos *kajis* e *zulis*. Você mesmo viu.

— Gonfala estava lá — observou Troll. — Talvez seja isso. Talvez a pedra só dê certo com a presença dela.

— Talvez — admitiu Spike. — Mas o feiticeiro dos *zulis* fazia o mesmo com a esmeralda, e ele não precisava de Gonfala.

— Muito bem, experimente então a esmeralda.

— Onde está ela?

— Não está comigo.

— Deve estar com um dos negros.

— Eu disse a você para trazer.

— Um dos negros sempre a traz — insistiu Spike, voltando-se para os carregadores derreados pelo chão. — Ei, vocês! Qual de vocês está com a pedra verde?

Eles o fitaram, sem entender a pergunta; logo se entreolhavam.

— Ninguém — disse um. — Não sabemos da pedra.

— Diabo! — bradou Troll. — Você é uma beleza, não é? Deixou uma pedra que deve valer três milhões de libras lá na terra dos canibais!

CAPÍTULO 14

Rapto

— Cansada? — perguntou Wood. Gonfala sacudiu a cabeça, em negativa.

— Nem um pouco.

— Está andando muito bem, para quem não fazia nada mais do que sentar em um trono — comentou Van Eyk, com uma risada.

— Vocês nem imaginam. É possível que possa vencer qualquer um de vocês na corrida e em resistência. É que eu costumava caçar com os *kajis*. Mafka insistia nisso... muito exercício. Acreditava no exercício feito por todos, menos por ele.

— Foi ótimo — disse Wood —, pois temos duas marchas prolongadas entre este acampamento e a linha de trem. Será ótimo, quando houver acabado. Para dizer a verdade, estou farto da África. Espero nunca mais voltar aqui.

— Eu compreendo, Stanlee. Você andou perto de ficar aqui muito tempo.

— Sim, a eternidade é muito tempo — concordou Wood, com uma careta. — É difícil de entender, mesmo agora, que tenhamos conseguido escapar.

— É inacreditável — anuiu Gonfala. — Somos as primeiras pessoas que puderam fugir de Mafka, e ele esteve lá, oh, ninguém sabe por quanto tempo... os *kajis* diziam que sempre esteve. Acreditavam que ele havia criado o mundo.

Os três estavam acampados, ao final de um dia de marcha a caminho da civilização. Contavam com um safári eficiente e bem equipado, fornecido por Tarzan. Os homens planejavam dedicar um dia à caça, pois se achavam em território excelente para isso. Depois fariam as duas longas marchas até a estrada de ferro. Esse retardamento para a caça era uma concessão feita por Wood a Van Eyk, caçador infatigável, que obtivera permissão do senhor da selva no sentido de levar alguns troféus para sua coleção.

Ao cair da noite, a luz da fogueira lançava sombras bailarinas por todo o acampamento e estendia-se até longe na escuridão, atraindo e repelindo ao mesmo tempo os grandes carnívoros, cujo território atravessavam, pois aquela era região de leões. Atraía também outros olhos, a mais de um quilômetro para o norte.

— O que pode ser aquilo? — perguntou Spike.

— Uma fogueira — resmungou Troll. — E que mais podia ser... um *iceberg*?

— Você gosta de fazer gracinhas, não é?

— Não tanto quanto o camarada que sai correndo e deixa três milhões de libras em esmeralda com um punhado de canibais.

— Ora, por favor, pare de resmungar por causa disso. Eu a larguei por lá tanto quanto você. Acho que deve haver gente naquela fogueira, estou pensando em quem pode ser.

— Talvez os nativos.

— Ou caçadores brancos.

— E que diferença faz? — perguntou Troll.

— Eles podiam pôr a gente na trilha certa.

— E falar para aquele cara, o Clayton, onde a gente está? Você ficou maluco?

— Mas como é que você sabe que ele anda por aqui? Aqueles lá da fogueira, talvez nunca tenham ouvido falar nele.

— Ele anda por toda parte. Todo mundo ouviu falar nele. Ele disse que ia saber, se a gente traísse o Stanley. Depois do que ele fez na terra dos kajis, eu acredito em tudo, naquele sujeito. Ele é “onívoro”.

— Está aí uma bonita palavra.

— Você é um ignorante.

— Bem, mesmo assim, acho que a gente devia descobrir quem acendeu aquele fogo. Se eles são certa coisa, é melhor a gente dar o fora. Se forem outra, a gente pode pedir para que nos forneçam a direção certa.

— Quem sabe se você disse alguma coisa inteligente, afinal de contas? Não faz mal nenhum dar uma espiada por lá.

— Aquela fogueira pode estar muito longe e...

— E o quê?

— Nós estamos em terra de leão.

— Ficou com medo?

— Claro que sim. E você também tem medo, a não ser que seja mais burro do que eu imaginava. Só uma besta não ficaria com medo, em terra de leão, de noite e sem arma.

— Vamos levar dois dos negros com a gente. Dizem aí que os leões gostam de carne escura.

— Muito bem, vamos tocando.

Orientados pela fogueira, os quatro se aproximaram do acampamento de Wood e Van Eyk e, depois de fazerem reconhecimento, seguiram para o abrigo de um amontoado de arbustos, de onde podiam ver sem serem vistos.

— Puxa vida! — cochichou Spike. — Olhe só quem está lá!

— Gonfala! — arquejou Troll.

— E Wood e Van Eyk.

— Para o diabo com eles. Se a gente pudesse pegar a garota!

— E o que nós queremos dela?

— Você fica mais tapado a cada instante. O que a gente quer dela! Com ela, dava para fazer o diamante funcionar, como o Mafka fazia... e como o Clayton fez. A gente estaria seguro, não tinha nada que pudesse atrapalhar.

— Bem, ela não está com a gente.

— Cale a boca! Escute o que eles estão dizendo.

As vozes dos três brancos em volta da fogueira vinham com clareza aos ouvidos de Troll e Spike. Van Eyk elaborava os planos para a caçada do dia seguinte.

— Acho que Gonfala deveria ficar no acampamento e descansar, mas, se ela insiste em ir também, você e ela podem ir juntos. Se fossem três homens, podíamos nos espalhar mais pelo terreno, descobrir mais coisas.

— Eu sei fazer tudo o que um homem faz — insistiu Gonfala. — E você pode fazer de conta que somos três homens.

— Mas, Gonfala...

— Não seja bobo, Stanlee. Não sou como as mulheres que você conheceu, em seus países civilizados. Pelo que me contou, ficarei tão indefesa e com medo por lá quanto elas ficariam por aqui. Mas neste lugar não sinto medo. Fica combinado, portanto, que amanhã serei o terceiro homem, e agora vou-me deitar. Boa noite, Stanlee. Boa noite, Bob.

— Bem, acho que isso resolveu o caso — observou Wood, com um sorriso contrafeito. — Mas quando eu a levar para o meu país, vai ter de me ouvir. Boa noite.

— Talvez — retorquiou Gonfala.

A friagem da noite ainda pairava como vapor, sob o sol matutino, quando os três caçadores partiram do acampamento, rumo à caçada do dia, e, embora no começo essa fosse a idéia de Van Eyk, cada um dos outros queria pegar um leão. Já ao desjejum haviam feito apostas sobre quem seria o afortunado a apreender o primeiro troféu, e isso resultará na formação de rivalidade. Afigurava-se possível que o conseguissem, todos os três, já que a noite estivera cheia de rugidos constantes dos grandes carnívoros.

Pouco após partirem do campo eles se separaram; Van Eyk seguiu diretamente para o leste, Wood marchou para o sul e Gonfala para o norte. Todos eram

acompanhados por um carregador de armas, e alguns dos componentes do safári seguiram posteriormente na direção tomada por Van Eyk e Wood, quer acreditando que um dos homens teria maior probabilidade de abater um leão do que a moça, quer por se sentirem mais seguros próximos das armas dos homens.

Por trás de um afloramento rochoso, no ápice de pequena elevação a nordeste do acampamento de Wood e Van Eyk, Spike e Troll observaram a partida dos mesmos. Os seis homens de seu safári esperavam escondidos, estendidos no chão. Os dois brancos observavam Gonfala e seu carregador de armas, que se aproximavam pela planície aberta. A direção tomada por ela dava a entender que passaria um pouco a leste deles, mas que ainda estaria à vista de Van Eyk, talvez também de Wood.

Este último não ficara satisfeito com os preparativos do dia, pois não lhe agradava a idéia de Gonfala sair sozinha, querendo pegar um leão levando apenas um portador de arma. Mas a garota rebatera todas as objeções que fizera. Ainda assim ele insistira em mandar como portador de armas um homem cuja coragem era conhecida, sendo também bom atirador. E instruíra o mesmo para estar sempre pronto com o segundo “fuzil, caso Gonfala se metesse em alguma embrulhada e, deixando de lado os hábitos de caçada, disparar ele próprio contra qualquer leão em investida.

Embora Gonfala fosse dona de pouca experiência no tocante a armas de fogo até semanas antes, Wood se consolava um pouco ao refletir que a jovem, naquele curto período, revelara ser excelente atiradora. E no que dizia respeito à coragem, Gonfala era magnífica, não lhe causando preocupação. O que não podia ter imaginado, naturalmente, era a ameaça muito maior representada pelos dois homens que a vigiavam de seu abrigo rochoso sobre a elevação.

Gonfala passou pelo morro, sob o olhar de Spike e Troll, atravessando em seguida uma colina que era continuação do morro, dando para a planície, e a partir dali achava-se fora da visão de Van Eyk ou Wood. O terreno em que caminhava agora era interrompido por afloramentos rochosos e ravinas, arbustos baixos e algumas árvores, de modo que foi fácil para Spike e Troll acompanhá-la sem o perigo de serem descobertos. Foi o que fizeram, mantendo-se bem atrás de Gonfala e olhando-a apenas de vez em quando, na hora que se seguiu.

Sem desconfiar do fato de que oito homens a seguiam, Gonfala prosseguiu em sua busca aparentemente infrutífera, procurando um leão e desviando-se constantemente para o ocidente, por causa de uma série de morros baixos que tinha à direita, aumentando assim, de modo constante, a distância entre si e os dois companheiros. Havia chegado à conclusão de que os leões tinham saído do local quando ouviu, fracamente e na direção do leste, o disparo de dois tiros de fuzil.

— Alguém teve sorte — disse ela, falando com o carregador de armas. Acho que viemos na direção errada.

— Não, *memsahib* — cochichou ele, apontando. — Olhe! Simba!

Gonfala lançou um olhar rápido na direção indicada e lá, entre a relva, por baixo da árvore, viu a cabeça de um leão, os olhos amarelo-esverdeados a fitá-la sem pestanejar. A fera se achava a cerca de oitenta metros de distância, deitada, e só a cabeça era visível, proporcionando assim um alvo difícil. Um tiro frontal, ao que Gonfala sabia, serviria apenas para enfurecê-lo e precipitar sua investida.

— Não dê atenção a ele — cochichou ao carregador. — Vamos ver se nos aproximamos mais, por um dos lados.

Eles se adiantaram, então, não diretamente para o leão, mas como se fossem passar um pouco à direita do animal; e os olhos da fera os acompanharam, sem que ela ou o carregador de armas dessem qualquer sinal de que lhe haviam percebido a presença. Tendo-se aproximado cerca de quarenta metros, ela estacou e voltou-se para o leão, mas esse se limitou a continuar deitado, fitando-a tranqüilamente. Quando Gonfala deu alguns passos em sua direção, todavia, o leão exibiu as presas enormes e rosnou.

Chegando a uma elevação por trás, Spike percebeu a situação no mesmo instante. Fez um gesto para que os companheiros estacassem e chamou Troll para o lado. Juntos, observaram a cena que tinham à frente.

— Eu bem queria que ele se levantasse — disse Gon-fala.

O carregador de armas apanhou uma pedra e jogou-a sobre o leão. O resultado foi imediato e eletrizante. Com um rugido de raiva o leão se pôs em pé e acometeu.

— Atire, *memsahib*!

Gonfala se pôs sobre um dos joelhos e disparou. O leão deu um salto no ar, os rugidos raivosos estilhaçando o silêncio reinante. Fora atingido, mas não detido, pois, embora rolasse sobre as costas, logo se levantava e os atacava, com velocidade espantosa. Gonfala disparou novamente, errou o tiro. Foi quando o carregador de armas fez mira e apertou o gatilho do seu fuzil. Ouviu-se apenas um estalido, o cartucho falhara. O leão estava quase alcançando Gonfala quando o carregador, assustado pela negaça da arma, girou sobre os calcanhares e partiu em fuga. Sem saber, salvara a vida de Gonfala, pois ao ver o homem que fugia, o leão, que já se erguia sobre Gonfala, seguiu o instinto natural que salvou a vida de muitos caçadores e partiu em perseguição ao fugitivo. Gonfala voltou a disparar e novamente atingiu o alvo. Mas isso não deteve a fera enfurecida, que se pôs sobre as patas traseiras e agarrou o carregador, fechando as mandíbulas em volta de sua cabeça até esmagar-lhe os miolos.

A jovem ficara estupefata, sem poder ajudar, enquanto o enorme felino destroçava a vítima por momentos, para depois cair sobre o cadáver e morrer.

— É isso que eu chamo de sorte — declarou Troll. — A gente fica com a garota e duas armas.

— E não tem nenhuma testemunha — aduziu Spike. — Vamos!

Fez gesto para que os outros o acompanhassem e começou a descer o declive, na direção de Gonfala.

Ela os viu quase imediatamente e, por momentos, julgou que fossem os companheiros que chegavam, mas logo os reconhecia. Sabia que eram homens maus, que tinham roubado o grande diamante e a esmeralda, mas não havia motivo para crer que corresse algum perigo em companhia deles.

Eles se aproximaram, sorridentes e afáveis.

— Essa foi bem difícil — observou Spike. — A gente viu lá de cima, mas não podia fazer nada para ajudar, mesmo se a gente tivesse arma... a distância era muita.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou Gonfala.

— A gente está procurando chegar até a estrada de ferro — explicou Spike. — Faz semanas que estamos perdidos.

Troll recolhia a arma e a munição do negro morto e Spike estava de olho no magnífico fuzil que Gonfala segurava.

— Nós estávamos indo para a estrada de ferro — explicou ela. — Vocês podem voltar ao acampamento comigo e ir para lá, em nossa companhia.

— Isso vai ser ótimo! — exclamou Spike. — Ei, você tem uma bela arma aí. Deixe ver.

Sem refletir, Gonfala entregou-lhe o fuzil e depois passou sobre o corpo do negro.

— Está morto — declarou. — Uma pena. Os seus homens podem carregá-lo de volta ao campo.

— A gente não vai voltar para seu campo — disse Spike.

— Oh — exclamou Gonfala. — Bem, nesse caso o que devo fazer? Não posso carregá-lo sozinho.

— Você também não vai voltar.

— De que está falando?

— Foi o que eu disse: você não volta para seu campo. Vem com a gente.

— Ora essa, não vou.

— Escute, Gonfala — disse Spike. — A gente não quer encrenca com você, não quer machucar ninguém. É melhor que fique boazinha, porque precisamos de você.

— Para quê? — perguntou ela, a voz cheia de coragem, mas o coração

desalentado.

— Nós pegamos o Gonfal, mas ele não funciona sem você.

— Não funciona?

— Sim, não funciona. A gente vai se estabelecer como o Mafka, nós vamos ser reis... assim que acharmos uma terra boa. E vamos viver como reis, também, gozar a vida. Você pode ser rainha... e ter tudo que quiser. Quem sabe até se eu me caso com você? — disse, sorrindo.

— Para o diabo — retorquiu Troll. — Ela é tanto minha quanto sua.

Gonfala se encolheu.

— Não pertenço a nenhum de vocês. São dois imbecis. Se me levarem daqui, serão seguidos e mortos ou, pelo menos, tanto eu quanto o Gonfal seremos tirados de vocês. Se resta algum juízo nessas cabeças, deixarão que eu me vá. Depois, poderão levar o Gonfal para a Europa. Eles dizem que o dinheiro da venda seria bastante para comprar tudo que quisessem, pelo resto de suas vidas.

— E você acha que ia dar jeito de a gente se livrar daquela pedra na Europa? — contrapôs Troll. — Nada disso, menina. Já calculamos tudo. Você vem com a gente, e chega de conversa.

CAPÍTULO 15

Garra

Van Eyk derrubou seu leão com o segundo tiro e minutos depois ouviu três disparos feitos por Gonfala. Wood, que não tivera tanta sorte e fora atraído pelo ruído da arma do companheiro, veio ter com ele.

Continuava apreensivo, no que tocava à segurança de Gonfala, e, agora que Van Eyk já tinha seu troféu, sugeriu que mandassem a carcaça de volta ao acampamento, indo os dois juntar-se a Gonfala. Van Eyk concordou, e eles partiram na direção da qual haviam ouvido os disparos.

Procuraram por duas horas sem qualquer resultado, muitas vezes chamando-a pelo nome e, de vez em quando, disparando as armas; e logo, mais por casualidade que por desígnio, encontraram a campina onde Gonfala achara o leão. Ali estava o animal, caído sobre o corpo do carregador morto, mas Gonfala desaparecera.

O chão era duro e pedregoso, sem dar aos olhos dos homens brancos, que não tinham preparo para isso, qualquer indicação de que outras pessoas, além de Gonfala e seu carregador de armas, haviam estado ali. Assim, supuseram que, sem ter quem cortasse e carregasse a cabeça do leão, de volta ao acampamento, a jovem regressara para lá sozinha. E que, tendo vindo de outra direção, eles não a haviam encontrado. Assim é que não ficaram muito apreensivos, senão depois de voltarem ao acampamento e descobrirem que ela ali não estava.

A essa altura a tarde ia adiantada, mas Wood insistiu em empreender imediatamente a busca e Van Eyk concordou. Dividiram o safári em três partes, e Van Eyk e Wood, cada qual encabeçando uma dessas partes, saíram em trilhas levemente divergentes, na direção geral que Gonfala tomara de manhã, enquanto o terceiro grupo, encabeçado pelo capataz, recebeu ordens de permanecer no acampamento, mantendo uma grande fogueira acesa e, de vez em quando, disparando um fuzil para orientar a moça, caso ela voltasse para lá sem encontrar Wood ou Van Eyk. Por toda a noite, Gonfala e seus captores ouviram os disparos distantes das armas, na direção meridional.

O dia seguinte estava pelo meio quando, esgotados e desanimados, Wood e Van Eyk regressaram ao acampamento.

— Acho que de nada adianta, meu velho — disse o último, em tom solidário. — Se ela estivesse viva, teria ouvido nossos fuzis e respondido.

— Não posso crer que esteja morta — disse Wood. — Não acredito!

Van Eyk sacudiu a cabeça.

— Sei que é duro, mas você tem de aceitar os fatos e a evidência. Ela não poderia estar viva, a essa altura, em terra de leões.

— Ela levou duas armas — persistiu Wood. — Você viu que ela tirou a arma e a munição do carregador, depois de vê-lo morto. Se fosse atacada por algum leão, teria disparado ao menos uma vez, e não ouvimos um só tiro.

— Talvez fosse surpreendida... perseguida na escuridão e abatida, antes de saber que havia algum leão por perto. Você já viu como eles atacam. Sabe que tudo acaba dentro de um segundo, para quem não está preparado.

Wood assentiu:

— Sim, eu sei. Você deve ter razão, mas não desisto ... ainda não.

— Bem, Stan, preciso voltar para casa. Se eu achasse que havia a menor possibilidade, ficaria por aqui, mas sei que não é assim. É melhor que você venha também e procure esquecer, o mais depressa que puder. Talvez nunca esqueça, ficando nesse lugar, mas em nossa terra será diferente.

— Não adianta, Van; você vai, mas eu fico.

— Mas que pode fazer sozinho?

— Não vou tentar nada sozinho. Pretendo voltar a descobrir Tarzan. Ele ajudará. Se alguém pode descobri-la, ou o local onde morreu, é Tarzan.

Dez dias depois, Wood estava de volta, cheio de cansaço, ao acampamento que não abandonara, a não ser para dar batidas infrutíferas, procurando sua Gonfala. Não fora procurar Tarzan, mas enviara a ele uma carta comprida, mediante portador rápido. Por todos os dias, naquele período, Wood vasculhara o terreno por quilômetros em volta e, a cada dia, convencia-se mais de que Gonfala não estava morta. Não descobrira qualquer sinal de restos humanos deixados pelos leões, nenhum farrapo de roupa, nenhuma indicação das duas armas ou da munição que Gonfala levava. Embora houvesse descoberto muitas vítimas de leões — zebras, antílopes e animais ferozes, achara outra coisa que viera acentuar sua crença de que Gonfala devia estar viva — o acampamento de Spike e Troll. Ficava a curta distância ao norte de seu próprio acampamento e Gonfala devia ter-se aproximado de lá na manhã em que partira para a caçada. O tipo de homens que acampara ali, eis algo que Wood não podia imaginar, mas supunha que fossem nativos, pois não havia sinal algum de homens brancos — nenhuma lata vazia, nenhum fragmento de roupa abandonado, ou sinal de que uma barraca fora levantada.

Era possível, portanto, que o destino de Gonfala fosse pior do que a morte misericordiosa proporcionada pelo rei dos animais. O pensamento o levava ao desespero, enchia-lhe o espírito de imagens sanguinolentas, nas quais procurava vingança. Tais eram seus pensamentos ao atirar-se no catre, cheio de perplexidade,

recriminando-se como fizera mais de mil vezes por ter permitido que Gonfala caçasse sozinha aquele dia — dia que parecia distante, após tão prolongado sofrimento.

Uma figura ensombreceu a entrada da barraca e Wood se voltou para olhar. Logo se punha em pé, com um salto.

— Tarzan! Meu Deus, pensei que você não vinha mais.

— Vim assim que recebi sua carta. Você andou procurando, é claro. O que descobriu?

Wood falou-lhe de seu fracasso na busca de qualquer indicação de que Gonfala tivesse tombado entre os leões, mas que descobrira um acampamento no qual haviam estado homens, recentemente.

— Interessante — observou Tarzan. — É tarde demais, agora, para investigarmos isso. Amanhã iremos olhar.

Era madrugada, quando Wood e o homem-macaco foram para o acampamento ao qual Spike e Troll tinham sido atraídos pela fogueira, levando-os à descoberta da presença de Gonfala. Tarzan examinou minuciosamente o terreno e adjacências. A experiência de toda a sua vida, seus poderes de observação, as narinas sensíveis revelavam fatos que eram como um livro fechado para o americano. A madeira queimada nos restos de fogueira, a relva amassada, os detritos ali deixados, tudo lhe contava alguma coisa.

— Era um acampamento dos mais pobres — declarou, afinal. — Talvez dez ou doze homens tenham acampado aqui. Estavam com pouca comida, carregavam pouca coisa. Estavam com mochilas, e isso indica que eram homens brancos... talvez um, talvez dois. Os demais eram nativos. A comida andava fraca. Isso dá a entender que não contavam com armas de fogo, pois estamos em bom território para a caça. Assim sendo, talvez não houvesse qualquer homem branco presente. Mas tenho a certeza de que havia. Só tiveram a carne de um javali velho para comer. Alguns dos ossos foram partidos e extraído o tutano. Isso faz pensar em nativos. Outros ossos não foram partidos, o que faz pensar em homens brancos.

— Como sabe que tinham mochilas? — perguntou Wood sem ver qualquer outra indicação além de que alguém estivera ali, acendera fogueira e comera alguma coisa. Dava para ver os ossos abandonados.

— Se você olhar bem, verá onde foram postas, no chão. Faz dez dias, pelo menos, os sinais são muito leves, mas aí estão. A relva ficou comprimida, e ainda se podem ver as marcas das cordas que as prendiam.

— Não vejo nada — reconheceu Wood, depois de examinar bem.

Tarzan teve um de seus raros sorrisos.

— Agora, veremos para que lado eles seguiram — anunciou. — O rastro de tantos homens deve ser fácil de acompanhar.

Seguiram rumo ao norte, o rastro mais recente que saía do acampamento, perdendo-o onde uma grande manada de animais o apagara. E Tarzan voltou a descobri-lo mais além. Chegaram assim ao lado onde haviam estado os corpos do carregador de armas e do leão.

— O seu palpite talvez esteja certo — disse o homem-macaco. — Gonfala, ao que parece, foi capturada por esse grupo.

— Isso aconteceu onze dias atrás — observou Wood, desalentado. — Não podemos perder tempo.

— Nós, não — replicou Tarzan. — Você vai regressar a seu acampamento e começará amanhã a viagem para minha casa. Quando eu houver localizado Gonfala, se não puder salvá-la sem ajuda — e ele voltou a sorrir —, mandarei recado e você poderá vir com um grupo de *waziris*.

— Mas eu não posso ir com você? — interpelou Wood.

— Eu sei viajar muito mais depressa, estando sozinho. Faça o que digo. É tudo.

Tratava-se de ordem terminante e Wood ali ficou, observando a figura magnífica do homem-macaco, até que desaparecesse além de uma elevação na planície ondulada. Voltou-se então, muito abatido, para o acampamento. Sabia que Tarzan tinha razão, e que um homem, cujos sentidos haviam sido embotados por gerações seguidas de falta de uso, serviria apenas como atraso em companhia do homem-macaco.

Por dois dias, Tarzan acompanhou a trilha na direção norte. E depois uma chuva fora de estação apagou-a para sempre. Estava agora na terra dos bantangos, tribo guerreira de canibais e inimigos hereditários dos *waziris*. Sabia que, se os captores de Gonfala haviam vindo naquela direção, talvez se tratasse de bantangos, de modo que resolveu investigar o assunto inteiramente, antes de procurar mais adiante. Se não tinham sido bantangos, era bem possível que estivessem aprisionados por aquela tribo, pois sabia que formavam um grupo pequeno e mal equipado.

Parecia melhor, em qualquer hipótese, examinar a aldeia do chefe para a qual, sem a menor dúvida, os prisioneiros importantes seriam levados. Mas Tarzan não sabia onde se achava a aldeia. A leste, uma cordilheira de elevações baixas estendia-se para o norte, e ele partiu para lá. Escalando-as, começou a vislumbrar aldeias na direção oeste e norte e, finalmente, do cume de uma das elevações maiores, teve uma visão considerável do terreno, que continha muitas aldeias. A maioria delas era pequena e fraca — um simples punhado de cabanas cercadas por paliçadas frágeis

de troncos.

O vale que continha essas aldeias era pontilhado de árvores e, para o ocidente, encostava em uma floresta. Era cenário de paz e encanto, que conferiam certo ar pitoresco até mesmo aos *kraals* esqueléticos dos bantangos, disfarçando a selvageria e bestialidade dos habitantes. A beleza do cenário não passou despercebida ao homem-macaco, cuja apreciação do encanto e grandiosidade da natureza, nunca desfeita pela familiaridade, constituía uma das fontes principais de sua alegria na vida. Ao contemplar a morte que, por certo, lhe adviria, bem como a todas as coisas vivas, seu maior pesar residia no fato

de que jamais poderia rever as elevações, vales e florestas de sua amada África. E assim, como se fosse um grande leão sobre o topo de um morro, espreitando a presa, continuava sensível às belezas naturais estendidas à sua frente. Tampouco deixou de observar uma aldeia grande, na parte central do vale, a maior de todas lá existentes. Sabia que devia ser aquela a aldeia do chefe dos bantangos.

A noite caiu, sem qualquer luar, um véu negro envolvendo a floresta, as árvores, as aldeias, ocultando-as dos olhos do observador; e foi quando o senhor da selva se ergueu, espreguiçou-se. Tinha movimentos tão parecidos aos de um leão que se podia contar com o rugido daquela fera, a sair do peito amplo. Em silêncio, todavia, ele desceu rumo à aldeia do chefe. Pequenas luzes brilhavam agora no vale, assinalando as diversas aldeias onde tinham sido acesas as fogueiras de preparo da comida. Na direção das fogueiras da aldeia maior seguia um lorde inglês, vestido apenas de tanga.

Das elevações que abandonava, rugiu um leão. Também ele descia para as aldeias, onde os nativos haviam reunido seus pequenos rebanhos, colocando-os dentro dos cercados frágeis de seus *kraals*. O homem-macaco estacou e ergueu o rosto para o céu. Do peito amplo saiu o desafio selvagem do macaco. Os selvagens na aldeia silenciaram, entreolhando-se com espanto, olhos arregalados de pavor. Os guerreiros empunharam as armas, as mulheres tomaram a si os filhos.

— É um demônio — cochichou um deles.

— Eu já ouvi esse grito antes — disse o chefe dos bantangos. — É o grito do deus-demônio dos *waziris*.

— Por que ele veio para cá? — perguntou um guerreiro. — As chuvas já caíram muitas vezes, desde que entramos no território dos *waziris*.

— Se não é ele — disse o chefe —, nesse caso será outro deus-demônio.

— Quando eu era menino — disse um velho — fui uma vez muito longe, onde o sol dorme, até a floresta grande onde moram os homens peludos das árvores. O grito deles era assim, grito que faz parar o coração e esfria a pele. Talvez seja um dos

homens peludos das árvores. Ficamos por lá muito tempo. As chuvas haviam acabado quando partimos de nossa aldeia. Elas voltaram antes que regressássemos. Eu era um grande guerreiro, matei muitos guerreiros naquela viagem. Comi o coração deles, é isso o que me faz corajoso.

Ninguém lhe dava atenção, mas ele prosseguia no relato. Os outros estavam à escuta, procurando a repetição do grito fantástico ou de qualquer som que pudesse prenunciar a aproximação de um inimigo.

Tarzan aproximou-se da paliçada que cercava a aldeia do chefe. Uma árvore, dentro do cercado, estendia os ramos por cima. O homem-macaco investigou o lugar. Pelos interstícios dos paus que formavam a paliçada, vigiava os nativos. Gradualmente, estes se acalmavam, por não haver repetição do grito que os alarmara, e retomavam as atividades comuns, as mulheres cuidavam da comida, os homens voltavam ao costume imemorial dos senhores da natureza — ficar à toa.

Tarzan queria escalar a paliçada e alcançara os ramos da árvore que se estendia por cima, mas desejava fazê-lo sem chamar a atenção dos bantagos e, devido à construção frágil da paliçada, sabia que seria impossível, durante a tranquilidade que reinaria na aldeia na hora de comer. Tinha de esperar. Talvez a oportunidade que procurava surgisse mais tarde. Com a paciência da fera que espreita a presa, ele aguardou. Se necessário, podia esperar uma hora, um dia, uma semana. O tempo significava pouco para ele, como significava para os macacos que o haviam criado, pois os contatos que mantivera com a civilização não o tinham ainda escravizado à ilusão do tempo.

Nada que pudesse ver, no alcance restrito da parte da aldeia visível entre duas cabanas no outro lado da paliçada, indicava que os bantagos mantivessem prisioneiros brancos. Pois ele sabia que, se tal acontecesse, estariam presos em uma cabana, e era o que tinha de verificar, entre outras coisas, antes de dar prosseguimento à busca em outras paragens.

Concluída a refeição da noite, os negros entraram em sonolência. A tranquilidade da noite africana era interrompida apenas pelos rugidos do leão em caça, aproximando-se cada vez mais, som tão conhecido deles que não despertava o interesse quer dos negros dentro da aldeia, quer do observador lá fora.

Decorreu uma hora. O leão parou de rugir, devia agora estar próximo da presa, a espreitá-la. Os negros voltavam a interessar-se, e ao terminar o fenômeno da digestão deixavam-se motivar pelo mesmo impulso primitivo que faz encher El Morocco e outras casas noturnas de dançarinos, após o teatro. Um maestro escuro reuniu seus executantes, cada qual

com um instrumento primitivo, e teve início a dança. Era o momento pelo qual

Tarzan estivera esperando. Em meio ao ruído dos tambores e gritos dos dançarinos, ele pulou para a parte superior da paliçada e se atirou à árvore.

De um galho apropriado, examinou o cenário embaixo. Dava para ver agora a cabana do chefe e o próprio. Era velho, estava sentado e observando os dançarinos. Mas nem ele nem estes últimos vieram a constituir o foco de interesse do homem-macaco. Esse interesse estava cravado em algo depositado aos pés do chefe — a grande esmeralda dos *zulis*.

Não podia haver engano. Só existia uma pedra assim e sua presença ali desencadeou o raciocínio dedutivo na mente alerta do homem-macaco, chegando a conclusões indefinidas — a de que Spike e Troll haviam estado nas vizinhanças, sendo lógico supor que tinham sido eles que raptaram Gonfala. Onde estariam agora? Naquela aldeia dos bantangos? Tarzan duvidava, pois nada evidenciava a existência de prisioneiro algum por ali. Ainda assim tinha de saber com certeza, de modo que esperou com paciência infinita, um dos atributos de sua criação.

A noite se estendia e os dançarinos finalmente se cansaram, a rua da aldeia ficou deserta. Os sons de gente dormindo vinham das cabanas, sons nada atraentes, bem apropriados aos odores que emanavam. Aqui e acolá um menino se agitava, alguma criancinha chorava. Além da paliçada, ouviu-se o rugido de um leão.

O homem-macaco desceu silenciosamente para a rua vazia. Como sombra, ia de uma a outra cabana, as narinas procurando os odores que lhe diriam, com tanta certeza quanto a conferida pela visão, se existia algum prisioneiro branco por lá. Ninguém o ouviu, ninguém despertou. Tendo examinado aquilo, sabia que não estavam ali as pessoas que buscava, mas era preciso verificar mais. Voltou à cabana do chefe. No chão à frente, como lixo inútil, achava-se a grande esmeralda dos *zulis*. Sua luz verde fantasmagórica emitia radiação suave sobre o corpo bronzeado do senhor das selvas, coloria de verde-claro a cabana do chefe, acentuava o negrume da porta baixa.

O homem-macaco fez pausa momentânea, à escuta, e depois se abaixou e entrou na cabana. Ouvia a respiração dos ocupantes e, graças a ela, localizou as mulheres e os filhos, bem como o homem — o que seria o chefe. Foi ter ao lado dele, ajoelhou-se, baixou o corpo. Dedos de aço apertaram de leve a garganta do chefe adormecido. E o homem acordou.

— Não faça barulho — cochichou o homem-macaco —, se quer viver.

— Quem é você? — interpelou o chefe em cochicho. — O que deseja?

— Eu sou o deus-demônio — explicou Tarzan. — Onde estão os dois homens brancos e a mulher branca?

— Eu não vi mulher branca — replicou o chefe.

— Não use mentiras.... eu vi a pedra verde.

— Os dois homens brancos deixaram a pedra quando fugiram correndo — insistiu o chefe. — Mas não havia qualquer mulher branca com eles. O sol já se levantou tantas vezes quanto meus dedos nas duas mãos e um pé, desde que os homens brancos estiveram aqui.

— Por que fugiram? — interpelou o homem-macaco.

— Estivemos no acampamento deles. Um leão veio e nos atacou. Os homens brancos fugiram, deixando a pedra verde no lugar.

Uma das mulheres despertou e sentou-se.

— Quem está falando? — perguntou.

— Diga-lhe para calar-se — advertiu Tarzan.

— Cale a boca — ordenou o chefe, falando com a mulher. — Cale a boca, se não quer morrer... é o deus-demônio.

A mulher abafou um grito e deitou-se, encobrindo o rosto nas fibras sujas que formavam sua cama.

— Em que direção foram os homens brancos? — perguntou Tarzan.

— Eles vieram do norte. E quando correram, entraram na floresta para oeste. Nós não os perseguimos. O leão matou dois de meus guerreiros e feriu outros.

— Eram muitos, no safári dos homens brancos?

— Apenas seis, além deles. Era um safári muito pobre. Tinha pouca comida, arma nenhuma. Eram muito pobres.

O chefe falava em tom de desdém, explicando agora:

— Já contei tudo que sei. Eu não fiz mal aos homens brancos nem aos carregadores. Agora, vá embora. Não sei mais nada.

— Você roubou a pedra verde deles — acusou Tarzan.

— Não. Eles ficaram com medo e fugiram, esqueceram a pedra; mas levaram a pedra branca.

— A pedra branca?

— Sim, a branca. Um deles estava com ela na mão e mandou que largássemos as armas e fôssemos embora. Ele disse que era magia forte e que nos mataria, se não fôssemos. Mas nós ficamos, e ela não nos matou.

Na escuridão da cabana, o homem-macaco sorriu.

— Passou alguma mulher branca por sua terra, ultimamente? Se me mentir voltarei para matá-lo.

— Eu nunca vi uma mulher branca — respondeu o chefe. — E se alguma passasse por aqui, eu saberia, com certeza.

Tarzan retirou-se da cabana, tão silenciosamente como entrara. Ao passar, apanhou a grande esmeralda e pulou para a árvore por cima da paliçada. O chefe emitiu um suspiro abafado de alívio e prorrompeu em suor frio.

Bem forte nas narinas do homem-macaco era o cheiro de Numa, o leão. Sabia que o grande felino espreitava bem perto da paliçada. Não tinha qualquer diferença a acertar com Numa, aquela noite, nem pretendia tentar o apetite de um leão faminto, de modo que se instalou comodamente na árvore, por cima da aldeia de canibais, aguardando que Numa fosse para outra parte.

CAPÍTULO 16

Tantor

Dias de cansaço contínuo tinham sido os da marcha de Gonfala, rumo ao norte, em companhia de Spike e Troll. Haviam feito um desvio amplo, a fim de evitar o território dos bantangos, pois embora estivessem com o diamante Gonfal e com Gonfala, faltava-lhes a força da convicção relativa a essa combinação, a da jovem com o diamante, que lhes parecera todo-poderosa.

A segurança de Gonfala, até então, residira no ciúme de um pelo outro. Nenhum dos dois a deixava a sós com o outro. Devido a ela, tinham deixado de falar entre si, a não ser quando absolutamente necessário, e cada um receava constantemente que o outro o assassinasse. A fim de garantir sua própria segurança, a jovem cuidava da segurança de ambos, como se os amasse.

Um dos negros carregava o grande diamante e nenhum dos dois brancos tentara tocá-lo sem que o outro prorrompesse em protestos calorosos, pois agora que Gonfala estava em sua companhia cada um temia que o companheiro utilizasse o poderio mágico da pedra a fim de destruí-lo.

Spike procurava uma região pela qual passara, em safári, muitos anos antes.

— É um verdadeiro jardim, menina — explicava a Gonfala. — E como tem caça! Juro por deus, está cheio de caça, e toda ela mansinha, porque ninguém andou dando tiro por lá, de modo que a gente chega perto do animal e acaba com ele a paulada, se quiser. A gente podia viver feito rei e com muitos criados, porque os nativos são gente sossegada, e não há muitos. Quer dizer, não há nativos demais. A gente podia governá-los fácil, fácil, tendo Gonfal e você.

— Não sei de que o Gonfal ia adiantar — contrapôs a garota.

— E por que não? — interpelou Troll.

— Vocês não sabem como usá-lo, e é preciso ter certos poderes mentais para obter êxito com o Gonfal.

— E você tem? — indagou Spike.

— Eu poderia usá-lo, a menos que Mafka desejasse impedir. E poderia impedir, pois a mente dele talvez controlasse a minha. Eu nunca tentei usar esses poderes, desde que Mafka morreu.

— Mas acha que pode?

Na voz de Spike transparecia o medo. Ele contava muito com o poder do Gonfal. Todos os seus planos para o futuro dependiam de estar no controle dos atos alheios,

por intermédio dos poderes misteriosos do grande diamante, e agora surgiu a dúvida. Ela o perseguia dia e noite.

— Acho que sim — respondeu Gonfala —, mas não o utilizarei para ajudar qualquer de vocês, a menos que me dêem garantia completa de que nenhum dos dois me tocará.

— Eu não seria capaz de pensar em tocar em você — asseverou-lhe Spike.

— Eu também não, mas é melhor não confiar nesse camarada — disse Troll.

Spike deu um passo na direção de Troll, o punho cerrado.

— Seu patife sujo! — gritou. — Você é quem precisa ser vigiado, mas não vai precisar por muito tempo. Acabo com sua raça agora mesmo.

Troll deu um salto para trás e agarrou o fuzil.

— É só chegar mais perto e eu abro fogo — ameaçou, visando o ventre de Spike com o cano da arma.

— É melhor não atirar — disse Spike. — Você pode precisar de outra arma, na terra para onde a gente vai. E nunca daria conta sozinho, tendo só seis negros.

— Não se esqueça disso, você também — resmungou Troll.

— Se é assim, vamos encerrar o caso e parar com as brigas... isso não está adiantando nada.

— E não vai servir de nada a vocês dois, no que me diz respeito — disse Gonfala. — Aí é que está o problema. Vocês me roubaram de meus amigos, e um dia eles vão pegá-los. Quando o fizerem, será melhor que vocês não me tenham feito mal. Stanley Wood nunca desistirá, até me encontrar. E quando ele disser a Tarzan que fui raptada, vocês podem ter certeza de que serei descoberta e vocês castigados.

— Tarzan! — exclamou Spike. — O que tem Tarzan a ver com a gente?

— Você sabe quem ele é? — perguntou Gonfala.

— Claro... Todo mundo já ouviu falar dele, mas nunca vi o sujeito. Sempre achei que era um negócio inventado pelos outros. O que é que sabe a respeito dele? Já o viu?

— Sim, e vocês também.

— Nós, não — afirmou Troll.

— Lembram-se de Clayton? — perguntou a garota.

— Claro que me lembro de Clayton. Aquele sujeito era dos bons, tão bom quanto... Ei! Quer dizer que... ?

— Quero, sim. Clayton é Tarzan.

Troll deixava transparecer a preocupação que agora sentia. Spike fez carranca, logo dando de ombros.

— E se for? — contrapôs. — Nunca poderá achar a gente... não vai achar, no lugar para onde vamos, e mesmo que achasse, de que ia valer contra o Gonfal? A gente podia fazer o que quisesse com ele.

— É claro — concordou Troll. — A gente podia acabar com ele, sem mais aquela, assim — e estalou os dedos.

— Oh, não, não fariam — afirmou Gonfala.

— E por quê?

— Porque eu não permitiria. Vocês não podem usar o Gonfal sem minha ajuda, e quando Tarzan e Stanley vierem, eu os ajudarei. A questão é que, com o Gonfal, eu posso *acabar com vocês*.

Os dois homens se entreolharam. Logo Spike se afastava e chamava Troll para que o acompanhasse. Quando não podiam ser ouvidos por Gonfala, ele estacou.

— Escute — disse, então. — Essa garota pegou a gente direitinho. Se ela puser as patinhas naquela pedra, nossa pele não vale mais nada.

— Parece que o Gonfal não vai adiantar muito para a gente — disse Troll. — Não dá para fazê-lo funcionar, sem a garota. E se ela botar as mãos na pedra, acaba com nossa raça. O que vamos fazer?

— Em primeiro lugar, é tratar de não deixar que ela bote as mãos na pedra. Um de nós vai levar o diamante ... ela podia arranjar com o negro para apossar-se da pedra, quando a gente não estivesse por perto. Você pode levar o diamante, se quiser.

— Faz muito tempo que eu digo isso — observou Troll.

— Bem, a coisa mudou, agora — falou Spike. — Nenhum de nós tem coragem de tocar no diamante. Desse jeito a gente vai bem, desde que a pedra fique com um de nós dois.

— Mas de que adianta a pedra para a gente, então?

— Espere até a gente chegar a esse lugar de que andei falando. Por lá, dá para fazer a mocinha andar nos eixos. Só precisamos dizer a ela para trabalhar a pedra como queremos, ou então acabamos com essa garota. E ela vai ter de obedecer, porque lá para onde vamos não daria para ela sair, depois de nos matar, de modo que não ia adiantar nada.

Troll sacudiu a cabeça.

— Talvez ela acabe com a gente de qualquer jeito, só para se desferrar.

— Bem, por enquanto não temos outra saída — observou Spike. — Vamos tocar

assim mesmo. Vamos daí, seus negros! Vamos, Gonfala! O negócio é andar... o sol já levantou faz tempo.

Ao desmontarem o acampamento, muito ao norte de Tarzan, este estacava à orla da floresta que circundava o vale dos bantangos pelo ocidente. Olhou em volta, orientando-se cautelosamente. E depois, com a ponta da lança afrouxou a terra no centro de um triângulo formado por três árvores e, com as mãos, retirou dali a terra, até haver feito um buraco com cerca de um palmo de profundidade. Ali enterrou a grande esmeralda dos *zulis*. Tendo coberto o buraco com terra e as folhas e gravetos que arredara cautelosamente, tornava impossível a qualquer olho humano descobrir o esconderijo. Com o punhal, marcou uma árvore a quinze passos de uma das três que formavam o triângulo. Apenas Tarzan conseguiria descobrir novamente aquele local. Caso não regressasse, o resgate de doze reis ali estaria, até o final dos tempos, sem que o descobrissem.

Incapaz de encontrar a trilha apagada pela tempestade, o homem-macaco procurou inferir, do conhecimento agora comprovado de que os raptos de Gonfala eram os dois brancos, e da dedução dos acontecimentos que possuía até o momento, o destino lógico para o qual marchavam.

Sabia que eles conheciam os poderes miraculosos do Gonfal e que não tinham podido utilizá-los. O chefe dos bantangos narrara o fracasso de Troll e Spike na demonstração de sua grande magia. Quer por acidente ou intencionalmente, haviam descoberto Gonfala, e o que podia ser mais natural do que suporem que, graças a ela, poderiam realizar as maravilhas ao alcance do Gonfal? E qual seria o melhor local para utilizar tais poderes? Ora, o território dos *kajis*, naturalmente, pois ali estariam mais garantidos, contra qualquer procura, do que em outro ponto da superfície terrestre, e encontrariam também uma tribo acostumada ao domínio da pedra. Ali teriam mulheres, e Tarzan achava que, se sabia avaliar os homens, essa circunstância exerceria grande influência junto a Troll e Spike. Assim é que o homem-macaco viajou rumo ao norte, em trilha paralela àquela tomada por Spike e Troll, mas a alguma distância na direção do oeste.

Por dois dias Tarzan rumou ao norte e ainda assim não descobriu sinal algum dos que procurava. Abatia suas presas, comia e dormia, seguia incansavelmente pelas florestas ou planícies.

Quando passava por uma faixa de floresta, ao longo da ombreira de uma cordilheira espessa de bambual, ouviu um som que o fez estacar e ficar atento. O som se repetiu — o barrir débil de um elefante em apuros. O homem-macaco voltou-se na direção em que estivera viajando, seguiu com cautela em meio ao bambual. Ia contra o vento, de modo que percorreu um circuito largo a fim de recolher o rastro de faro do que estava à frente. Talvez houvesse algo além de um elefante. A cautela

da fera sabia auxiliar e dosar os poderes de raciocínio do homem.

Logo, o cheiro de Tantor, o elefante, vinha contar-lhe que ele dera a volta e, ainda mais forte, surgia o cheiro de Dango, a hiena. Em seguida, áspera e barulhenta, veio a gargalhada medonha desse animal impuro, acompanhada pelo grito de socorro lamurioso do elefante. Tantor estava em má situação e o homem-macaco adiantou-se para descobrir a causa.

A amizade entre Tarzan e Tantor vinha desde a infância do primeiro. Talvez jamais tivesse visto antes aquele elefante, mas ainda assim aos olhos de Tarzan ele seria Tantor — já que o nome e a amizade pertenciam a todos os elefantes.

Ao aproximar-se mais, empregou cautela maior — como se fosse uma fera, sempre pressentindo a armadilha. Para os seres da selva, a vigilância eterna é o preço da vida. Finalmente, aproximou-se para, afastando o bambu, poder ver o que estivera procurando. A parte superior das costas de Tantor era visível, o animal caíra em um poço de elefantes. Rosnando e exibindo os dentes à orla do poço havia duas hienas, e em vôos circulares por cima via-se Ska, o abutre. E com base nesses indícios o homem-macaco sabia que Tantor estava perto da morte.

Arredando o bambu, Tarzan chegou à pequena clareira que havia sido feita pelos construtores do poço, ampliando larga trilha de elefantes. No mesmo instante, as hienas passaram a devotar sua atenção ao homem-macaco e o enfrentaram, presas à mostra. Mas à medida que o homem avançava elas recuaram, rosnando. Tarzan não lhes deu atenção alguma, pois sabia que normalmente Dango não atacaria qualquer homem, a menos que indefeso.

Ao aproximar-se do poço, Tantor ouviu e barriu em advertência enfraquecida. A pele do elefante estava solta em seu grande corpo, demonstrando que ali se achava sem comida ou água, desde muito tempo. Caíra em um poço que fora escavado e depois abandonado, quer porque a tribo que o cavara mudara de lugar, quer porque, não tendo colhido elefante algum, havia deixado de visitá-lo.

Tarzan falou a Tantor na língua estranha que utilizava com os animais da selva. Talvez Tantor não entendesse as palavras — quem sabe? —, mas alguma coisa, talvez o tom, indicou que o homem-macaco era um amigo. Tantor, entretanto, precisava de algo além de palavras bondosas, de modo que Tarzan começou a cortar o bambu com os brotos mais macios, levando-os para a fera aprisionada.

Tantor comeu com avidez, e a água dos brotos de bambu vinha trazer-lhe, pelo menos, parte do líquido do qual o corpanzil necessitava ainda mais do que de alimento; e logo Tarzan se pôs a trabalhar com faca e lança, usando também as mãos na tarefa aparentemente hercúlea de escavar uma rampa pela qual Tantor pudesse chegar à liberdade. Não era trabalho de uma hora, mas de muitas, e só foi terminado

no dia seguinte. Nessa ocasião, fraco e de passos incertos, o grande paquiderme subiu lentamente do poço onde caíra. Era animal imenso, um dos maiores machos que Tarzan já vira. Uma das presas, por capricho singular da natureza, era bem mais escura do que a outra, e isso, juntamente com suas grandes dimensões, devia servir-lhe como sinal de distinção entre os companheiros.

Ao sair do poço, sua tromba sensível passou sobre o corpo do homem-macaco, no que era quase uma carícia. E logo, quando Tarzan empreendia novamente seu rumo para o norte, Tantor se voltou e caminhou devagar pela trilha de elefantes, dirigindo-se ao nascente e à água mais próxima.

Passaram-se dias. Stanley Wood, esperando na propriedade de Tarzan, tornava-se cada vez mais frenético, por não receber notícias sobre o seu paradeiro. Suplicava a Muviro, chefe dos *waziris*, a fim de que lhe desse uma escolta e o deixasse partir à procura de Gonfala. Finalmente Muviro acedeu às instâncias importunas de Woody despachando-o em companhia de meia dúzia de guerreiros.

Wood empreendeu a procura do ponto em que Tarzan o deixara, onde os ossos limpos do leão abatido por Gonfala alvejavam ao sol. Sabia apenas que as pessoas a quem buscava haviam rumado para o norte partindo daquele ponto. Era uma procura às cegas e aparentemente sem esperanças, mas significava alguma ação, e qualquer coisa era preferível a ficar sentado ociosamente, o espírito dilacerado pelos receios e dúvidas quanto ao destino de Gonfala.

Ao se aproximarem dos territórios dos bantangos, os *waziris*, conhecendo a natureza e o temperamento dos habitantes locais, aconselharam Wood a fazer um desvio a fim de evitá-los, e de modo inteiramente fortuito seguiram um trajeto oriental — a rota escolhida por Spike e Troll pelo mesmo motivo. Assim aconteceu que, uma semana mais tarde, encontravam provas definitivas de que se achavam no caminho certo. Numa aldeia de negros amistosos, foram informados de que um safári de nove pessoas, incluindo dois homens brancos e uma mulher branca, havia pernoitado com a tribo. O chefe lhes dera guias até a próxima aldeia amiga, na direção do norte.

Wood conversou com esses homens, ficou sabendo que o chefe da aldeia para a qual havia guiado o safári também dera guias para a etapa seguinte da jornada, e, pela primeira vez em semanas, o jovem americano sentiu que a esperança renascia no peito. Ficara sabendo que até então Gonfala estivera viva e em boas condições, e que, com base no que os habitantes da aldeia tinham visto, não se percebiam maus tratos infligidos a ela.

Toda a habilidade maravilhosa de rasteamento do senhor da selva fora anulada por chuva forte, e depois interviera o acaso, despachando-o por caminho errado, enquanto Stanley Wood seguia o certo.

Graças a um capricho trivial do destino, vidas eram postas em perigo, homens morriam.

Desconhecidos

Spike e Troll haviam entrado em conversação com o chefe de uma tribo setentrional. Tinham viajado muito, guiados de uma a outra aldeia por nativos amistosos. A sorte os protegera, mas agora tal proteção se encerrava. Tentavam convencer o velho chefe a fornecer-lhes guias até a aldeia próxima.

— Não há mais aldeias — asseverou o homem, a quem não agradavam aqueles homens brancos. Desdenhava-os, já que o safári era pequeno e pobre, pobre demais até para ser roubado. Eles nada possuíam, além dos fuzis — e a moça. O chefe andara pensando a respeito dela. Pensava também em um sultão negro, criatura do oriente, a quem a moça poderia ter sido vendida, mas arredou de si o pensamento. Não desejava encrenca alguma com os homens brancos. Os soldados nativos tinham vindo uma vez à sua aldeia comandados por oficiais brancos, castigando-o por haver maltratado o safári de alguns caçadores brancos. E tinham vindo de grande distância só para esse fim, incidente que lhe conferira grande respeito pelo poder e alcance do homem branco.

— O que existe no norte? — perguntou Spike.

— Montanhas — respondeu o chefe.

— Isso parece a região onde fica o meu vale — disse Spike, falando com Troll.
— Ela é cercada de montanhas.

Procurou então explicar ao chefe como era o vale que buscavam e a tribo que o habitava.

Uma expressão de astúcia veio ao olhar do chefe nativo. Desejava livrar-se daqueles homens, percebia agora como fazê-lo.

— Conheço o vale — afirmou. — Amanhã dou guias a vocês.

— Talvez a gente tenha sorte — exultava Spike, enquanto seguia em companhia de Troll, deixando o cenário de sua conversa com o chefe e sentando-se ao lado de Gonfala.

A jovem não indagou o motivo, entretanto.

— Agora não demora — prometeu ele — para chegar a lugar seguro, em meu vale.

— Vocês não vão estar a salvo — declarou ela. — Tarzan e Stanley Wood logo chegarão... não tardará.

— Eles nunca nos acharão, para onde nós vamos.

— Os nativos os guiarão de uma aldeia a outra exatamente como fizeram com vocês — observou ela. — Vai ser muito fácil acompanhá-los.

— Pois é — reconheceu Spike —, eles podem acompanhar-nos até onde esses nativos vão servir de guia.

— Mas lá nós pararemos, e lá eles descobrirão vocês.

— Nós não paramos por lá — informou Spike. — Eu não sou um palerma. O vale para onde eles nos estão levando não é o meu; mas depois de chegar a esse vale posso achar o outro. Passei por ele, saindo do meu. É coisa de duas marchas ao leste de onde a gente quer ir. Quando chegar a esse primeiro vale não vamos precisar de guia para o resto do caminho, de modo que quando sairmos do primeiro vamos dizer a eles que dali nós rumamos para a costa, e rumamos para o oriente. Depois a gente dá a volta para o norte e segue para o meu vale. E não vai haver ninguém para encontrar a gente.

— Tarzan e Stanley Wood acharão vocês.

— Seria melhor você calar a boca e não falar mais desse Tarzan e do Stanley Wood. Já me fartei de ouvir. Estou começando a ficar nervoso.

Troll permanecia sentado, fitando Gonfala com olhos semicerrados. Não falara grande coisa por todo o dia, mas olhara muito para a jovem. Sempre que ela o percebia, o caçador desviava o olhar.

Tinham conseguido sustentar-se, até então, abatendo caça e negociando a carne com os nativos, em troca de outros gêneros alimentícios, principalmente legumes e milho. Aquela noite banquetearam-se e foram cedo para a cama. Gonfala ocupava uma cabana, sozinha, e os dois homens tinham ficado com outra, por perto. Haviam enfrentado jornada dura aquele dia e os músculos fatigados combinavam-se à lauta refeição, provocando-lhes sono. Gonfala e Spike adormeceram quase no mesmo instante em que se deitaram.

O mesmo não ocorreu com Troll, que continuou muito desperto, pensando. Ouvia a respiração de Spike, percebendo assim que o outro adormecera profundamente. Ouvia também os ruídos da aldeia. Gradualmente esses ruídos desapareciam, a aldeia também dormia. Troll pensava na facilidade com que poderia matar Spike, mas tinha medo do outro. Até quando dormia, Spike lhe infundia receio. Isso levava Troll a odiá-lo ainda mais, mas não era apenas ódio o que o fazia pensar em matar o companheiro. Troll estivera sonhando, devaneando, com pensamentos muito agradáveis. Spike constituía obstáculo à concretização deles, mas ainda assim Troll não sentia coragem suficiente para matar o homem adormecido — ainda não. Mais tarde, pensava.

Rastejou até o umbral da porta da cabana, olhou para fora. Não se notava

qualquer sinal de vida desperta na aldeia. O silêncio era quase opressor, estendia-se no vazio negro da noite, além da aldeia. Ao se pôr em pé fora da cabana, Troll tropeçou em uma panela, e o ruído, contra o silêncio reinante, pareceu apavorante. Praguejando baixinho, o homem permaneceu em pé e imóvel, ouvidos atentos.

Spike, a quem o ruído perturbara, mas sem despertar de todo, remexeu-se e revirou o corpo. Assim se desfazia o primeiro torpor da noite. Depois disso mostrou-se mais inquieto, mais fácil de despertar. Troll não o ouviu mover-se e, depois de momentos de escuta, afastou-se na ponta dos pés. Furtivamente aproximou-se da cabana na qual Gonfala dormia.

A jovem, inquieta e vigilante, fitava com olhos arregalados a escuridão menor, emoldurada pela porta da cabana. Ouviu as passadas que se avizinhavam. Seria gente passando por ali, ou vinha em sua direção? As semanas seguidas de perigos, semanas de desconfiança, de estar constantemente em guarda, haviam-na esgotado a ponto de pressentir ameaça nos acontecimentos mais comuns. Assim é que agora pressentia, de modo intuitivo, ao que acreditava, que alguém se dirigia à sua cabana. E para que fim, senão algum malefício, viria alguém à noite de modo tão furtivo?

Erguendo-se sobre as mãos ela se acocorou, ficando à espera.. Todos os músculos retesados, quase não respirava. O que quer que fosse aproximava-se cada vez mais. De repente um vulto mais escuro surgiu na abertura baixa que era a porta. Era um animal ou um homem, andando de quatro e entrando!

— Quem é? O que quer? — perguntou ela, em um grito abafado de pavor.

— Cale a boca. Sou eu. Não faça barulho. Quero falar com você.

Ela reconheceu a voz, mas isso não lhe afastou os receios. O homem arrastou-se, chegando-se mais. Já estava a seu lado e Gonfala percebeu-lhe a respiração ofegante.

— Vá embora — ordenou. — Podemos conversar amanhã.

— Escute! — rebateu ele. — Você não quer ir para esse tal de vale passar o resto da vida lá, com o Spike e um punhado de pretos, quer? Quando ele chegar lá vai me matar e ficar com você. Eu conheço esse cara... é sujo a esse ponto. Seja boazinha comigo, e eu levo você embora. Eu e você damos o fora com o diamante. Vamos para a Europa, vamos para Paris.

— Não quero ir a lugar algum em sua companhia. Afaste-se de mim! Saia daqui ante que eu chame Spike.

— É só dar um grito e eu torço o seu pescoço. Você vai ser boazinha comigo, querendo ou não querendo.

Ele estendeu a mão na escuridão e a segurou, procurando-lhe a garganta.

Antes que a encontrasse, todavia, Gonfala teve tempo de emitir um só grito e chamar uma vez: “Spike!”“

Foi quando Troll fechou os dedos em sua garganta, derrubando-a com o peso. Ela se debateu e reagiu, golpeando-o no rosto, procurando tirar os dedos da garganta.

Acordado pelo grito, Spike se levantou sobre o cotovelo.

— Troll! — chamou. — Ouviu alguma coisa? Não obteve resposta.

— Troll!

Estendeu então a mão para a esteira onde Troll deveria encontrar-se. Não estava lá. No mesmo instante Spike se encheu de desconfiança e, devido a seus próprios pensamentos, do mesmo jaez, percebeu a verdade sem qualquer margem de dúvida.

Com uma dúzia de passos largos chegou à cabana de Gonfala, e ao se enfiar pela porta Troll veio a seu encontro, com imprecação, cheio de raiva. Agarrados, os dois rolaram pelo chão, mordendo, enfiando os dedos nos olhos um do outro, dando pontapés, golpeando-se mutuamente. De vez em quando um palavrão ou grito de dor interrompia a respiração ofegante de ambos. Gonfala se acorara no fundo da cabana, apavorada com a idéia de que um mataria o outro, dando assim encerramento ao único fator de segurança que ela possuía.

Rolando, eles se aproximaram dela, e Gonfala esquivou-se para um lado, saindo da frente. Achava-se agora mais perto da porta e isso criava possibilidade de fuga temporária, da qual ela se valeu imediatamente. Em terreno aberto, as preocupações voltaram, receando que um dos homens fosse morto.

Viu que alguns nativos, despertados pela agitação, haviam saído das suas cabanas. Foi ter correndo com eles, suplicando-lhes que impedissem a luta. Lá estava o chefe, muito raivoso por ter o sono interrompido. Ordenou a diversos guerreiros que fossem separar os homens. Eles hesitaram, mas afinal aproximaram-se da cabana. Enquanto isso, encerravam-se os ruídos do conflito, e momentos depois Spike rastejava para fora e punha-se em pé cambaleando.

Gonfala receou que houvesse ocorrido o pior. Dos dois homens, receava mais Spike, pois, embora ambos fossem igualmente brutais e destituídos de qualquer decência, Troll não era tão corajoso quanto o companheiro. A ele, Gonfala poderia evitar, valendo-se da covardia do homem. Fora assim pelo menos que pensara até então, mas já não tinha tanta certeza. Era certo todavia que Spike sempre fora o mais perigoso dos dois. O único pensamento de Gonfala a essa altura era escapar-lhe, ainda que por algum tempo. Espicaçado pela luta, certo de que Troll se achava morto, o que poderia fazer? Ela correu para um canto da aldeia e escondeu-se entre uma cabana e a paliçada. A cada instante esperava ouvir Spike em perseguição, mas ele não veio. Spike nem mesmo sabia que Gonfala deixara a cabana, onde julgava

tê-la deixado em companhia de um Troll morto, e fora para sua cabana tratar dos ferimentos.

Troll, entretanto, não estava morto. De manhã Spike o encontrou, ensangüentado e aturdido, acorrido na rua da aldeia e olhando para o chão. Com grande desgosto, Spike observou que Troll nem mesmo estava muito ferido. Ergueu o olhar quando o companheiro se aproximava.

— O que houve? — perguntou Troll.

Spike o fitou com desconfiança, por momentos, e logo sua expressão passou à de perplexidade.

— Foi um caminhão dos diabos que atropelou você — respondeu.

— Um caminhão dos diabos! — repetiu Troll. — Eu nem o vi.

Gonfala, olhando por um canto da cabana atrás da qual se escondera, viu os dois homens e soltou um suspiro de alívio. Troll não morreria, ela não ficaria a sós com Spike. Dirigiu-se então aos dois, e Troll ergueu o olhar para fitá-la.

— Quem é essa moça? — perguntou.

Gonfala e Spike entreolharam-se e o último levou as mãos à testa, em gesto significativo.

— Um pouco biruta — explicou Spike.

— Ela não parece biruta — retorquiu Troll. — Parece minha irmã... minha irmã... irmã — e continuou a fitá-la, com expressão estúpida.

— É melhor a gente arranjar um pouco de comida e dar no pé — interveio Spike, que parecia nervoso e pouco à vontade na presença de Troll. Uma coisa é matar alguém, outra, muito diversa, é fazê-lo enlouquecer.

Foi um trio silencioso e preocupado o que partiu, acompanhando dois guias em direção ao nordeste, após a refeição matutina. Spike seguia à frente, Troll se mantinha próximo a Gonfala. Fitava-a com frequência, tendo no olhar a expressão de perplexidade.

— Como é que você se chama? — perguntou.

Gonfala foi tomada de inspiração repentina. Talvez constituísse loucura esperar que desse certo, mas achava-se em situação desesperada.

— Não me diga que esqueceu o nome de sua irmã!? — exclamou ela.

Troll se pôs a fitá-la, o rosto sem qualquer expressão.

— Como é que você se chama? — repetiu. — Tudo está um pouco confuso, em minha memória.

— Gonfala — disse ela. — Você lembra, não? de sua irmã?

— Gonfala, oh, sim... minha irmã.

— É ótimo você estar aqui — asseverou ela —, pois agora não vai deixar que ninguém me faça mal, não é?

— Fazer mal a você? É melhor ninguém tentar — exclamou ele em tom belicoso.

O safári estacara e eles se emparelharam com Spike, que conversava com os dois guias.

— Os sujeitos não querem ir mais além — explicou.

— Só cobrimos oito quilômetros e eles largam a gente, sem mais aquela.

— Por quê? — indagou Gonfala.

— Eles dizem que o território aí na frente é tabu. Dizem que há homens brancos na frente, que vão pegá-los para os escravizar, ou dá-los de comer aos leões. E já foram falar com o nosso pessoal, pondo medo neles também.

— Vamos voltar — sugeriu a garota. — De que adianta afinal, Spike? Se você for morto, o Gonfal de nada vai valer. Se voltar e me entregar a meus amigos, farei tudo o que puder para que lhe dêem o Gonfal e o deixem ir embora. Tem minha palavra de que farei isso, e sei que Stanley Wood fará tudo o que eu pedir.

Em resposta, Spike sacudiu a cabeça.

— Nada disso! Eu vou para onde vou e você vem comigo.

Aproximou-se bastante, fitando-a audaciosamente nos olhos.

— Se eu tivesse de desistir de um ou de outro, desistia do Gonfal e não de você... mas não vou abrir mão de nenhum dos dois.

A garota deu de ombros.

— Eu lhe dei uma oportunidade — observou. — Você é um idiota em não a aceitar.

Assim é que prosseguiram, sem guias, adentrando cada vez mais a terra ignorada e desconhecida. A cada dia Spike confiava mais em que ia encontrar o vale encantado de seus sonhos e, a cada noite, profetizava o dia de amanhã. O estado mental de Troll permanecia inalterado. Julgava que Gonfala fosse sua irmã e demonstrava-lhe toda a consideração possível, pouca, tendo em vista sua filosofia grosseira de vida, resultante de tal parentesco imaginado. O instinto protetor do homem abrutalhado fora estimulado em favor dela, e por esse motivo Gonfala era reconhecida, não a Troll, mas ao destino. A ele parecia não importar onde estivera, para onde ia. Caminhava um dia após o outro, em silêncio entorpecido, sem fazer perguntas, sem demonstrar interesse por qualquer coisa ou alguém, senão Gonfala. Fora tomado pela crença de que ela se achava em perigo, de modo que carregava constantemente

um dos fuzis, a fim de protegê-la melhor.

Por muitos dias haviam estado em região montanhosa, procurando o vale e, ao final de uma jornada das mais duras,

acamparam na ombreira de uma montanha, ao lado de pequena nascente de água límpida. Ao cair da noite, o céu do poente ostentava o vermelho de um pôr-de-sol. Muito após o fenômeno natural se ter desfeito na escuridão da noite, o brilho avermelhado persistia.

Gonfala permanecia sentada, vendo aquilo, fascinada e em devaneio. Também Spike o observava, com agitação crescente. Os negros também viam, com medo. Troll se sentara de pernas cruzadas, olhando para o chão.

Spike veio sentar-se ao lado de Gonfala.

— Sabe o que é aquilo, menina? — perguntou. — Sabe que não é um pôr-de-sol de verdade?

— Parece um incêndio... incêndio na floresta — disse ela.

— É incêndio, sem dúvida nenhuma. Eu nunca estive lá, mas já vi antes aquela luz. Acho que vem de dentro de um vulcão, mas vou lhe contar o que significa para nós ... significa que descobrimos o vale. Quando estive nesse vale, vi aquela luz de noite, para o sul. Tudo o que temos a fazer agora é andar um pouco mais para noroeste, e em quatro ou cinco marchas, mais ou menos, devemos chegar lá. E então, minha menina, você e eu vamos instalar uma casa e cuidar dela.

A jovem não respondeu. Já não sentia medo, pois sabia que Troll mataria Spike se lhe pedisse. Agora não tinha motivos para recear estar a sós com Troll, excetuando a possibilidade distante de que ele recuperasse a memória.

No dia seguinte Spike estava quase jovial, cheio de alegria devido à possibilidade de logo encontrar seu vale, mas essa jovialidade desapareceu ao descobrir que dois dos seis carregadores haviam desertado durante a noite. Suava frio, até verificar que não haviam levado o Gonfal. Depois disso resolveu que dormiria tendo a grande pedra ao lado, sem se arriscar mais. Podia fazê-lo agora sem despertar a desconfiança de Troll, pois este era criatura que não desconfiava de ninguém, em seu estado. Não dava atenção alguma ao Gonfal, tampouco se referia a ele.

Marchavam para o meio-dia quando um grande vale se abriu à frente, cujo comprimento se estendia na direção que Spike pretendia tomar, de modo que desceram a ele, passando a viajar com mais facilidade após tantos dias nas montanhas.

O vale era parcialmente encoberto de florestas e as árvores cresciam com mais profusão às margens de um rio que serpenteava, da extremidade superior,

atravessando-o em diagonal e desaparecendo em abertura nos morros do oeste; mas havia grandes extensões descampadas e cobertas de relva alta, enquanto, no lado oriental, se achava verdadeira floresta de bambus.

Spike, sem saber se o vale era habitado e desconhecendo também a natureza ou temperamento dos habitantes, caso houvesse, resolveu seguir a faixa de vegetação que orlava o rio valendo-se da proteção assim proporcionada. E enquanto seguiam por ali descobriu larga trilha de elefantes, na qual desenvolviam velocidade excelente, quando um dos negros se deteve de súbito, ouvindo com atenção e apontando para a frente.

— O que se passa? — interpelou Spike.

— Homens, *bwana*... vêm homens — respondeu o negro.

— Não escuto nada — contrapôs Spike. — E você? — perguntou, voltando-se para Gonfala.

Ela assentiu.

— Sim, ouço vozes.

— É melhor a gente sair da trilha e se esconder... até ver quem é essa gente. Ei, vocês todos! Aqui há uma trilha menor que sai do caminho.

Spike tocou os componentes do grupo para o lado esquerdo da trilha principal, seguindo outra menor e mais tortuosa que passava por arbustos bastante espessos, mas não tinham dado mais de cem passos quando chegaram à planície aberta. Ali estacaram, à orla da mata, esperando e ouvindo. Logo, vozes de homens alcançavam seus ouvidos, cada vez mais próximas, até que, de repente, todos compreenderam que os homens a quem ouviam aproximavam-se pela pequena trilha na qual haviam procurado refúgio.

Spike procurou esconder-se, mas não achou onde. A vegetação espessa era quase impenetrável por trás deles, enquanto, por outro lado, a planície se estendia por todo o vale até as elevações do oeste. Como último recurso ele se voltou para o norte e tomou a orla da mata, instando para que os outros se apressassem, até se acharem em carreira.

Olhando para trás, Gonfala viu saindo para a planície o

grupo que os alarmara. Em primeiro lugar vinha uma dúzia de negros enormes, e cada dois deles seguravam um leão de coleira, preso por correias. Vinham em seguida seis homens brancos, de estranha indumentária. Até mesmo a distância Gonfala pôde observar que a vestimenta era esplendorosa. Atrás deles seguiam outros homens brancos. Achavam-se igualmente vestidos, mas de modo mais moderado. Traziam lanças, bem como espadas. Um dos guerreiros transportava algo

dependurado ao lado do corpo, e, apesar da distância, aquilo não podia deixar de ser identificado — uma cabeça humana ensangüentada.

— Homens brancos — disse Gonfala, falando com Spike. — Talvez sejam amistosos.

— A mim não parecem — respondeu ele. — Não vou me arriscar, depois de tudo o que passei para pegar você e o Gonfal.

— Qualquer um seria melhor do que você — disse a jovem, estacando em seguida.

— Venha, sua doida! — gritou ele e voltou. Depois, segurando-a, tentou arrastá-la consigo.

— Troll! — gritou Gonfala. — Socorro!

Troll se achava à frente, mas já se voltava e, vendo Spike e a jovem a debater-se, veio correndo. Tinha o rosto pálido e contorcido pela fúria.

— Solte a moça! — berrou. — Solte minha irmã!

E logo alcançava Spike, os dois se engalfinhavam, desferindo pontapés, mordidas e golpes.

Por instantes, Gonfala hesitou, sem saber o que fazer. Olhou para os dois animais no chão e logo se dirigiu aos guerreiros desconhecidos. Ninguém, raciocinava ela, podia ser ameaça maior do que Spike. Mas logo viu que a decisão já fora tomada — todo o grupo caminhava em sua direção. Ela parou e ficou à espera, enquanto se aproximavam.

Haviam coberto metade da distância quando um dos guerreiros à frente se deteve e apontou para o vale. Por instantes eles hesitaram, e logo se voltavam e partiam em carreira pelo vale, os leões puxando as cordas e arrastando atrás de si os homens que os seguravam, os guerreiros mantendo formação por trás.

A jovem, sem saber o motivo dessa fuga repentina, olhou na direção em que o guerreiro apontava. O que viu veio enchê-la de espanto. Uma manada de cem elefantes aproximadamente, trazendo guerreiros no dorso, vinha com rapidez para seu lado. No chão, aos pés dela, Spike e Troll continuavam a morder-se, a trocar pontapés e todos os golpes sujos que conheciam.

CAPÍTULO 18

Ingratidão

Stanley Wood não encontrara dificuldade alguma, ao seguir a trilha dos raptos de Gonfala, até o ponto em que os guias os tinham abandonado, e a partir dali os *waziris* adestrados souberam retomar o caminho, orlando a mata onde o rastro fora apagado pelas patas de uma manada de elefantes. Por mais que procurassem, não conseguiam retomar a trilha. Aos olhos de Wood o mistério era completo, e ele se achava perplexo, desalentado.

Sem ânimo, prosseguiu subindo o vale. Se ao menos Tarzan estivesse ali! Ele, com certeza, descobriria a solução do enigma.

— Olhe, *bwana*! — gritou um dos *waziris*. — Uma cidade!

Wood olhou em frente, sem acreditar no que via, pois realmente lá estava uma cidade. Não se tratava de aldeia de nativos, feita de cabanas cobertas de fibras, mas de uma cidade de muralhas e em cor branca, abóbadas de ouro e anil erguendo-se acima da muralha luzidia.

— Que cidade é essa? — perguntou.

Os *waziris* sacudiram a cabeça, sem saber; entreolhavam-se.

— Não sei, *bwana* — disse um deles. — Nunca estive antes nesta região.

— Talvez a *memsahib* esteja lá — sugeriu um dos guerreiros.

— Talvez — concordou Wood. — Se os habitantes daqui forem inamistosos, vão tomar-nos a todos por prisioneiros — disse, refletindo em voz alta. — E então ninguém saberá onde estamos, onde é possível que Gonfala esteja. Não devemos deixar que nos aprisionem a todos.

— Não — concordou Waranji —, não devemos ser todos aprisionados.

— Aí temos uma grande cidade — comentou Wood. — Pode haver muitos guerreiros. Se forem inamistosos, será fácil prender-nos ou matar-nos a todos. Você não acha?

— Nós somos *waziris* — disse Waranji, com altivez.

— Sim, eu sei, e grandes lutadores. Também sei disso, mas Santa Margarida! Sete de nós não podem derrotar um exército, ainda que seis sejam *waziris*.

Waranji sacudiu a cabeça.

— Podíamos tentar — propôs. — Não temos medo. Wood colocou a mão no ombro de ébano.

— Vocês são grandes camaradas, Waranji, e sei que haveriam de mergulhar no próprio inferno por causa de qualquer amigo do Grande *Bwana*, mas não vou sacrificá-los. Se essa gente for amiga, um homem estará tão a salvo quanto sete. Se não for, sete homens não valerão mais do que um, de modo que vou mandá-los de volta. Diga a Muviro que não conseguimos encontrar Tarzan. Diga a ele que julgamos ter achado o lugar onde está a *memsahib*. Não temos certeza, mas parece ser assim. Se encontrar Tarzan, ou se ele estiver de volta a casa, saberá o que tem a fazer. Se você não o encontrar, Muviro terá de resolver as coisas por conta própria. Agora, vão embora, e boa sorte!

Waranji sacudiu a cabeça.

— Não podemos deixar *bwana* sozinho — objetou. — Deixe-me mandar um dós guerreiros de volta, com a mensagem. Os outros ficam em sua companhia.

— Não, Waranji. Você ouviu minhas ordens. Voltem.

Com relutância eles o deixaram, e Wood ficou a observá-los até que desaparecessem no meio da mata. Em seguida dirigiu-se para a cidade, misteriosa a distância.

Mais uma vez Tarzan dos Macacos se encontrava na orla do planalto, na beira ocidental do vale de Onthar, fitando Cathne, a Cidade de Ouro. As casas brancas, as abóbadas douradas, a esplêndida Ponte de Ouro que atravessa o rio diante dos portões da cidade, luziam e cintilavam à luz do sol. Da primeira vez em que olhara a cidade o dia estava escuro e sombrio, e ele vira aquilo como uma cidade de inimigos, porque seu companheiro de então era Valthor, de Athne, a Cidade de Marfim, cujos habitantes eram inimigos hereditários dos cathnianos. Agora, entretanto, refulgente ao brilho do sol, a cidade somente lhe oferecia amistosidade.

Nemone, a rainha que gostaria de matá-lo, estava morta. Alextar, seu irmão, fora tirado do cárcere em que ela o mantivera e tornado rei pelos homens que eram os amigos de Tarzan — Thudos. Phordos, Gemnon e os demais pertencentes ao grupo leal que, como Tarzan sabia, acolheriam seu regresso a Cathne. Tomos, que governara ao tempo de Nemone, sendo seu principal conselheiro, devia ter sido morto ou aprisionado, e já não constituiria ameaça para o homem-macaco.

Satisfeito, Tarzan desceu a ravina íngreme até o fundo do vale e partiu pelo Campo dos Leões, na direção da Cidade de Ouro. Campo dos Leões! Que recordações isso lhe trazia! A viagem a Xarator, o vulcão sagrado, em cujo interior candente os reis e rainhas de Cathne haviam lançado seus inimigos desde épocas imemoriais; os torneios na arena; os leões selvagens que percorriam o vale de Onthar, conferindo-lhe seu nome — Campo dos Leões. Eram essas as recordações evocadas pelo nome.

Audaciosamente o homem-macaco atravessou o vale até se encontrar diante da Ponte de Ouro e dos dois leões dourados e heróicos que a flanqueavam. A guarda estivera observando sua marcha pelo vale, já por algum tempo.

— É Tarzan — disse um dos guardas quando o homem-macaco ainda se achava a meio quilômetro de distância, e ao estacar diante dos portões todos se haviam adiantado, acolhendo-o.

O capitão da guarda, nobre a quem Tarzan conhecia bem, acompanhou-o até o palácio.

— Alextar folgará em saber que regressaste — afirmou. — Não fosse por ti, ele talvez não ocupasse hoje o trono ... ou talvez não estivesse vivo. Espera aqui, na ante-sala, até que eu informe Alextar.

O aposento, bem como seus ornamentos, eram do tipo comum nos palácios do rei e dos nobres de Cathne. O teto baixo era sustentado por uma série de colunas entrelaçadas, portas esculpidas e mosaicos de ouro e marfim embutidos, dando para o corredor e o apartamento contíguo. No chão de lajes viam-se algumas peles de leão e diversos tapetes grossos de lã de desenhos simples; murais representavam cenas de batalha entre os homens-leões de Cathne e os homens-elefantes de Athne e, acima dos murais, via-se uma fileira de cabeças empalhadas — leões, leopardos, enorme cabeça de elefante e diversas humanas — cabeças de guerreiros, muito bem tratadas e usando os ornamentos de marfim pertencentes aos nobres de Athne — troféus das refregas e da guerra. Não tardou para que o capitão da guarda regressasse, e ao voltar tinha o rosto vermelho, expressão contrariada; vinha acompanhado por vinte guerreiros.

— Sinto muito, Tarzan — declarou. — Mas recebi ordens de prender-te.

O homem-macaco olhou as vinte lanças que o cercavam, deu de ombros. Se fora surpreendido, se ficara magoado, não o demonstrou. Mais uma vez era o animal selvagem, aprisionado por seu inimigo hereditário, o homem; e não ia proporcionar ao homem a satisfação de, ao menos, solicitar-lhe explicações. Tiraram-lhe as armas e o levaram para um aposento no segundo andar do palácio, logo acima da casa da guarda. Era uma cela melhor do que a que ele ocupara pela primeira vez em Cathne, quando fora encarcerado em uma masmorra na companhia de Phobeg, o guarda do templo que pisara na cauda do deus e assim passara a merecer a morte, pois o aposento de agora era grande, bem iluminado, com duas janelas de grades.

Quando o deixaram, trancando a porta, Tarzan caminhou até a janela mais próxima e olhou para um dos pátios do palácio por momentos. Em seguida foi para o banco encostado na parede, deitando-se. Parecia não perceber o perigo, ou talvez o desdenhasse, pois adormeceu.

Escurecera, quando foi despertado por alguém que abria a porta da cela. Um homem de archote aceso apresentava-se ali. O homem-macaco ergueu-se enquanto o outro entrava, fechando a porta ao passar.

— Tarzan! — exclamou e, vindo pelo aposento, colocou a mão no ombro do outro; era o gesto cathniano de amizade, lealdade e cumprimento.

— Folgo em ver-te, Gemnon — disse o homem-macaco. — Dize-me, Doria e os pais dela estão bem? E seu pai, Phordos?

— Estão bem, mas nada felizes. As coisas por aqui pioraram novamente, como deves ter adivinhado pelo tratamento que te dispensaram.

— Eu sabia que algo devia estar errado — reconheceu o homem-macaco. — Mas ignorava o que fosse... e ainda ignoro.

— Logo saberás — asseverou Gemnon. — Nosso país, na verdade, é dos mais infelizes.

— Todos os países são infelizes, desde que existem homens — observou o homem-macaco. — São as criaturas mais estúpidas de toda a natureza. Mas o que aconteceu aqui? Pensei que com a morte de Nemone todos os vossos problemas tivessem acabado.

— Também pensamos assim, mas estávamos equivocados. Alextar revelou-se fraco, covarde e ingrato. Logo depois de subir ao trono caiu sob a influência de Tomos e sua gente, e tu sabes o que isso significa. Estamos todos em desfavor. Tomos é praticamente o governante de Cathne, mas até agora não se atreveu a nos destruir. Os guerreiros e o povo o odeiam, e ele tem conhecimento disso. Se for longe demais, o povo se erguerá, e isso será o fim de Tomos.

Fez uma pausa, e pediu então:

— Mas fala de ti. O que te traz de volta a Cathne?

— É história muito comprida — replicou Tarzan. — Para resumir, uma jovem foi raptada por dois homens brancos. Ela e o homem com quem deve casar estavam sob minha proteção. Eu a procuro. Há alguns dias encontrei dois negros que haviam estado no safári dos homens que raptaram a moça. Eles descreveram a região em que o safári se achava quando desertaram. Fica a sudeste de Xarator. É o motivo pelo qual estou aqui. Vou para a região a sudeste de Xarator, procurando o rastro.

— Acho que não terás de procurar muito — disse Gemnon. — Acredito que sei onde está essa jovem... não que isso vá servir de grande coisa a ti ou a ela, agora que és prisioneiro de Tomos. Como sabes, ele não te aprecia de modo algum.

— O que te faz pensar que sabes onde ela está? — perguntou o homem-macaco.

— Alextar manda que eu vá com frequência ao vale de Thenar, a fim de atacar os

athnianos. Isso naturalmente é obra de Tomos, que conta assim que eu possa morrer. Estive lá recentemente. Nossa incursão não obteve grande êxito, pois éramos poucos. Tomos manda pouca gente, e são sempre os nobres que ele teme e dos quais deseja livrar-se. Só obtivemos uma cabeça. Quando nos retirávamos, vimos um pequeno grupo que não era formado por athnianos. Quatro ou cinco escravos, dois homens brancos e uma mulher branca. Os brancos lutavam entre si. A mulher correu em nossa direção, o que fez pensar que desejava escapar aos homens. Íamos ao encontro dela e pretendíamos levar todos como prisioneiros, quando vimos uma força grande de athnianos em seus elefantes de guerra vindo pelo vale. Éramos em número insuficiente para enfrentá-los, de modo que corremos até o Passo dos Guerreiros e fugimos. Eu naturalmente suponho que os athnianos hajam capturado a jovem com os que se achavam em companhia dela e estejam agora na Cidade de Marfim. Mas, como disse antes, essa informação não vai te servir de muito, agora... Tomos tem-te em seu poder.

— E o que achas que vai fazer comigo? Ele tem um outro Phobeg?

Gemnon deu uma risada.

— Nunca poderei esquecer como jogaste o “homem mais forte de Cathne” de um lado para outro e, afinal, em cima da platéia. Tomos perdeu seu último óbolo naquela luta... outro bom motivo pelo qual não te estima, em absoluto. Não, não creio que ele vá lançar-te contra um homem, desta vez... deverá ser um leão. Talvez seja o veneno, ou um punhal... são meios, mais seguros. Mas eu vim esta noite para tentar salvar-te. O único problema é que não tenho nenhum plano. Um amigo meu é capitão da guarda, esta noite. Assim é que pude chegar a ti, mas se deixasse tua porta aberta para que fugisses, a vida dele não valeria um só níquel. Talvez tu possas traçar um plano.

Em resposta, Tarzan sacudiu a cabeça.

— Tenho de conhecer antes os planos de Tomos. Neste instante, acho apenas que deves retirar-te, antes que sejas apanhado aqui.

— Não há algo que eu possa fazer, depois de tudo que fizeste por mim? Tem de haver alguma coisa.

— Podias deixar tua adaga comigo. Ela talvez sirva. Posso escondê-la em minha tanga.

Conversaram por algum tempo antes que Gemnon se retirasse, e depois, em questão de minutos, Tarzan adormeceu. Não ficara andando de um lado para outro da cela, preocupando-se. Seu temperamento era mais semelhante ao do animal selvagem que ao do homem.

Desforra

O sol é criatura imparcial, brilha de modo idêntico sobre o justo e o banqueiro, sobre o dia em que o homem casa ou aquele em que falece. O grande sol africano, que afinal de contas é o mesmo a brilhar em qualquer parte do mundo, apresentava-se fulgurante naquele novo dia, em que Tarzan deveria morrer. Deveria morrer porque Alextar o determinara — e a sugestão partira de Tomos. O sol brilhava até mesmo para este, porém é uma estrela a grande distância do planeta, distância tão grande que não permite ver sobre o que está brilhando.

Eles vieram por volta das sete horas da manhã, retirando Tarzan da cela. Nem mesmo se deram o trabalho de trazer-lhe comida ou água. De que valem a comida e a água ao homem prestes a morrer? Tarzan sentia muita sede e, talvez, se houvesse pedido, os guardas lhe dessem de beber, pois afinal de contas eram soldados comuns, e não os favoritos de um rei, inclinando-se assim a mais generosidade e sentimentos humanos. O homem-macaco, todavia, não pediu coisa alguma. Não que desejasse mostrar-se altivo demais, de modo consciente. Sua altivez era algo instintivo, impedia até mesmo a idéia de pedir algum favor ao inimigo.

Quando foi levado do palácio para a avenida, a visão que surgiu a seus olhos permitiu-lhe avaliar o destino que lhe fora decretado. Lá estava a procissão de nobres e guerreiros, a carruagem do rei puxada por leões, e um grande leão isolado preso por cordas seguras por oito negros fortes. Tarzan já vira tudo aquilo antes, na ocasião em que fora a presa, na Caçada da Rainha. Ia hoje ser a presa na Caçada do Rei, mas não contava com o milagre que o salvara das mandíbulas poderosas de Belthar naquela ocasião.

As mesmas multidões de cidadãos orlavam os lados da avenida, e quando a procissão partiu na direção da Ponte de Ouro, dirigindo-se ao Campo dos Leões, elas a acompanharam. Era gente de boa natureza, como a que se encontra rumando para os portões de qualquer partida “clássica” de *rubgy* entre Exército e Marinha. Não se mostrava mais sedenta de sangue do que as multidões que iam assistir a uma partida profissional de hóquei no gelo, no Madison Square Garden. E quem seria tão destituído de bondade a ponto de dizer que aquela gente estivesse querendo ver sangue, em semelhantes apuros? Arredemos de nós o pensamento!

Não se haviam arriscado, ao retirar Tarzan da cela. Vinte lanceiros deixaram transparecer o respeito que lhe dedicavam. Acorrentavam-no agora à carruagem de Alextar, e a marcha triunfal tinha início.

Chegada ao Campo dos Leões, a procissão se deteve e a longa fileira de

guerreiros se formou, ao longo da qual a presa seria perseguida pelo leão. O homem-macaco foi desacorrentado, faziam-se apostas quanto ao ponto dessa fileira de soldados em que o leão alcançaria e derrubaria a vítima, e a fera estava sendo trazida para farejar sua presa. Tomos exultava. Alextar parecia nervoso — tinha medo de leões. Jamais teria partido em caçada, por sua própria vontade. Tarzan o observava. Via um homem jovem, com pouco mais de vinte anos de idade, olhos nervosos e inquietos, queixo fraco e boca cruel. Nada havia no indivíduo que o fizesse lembrar ser ele irmão da belíssima Nemone. Ele fitou Tarzan, mas logo o olhar baixou, diante da expressão firme do homem-macaco.

— Depressa! — ordenou, rabugento. — Estamos entediados.

Eles apressaram os preparativos, e foi em meio a esta pressa que aconteceu. Em fração de segundo, o cenário relativamente pacífico transformou-se em pânico e caos.

Por acidente, um dos negros que seguravam o leão por uma corda soltou a coleira e, com um rugido cheio de raiva, a fera adestrada derrubou os que estavam mais próximos e acometeu a linha de lanceiros que a separava dos espectadores. Encontrou uma dúzia de lanças, enquanto os cidadãos desarmados fugiam em pânico, pisando nos mais fracos, que haviam caído.

Os nobres berravam ordens de comando. Alextar permanecia em seu carro de guerra, os joelhos trêmulos, suplicando que alguém o salvasse.

— Cem mil *dracmas* ao homem que matar a fera! — gritava. — Mais ainda! Qualquer coisa que pedir será concedida!

Ninguém parecia dar-lhe atenção alguma. Todos cuidavam de sua própria segurança. A bem da verdade, ele não corria perigo em momento algum, pois o leão estava ocupado em outra parte.

As lanças a cutucá-lo enfureceram ainda mais o carnívoro enlouquecido, mas por algum motivo ele não prosseguiu em seu ataque aos guerreiros; em vez disso, girou repentinamente e logo partiu rumo ao carro de guerra do rei. Agora sem dúvida alguma Alextar tinha motivos para apavorar-se. Poderia correr, mas os joelhos não corresponderam, de modo que se sentou no banco do veículo dourado. Olhava em volta, indefeso. Estava praticamente abandonado. Alguns componentes da guarda nobre haviam corrido, a fim de enfrentar o leão. Tomos fugira na direção oposta, restava apenas a presa.

Alextar viu o homem sacar a adaga da tanga e acocorar-se à frente do leão que acometia. Ouviu rosnados selvagens, emitidos por lábios humanos. O leão o alcançara. Alextar gritou, mas, fascinados, seus olhos cheios de terror atinham-se à cena selvagem. Viu que o leão se erguia para matar, e depois o que aconteceu foi tão

rápido que mal deu para acompanhar.

Tarzan se baixou e esquivou-se, por baixo das grandes patas dianteiras estendidas para pegá-lo, e logo atacava: montou nas costas do leão, um dos braços passados pela garganta peluda. De mistura aos berros horrorosos do animal vinham os rosnados do homem-fera montado em suas costas. Alextar gelou de medo. Quis correr, não conseguiu. Quer o desejasse ou não, tinha de permanecer sentado e assistir àquele espetáculo pavoroso — tinha de ver o leão matar o homem, e depois saltar sobre o cadáver. Ainda assim, o que mais o apavorava eram os rosnados do homem.

Eles rolavam pelo chão, agora, no Campo dos Leões, às vezes o homem por cima, de outras o leão. E volta e meia a adaga de Gemnon reluzia ao sol e cintilava, quando a lâmina mergulhava novamente no flanco da fera frenética. Os dois estavam agora circundados por lanceiros prontos a atingirem o coração do leão, mas nenhuma oportunidade se apresentava sem que a vida do homem corresse perigo. Afinal, a luta chegava ao término. Mediante o esforço supremo de escapar às garras do homem-macaco, o leão tombou ao chão. O duelo terminara.

Tarzan se pôs em pé. Por momentos, examinou os guerreiros em volta, com os olhos fuzilantes de animal encurralado diante da vítima que abatera; ato contínuo, pôs um pé sobre a carcaça do leão, ergueu o rosto para os céus e, do peito amplo, veio o grito de desafio dos macacos.

Os guerreiros recuaram, enquanto aquele grito fantasmagórico e medonho estraçalhava o silêncio recém-formado no Campo dos Leões. Alextar voltava a tremer. Tivera medo do leão, mas receava ainda mais o homem. Não o trouxera ali para ser morto pelo próprio leão que o homem abatera? E não era mais que um animal, aquele homem. Seus rosnados e grito pavoroso vinham prová-lo. Que misericórdia poderia ele receber de uma fera assim? O homem ia matá-lo!

— Levem-no daqui! — ordenou, a voz débil. — Levem-no daqui!

— O que faremos com ele? — perguntou um dos nobres.

— Matem-no! Matem-no! Levem-no embora! — e Alextar estava quase berrando.

— Mas ele salvou vossa vida — observou o nobre.

— Hein? O quê? Oh, bem... levem-no de volta à cela. Mais tarde saberei o que fazer com ele. Não dá para ver que estou cansado, que não desejo ser importunado? — interpelou, em tom rabugento.

O nobre baixou a cabeça, envergonhado, ao ordenar que a guarda acompanhasse Tarzan de volta à cela. E foi caminhando ao lado do prisioneiro, quando nobre nenhum o faz, a não ser em companhia de alguém de sua própria casta.

— O que fizeste — observou o nobre quando voltavam à cidade — merece recompensa melhor do que esta.

— A mim parece que lembro tê-lo ouvido oferecer qualquer coisa ao homem que matasse o leão — disse o homem-macaco. — Isso, e cem mil *dracmas*.

— Sim, também ouvi.

— Ele parece ter memória muito fraca.

— O que lhe terias pedido?

— Nada.

O nobre fitou-o, tomado de surpresa.

— Tu não lhe pedirias coisa alguma?

— Nada.

— Não há algo que desejes?

— Sim, mas não pediria coisa alguma a um inimigo.

— Eu não sou teu inimigo.

Tarzan fitou o homem e uma sombra de sorriso veio a seu semblante sombrio.

— Desde ontem não tenho água nem comida.

— Bem — contrapôs o nobre, rindo. — Tu as terás ... sem que hajas pedido.

De volta à cidade, Tarzan foi colocado em outra cela; esta se achava no segundo andar de uma ala do palácio, a cavaleiro da avenida. Não tardou para que a porta fosse aberta e um guerreiro entrasse, trazendo comida e água. Ao colocá-las na extremidade do banco, olhou para Tarzan com expressão de admiração.

— Estive lá e vi quando mataste o leão do rei — disse. — Foi façanha como só se vê uma vez em toda a vida. Vi quando lutaste com Phobeg, na presença de Nemone, a rainha. Também isso foi um espetáculo e tanto. Tu poupaste a vida de Phobeg, quando o podias matar, quando todos gritavam e pediam que o matasses. Depois disso, ele seria capaz de morrer por ti.

— Sim, eu sei — replicou o homem-macaco. — Phobeg continua vivo?

— Oh, e muito. E ainda é guarda do templo.

— Se o vires, dize-lhe que lhe mando bons votos.

— Farei isso — prometeu o guerreiro. — E logo o estarei vendo. Agora, tenho de ir.

Ele se aproximou de Tarzan, então, e falou em cochicho:

— Não bebas vinho e, apareça aqui quem aparecer, fica de costas para a parede e

pronto para lutar.

Em seguida retirou-se.

“Não bebas vinho”, repetia Tarzan.

Como sabia, o vinho era o meio pelo qual se ministrava geralmente o veneno, em Cathne; e se ficasse de costas para a parede, ninguém poderia apunhalá-lo por trás. Bons conselhos! Conselhos de um amigo, que talvez houvesse sabido de alguma coisa, levando-o a agir assim. Tarzan sabia que contava com muitos amigos entre os guerreiros da Cidade de Ouro.

Foi a uma das janelas e olhou para a avenida. Viu um leão caminhando majestosamente rumo ao centro da cidade, sem dar atenção alguma aos pedestres, sem ser observado por eles. Era um dos muitos leões domesticados que percorriam as ruas de Cathne durante o dia. Às vezes alimentavam-se dos cadáveres que lhes eram atirados, mas raramente atacavam um homem vivo.

Observou um pequeno grupo de pessoas, no lado oposto da avenida. Conversavam animadamente, olhando com freqüência na direção do palácio. Os pedestres se detinham para ouvir, engrossavam o grupo. Veio um guerreiro do palácio, parou e falou com eles, e logo olhavam para a janela onde Tarzan se achava. Era o guerreiro que trouxera comida a Tarzan.

Quando a multidão reconheceu o homem-macaco começou a aclamar. Vinham pessoas de ambas as direções, algumas correndo. Notava-se a presença de muitos guerreiros, em meio das mesmas. Aumentaram a multidão e o tumulto. Chegada a escuridão da noite, archotes foram trazidos. Um destacamento de guerreiros saiu do palácio sob o comando de um nobre que procurou dispersar aquela gente.

Alguém berrou: “Libertem Tarzan!”, e toda a multidão acolheu o berro, entoando-o como em cântico. Surgiu um homem imenso, trazendo um archote. À sua luz, Tarzan reconheceu-o como Phobeg, o guarda do templo. Acenou com o archote para Tarzan e gritou:

— Que vergonha, Alextar! Que vergonha!

E logo a multidão entoava essas palavras, cantava-as em uníssono.

O nobre e os guardas procuraram silenciar e dispersar os manifestantes, e logo se formou uma luta, na qual cabeças foram partidas e homens retalhados por espadas, atravessados por lanças. A essa altura, a multidão aumentara a ponto de encher a avenida. Achava-se em péssimo estado de espírito e, vendo derramar sangue, enlouqueceu. À sua avançada, a guarda do palácio de nada adiantou, e os sobreviventes bateram em retirada para o interior.

Já alguém gritava:

— Abaixo Tomos! Morte a Tomos!

E a voz roufenha da multidão entoava o novo refrão. Isso pareceu levar os homens à ação, pois agora caminhavam em massa compacta para os portões do palácio.

Enquanto batiam e empurravam os portais imponentes, um homem na orla da multidão gritou:

— Os leões de caça! Alextar soltou os leões contra nós! Morte a Alextar!

Tarzan dirigiu o olhar para os estábulos reais e, na verdade, lá se achavam cinquenta leões, presos por correias aos guardadores. Agitados pela multidão, irritados pelo barulho, retesavam as correntes, enquanto a noite estremecia com seus rugidos tonitruantes; mas a multidão, que chegara agora à loucura demoníaca, não se deixava intimidar. Ainda assim, o que poderiam fazer contra aquela demonstração de força selvagem? Começaram a recuar, devagar, amaldiçoando e resmungando, com gritos de desafio, pedindo a soltura de Tarzan.

De modo involuntário, um rosnado baixo veio do peito do homem-macaco, um rosnado de protesto por estar indefeso, sem poder auxiliar os amigos. Pôs à prova as barras da janela em que se encontrava. Diante de seu vigor e peso, elas se dobraram um pouco para dentro; e logo ele dedicou todas as forças que tinha a uma só dessas barras. Ela se curvou para dentro e saiu do apoio no caixilho, o ferro cedendo diante de sua força gigantesca. Era o bastante! Uma por uma, em sucessão rápida, as outras barras foram arrancadas e jogadas ao chão.

Tarzan inclinou-se da janela, olhou para baixo. Lá se via um pátio fechado. Estava vazio. Uma muralha o separava da avenida. Ele examinou a avenida e viu que a multidão continuava a recuar, os leões a avançar. Estavam todos tão atentos aos leões que ninguém viu o homem-macaco passar pela janela e cair de pé no pátio. À frente dele havia um portão traseiro, fechado por dentro. Passando por ali, chegou à avenida, bem à frente da multidão que recuava, entre ela e os leões.

Logo o viam e o reconheciam, e um grande grito se fez ouvir, um grito de desafio, com nova força; um grito de confiança e satisfação renovadas.

Tarzan tirou o archote de um dos cidadãos.

— Trazei vossos archotes! — ordenou. — Archotes e lanças na linha de frente!

Em seguida, adiantou-se para enfrentar os leões, e os homens com archotes e lanças vieram logo, formando a linha de frente. Tudo de que haviam necessitado era chefia.

Todos os animais selvagens têm medo do fogo. O rei dos animais não constitui exceção. Os leões de caça de Alextar, rei de Cathne, recuaram quando os archotes acesos foram enfiados em seus focinhos. Os zeladores, incentivando-os,

amaldiçoando, nada puderam fazer. Um dos leões, a juba incendiada, voltou-se de súbito para o lado, ferindo outro leão e levando-o a voltar-se cheio de terror e confusão, correndo em direção aos estábulos. Ao fazê-lo, embaraçaram-se os liames dos outros leões, emaranharam-se, fazendo com que escapassem às mãos dos zeladores. Os leões libertados hesitaram o bastante para reduzir a carne viva os zeladores que encontraram no caminho, e logo também galopavam pela avenida, na direção dos estábulos.

Incentivados por esse êxito, os portadores de archotes caíram sobre os leões restantes, batendo-lhes com fogo até que os animais enlouquecessem de pavor; e Tarzan, bem à frente, instava a que prosseguissem. Predominava o pandemônio. Os gritos roufenhos da multidão misturavam-se aos rugidos dos carnívoros e gritos de homens feridos. A essa altura, os leões estavam frenéticos de pavor e, as cordas emaranhadas, os zeladores caídos, as jubas incendiadas, já não mais agüentavam. Os que não haviam fugido faziam-no agora. A multidão queria persegui-los, mas Tarzan a fez estacar. Erguendo a mão, aquietou-a depois de momentos.

— Deixai os leões irem — aconselhou. — Temos coisa melhor. Vou procurar Alextar e Tomos.

— E eu irei contigo — proclamou uma voz estentórica a seu lado.

Tarzan voltou-se, olhou para quem falara. Era Phobeg, o guarda do templo.

— Ótimo! — disse o homem-macaco.

— Nós vamos pegar Alextar e Tomos! — gritou Phobeg.

Um berro de aprovação veio da multidão.

— Os portões! — gritaram alguns. — Aos portões! Aos portões!

— Há um caminho mais fácil — disse Tarzan. — Vinde! Eles o acompanharam até o portão traseiro, que ele sabia estar livre, dando para as dependências do palácio. Ali Tarzan sabia qual era o caminho a tomar, pois lá estivera tanto como prisioneiro quanto como conviva de Nemone, a rainha.

Alextar e alguns de seus nobres estavam jantando. O rei se achava assustado, pois não apenas ouvia os gritos da multidão como era também mantido constantemente informado sobre tudo que acontecia fora do palácio, e sabia que os leões de caça, que certamente poderiam dispersar os manifestantes, haviam sido repelidos e estavam em fuga. Mandara todos os guerreiros disponíveis no palácio aos portões, quando os gritos da multidão indicavam que esta se achava a ponto de derrubá-los, e embora os nobres lhe assegurassem que a multidão não poderia derrotar seus guerreiros, ainda que os portões cedessem, continuava apavorado.

— A culpa é tua, Tomos — choramingava. — Tu disseste para trancar o homem-

fera, e vê agora o que aconteceu! O povo quer destronar-me. Talvez queira até matar-me. O que vou fazer? O que posso fazer?

Tomos não estava mais calmo do que o rei, pois ouvira o povo pedindo sua morte. Procurava algum plano que o pudesse salvar e logo o encontrou.

— Mandai chamar o homem-fera — propôs — e dai-lhe liberdade. Dai-lhe dinheiro, honrarias. Mandai avisar imediatamente nos portões que tomastes essa decisão.

— Sim, sim — concordou Alextar e, voltando-se para um dos nobres, ordenou: — Vai imediatamente e traze o homem-fera. E tu, vai aos portões e dize ao povo o que foi feito.

— Mais tarde — disse Tomos — podemos oferecer-lhe uma taça de vinho.

O primeiro nobre seguiu apressadamente pelo aposento e abriu uma porta que dava para o corredor do qual podia subir ao segundo andar, onde Tarzan fora aprisionado, mas não cruzou o limiar. Cheio de desalento, recuou para o aposento.

— Aqui está Tarzan, agora! — gritou.

Alextar e Tomos, bem como os outros, puseram-se em pé com um salto, e pela porta aberta vinha o murmúrio da multidão que acompanhava o homem-macaco. E logo Tarzan entrava no aposento e, em grupo cerrado atrás dele, vinham Phobeg e os demais.

Alextar levantou-se para fugir, e Tomos igualmente, mas com um salto Tarzan varou a distância e os agarrou. Nenhum nobre desembainhou a espada para defender o rei. Como ratos que fogem de um navio soçobrando, estavam prontos a desertar Alextar. O pavor que este sentia era tão grande que se achava a ponto de desmaiar. Ajoelhou-se, suplicando que não o matassem.

— Tu não compreendes! — gritava. — Acabei de dar ordens para soltar-te. Ia dar-te dinheiro... dar-te-ei dinheiro... farei de ti um homem-leão... dar-te-ei um palácio, escravos, tudo.

— Devias ter pensado em tudo isso no Campo dos Leões, hoje. Agora, é tarde demais. Não que eu aceitasse o que tens a oferecer — aduziu o homem-macaco. — Mas talvez houvesse assim salvo tua vida, por algum tempo, bem como teu trono, porque nesse caso teu povo não teria ficado tão cheio de raiva e desagrado.

— O que vais fazer comigo? — perguntou o rei.

— Nada farei contigo — replicou Tarzan. — O que teu povo te faça não é de minha conta, mas se não derem o trono a Thudos será idiotice.

Thudos era o primeiro dos nobres, como Tarzan sabia; e em suas veias corria sangue melhor, de linhagem mais antiga que a que o rei de Cathne podia possuir. Era

guerreiro antigo e famoso, amado e respeitado pelo povo. E quando a multidão na sala ouviu o que Tarzan dizia, gritou, pedindo Thudos; e os que se achavam no corredor levaram a proposta até a avenida, a notícia espalhou-se pela cidade.

Alextar ouviu, seu rosto tornou-se lívido. Talvez houvesse enlouquecido por completo, como acontecera anteriormente com a irmã. Ele se pôs em pé devagar, de frente para Tomos.

— Tu fizeste isto comigo — disse, então. — Por anos, tu me mantiveste aprisionado. Arruinaste a vida de minha irmã... tu e M'duze. Arruinaste minha vida, e agora perdi meu trono, por tua causa. Mas nunca mais arruinarás a vida de alguém — e sacou a espada com tanta rapidez que ninguém o pôde impedir, golpeando com todo o vigor o crânio de Tomos e partindo-o até a altura do nariz.

Enquanto o corpo caía a seus pés, ele prorrompia em gargalhadas enlouquecidas, e os que se achavam na sala permaneciam aturdidos e silenciosos. Com a mesma rapidez com que agira antes, ele colocou a ponta da espada no coração e se atirou sobre a arma.

Assim morreu Alextar, o último dos governantes loucos de Cathne.

Athne

O portão principal de Athne, a Cidade de Marfim, está voltado para o sul, pois nessa direção segue a trilha que leva para Cathne, a Cidade de Ouro, bastião dos inimigos hereditários dos athnianos. Nessa direção vão os guerreiros e os nobres de Athne, procurando mulheres e cabeças e demais artigos de saque; naquela direção vêm os grupos incursores de Cathne, também procurando mulheres, cabeças e saque; assim é que o portão principal de Athne é forte e bem guardado. Acha-se cercado por duas torres firmes, às quais os guerreiros montam guarda dia e noite.

Diante do portão, vê-se grande planície, onde os elefantes são adestrados e os guerreiros de Athne recebem treinamento, preparando-se em suas formidáveis montarias. É local empoeirado e nada cresce ali, a não ser um arbusto dos mais rijos, e mesmo esse só sobrevive às patas formidáveis dos paquidermes em faixas esparsas. Os campos dos athnianos ficam ao norte da cidade e lá os escravos trabalham, de modo que é possível aproximar-se dali, vindo pelo sul, sem vislumbrar um só sinal de vida humana.

A tarde ia pelo meio e o sol quente reluzia nas torres de vigia. Os guerreiros, enlanguescidos pelo calor, jogavam dados — os que não estavam em serviço. Logo, um dos últimos se manifestava.

— Um homem vem do sul — anunciou.

— Quantos? — perguntou um dos jogadores.

— Eu disse “um homem”. Só vejo um.

— Nesse caso, não é preciso soar o alarma. Mas quem poderia vir sozinho a Athne? Será homem de Cathne?

— Já recebemos desertores, em outras ocasiões. Talvez seja mais um.

— Ele está ainda longe demais para ser bem visto — disse o guerreiro que descobrira o desconhecido —, mas não parece ser cathniano. A roupa é estranha.

Ele foi ao lado interno da torre e, apoiando-se sobre a

beira do parapeito, chamou o capitão da guarda. Um oficial veio do interior da torre e ergueu o olhar.

— O que é? — perguntou.

— Alguém vem do sul — explicou o guerreiro.

O oficial assentiu e subiu a escada que dava para o cimo da torre. Os guerreiros interromperam então sua partida de dados e foram todos para o parapeito ao sul, a

fim de examinar quem vinha. Já estava mais próximo e podiam divisar que usava roupas de aspecto estranho.

— Não é cathniano — proclamou o oficial —, mas aí temos um imbecil, ou um homem corajoso, para vir sozinho a Athne.

Enquanto Stanley Wood se aproximava dos portões, notou os guerreiros nas torres, a observá-lo, e quando se aproximou bastante eles o chamaram, mas em língua que não conseguia entender.

— Amigo — disse, e ergueu a mão, fazendo o sinal de paz.

De imediato, o portão se abriu, e um oficial em companhia de diversos guerreiros saíram dali. Tentaram falar-lhe e, ao perceberem que não se entendiam, rodearam-no e o levaram pelo portão.

Stanley Wood logo se achou no extremo de uma avenida orlada de edifícios baixos, ocupados por lojas. Os guerreiros que o haviam introduzido na cidade eram brancos, bem como a maioria dos habitantes encontrados na avenida, embora se notasse a presença de alguns negros. Todos pareciam muito interessados nele, e logo se viu cercado por grande multidão, todos falando ao mesmo tempo, apontando, apalpando-lhe as roupas e armas. Estas últimas logo eram tiradas pelo guarda; o oficial deu algumas ordens e os guerreiros arredaram o povaréu, iniciando a marcha com Wood pela avenida.

Ele se sentia pouco à vontade e indefeso, devido à incapacidade de conversar com os que o rodeavam. Eram tantas as perguntas que desejava fazer! Gonfala talvez estivesse ali, e talvez nunca tomasse conhecimento desse fato, caso não pudesse indagar a alguém que o entendesse, a respeito da jovem. Decidiu que a primeira coisa a fazer era aprender a língua daquela gente. Tentava calcular se seriam amistosos e o fato de que fossem brancos vinha trazer-lhe esperanças.

Quem podiam ser? Sua indumentária, tão diferente de tudo quanto se usava em tempos modernos, não proporcionava qualquer pista para a solução do mistério. Era como se houvessem saído das páginas da história antiga, tão arcaicas se mostravam as armas e vestimentas; mas não conseguia situá-los com exatidão. De onde se haviam originado aqueles homens e mulheres desconhecidos, tão bem-apegoados? Como e quando haviam alcançado este vale desconhecido da África? Seriam os descendentes de alguns colonos atlantes, tangidos para lá após a submersão de seu continente?

Não passava de especulação, pois fossem quem fossem, ali estavam e ele era seu prisioneiro ou convidado — a primeira hipótese merecia mais crédito, pois de modo geral ninguém cerca um convidado com guerreiros armados.

Ao seguirem pela avenida, Wood observou mais de perto a indumentária dos

acompanhantes e das pessoas pelas quais passavam. O oficial em comando era um sujeito bem-apessoado, de cabelos negros, que marchava aparentemente esquecido das pessoas presentes, mas não se percebia nele qualquer maneira ofensiva. Se existiam castas, Wood arriscava-se a crer que aquele homem pertencia à nobreza. A faixa que lhe prendia os cabelos sustentava um ornamento de marfim esculpido, no centro da testa, ornamento esse modelado como colher de pedreiro, côncavo e curvo, cuja ponta se projetava acima do alto da cabeça, inclinando-se à frente. Usava braceletes e tornozeleiras de faixas compridas e lisas de marfim, postas bem próximas umas das outras e presas em volta dos membros por tiras de couro entrelaçadas por buracos que furavam as fitas, nas partes superiores e inferiores. Sandálias de couro de elefante, nos pés, eram sustentadas por cordões de couro presos ao fundo das tornozeleiras. A cada braço, abaixo do ombro, via-se um disco de marfim sobre o qual era observado um dispositivo esculpido; em volta do pescoço havia um colar de pequenos discos de marfim, muito bem esculpidos, e do mais baixo deles uma correia descia até a cota de malha sem mangas, feita de couro, também sustentada por tiras no ombro. Pendurado a cada lado da faixa na cabeça estava outro disco de marfim, de grandes dimensões, sobre o qual se encontrava um disco menor, o primeiro a cobrir-lhe as orelhas. Pedacos de marfim grossos, curvos e em forma de cunha eram sustentados, um sobre cada ombro, pelas mesmas tiras que seguravam a cota de malha. Estava armado de punhal e espada curta.

Os guerreiros que o acompanhavam exibiam vestimentas semelhantes, porém menos trabalhadas no marfim esculpido; e suas cotas de malha e sandálias eram de couro mais bruto, trabalhado com mais simplicidade. Nas costas de todos havia um pequeno escudo. Os guerreiros comuns portavam lanças curtas e pesadas, bem como espadas e punhais. Wood concluiu que os objetos, os quais pensara inicialmente tratar-se de ornamento de marfim, nos braços, eram destinados a servir como armadura de proteção.

O americano foi levado a um cercado grande e emparedado, no centro da cidade. Ali se achavam os edifícios mais bem trabalhados que vira. Havia uma construção central e grande e muitas edificações menores, estando todo o conjunto em jardim semelhante a um parque, de considerável beleza, cobrindo ampla faixa de terreno.

Logo após o portão, notava-se pequena construção, diante da qual se postava uma série de guerreiros. Lá dentro havia um oficial sentado à mesa e Wood foi levado a ele. O oficial que acompanhava o americano fez ao outro um relato do ocorrido. Wood não compreendia o que se passava na conversa entre eles, mas quando o primeiro oficial se retirou compreendeu que fora entregue à custódia do outro.

Embora exibindo roupa semelhante, o segundo oficial não dava a impressão de ser bem-nascido, coisa que fora tão evidente no primeiro. Tratava-se de camarada de

aspecto grosseiro, rude, tendo aparência a recomendá-lo muito menos do que muitos guerreiros comuns que Wood vira até então. A sós com o prisioneiro, começou a gritar-lhe perguntas, e, ao descobrir que Wood não o compreendia, nem ele ao prisioneiro, esmurrou raivosamente a mesa.

Chamou afinal os guerreiros, aos quais deu instruções, e mais uma vez Wood foi levado sob escolta. Dessa feita, encaminharam-no a um cubículo na parte traseira das dependências, não muito longe de um edifício grande e de um só pavimento, com cujo interior estava destinado a familiarizar-se bastante.

Viu-se empurrado para o cubículo, em cujo lado setentrional havia um telhado aberto, abrigando cerca de cinquenta homens. Uma cerca alta formava os três lados restantes do quadrado, cuja parte externa era patrulhada por guerreiros. Foi quando Wood compreendeu que era agora, do modo mais claro, um prisioneiro, e longe de ser considerado importante, já que os outros ocupantes eram em sua maioria camaradas sujos e desalinhados, tanto brancos quanto pretos.

Ao aproximar-se do cubículo notou que todos o olhavam e percebeu que faziam comentários a seu respeito. Pelo tom de uma ou outra risada avaliou ser alvo de muitos gracejos pesados. Percebeu o antagonismo e sentiu-se mais sozinho do que teria acontecido em confinamento solitário. E logo ouviu que seu nome era chamado por alguém, em meio da assembléia formada no telheiro.

Imediatamente dois homens se separaram dos demais e vieram a seu encontro. Eram Spike e Troll. Uma onda de raiva invadiu o americano, pois percebera que se tratava dos raptos de Gonfala.

Tal emoção deve ter transparecido quando avançava na direção deles, porque Spike ergueu a mão, em gesto de advertência.

— Calma aí! — gritou. — Ficar bravo não vai adiantar nada. Nós estamos em uma embrulhada dos diabos, e ficar bravo não traz vantagem nenhuma. É melhor para nós todos se trabalharmos juntos.

— Onde está Gonfala? — interpelou Wood. — O que fizeram com ela?

— Eles a tiraram da gente desde o dia em que fomos presos — disse Troll. — Desde então, não vi mais a moça.

— A gente sabe que ela está no palácio — explicou Spike. — Estão dizendo que o grandão deste lugar gostou dela. Ficou com ela e com o Gonfal, o cachorrão.

— Para que vocês a raptaram? — interpelou Wood. — Se algum de vocês a machucou...

— Machucar! — exclamou Troll. — Você não acha que eu ia deixar alguém machucar minha irmã, acha?

Spike piscou o olho por trás de Troll e levou a mão à cabeça, em gesto significativo.

— Ninguém a machucou — assegurou a Wood —, a menos que tenha sido depois que eles a tiraram de nós. E por que a trouxemos conosco? Era preciso trazer. Não dava para fazer o Gonfal funcionar sem ela.

— Aquela pedra amaldiçoada! — murmurou Wood.

— Eu também acho que há uma maldição nela — concordou Spike. — Nunca trouxe coisa alguma para ninguém, só má sorte. Olhe para mim e Troll. O que nós arrumamos, por todo o trabalhão que tivemos? Ficamos sem a esmeralda e agora perdemos o Gonfal; e todo o trabalho é tirar bosta dos elefantes, o dia todo, e esperar para ver como eles vão acabar com a nossa raça.

Enquanto conversavam, foram cercados pelos outros prisioneiros, levados pela curiosidade a examinar o último recruta. Interrogavam Wood, mas, como este não os compreendia, nem eles ao americano, faziam as perguntas a Spike, que respondia em estranha mistura de dialetos africanos, sinais de mímica e as poucas palavras da língua athniana que havia aprendido. Era um meio notável de transmitir pensamentos, mas ao que parecia vinha servir admiravelmente ao propósito.

Enquanto Wood ali se achava, levava rapidamente em conta a atitude que devia assumir para com Spike e Troll, centro de seu interesse. Os dois homens eram patifes completos e só conseguiam provocar sua inimizade mais amarga. Pelo mal que haviam causado a Gonfala, parecia a Wood que mereciam a morte. Ainda assim, eram os únicos homens presentes com quem podia falar, os únicos com quem tinha qualquer interesse comum. Seu raciocínio mostrava-lhe que Spike tivera razão ao dizer que deviam trabalhar juntos. Por algum tempo, portanto, ia pôr de lado a raiva justa contra eles e juntar-se aos dois, na esperança de que, de algum modo, pudessem servir a Gonfala.

— Eles querem saber quem você é e de onde veio — disse Spike. — E eu contei que você vem de um país mil vezes maior que Athne, e que você era um duque, ou coisa assim, como os oficiais deles. Há um deles aqui, com a gente. Está vendo aquele sujeito ali, em pé e de braços cruzados?

Apontava para um camarada alto e de excelente aspecto, que não se adiantara com os demais.

— Ele é um figurão, pode ter certeza. Nem tem de lidar com esses caras por aí, mas gostou de Troll e de mim, e está nos ensinando a língua dele.

— Gostaria de conhecê-lo — disse Wood, pois seu primeiro interesse momentâneo era aprender a língua daquela gente em cujas mãos o destino o atirara.

— Está bem, venha cá. Ele não é mau sujeito. É o que eles chamam de homem-

elefante. Isso é como ser um duque, na Inglaterra. Eles fizeram uma espécie de revolução por aqui, há alguns meses, e mataram muitos desses homens-elefantes, os que não fugiram ou não entraram na revolução.

Mas esse camarada não foi morto. Eles dizem que é porque ele era bom sujeito e todos gostavam dele, até mesmo os caras da revolução. Não quis participar, de modo que o puseram aqui, no trabalho com os elefantes. Esses tais revolucionários são como os gangsteres em seu país. O negócio é que essa gente é ruim, está sempre criando encrenca para as pessoas decentes e roubando aquilo que não sabe fazer. Bem, chegamos. Valthor, aperte a mão de meu velho amigo Stanley Wood.

Valthor pareceu perplexo, mas tomou a mão que Wood estendera.

— Caramba! — exclamou Spike. — Estou sempre esquecendo que você não fala inglês.

Tratou em seguida de fazer a apresentação na língua mista que conseguira formar. Valthor sorriu e aceitou a apresentação.

— Ele diz que gostou de ficar conhecendo você — traduziu Spike.

— Diga a ele que sinto o mesmo — retorquiu o americano — e pergunte se vai ajudar-me a aprender sua língua.

Quando Spike traduziu o pedido, Valthor sorriu e assentiu, começando imediatamente uma ligação que não apenas se transformaria em amizade genuína, durante as semanas seguintes, como conferiu a Wood um conhecimento suficiente da língua athniana, permitindo a conversa livre em todos os contatos que efetuou.

Durante esse tempo trabalhou com os demais escravos nos grandes estábulos de elefantes de Phoros, o ditador que usurpara a coroa de Athne após a revolução. A alimentação era fraca e insuficiente, o trabalho pesado e o tratamento recebido o mais duro, pois os oficiais encarregados dos escravos tinham sido homens da mais baixa classe, antes da revolução, e assim davam vazão a muitos rancores, ao receberem um pouco de autoridade.

Por todo esse tempo ele não teve notícia alguma do destino de Gonfala, pois naturalmente eram poucas as notícias do palácio que chegavam aos escravos nos estábulos. Não sabia se ela vivia ou não, e esse estado de incerteza e aflição constantes pesava-lhe mais do que as vicissitudes que tinha de atravessar.

— Se é bela — dissera-lhe Valthor —, creio que não precisas temer por sua vida. Nós não tiramos a vida de belas mulheres... nem mesmo os erythras o fariam.

— Quem são os erythras? — indagou Wood.

— Os homens que derrubaram o governo e colocaram Phoros no trono de Zygo, rei de Athne.

— Ela é muito bonita — afirmou Wood. — Eu bem queria que não fosse tão bonita assim.

— Talvez não cause malefício algum. Se bem conheço Menofra, e creio que a conheço bem, tua amiga estará a salvo das atenções de Phoros, pelo menos. E se bem conheço Phoros, ele não deixará que ninguém mais fique com ela, se for mulher muito bonita. Estará sempre à espera, alimentando esperanças... esperanças de que alguma coisa aconteça com Menofra.

— E quem é essa Menofra?

— Acima de tudo é um demônio de ciúmes, e esposa de Phoros.

Isso não trazia grande consolo, mas era o melhor que se apresentava a Wood. Só podia esperar e manter viva a esperança. Não existia grande coisa em que fundamentar um plano de ação. Valthor lhe contara que talvez ocorresse uma contra-revolução, a fim de derrubar Phoros e restaurar Zygo no trono, mas nos alojamentos dos escravos corria pouca informação na qual basear até mesmo uma conjetura sobre quando tal poderia acontecer; e não existia meio de comunicação entre os que se achavam ali confinados e os simpatizantes de Zygo, na cidade, ao mesmo tempo que Zygo e a maioria de seus nobres e acompanhantes se escondiam nas montanhas, para as quais tinham fugido quando a revolução se apoderara da cidade.

Entre outros trabalhos dados a Wood achava-se o de exercitar o elefante que lhe fora destinado. Haviam-no escolhido para esse trabalho, juntamente com Valthor, Spike e Troll, devido à inteligência maior de Wood, em comparação aos outros escravos do grupo. Ele aprendera com rapidez e montava quase todos os dias, na planície ao sul da cidade, sob forte escolta de guerreiros.

Regressavam aos estábulos um dia, após o período de exercício matinal no campo, e estavam levando as grandes montarias, quando receberam ordens de montar novamente e sair.

A caminho da planície tomaram conhecimento, junto aos guerreiros que os acompanhavam, de que estavam em missão de captura de um elefante selvagem que andara estragando as plantações.

— Dizem que é grandão e feio — comentou um dos guerreiros —, e se for tão mau assim, nem todos nós voltaremos à cidade.

— No tempo de Zygo os nobres saíam para capturar os elefantes selvagens, e não os escravos — observou Valthor.

O guerreiro fez com que sua montaria se aproximasse mais do nobre athniano.

— Todos eles andam bêbados demais para montar — explicou, baixando a voz.
— Se estivessem apenas um pouco embriagados, poderiam montar. Se não

estivessem embriagados, faltaria coragem a eles. Nós, os guerreiros, estamos fartos deles. A maioria de nós preferiria estar novamente sob o comando de verdadeiros homens-elefantes, como vossa nobreza.

— Talvez voltem — disse Valthor —, se tiverem a coragem necessária.

— Olá! — gritou um guerreiro que ia à frente.

— Já o localizaram — explicou Valthor a Wood, que vinha montado ao lado.

E logo viam também a presa, saindo de uma floresta de bambu, na orla da planície.

Valthor emitiu um assobio.

— É animal grande, e se for tão mau quanto dizem, vamos ter um pouco de divertimento. Mas é morte certa mandar escravos inexperientes contra ele. Cuida de ti, Wood. Trata de te manteres fora da frente dele, digam o que disserem os guardas. Faze de conta que não consegues controlar teu elefante. Olha só! Ele vem diretamente para cá. Não resta dúvida, é um elefante mau... e não sente medo algum de nós, por Dyaus.

— Nunca vi um tão grande — comentou Wood.

— Nem eu — reconheceu Valthor —, embora já tenha visto muitos elefantes em minha vida. Mas tem um defeito ... olha só aquela presa. É muito mais escura do que a outra. Não fosse por isso, serviria para elefante de um rei.

— E o que devemos fazer? — perguntou Wood. — Não percebo como é possível capturar aquele animal se ele não concordar.

— Vão mandar algumas fêmeas para perto e tentar levá-lo com jeito para a cidade, para o curral maior, logo à entrada do portão. Olha só aquilo!

A tromba do elefante enorme subia e ele barria, cheio de raiva. Tornava-se evidente que estava prestes a atacar. O oficial em comando gritou ordens aos escravos, a fim de que levassem as fêmeas na direção da presa, mas ele próprio não se adiantou. Como os outros três em sua companhia, era um erythra e não pertencia à classe nobre. Sem o orgulho ou o código de honra daquela classe, sabia dar ordens para que outros entrassem em perigo, enquanto permanecia em relativa segurança.

Alguns dos escravos tocaram à frente, porém sem maiores demonstrações de entusiasmo; e foi quando o grande elefante atacou. Irrompeu pela linha de fêmeas que se adiantava, espalhando-as para um e outro lado, e partiu em direção do macho cavalgado pelo oficial em comando.

Gritando ordens, o oficial tentou fazer sua montaria voltar-se e fugir dali, mas o macho em que se achava era elefante lutador adestrado, que pouco sabia de fugir; ademais, seu harém de fêmeas estava presente e ele não ia deixá-lo para qualquer

elefante macho e desconhecido sem travar batalha. E assim, indeciso entre suas inclinações naturais e o hábito de obedecer às ordens de quem o montava, não enfrentou o macho que se avizinhava, nem lhe voltou as costas, mas ficou de lado, tomado de indecisão. Foi nessa posição que o grande elefante o atingiu, quase com o impulso de uma locomotiva.

Ele caiu, jogando o oficial ao chão; mas o camarada se pusera em pé no mesmo instante e corria — o que era a atitude mais estúpida possível, pois quase todo animal persegue aquele que foge.

Gritos roufenhos de socorro se misturaram aos barridos do elefante selvagem, quando este alcançou a vítima. Valthor tocou a fêmea em que estava montado, fazendo-a chegar ao trote, no esforço de desviar o ataque e distrair a atenção do elefante selvagem, e Wood o acompanhou, sem saber por qual motivo o fazia.

Valthor chegava tarde demais. O elefante selvagem alcançou o homem apavorado, jogou-o três vezes ao ar e depois o transformou em mancha escura, pisoteando-o no chão duro.

Foi quando Valthor e Wood chegaram. Wood esperava nada menos que uma repetição da cena a que acabara de assistir, quer em seu próprio caso quer no de Valthor, servindo de vítima, mas nada disso ocorreu.

O athniano fez a fêmea em que montava aproximar-se tranquilamente do grande elefante, que se limitou a ficar com ar complacente abanando a cauda, tendo-se a impressão de que toda a loucura selvagem desaparecera dele ao matar a vítima; e Wood, seguindo o exemplo de Valthor, aproximou-se com suavidade pelo outro lado.

Por todo esse tempo, Valthor entoava um cântico baixo e monótono, uma canção sem palavras, utilizada pelos homens-elefantes de Athne a fim de aquietar os grandes animais que se achassem nervosos ou irritados; e agora, à cadência desse cântico, aduzia palavras de orientação a Wood, de modo que os dois pudessem trabalhar harmoniosamente, levando o elefante selvagem para a cidade e o curral.

Entre as duas fêmeas, que sabiam desempenhar seu papel, o macho foi levado ao cativeiro, enquanto os oficiais, guerreiros e escravos seguiam atrás, satisfeitos e aliviados por não terem sido chamados a arriscar as vidas.

Valthor já era dono do respeito de seus companheiros prisioneiros, bem como dos guerreiros que os guardavam, e agora Wood tomava lugar como pessoa de importância entre eles.

Wood teve provas de que as notícias da captura do elefante selvagem haviam chegado ao palácio, e as teve no dia seguinte, quando um oficial e um pelotão de guerreiros vieram para levá-lo à presença de Phoros.

— Ele quer ver o homem que ajudou Valthor a capturar aquele malandro — disse

o oficial.

Valthor inclinou-se para Wood e cochichou:

— O motivo deve ser outro. Ele não mandaria chamar-te só para isso.

CAPÍTULO 21

Phoros

A noite se esgueirava, saindo de sua toca no nascente, trazendo um séquito de mistério, fações à sombra e animais estranhos, que não se deixam ver durante o dia. Embora o sol ainda desse cor ao céu do poente, com tonalidade desbotada de vermelho, já era escuro crepúsculo no Passo dos Guerreiros, que liga o vale de Onthar ao de Thenar.

Em Onthar encontra-se Cathne, a Cidade de Ouro; em Thenar está Athne, a Cidade de Marfim. No Passo dos Guerreiros encontrava-se Tarzan. Sozinho, dirigia-se a Athne, procurando uma pista do paradeiro de Gonfala.

Gemnon tentara dissuadi-lo de ir sem acompanhamento, e o mesmo fizera Thudos, a quem ele ajudara a subir ao trono de Cathne.

— Se não voltares dentro de um período razoável — dissera-lhe Thudos —, mandarei um exército a Athne para trazer-te de volta.

— Se não voltar dentro de período razoável — contrapusera o homem-macaco — será porque estarei morto.

— Talvez — concordara Thudos —, mas eles não te matarão, a menos que seja preciso. Estão necessitando muito de escravos para dar prosseguimento aos trabalhos na cidade e jamais destruiriam espécime tão excelente quanto tu. Como nós, também precisam de homens para lutar na arena.

— Tu gostarias mais disso do que de lavar e esfregar elefantes — dissera Gemnon, sorridente.

Tarzan sacudira a cabeça.

— A mim não agrada lutar ou matar; existem coisas piores do que esfregar elefantes.

E assim ele se fora, preferindo viajar de modo a não atravessar o vale de Thenar durante o dia, já que desejava aproximar-se de Athne sem ser visto, fazendo um reconhecimento da outra cidade. O fato de que ambos os vales, de modo especial o de Onthar, contivessem tantos leões selvagens era risco que se via obrigado a aceitar, mas, com exceção da travessia de Thenar, podia valer-se da proteção proporcionada pelas florestas por quase toda a extensão do caminho.

O risco mostrava-se grande, pois os leões de Thenar não eram animais comuns. Muitos haviam escapado aos leões de caça de Athne, que muitas vezes tinham recebido carne humana, sendo adestrados para caçar homens. Por gerações seguidas

havam sido criados com vistas à velocidade e resistência, de modo que em todo o mundo não se encontravam animais de presa tão formidáveis quanto aqueles. Ao cair da noite, Tarzan ouviu os rugidos dos grandes felinos no vale de que saíra. Com todos os sentidos em estado de alerta ele atravessara o Passo dos Guerreiros e entrara no vale de Thenar. Até então não ouvira qualquer leão rugindo nessa direção. O vento soprava em seu rosto, não lhe trazia o rasto olfativo de Numa, mas sabia que levava o seu cheiro na direção dos leões caçadores de Cathne.

Aumentou a velocidade, pois, embora houvesse matado muitos leões, sabia que nenhuma criatura podia contar com a sobrevivência, em caso de ataque por esses animais que, muitas vezes, caçavam em matilhas.

Achava-se agora na planície aberta de Thenar. Ouvia ainda o rugido dos leões de Onthar. De súbito, esses rugidos sofreram transformação, bem conhecida de Tarzan. Isso lhe dizia que haviam apanhado a trilha de alguma criatura e a escolhiam por presa. Seria a sua?

A lua cheia surgiu sobre as montanhas à frente, iluminando o fundo do vale, pondo à mostra a faixa escura de floresta muito adiante. As vozes selvagens dos leões tornavam-se mais altas, reverberando no *canyon* chamado de Passo dos Guerreiros, pelo qual acabara de vir. E logo Tarzan sabia que os leões de caça de Cathne achavam-se em sua perseguição.

Ninguém conseguiria contar os leões, ouvindo-lhes os bramidos, mas para Tarzan o caráter distinto de cada voz era perceptível, sabendo assim que cinco leões se aproximavam inflexivelmente para pegá-lo. Mais uma vez acelerou o passo.

Calculou que os leões se achavam a cerca de dois quilômetros atrás dele, a floresta a cinco quilômetros em frente. Se nenhum obstáculo aparecesse, poderia chegar à floresta antes dos leões, mas estava passando por terreno que lhe era desconhecido, do qual só tinha as descrições dadas por Gemnon e Thudos; sabia também que poderia facilmente apresentar-se alguma singularidade da topografia no fundo do vale, retardando-lhe a marcha — um leito profundo e seco com margens íngremes de terra solta já seria o bastante.

Ele prosseguiu em passo rápido, o peito amplo a arfar regularmente, as batidas cardíacas pouco aceleradas pelo esforço, mas os leões vinham ainda mais depressa. Pelo som de suas vozes, Tarzan percebeu que ganhavam distância. Conhecendo-os tanto quanto os conhecia, ainda assim se espantava por sua resistência, coisa tão invulgar nos leões; e maravilhava-se com os resultados obtidos pela natureza cuidadosa. Agora, pela primeira vez, prorrompeu em corrida, pois sabia que no momento em que o vissem eles viriam muito mais depressa do que poderia correr, por qualquer distância maior. Seria então uma simples questão de saber quem poderia sustentar a maior velocidade, pelo percurso mais prolongado.

Nenhum leito seco de rio apareceu, ou qualquer outro obstáculo, e ele chegou finalmente a pouco menos de um quilômetro da floresta, com distância suficiente e tempo de sobra para dispor de razoável margem de segurança. Foi quando ocorreu o imprevisto. Das sombras da floresta um grande leão se apresentou à sua frente.

Quem vive muito tempo na selva aprende a pensar depressa. Tarzan avaliou toda a situação, sem perder um só passo. Visava a floresta, e um leão era ameaça menor do que cinco, sendo aquele o que se interpunha entre ele e a floresta. Com um rosnado selvagem, acossou o animal.

A fera começara a vir em sua direção mas já se detinha, hesitando. Ia manter-se firme ou fugiria? Boa parte de sua reação dependia de saber se se tratava de um leão selvagem comum ou de um leão adestrado na caça. Pelo fato de haver hesitado, em vez de prosseguir na arremetida, Tarzan calculou que estava no primeiro caso.

Os cinco leões vindos de Onthar já ganhavam distância com rapidez. Ao luar brilhante, deviam ter visto sua presa. As vozes das feras proclamavam isso, e elas atacavam agora. Se fossem leões selvagens teriam caçado em silêncio, depois de descobrirem a presa; mas a terra quase estremecia, diante de seus rugidos. Tarzan achava que eles assim desperdiçavam muita energia, mas sabia que os animais eram adestrados para fazê-lo de modo que os caçadores pudessem acompanhá-los, ainda que estivessem fora da vista.

Viu que o leão à frente hesitava. Provavelmente ficara surpreso com a tática adotada pela coisa-homem, uma presa que o atacava; e os rugidos dos cinco leões vinham, sem a menor dúvida, aumentar-lhe o nervosismo. Apenas cinquenta passadas os separavam e o leão não se decidira, quando do peito do homem-macaco eclodiu o grito selvagem dos macacos. Era a última gota que faltava — o leão se voltou e correu para a floresta. Momentos depois Tarzan subia em uma árvore acolhedora, quando cinco leões raivosos saltavam para pegá-lo.

Tendo descoberto um lugar cômodo para descansar, o homem-macaco quebrou os galhos mortos e jogou-os sobre os leões, chamando-os de Dango, Ungo, Horta e outros nomes insultantes, atribuindo os gostos e hábitos mais vis a eles e seus ancestrais. Homem calado, quase taciturno, gostava de utilizar o vocabulário selvagem que adquirira junto aos grandes macacos entre os quais fora criado. Talvez os leões o compreendessem, talvez não. Quem sabe? Sentiam grande raiva e saltavam, em pulos altos, nos esforços baldados por alcançá-lo, o que servia apenas para aumentar-lhes a fúria. Mas Tarzan não tinha tempo a perder com eles e, mantendo-se nas árvores, partiu rumo ao norte, rumo a Athne.

Calculara chegar à cidade enquanto esta dormia e sabia como alcançá-la, com base em informações dadas por Gemnon e Thudos, que tinham visitado Athne com frequência, durante as tréguas anuais, quando as duas cidades comerciavam uma

com a outra. Passou em volta de metade da cidade, pelo lado setentrional, que era menos guardado que o meridional.

Ali se achava diante do maior perigo da descoberta, pois tinha de escalar a muralha sob pleno luar. Escolheu um lugar distante do portão setentrional e esgueirou-se na direção da cidade, sobre a barriga, passando pelas plantas de jardim dos campos cultivados. Detinha-se com frequência para olhar e ouvir, mas não percebeu qualquer sinal de vida na muralha da cidade.

Quando havia chegado a cerca de dez metros da muralha, ergueu-se e correu para ela a toda, escalando-a como um gato até que os dedos encontrassem o cimo. Foi quando se alçou e, deitado sobre o ventre, olhou para o outro lado. Uma construção semelhante a um telheiro encostava-se na parede e, além dela, havia uma rua estreita. Tarzan deslizou para o teto do telheiro e momentos depois deixava-se cair na rua.

No mesmo instante, alguém apareceu em uma janela aberta e uma voz de homem interpelou:

— O que estás fazendo aqui? Quem és tu?

— Sou Daimon — respondeu Tarzan, em cochicho rouquenho.

No mesmo instante a cabeça desapareceu e a janela bateu, fechando-se. Tarzan, espírito atilado, aproveitava-se de algo que Gemnon lhe dissera — que os athnianos acreditavam em um mau espírito que rondava à noite, procurando a quem matar. A Daimon os athnianos atribuíam todas as mortes inexplicáveis, em especial as ocorridas durante a noite.

Seguindo as instruções que recebera, Tarzan caminhou pelas ruas estreitas e escuras, rumando para o centro da cidade e chegando afinal à muralha que cercava o palácio. Haviam-lhe dito que somente encontraria guardas nos portões setentrional e meridional. Os demais portões, se houvesse algum, estavam bem fechados e eram raramente usados.

Ao aproximar-se das muralhas, pelo lado oeste, Tarzan não encontrou portão ou guarda algum. A muralha era baixa, comparada àquela que cercava a cidade, de modo que não constituiu obstáculo para o homem-macaco. Tendo passado por ela, foi ter a um jardim de árvores, arbustos e flores, lugar encantador, cheio de fragrâncias, mas seus sentidos não as registravam naquele momento — procurava os demais cheiros, que não fossem de flores.

Esgueirando-se entre as pequenas construções e outros jardins, chegou a um edifício alentado, que sabia ser o palácio; e ali, para sua surpresa, viu diversos aposentos brilhantemente iluminados. Julgara que todos estivessem adormecidos, com exceção dos guardas.

Velhas árvores lá estavam, no pátio do jardim, flanqueando aquele lado do palácio e na segurança de suas sombras Tarzan foi ter ao edifício, espiando por uma das janelas.

Viu então um grande salão de banquete, por todo o comprimento do qual havia uma mesa comprida, à qual se achavam sentados mais ou menos cem homens, a maioria em diversas etapas de embriaguez.

Falavam alto e riam muito, gargalhavam, e havia duas lutas sendo travadas, pelas quais ninguém se interessava a não ser os lutadores. Em sua maioria os homens eram camaradas de aspecto vulgar e comum, diferentes dos nobres de Cathne. O que se achava à cabeceira da mesa tinha aspecto inteiramente bestial. Esmurrava a mesa com o punho enorme, berrava mais como um touro do que como um ser humano. Escravos vinham e iam, trazendo mais bebidas e retirando taças e pratos vazios. Alguns dos convidados ainda comiam, mas a maioria concentrava energias e talentos no assunto principal da noite — bebida.

— Eu não disse para trazê-la? — berrou o homenzarrão à cabeceira da mesa, falando com os demais, de modo geral.

— Disse para trazer o quê? — indagou outro, sentado mais além na mesa.

— A moça — gritou o homenzarrão.

— Que moça, Phoros?

— A moça — respondeu ele, embriagado.

— Oh, a moça — comentou um outro.

— Bem, por que não a trazes?

— Trazer quem?

— Trazer a moça — repetiu Phoros.

— Quem traz a moça? — perguntou outro.

— Tu — ordenou Phoros.

O camarada a quem se dirigira sacudiu a cabeça.

— Eu, não — replicou. — Menofra me arrancaria o couro e os cabelos.

— Ela não vai saber. Já foi dormir — assegurou-lhe Phoros.

— Não vou me arriscar. Manda um escravo.

— É melhor não mandares ninguém — aconselhou um homem sentado ao lado de Phoros, e que não parecia tão embriagado quanto os demais. — Menofra arrancaria o coração dela e o teu também.

— Quem é o rei? — interpelou Phoros.

— Pergunta a Menofra — sugeriu o outro.

— Eu sou o rei — asseverou Phoros, e voltou-se para um escravo. Este, por coincidência, olhava em outra direção. Phoros atirou-lhe uma taça pesada que por pouco não o atingiu na cabeça. — Eh, tu! Vai buscar a moça.

— Que moça, senhor? — perguntou o escravo, trêmulo.

— Só existe uma moça em Athne, filho de uma porca! Vai buscá-la!

O escravo retirou-se apressadamente da sala e logo se

formou uma discussão, em que os participantes calcularam o que Menofra faria, se descobrisse. Phoros declarou estar farto de Menofra e que, se esta não cuidasse da própria vida, ele a faria em pedaços e deixaria de juntá-los outra vez. Achou tão boa essa piada que riu sem moderação e caiu do banco, mas alguns dos outros pareciam nervosos e dedicavam olhares apreensivos na direção da porta.

Tarzan observava e ouvia. Sentia vergonha e desagrado — vergonha, por pertencer à mesma espécie daquelas criaturas. Desde a infância fora companheiro das feras da floresta e da planície, dos animais inferiores; ainda assim, jamais os vira descer ao nível do homem. A maioria dos animais tinha coragem e certo tipo de dignidade, raramente se dedicavam a palhaçadas, com a possível exceção dos macacos inferiores, que mais se pareciam com o homem. Se fosse inclinado às teorias, teria certamente invertido a de Darwin, no tocante à evolução. Mas tinha os pensamentos ocupados — quem era a moça? Imaginava se não se tratava de Gonfala, mas qualquer pensamento nesse sentido foi arredado pela entrada de uma mulher grandona e de aspecto masculino, que veio com passos firmes, acompanhada pelo escravo que acabara de ser despachado para trazer a garota. Era aquela, então, a garota! Tarzan a fitava, com leve espanto. Era dona de mãos grandes e vermelhas, uma virago com pêlos no queixo e bigode perceptível. Nos demais aspectos, mostrava-se igualmente falta de encantos.

— O que significa isto? — interpelou, olhando com fúria para Phoros. — Por que tu me mandaste buscar a esta hora da manhã, seu palerma beberrão?

Phoros se pôs boquiaberto, olhou tresloucadamente para os companheiros, como a pedir auxílio, mas nada conseguiu. Os que não haviam adormecido inteiramente empenhavam-se na tarefa difícil de tentar parecer dignos e sérios.

— Minha querida — explicou Phoros, tentando agradá-la —, queríamos que você viesse ajudar-nos a comemorar.

— “Minha querida” coisa nenhuma! — retorquiu a mulher, e seus olhos se estreitaram. — Comemorar o quê? — interpelou.

Phoros voltou a olhar em volta, com expressão de quem pede socorro. De olhar

apagado, arrotando, fitou o homem sentado ao lado, com expressão estúpida.

— O que estávamos comemorando, Kandos?

Kandos remexeu-se na cadeira, umedeceu os lábios com a língua.

— Não mintas! — berrou a mulher. — A verdade é que nunca pretendeste mandar chamar-me.

— Ora, ora, Menofra! — exclamou Phoros, no que se destinava a ser um tom de voz tranquilizador.

A mulher girou sobre os calcanhares, voltando-se para o escravo que ficara atrás.

— Quem te disse para buscar-me? — interrogou.

— Oh, grande rainha! Pensei que ele falava de vós — choramingou o escravo, caindo de joelhos.

— O que foi que ele te disse? — e a voz de Menofra se transformava em verdadeiro grito.

— Ele disse: “Vai buscar a moça!”, e quando lhe perguntei que moça, ele disse: “Só existe uma moça em Athne, filho de uma porca!”

Os olhos de Menofra estreitavam-se ainda mais, tornavam-se ameaçadores.

— A única moça em Athne, hein? Eu sei quem man-daste buscar... aquela espevitada de cabelos amarelos, que foi trazida com os dois homens. Pensas que podes enganar-me, não é? Pois bem, hão enganaste. Andaste esperando tua oportunidade e esta noite tu te embriagaste bastante para juntar um pouco de coragem. Muito bem, cuidarei de teu caso; e quando houver terminado cuidarei do caso da única moça de Athne. Mandarei buscá-la para ti, se restar alguma coisa de ti... e haverei de mandá-la em pedaços.

Ela se voltou para os demais convidados, submissos e assustados.

— Vão dando o fora, seus porcos... todos!

Em seguida, caminhou até a cabeceira da mesa e segurou Phoros pela orelha.

— E tu vens comigo... “rei”!

O título, assim pronunciado, era verdadeira afronta.

Menofra

Tarzan retirou-se da janela e caminhou ao lado do edifício, olhando para o segundo pavimento. Lá, ao que imaginava, ficariam os dormitórios. Em algum aposento, sem a menor dúvida, Gonfala fora confinada. Diversas trepadeiras subiam pela parede e ele as examinou, procurando a que sustentasse seu peso. E finalmente encontrou uma hera antiga cujo caule era tão grosso quanto o seu braço, planta velha e retorcida, que se atinha à parede bruta com um milhão de gavinhas. Experimentou-a com o peso e, satisfeito, começou a subir na direção da janela imediatamente acima.

Bem perto da janela aberta parou e ficou à escuta, as narinas sensíveis classificando os cheiros que vinham da câmara. Havia um homem dormindo em seu interior. A respiração indicava que o ocupante se achava profundamente adormecido. Eram ruídos estertorantes e o cheiro mostrava a Tarzan que o homem se achava embriagado. Tarzan passou uma perna pelo peitoril e entrou no quarto. Caminhava sem ruído, apalpando o caminho na escuridão. Não se apressou e, de modo gradual, os olhos se acostumaram à escuridão. Tinha o dom, que alguns homens possuem em comum com os animais noturnos, de poder ver melhor na escuridão do que os outros. Talvez o dom houvesse sido levado a grau mais alto de eficiência devido à necessidade. Quem consegue ver à noite, na selva, tem maiores probabilidades de sobreviver.

Logo identificava uma massa mais escura no chão, perto da parede lateral, como sendo o ocupante do aposento. Isso todavia não fora difícil, já que os roncos indicavam a localização. Tarzan foi ao lado oposto do aposento, encontrando a porta. Seus dedos procuraram a tranca ou ferrolho, e descobriram o último. Este rangeu um pouco ao ser movido, mas não havia perigo de que despertasse o homem. A porta dava para um corredor fracamente iluminado — corredor arqueado, no qual se viam outras portas e as aberturas arqueadas para outros corredores.

Ouviu vozes, então. Elas se alteavam em altercação raivosa, surgiam os ruídos de luta corpo a corpo. As vozes eram de Menofra e Phoros. Logo se ouviu um grito alto, acompanhado por baque, como o de um corpo que caía ao chão. Fez-se então silêncio. Tarzan esperou, à escuta. Ouviu que uma porta se abria mais além, no corredor, na direção da qual as vozes se tinham feito notar; e logo voltou para o quarto que tinha atrás de si, deixando a porta levemente entreaberta, para poder olhar para o corredor. Tarzan viu que um homem passava pelo umbral e se aproximava, caminhando pelo corredor. Era Phoros. Cambaleava um pouco e, na mão direita,

trazia uma espada curta e ensangüentada. Sua expressão fisionômica era vazia, o olhar mortiço. Passou pela porta em que Tarzan observava e voltou-se para outro corredor. Foi quando o homem-macaco seguiu para a passagem e o acompanhou.

Quando chegou à extremidade do corredor em que Phoros se voltara, Tarzan viu o athniano pelejando com a chave na fechadura de uma porta que ficava a pouca distância, e esperou até que Phoros a houvesse aberto e entrasse.

Correndo, então, o homem-macaco o acompanhou. Queria alcançar a porta antes que Phoros a pudesse fechar por dentro, caso fosse sua intenção, mas não era assim. Na verdade, devido ao descuido causado pela embriaguez, nem mesmo fechou a porta, e mal havia entrado no aposento quando Tarzan a escancarou e entrou também.

O homem-macaco se movimentara no mais completo silêncio, de modo que, embora estivesse atrás de Phoros, este não lhe percebia a presença. O aposento era iluminado por um só archote — pavio ardendo em vaso sem profundidade, consumindo gordura. Deitada a um canto do quarto, mãos e pés atados, encontrava-se Gonfala; em outro canto, manietado do mesmo modo, estava Stanley Wood. Ambos viram e reconheceram Tarzan simultaneamente, mas este levou um dedo aos lábios, pedindo-lhes silêncio. Phoros olhava zombeteiramente para os dois prisioneiros, o corpanzil a oscilar sem firmeza.

— Com que então os namoradinhos ainda estão aqui — escarneceu. — Mas por que ficam tão longe um do outro? Olha, imbecil, estúpido, olha bem; vou mostrar-te como amar a garota. Ela agora é minha. Menofra, aquela velha dos infernos, está morta. Estás vendo esta espada? Estás vendo o sangue? É de Menofra. Acabei de matá-la.

Ele apontou então a espada para Wood, dizendo:

— E assim que tenha mostrado a ti como deve comportar-se um homem no amor, tratarei de matar-te.

Deu um passo na direção de Gonfala e, ao fazê-lo, dedos de aço seguraram a mão com que empunhava a espada, a arma foi-lhe arrebatada e ele jogado pesadamente ao chão.

— Silêncio, ou eu te mato — cochichou uma voz. Phoros fitou os olhos frios e cinzentos de um gigante quase nu, em pé sobre ele, apontando-lhe a própria espada.

— Quem és? — perguntou, a voz trêmula. — Não me mates. Dize-me o que queres. Podes ficar com qualquer coisa, se não me matares.

— Eu tomo o que quero. Não te mexas.

Tarzan foi ter com Wood e cortou as cordas que o manietavam.

— Solte Gonfala — disse — e depois amarre este homem; amordace-o também.

Wood agiu depressa.

— Como chegou aqui? — perguntou-lhe Tarzan.

— Eu procurava Gonfala. Acompanhei o rastro dela até esta cidade, e foi quando me fizeram prisioneiro. Hoje Phoros mandou buscar-me. De algum modo, talvez por intermédio de sua gente, que ouvia a conversa de Spike e Troll, arranjou a idéia de que eu sabia como fazer operar o Gonfal. Spike andara a vangloriar-se dos poderes da pedra, mas nem ele nem Troll conseguiram fazer coisa alguma com ela. Também contaram a alguém que Gonfala era a deusa da pedra grande, de modo que ele nos juntou e exigiu uma demonstração de mágica. Nosso encontro foi tão repentino e inesperado que nos denunciámos... qualquer um perceberia que estávamos apaixonados. Seja como for, Phoros percebeu, talvez porque sentisse ciúme. Andou tentando seduzir Gonfala desde que ela foi capturada, mas tem medo demais da mulher para levar a coisa avante.

Tendo libertado Gonfala, Wood passou a amarrar Phoros e completava essa tarefa quando ouviram o som de passos arrastados no corredor. Todos se empertigaram, em silêncio, esperando. As passadas seguiriam em frente da porta ou alguém ia entrar ali? Elas se aproximavam cada vez mais, fizeram uma pausa lá fora, como se alguém estivesse à escuta. A porta foi aberta, pondo à mostra uma aparição horrível. Gonfala abafou um grito, Wood recuou. Apenas Tarzan não demonstrou emoção alguma. Tratava-se de Menofra. Da cabeça ao ombro, ostentava um ferimento. Estava coberta de sangue e oscilava de fraqueza devido à sua perda, mas continuava consciente.

Recuando rapidamente para o corredor, fechou a porta e girou a chave que Phoros deixara ali, e logo ouviram que ela chamava a guarda, aos gritos.

— Parece que caímos em uma bela armadilha — observou Wood.

— Mas temos um refém — contrapôs Tarzan.

— Que coisa horrível! — disse Gonfala, estremeando e indicando o corredor, com um meneio da cabeça. — O que será que aconteceu com ela?

O homem-macaco, em resposta, indicou Phoros com o polegar.

— Ele poderia contar o que houve. Deve estar bem satisfeito, pois, por nos acharmos aqui, em sua companhia.

— Que caszinho formidável — disse Wood. — Mas imagino que muitos casais fariam o mesmo, um ao outro, se descobrissem um meio de não serem castigados.

— Que coisa horrível está dizendo, Stanlee! — gritou Gonfala. — Você acha que nós vamos ser assim?

— Oh, nós somos diferentes — asseverou-lhe Wood. — Essas pessoas não passam de animais.

— Animais, não — corrigiu Tarzan. — São seres humanos e agem como seres humanos.

— Aí vem a guarda — disse Wood.

Ouviam que homens se aproximavam correndo, pelo corredor, e ouviram suas exclamações ao encontrarem Menofra, as perguntas agitadas que faziam.

— Há um homem selvagem aí dentro — disse-lhes Menofra. — Ele libertou os dois prisioneiros e eles amarraram e amordaçaram o rei. Talvez o matem. Não quero que o façam, isso fica para mim. Entrai e capturai os estrangeiros, e trazei o rei para mim.

Tarzan aproximou-se da porta.

— Se entrarem sem minha permissão — gritou —, mato o rei.

— Parece que te meteste numa enrascada, Phoros — disse Wood —, aconteça o que acontecer. Se Menofra te pegar, arranca-te couro e cabelo.

Phoros não pôde responder, por causa da mordaça.

Os guerreiros e a rainha discutiam, no corredor. Não chegavam a uma decisão sobre o que fazer. Os três prisioneiros no quarto não se achavam em posição melhor, e Tarzan ficara intrigado. Explicou a Wood o que pensava.

— Conheci bem um nobre athniano e por intermédio dele fui levado a crer que essa gente era bastante nobre e cavalheiresca, bem diferente do que vi por aqui. Correu em Cathne o boato de que acontecera uma transformação no governo deste lugar, mas a suposição natural era de que outra facção da nobreza tomara o poder. Se esta gente é a nobreza, nosso amigo Spike deve ser, pelo menos, arcebispo.

— Eles não são a nobreza — explicou Wood. — Vieram das camadas mais baixas da sociedade. Derrubaram o rei e a nobreza há poucos meses. Acredito que estejam praticamente arruinando o país.

— Então é isso — disse Tarzan. — Muito bem, acho que meu amigo Valthor não poderá ajudar-me muito.

— Valthor? — exclamou Wood. — Você o conhece? Ora essa, é o único amigo que tenho aqui.

— Onde está ele? Valthor nos ajudará — disse Tarzan.

— Não ajudará de modo algum de onde está. Ele e eu fomos escravos, nos estábulos de elefantes.

— Valthor, escravo!

— Sim, e com muita sorte — asseverou Wood. — Mataram todos os outros membros da nobreza que pegaram ... menos alguns que se juntaram a eles. Os outros fugiram para as montanhas. Todos gostavam tanto de Valthor que não o mataram.

— Foi bom eu não me arriscar, quando vim para cá — observou o homem-macaco. — Eles souberam desses boatos em Cathne, de modo que vim quando estava escuro, a fim de investigar, antes de tentar descobrir Valtbor ou tornar conhecida a minha presença.

Bateram à porta.

— O que querem? — perguntou Tarzan.

— É só entregar o rei à rainha e não vos faremos mal algum — disse uma voz.

Phoros começou a contorcer-se no chão, sacudindo a cabeça de modo vigoroso. Tarzan sorriu.

— Vão ter de esperar, até que parlamentemos — disse, e voltou-se então para Wood. — Tire a mordaça dele.

Assim que isso foi feito Phoros tossiu, gaguejou e engasgou, antes de poder enunciar qualquer palavra compreensível, tamanha a agitação e o medo que o dominavam.

— Não deixes que ela me pegue — conseguiu suplicar, finalmente. — Ela me matará.

— Acho que não existe outro jeito — disse Wood.

— Talvez possamos chegar a uma negociação — sugeriu Tarzan.

— Qualquer coisa, qualquer coisa que queiras! — gritou Phoros.

— Nossa liberdade e uma escolta até o Passo dos Guerreiros — exigiu o homem-macaco.

— Concedido — prometeu Phoros.

— E o grande diamante — aduziu Wood.

— E o grande diamante — concordou Phoros.

— E como vamos saber que tu farás o que dizes? — perguntou Tarzan.

— Tens minha palavra — garantiu-lhe Phoros.

— Não creio que ela valha grande coisa. Preciso de mais alguma coisa.

— Bem, de quê?

— Vamos querer levar-te conosco e ficar contigo, onde eu possa matar-te, se o trato não for cumprido.

— Concordo, também. Concordo com tudo, mas não deixes que ela ponha as

mãos em mim.

— Há mais uma coisa — aduziu Tarzan. — A liberdade de Valthor.

— Concedido.

— E agora que combinamos tudo — disse Wood —, como, com seiscentos demônios, vamos sair daqui, com essa bruxa velha tão firme aí fora, em companhia dos guardas? Você já esteve em uma coroação, Tarzan?

O homem-macaco sacudiu a cabeça, em negativa.

— Bem, é só levar o nosso Phorosinho aí para fora, meu amigo, e verá como um rei é coroado.

— Não sei do que você está falando, mas não pretendo levá-lo para fora antes de ter a garantia de que as promessas dele sejam cumpridas.

Dito isso, voltou-se para Phoros.

— Qual é a tua sugestão? Os guardas obedecerão a ti?

— Não sei. Eles têm medo dela. Todo mundo tem medo dela, e Dyaus sabe que não é medo injustificado.

— A mim parece que não estamos conseguindo coisa alguma com facilidade — observou Wood.

Tarzan foi ter com Phoros e o libertou.

— Vem à porta — ordenou — e explica minha proposta à tua esposa.

Phoros aproximou-se da porta.

— Escuta, minha querida — disse, em tom destinado a agradá-la.

— Escuta coisa nenhuma, sua besta, seu assassino! — berrava ela. — É só eu pôr as mãos em ti... só quero isso.

— Mas, minha querida, eu estava embriagado. Não fiz aquilo seriamente. Escuta a voz da razão. Deixa-me levar esta gente para fora do país, com uma escolta de guerreiros, e eles não me matarão.

— Não me venhas com “querida”, seu...

— Mas, Menofrinha, tu tens de ouvir. Manda chamar Kandos, vamos debater toda a questão.

— Entrai aí, seus poltrões, arrastai todos para fora! — berrou Menofra para os guardas.

— Ficai aí fora! — gritou Phoros. — Eu sou o rei. Esta é a ordem do rei.

— Eu sou a rainha! — berrou Menofra. — Estou mandando entrar e salvar o rei.

— Eu estou muito bem! — gritou Phoros. — Não quero que me salvem.

— Eu acho — disse o oficial da guarda — que o melhor é chamar Kandos. Isto não é assunto que um simples oficial da guarda possa resolver.

— Muito bem — incentivou o rei —, manda chamar Kandos.

Ouviram que o oficial despachava um guerreiro para chamar Kandos e ouviram que a rainha resmungava, repreendia e ameaçava.

Wood foi ter à porta.

— Menofra! — chamou. — Tenho uma idéia que talvez não te haja ocorrido. Deixa Phoros acompanhar-nos até a fronteira e, quando ele voltar, poderás ficar com teu marido. Isso evitará muitas encrencas para todos nós.

Phoros parecia preocupado, e também não pensara nisso. Menofra não respondeu de imediato, mas disse depois:

— Ele poderia enganar-me, de algum jeito.

— Como pode enganar-te? — interpelou Wood.

— Não sei, mas ele daria um jeito. Andou enganando as pessoas por toda a vida.

— Não seria possível. Tu tens o exército. O que poderia ele fazer?

— Bem, talvez valha a pena pensar nisso — reconheceu a rainha. — Mas eu não sei se é possível esperar. Quero pôr minhas mãos nele agora mesmo. Viste o que ele fez comigo?

— Vi, sim. Foi uma coisa horrível — afirmou Wood, inteiramente solidário.

Não tardou para que o guerreiro regressasse em companhia de Kandos. Menofra o recebeu com uma rajada de vitupérios, assim que Kandos apareceu, passando-se algum tempo até que ele pudesse aquietá-la e tomar conhecimento do que acontecia. Levou-a então para um ponto onde ninguém os podia ouvir e ali cochicharam juntos, por algum tempo. Quando haviam terminado, Kandos aproximou-se da porta.

— Ficou tudo combinado — anunciou. — A rainha deu permissão. O grupo partirá logo após o amanhecer. Ainda está escuro, a trilha não é segura durante a noite. Assim que vós e a escolta tiverdes feito a refeição matinal, podereis ir em paz. E temos vossa promessa de que não fareis mal ao rei?

— Sim — disse Tarzan.

— Muito bem — concordou Kandos. — Vou agora providenciar a escolta.

— E não te esqueças de nossa comida! — gritou Wood.

— Não esquecerei, por certo — prometeu Kandos.

Condenados

Stanley Wood exultava.

— Começo a crer que nossos apuros estão a ponto de terminar — disse, e pôs a mão no ombro de Gonfala, cheio de ternura. — Você sofreu muito, mas prometo-lhe que, quando chegarmos à civilização, compreenderá pela primeira vez em sua vida o que significam a paz e a segurança perfeitas.

— Sim — interveio Tarzan —, a paz e a segurança perfeitas dos acidentes de automóveis, de estradas de ferro e de avião, ladrões e assaltantes, raptos, guerra e pestilência.

Wood riu.

— Mas nada de leões, leopardos, búfalos, elefantes selvagens, cobras venenosas, moscas tsé-tsé, para não falar nos canibais.

— Acho — disse Gonfala — que nenhum dos dois está apresentando um quadro dos mais belos. Levam-me quase a ter medo da vida. Mas, afinal de contas, não é tanto a paz e a segurança o que quero, e sim a liberdade. Vocês sabem, por toda a vida fui prisioneira, a não ser pelas poucas semanas depois de vocês me tirarem dos *kajis* e antes que Spike e Troll me pegassem. Talvez consigam imaginar, portanto, o quanto desejo a liberdade, não importam os perigos que tenha de enfrentar, com ela. Parece-me a coisa mais maravilhosa do mundo.

— E é mesmo — confirmou Tarzan.

— Bem, o amor também tem suas vantagens — sugeriu Wood.

— Sim — concordou Gonfala —, mas não sem liberdade.

— Você vai ter ambos — prometeu Wood.

— Com limitações, ao que verá, Gonfala — advertiu Tarzan, sorrindo.

— Neste exato instante, só me interessa em comer — disse ela.

— E acho que a comida já vem — disse Wood, meneando a cabeça na direção da porta.

Alguém remexia na” chave e logo a porta se abriu o bastante para dar ingresso a duas painéis, sendo em seguida fechada com estrondo.

— Eles não se estão arriscando — comentou Wood, ao caminhar pela sala e trazer as duas vasilhas de volta aos companheiros. Uma continha ensopado espesso e a outra água.

— O quê, não há talheres? — indagou Wood.

— Talheres? O que é isso? — perguntou Gonfala. — Alguma coisa que se coma?

— É alguma coisa “com a qual” se come... garfos, colheres. Não vejo garfos nem colheres, não existe etiqueta por aqui... que coisa embaraçosa!

— Tome — disse Tarzan, e entregou a faca de caça a Gonfala.

Eles se revezaram, cortando pedaços de carne com o punhal e bebendo o molho e a água diretamente nas vasilhas, partilhando a comida com Phoros.

— Não está mau — observou Wood. — O que é isto, Phoros?

— Carneiro tenro. Não existe nada mais saboroso. Para mim é surpresa que Menofra não nos tenha mandado couro de elefante velho para mastigar. Talvez ela esteja afrouxando.

Ato contínuo, ele próprio sacudiu a cabeça.

— Não, Menofra nunca afrouxa... pelo menos não no que me diz respeito. Essa mulher é tão cabeçuda que considera a indigestão uma indulgência.

— Céus! — disse Gonfala, sonolenta. — Tenho tanto sono que não consigo manter os olhos abertos.

— Eu também — declarou Wood.

Phoros olhou para os demais e soltou um bocejo. Tarzan se pôs em pé, sacudindo o corpo.

— Tu também? — perguntou Phoros.

O homem-macaco assentiu, as pálpebras de Phoros se fechavam.

— Aquele demônio de mulher — murmurou. — Todos nós fomos drogados... talvez envenenados.

Tarzan observava, enquanto os companheiros adormeciam pesadamente, um por um. Tentou lutar contra os efeitos da droga. Imaginava se algum deles voltaria a despertar e, em seguida, deixou-se cair sobre um dos joelhos e rolou pelo chão, desacordado.

A sala fora ornamentada com esplendor de bárbaros: cabeças empalhadas, de animais e homens, adornavam as paredes. Havia murais grosseiros, em cores que tinham desbotado, tornando-se mais claras, refinadas pela idade. Peles de animais e tapetes de lã cobriam o chão, os bancos e um sofá sobre o qual Menofra se deitara, o corpo erguido sobre um dos cotovelos, a cabeça enfaixada apoiada na enorme palma da mão. Quatro guerreiros se achavam à porta, e aos pés de Menofra estavam Gonfala e Wood, ainda inconscientes; ao lado dela via-se Kandos e, ao pé do sofá, atado e inconsciente, jazia Phoros.

— Mandaste o homem selvagem para a senzala, como ordenei? — perguntou Menofra.

Kandos assentiu.

— Sim, rainha; e porque parecia tão forte, mandei que o acorrentassem a uma pilastra.

— Muito bem — disse Menofra. — Até um imbecil faz o que é certo, de vez em quando.

— Obrigado, rainha — disse Kandos.

— Não venhas com agradecimentos, tu me enojas. És um mentiroso, um trapaceiro, um traidor. Phoros foi teu amigo, mas ainda assim tu te voltaste contra ele. Com muito mais rapidez tu te voltarias contra mim, que nunca fui tua amiga e a quem tu odeias! Mas não te voltarás, porque és um covarde; e nem mesmo penses nisso. Se eu tivesse desconfiança, por um só instante, de que estarias pensando em voltar-te contra mim, mandaria tua cabeça ser pendurada nesta parede, em pouco tempo. Ele está despertando.

Examinavam Wood, cujos olhos se abriam devagar e cujos braços e pernas se moviam um pouco, como a experimentar as possibilidades de governar o corpo. Era o primeiro que voltava à consciência. Abriu os olhos e espiou em volta. Viu Gonfala deitada a seu lado e o peito da jovem, arfando na respiração, serviu-lhe de comprovação de que ela vivia. Olhou então para Kandos e a rainha.

— É assim, então, que manténs tua palavra? — acusou, e logo relanceou o olhar, procurando Tarzan. — Onde está o outro?

— Muito bem seguro — afirmou Kandos. — A rainha, em sua misericórdia, não matou um só de vocês.

— O que vão fazer conosco? — interpelou Wood.

— O homem selvagem vai para a arena — respondeu

Menofra. — Tu e a jovem não morrereis imediatamente... não morrereis até haverdes servido a meu plano.

— E qual é ele?

— Logo verás. Kandos, manda chamar um sacerdote; Phoros não tarda a acordar. Gonfala abriu os olhos e sentou-se.

— O que aconteceu? — perguntou. — Onde estamos?

— Ainda somos prisioneiros — informou Wood. — Esta gente nos traiu.

— A civilização parece muito distante daqui — disse ela, e lágrimas lhe assomaram aos olhos.

Ele segurou-lhe a mão.

— Precisa ter coragem, minha querida.

— Já me cansei de ser corajosa. Fui corajosa por tanto tempo! Gostaria muito de chorar, Stanlee.

Phoros, recuperando a consciência, olhou para um, e depois para o outro. Quando viu Menofra, encolheu-se.

— Ah, esse patife acordou — observou a rainha.

— Tu me salvaste, minha querida! — disse Phoros.

— Podes dizer assim, se quiseres — disse Menofra, cheia de frieza. — Mas eu diria de outro modo, como virás a dizer, mais tarde.

— Ora, minha querida, esqueçamos o passado... deixemos para lá o que aconteceu. Kandos, retira estas cordas de mim. Não fica bem que o rei esteja assim amarrado.

— A mim parece ótimo — assegurou-lhe Menofra —, mas será que gostarias de ser amarrado de verdade? Podíamos fazê-lo com correntes de ferro em brasa, como sabes. Na verdade já foi feito antes. Não é má idéia. Foi bom que a tivesses sugerido.

— Mas, Menofra, minha querida esposa, tu não farias isto comigo!

— Oh, pensas que não? Mas tu tentaste matar-me com tua espada, para poderes ficar com esta mulher aqui por esposa. Bem, não vou mandar acorrentar-te com correntes em brasa... ainda não. Antes, quero retirar a tentação de teu caminho, sem retirar o objeto dessa tentação. Vou mostrar-te o que poderias ter desfrutado.

Bateram à porta e um dos guerreiros disse:

— O sacerdote chegou.

— Que entre — ordenou Menofra.

Wood ajudara Gonfala a se pôr em pé e os dois haviam-

se sentado em um banco, ouvintes boquiabertos do que Menofra dizia em tom misterioso. Quando o sacerdote já entrara e fizera a mesura diante da rainha, esta apontou-os com o dedo.

— Casa aqueles dois — ordenou.

Wood e Gonfala se entreolharam, espantados.

— Há dente-de-coelho em algum lugar. Essa velha megera não está fazendo isso porque nos ama, mas a cavalo dado não se olha a idade.

— Era o que eu esperava — disse Gonfala —, mas bem queria que acontecesse

sob circunstâncias diferentes. Há algo sinistro nisto. Não acredito que algum bom pensamento possa sair da mente dessa mulher.

A cerimônia matrimonial foi extremamente simples, mas muito impressionante. Impunha ao casal as mais rigorosas obrigações de fidelidade e condenava à morte e ao tormento eterno quem viesse a ser a causa da infidelidade de um ou de outro.

Durante a cerimônia Menofra exibiu sorriso sardônico, enquanto Phoros ocultava com dificuldade a contrariedade e a raiva de que se achava possuído. Concluído o casamento, a rainha voltou-se para seu companheiro.

— Tu conheces as leis de nossa gente — declarou. — Rei ou plebeu, quem se meter entre esses dois terá de morrer. Tu sabes disso, não, Phoros? Tu sabes que a perdeste, não é... para sempre? Tu tentaste matar-me, não foi? Pois bem, vou deixar que vivas... vou deixar que vivas com esta mulher, mas toma cuidado, Phoros, pois estarei te vigiando.

Voltou-se então para o guarda.

— Agora tira-os daqui. Leva este homem para a senzala e providencia para que nada lhe aconteça, e depois leve Phoros e a mulher para o quarto ao lado do meu e tranca-os lá dentro.

Quando Tarzan voltou a si, descobriu que estava acorrentado a uma pilastra, no alojamento de escravos, tendo em volta do pescoço um aro de ferro. Encontrava-se sozinho, mas as enxergas de capim empoeirado, fragmentos de roupas sujas, utensílios de cozinha e os restos de fogos que haviam estado acesos, ainda fumegando, punham à mostra o fato de que aquela cobertura e o pátio serviam de residência a outras pessoas e calculou, acertadamente, que fora aprisionado em uma senzala.

A altura do sol vinha dizer-lhe que estivera sob influência da droga por cerca de uma hora. Os efeitos passavam com rapidez, deixando-lhe apenas uma dor de cabeça e a sensação de contrariedade, por ter sido tapeado com tanta facilidade. Preocupava-se quanto ao destino de Wood e Gonfala e não entendia por que fora separado deles. Sua mente alerta ocupava-se com este problema e o da fuga quando a porta da senzala foi aberta e Wood trazido, por escolta de guerreiros que se limitou a empurrar o americano, fazendo-o atravessar o portão, e logo se retirava, depois de ter passado a chave.

Wood veio ter com Tarzan.

— Fiquei pensando no que haviam feito com você — afirmou. — Tive medo de que o matassem.

Contou então ao homem-macaco o que Menofra decretara para Gonfala.

— É monstruoso, Tarzan. Aquela mulher é um animal. O que podemos fazer?

Tarzan bateu no aro de ferro que lhe prendia o pescoço.

— Não há grande coisa que eu possa fazer — comentou, pesaroso.

— Por que você acha que eles o acorrentaram, mas não a mim? — perguntou Wood.

— Devem ter alguma forma especial de entretenimento reservada para mim — sugeriu o homem-macaco, com leve sorriso.

O resto do dia transcorreu em conversa sem maior consequência e que era principalmente um monólogo, pois Tarzan não se inclinava à garrulice. O outro falava, para deixar de pensar na situação de Gonfala, mas não obteve grande êxito. Ao final da tarde os escravos regressaram à senzala e imediatamente circundaram Tarzan. Um deles abriu caminho até a frente, onde pôde ver o prisioneiro.

— Tarzan! — exclamou. — És realmente tu?

— Receio que sim, Valthor — respondeu o homem-macaco.

— E estás de volta, pelo que vejo — disse Valthor a Wood. — Não contava voltar a ver-te. O que aconteceu?

Wood narrou-lhe toda a história de seu infortúnio e Valthor assumiu expressão grave.

— Tua namorada, Gonfala, poderá estar a salvo enquanto Menofra viver; mas talvez não viva muito tempo. Kandos providenciará isso, se não for tarde demais; e então, tendo afastado Menofra, Phoros subirá novamente ao poder. Quando o fizer, destruir-te-á. Depois disso, não haverá muita esperança para Gonfala. A situação é séria e não vejo solução, a menos que o rei e seu grupo regressassem e retomassem a cidade. Acredito que o pudessem fazer agora, pois praticamente todos os cidadãos e a maioria dos guerreiros estão fartos de Phoros e do resto dos erythras.

Um negro alto aproximou-se de Tarzan.

— Não te lembras de mim, senhor? — indagou.

— Sim, lembro, claro que lembro — replicou o homem-macaco. — Tu és Gemba. Foste escravo na casa de Thudos, em Cathne. Faz quanto tempo que estás aqui?

— Muitas luas, senhor. Fui aprisionado em uma incursão. O trabalho é duro e muitas vezes esses senhores novos se mostram cruéis. Eu bem queria estar de volta a Cathne.

— Viverias bem por lá agora, Gemba. Teu antigo senhor é rei de Cathne. Creio que se ele soubesse que Tarzan é prisioneiro aqui viria trazer a guerra a Athne.

— E eu acredito que se ele viesse — disse Valthor — um exército de Cathne seria

bem-vindo aqui, pela primeira vez na história; mas não há possibilidade de que venha, pois não existe modo pelo qual possa saber que Tarzan se acha aqui.

— Se ao menos eu pudesse tirar este aro do pescoço — disse o homem-macaco —, logo sairia desta senzala, desta cidade, e traria Thudos, com seu exército. Ele viria comigo para salvar meus amigos.

— Mas não dá para tirá-la — disse Wood.

— Tens razão — concordou Tarzan. — Estamos falando inutilmente.

Por diversos dias nada aconteceu para desfazer a monotonia da existência na senzala do rei de Athne. Não receberam qualquer notícia, do palácio, sobre o que se passava por lá; nenhuma informação veio quanto ao destino que lhes estava reservado. Valthor contara a Tarzan que este último provavelmente era guardado para a arena, devido à sua aparência de grande força, mas também não sabia quando se efetuariam tais torneios. Os novos senhores de Athne haviam mudado tudo, rebaixando o que fora sagrado nos costumes, no regime anterior. Falava-se até mesmo de mudar o nome de Athne para A Cidade de Phoros. Se tal não ocorrera devia-se apenas à insistência da rainha, no sentido de que o novo nome fosse A Cidade de Menofra.

De manhã, os escravos eram levados ao trabalho e todo o dia Tarzan continuava sozinho, acorrentado como animal selvagem. A prisão, de qualquer natureza, exasperava o senhor da selva, mas estar acorrentado era autêntica tortura. Ainda assim, não deixava transparecer qualquer sinal do sofrimento mental que atravessava. Quem o observasse pensaria que estava contente. Fervendo, por baixo daquela aparência calma, havia todo um mar de raiva.

Certa tarde os escravos foram devolvidos à senzala antes da hora costumeira. Os guardas que os tangiam mostravam-se invulgarmente brutais e havia diversos oficiais que, de ordinário, não apareciam. Acompanharam os escravos à senzala e os contaram, conferindo-lhes os nomes por um pergaminho trazido por um dos oficiais. Em seguida interrogaram-nos e, com base nas perguntas, Tarzan calculou que tinha ocorrido uma tentativa organizada, por parte de certo número de escravos, no sentido de fugirem, e durante a qual um guarda fora morto. Durante a agitação, diversos escravos tinham escapado para a floresta de bambu próxima ao limite oriental das terras cultivadas de Athne. A conferência de nomes mostrou que três haviam desaparecido. Caso fossem recapturados, ver-se-iam submetidos à tortura e à morte.

Os oficiais e guerreiros usavam brutalidade extrema no trato dos escravos, enquanto os interrogavam, tentando extorquir confissões pelas quais pudessem calcular até onde fora a trama e que escravos eram os cabeças. Depois de se retirarem da senzala, os escravos se acharam cheios de inquietação e

descontentamento. A atmosfera ficara sobrecarregada da eletricidade estática da revolta reprimida, a ponto de uma pequena fagulha poder incendiar aquilo, mas Valthor os aconselhou a terem paciência.

— Desse modo estareis apenas procurando a tortura e a morte — disse-lhes. — Não passamos de um punhado de escravos desarmados. O que podemos fazer contra os guerreiros dos erythras? Esperemos. Tão certo quanto Dyaus está no céu, alguma transformação terá de ocorrer. Reina grande descontentamento, tanto fora da senzala quanto aqui dentro, e um dia Zygo, nosso rei, voltará das montanhas onde se esconde e nos libertará.

— Mas alguns de nós somos escravos, quem quer que seja rei — contrapôs um deles. — Eu sou. Para mim, não faria diferença alguma se Zygo ou Phoros fosse rei... eu continuaria escravo.

— Não — disse Valthor. — Posso prometer a todos que, quando Zygo voltar ao poder, sereis libertados. Dou minha palavra de que será feito.

— Bem — disse outro deles —, eu não acreditaria em outra pessoa, mas todos sabem que a promessa feita pelo nobre Valthor será cumprida.

Já escurecera bastante e os fogos tinham sido acesos para preparar a comida, tarefa de que se encarregavam os escravos, utilizando pequenas panelas. Carne de elefante constituía a maior parte da alimentação e a ela era aduzida uma variedade muito primitiva de nabo. Com os dois ingredientes os homens faziam um cozido. Às vezes, os que trabalhavam no campo traziam variedade a essa dieta, com legumes que lá haviam roubado e que levavam para a senzala.

— Este cozido — observou Wood — deve ser cheio de vitaminas, pois tem tudo o que é preciso, incluindo pêlos de elefante e pedrinhas. O pêlo de elefante e as pedrinhas podiam ser desculpados, mas os nabos! Na economia da felicidade mundana não existe mais lugar para o nabo.

— Vejo que a ti não agradam os nabos — comentou Valthor.

Desde que Tarzan fora trazido para a senzala, Troll e Spike se tinham mantido afastados. Spike receava muito o homem-macaco e conseguira transmitir esse receio a Troll, embora o último houvesse esquecido qualquer motivo para arreçar-se. Spike se preocupava por causa do medo de que, caso fossem libertados, Tarzan descobrisse algum modo de tirar dele o grande diamante. Isso não apoquentava Troll, que se esquecera por completo da pedra preciosa. Só se lembrava claramente de que Gonfala era sua irmã e de que a perdera. Daí lhe advinha grande preocupação e ele mencionava o assunto de modo constante. Spike o incentivava nessa ilusão, jamais se referindo ao diamante, embora este fosse tema permanente de seus pensamentos e planos. A esperança maior que alimentava de recuperá-lo estava

na possibilidade de que o rei autêntico de Athne recobrasse o trono, passando a tratá-lo como convidado, em vez de prisioneiro, devolvendo-lhe o Gonfal; e ele sabia, com base nas conversas mantidas com os prisioneiros, que o regresso de Zygo estava entre uma possibilidade e uma probabilidade.

Quando os escravos faziam suas refeições noturnas e conversavam sobre a fuga dos três companheiros, um oficial entrou na senzala, com pelotão de guerreiros, um dos quais vinha com argola e corrente de ferro. Aproximando-se da cobertura, o oficial chamou Valthor.

— Aqui estou — disse o nobre, levantando-se.

— Tenho um presente para ti, aristocrata — anunciou o oficial, que, até a revolução, fora palafrenero nos estábulos de elefantes de Zygo.

— Estou vendo — disse Valthor, olhando a argola e a corrente. — E deve ser presente que causa grande satisfação, a um palafrenero, em trazer-me.

O oficial corou, cheio de raiva.

— Tem cuidado ou te ensino bons modos — resmungou. — Tu és palafrenero, agora, e eu o aristocrata.

Valthor sacudiu a cabeça.

— Não, palafrenero, estás errado. Serás sempre um palafrenero e, no íntimo, sabes bem disso. É o que te torna raivoso. É o que te leva a odiar-me ou pensar que tu me odeias; na verdade, odeias a ti próprio, por saberes que serás sempre um palafrenero, ainda que Phoros te diga o contrário. Ele fez muitas coisas estranhas, desde que expulsou o rei, mas não pode transformar em leão a cauda de um chacal.

— Chega! — atalhou o oficial. — Toma, tu aí, passa a argola pelo pescoço dele e acorrenta-o à pilastra ao lado do homem selvagem.

— Por que Phoros resolveu honrar-me deste modo? — indagou Valthor.

— Não foi Phoros, mas Menofra. É ela quem governa agora.

— Ah, entendo — disse o nobre. — A psicologia de ódio de Menofra contra minha classe tem raízes mais fundas do que a tua, pois nasce de terra suja. Tua ocupação, pelo menos, foi honrada. Menofra era mulher da rua, antes que Phoros a desposasse.

— Bem, dize o que queres enquanto podes, aristocrata — contrapôs o oficial, de modo provocante —, porque amanhã tu e o homem selvagem morrereis na arena, esmagados e estraçalhados por um elefante selvagem.

Morte

Os demais escravos tornaram-se furiosos por causa da sentença imposta a Valthor, que ia morrer, pelo que o oficial lhe dissera antes de retirar-se, como castigo pela rebelião que resultará na morte de um guerreiro erythra e a fuga de três escravos, servindo também de advertência aos outros. Valthor fora escolhido, de modo ostensivo, não por ser acusado de fermentar a rebelião entre os escravos, mas na verdade porque era bem visto entre eles e era um aristocrata.

Wood horrorizou-se com a notícia de que Tarzan deveria morrer, ele e Valthor, ambos seus amigos. Parecia-lhe de todo inconcebível que o coração poderoso do senhor da selva viesse a ser paralisado para sempre, que seu corpo perfeito fosse rompido e esmagado no chão de uma arena, a fim de satisfazer a sede de sangue de bárbaros ignorantes.

— Tem de haver algo que possamos fazer — proclamou. — Tem de haver. Não podíamos partir essas correntes?

Tarzan sacudiu a cabeça.

— Examinei cuidadosamente as minhas — asseverou — e as pus à prova. Se fosse ferro fundido, poderíamos quebrar um dos elos, mas é maleável, apenas dobra. Se tivéssemos um formão... mas não temos. Não, nada resta a fazer senão esperar.

— Mas eles vão matar você, Tarzan! Não entende? Vão matá-lo!

O homem-macaco deixou que uma sombra de sorriso bailasse em seus lábios.

— Nada existe de singular nisso — afirmou. — Muitas pessoas já morreram, muitas estão morrendo, muitas morrerão ... até você, meu amigo.

— Tarzan tem razão — disse Valthor. — Todos temos de morrer, o que importa é o modo pelo qual morremos. Se enfrentarmos a morte corajosamente, como devem fazer os guerreiros, não haverá pesares. Quanto a mim, estou satisfeito em que um elefante vá matar-me, pois sou um homem-elefante. Tu sabes o que isso significa, Tarzan, pois estiveste em Cathne, onde os homens-leões são os nobres; e sabes com que orgulho ostentam o título. Acontece o mesmo aqui, só que os nobres são os homens-elefantes. Assim como eles criam leões, criamos elefantes; o deus deles, Thoos, é um leão; o nosso, Dyaus, é um elefante. Os nobres que fugiram à revolução dos erythras levaram-no para as montanhas, pois os erythras, que não têm um deus, haviam de matá-lo.

— Se eu pudesse escolher o modo de morrer, preferiria o leão ao elefante — declarou Tarzan. — Entre outras coisas, o leão mata com rapidez, mas o motivo

verdadeiro é que o elefante sempre foi meu amigo, meu melhor amigo, talvez. E a mim não agrada que um amigo deva matar-me.

— Esse não será teu amigo, Tarzan — lembrou-lhe Valthor.

— Não, eu sei. Mas não estava pensando nele especificamente — explicou o senhor da selva. — E agora, como nossa conversa de nada adiantou, vou dormir.

O dia de sua morte amanheceu como qualquer outro. Nenhum dos dois falava do que ia acontecer. Juntamente com Wood, prepararam a refeição matinal, conversaram e Valthor riu; de vez em quando Tarzan exibia um de seus raros sorrisos. Wood era o mais nervoso deles e, chegado o momento em que os escravos seriam levados ao trabalho, aproximou-se para as despedidas.

Tarzan colocou a mão sobre o ombro de Wood.

— A mim não agrada despedir-me, meu amigo — afirmou.

Se Wood soubesse com que raridade Tarzan utilizava a expressão “meu amigo”, ter-se-ia sentido honrado. Tarzan considerava muitos animais como amigos, mas eram poucos os homens em tal categoria. A ele agradava Wood, com sua inteligência, coragem, limpeza.

— Você não tem uma mensagem que gostasse de mandar a... a... — e Wood hesitava.

Tarzan balançou a cabeça em negativa.

— Obrigado, não — disse. — Ela saberá, como sempre sabe.

Wood levantou-se e saiu dali, acompanhado por mais escravos que se retiravam da senzala. Tropeçou no limiar e praguejou baixinho, enquanto cobria os olhos com a palma das mãos.

A tarde chegara quando vieram buscar Tarzan e Valthor, meia centena de guerreiros e diversos oficiais, todos em sua melhor indumentária, as armas recém-polidas reluzindo ao sol.

Diante do palácio formava-se uma procissão. Havia muitos elefantes ricamente ajaezados e de cadeirinhas instaladas no dorso, onde se via a nobreza recém-empossada de Athne. Todas as cadeirinhas eram abertas, com exceção de um pavilhão de feitura mais complexa. Ali se encontrava Menofra, sozinha. Valthor a viu e riu alto. Tarzan voltou-se e o fitou de modo indagador.

— Olha só para ela! — exclamou o nobre. — Não podia estar mais encabulada, ainda que se achasse nua. Na verdade, estar nua não a amolaria tanto. A pobre coitada tenta apresentar uma figura de rainha. Observa o semblante altivo, a coroa! Dyaus, ela vai levar a coroa até a arena ... e a usa de trás para a frente. Vale a pena morrer, para ver tal espetáculo.

Valthor não procurara baixar a voz. Na verdade, tinha-se a impressão de que a alteara um pouco. Sua gargalhada chamara a atenção para ele, de modo que muitos ouviram e perceberam suas palavras. Estas chegaram até mesmo aos ouvidos de Menofra. Isso foi notado por todos que a podiam ver, pois seu rosto tornou-se rubro; e ela retirou a coroa, colocando-a no assento ao lado. Estava tão furiosa que tremia, e, quando deu a ordem para ser iniciada a marcha, o que aconteceu imediatamente, sua voz estava trêmula de raiva.

Com os cem elefantes formando fila indiana, os numerosos guerreiros a pé, os estandartes e galhardetes, a procissão se apresentava cheia de cor, mas faltava-lhe algo que teria tornado impressionante tanta magnificência. Nada havia de verdadeiro em sua majestade suposta e aquele desfile era colorido pelo caráter espúrio de seus elementos principais. Era a impressão que se formava aos olhos do senhor da selva, caminhando acorrentado, atrás do elefante de Menofra.

A procissão seguiu pela avenida principal, rumo ao portão do sul, passando por fileiras de cidadãos silentes. Não houve aclamações nem aplausos. Sussurravam-se comentários à passagem de Valthor e Tarzan. Tornava-se claro que a solidariedade do povo fora dada a Valthor, embora os cidadãos não se atrevessem a exprimi-la abertamente. Tarzan era-lhes um desconhecido e seu único interesse pelo senhor da selva residia no fato de que poderia servir para proporcionar-lhes alguns minutos de emoção e entretenimento na arena.

Passando pelo portão, a coluna voltou-se rumo ao leste, chegando afinal à arena, que se situava nesse lado da cidade. Logo ao sair pelo portão principal, pelo qual a procissão ingressou na arena, Tarzan e Valthor foram tirados da linha de marcha e levados ao portão menor que dava para uma paliçada alta, feita de pequenos troncos, em uma estrebaria entre duas partes de um palanque. A extremidade interna da estrebaria era formada por paliçada de troncos pequenos, sendo semelhante à extremidade externa, com pequeno portão que dava para a arena. O homem-macaco não pôde deixar de observar a construção frágil das duas paliçadas e imaginou que toda a arena era de construção fraca como aquilo.

Ali havia bom número de guardas armados e logo outros prisioneiros eram trazidos, homens a quem Tarzan não vira antes. Vieram da cidade, atrás de elefantes de dignitários de menor monta, que seguiam depois de Menofra. Diversos dos prisioneiros que falaram com Valthor eram, de modo evidente, homens de distinção.

— Somos quase o final da aristocracia que não fugiu ou não se passou para os erythras — explicou Valthor a Tarzan. — Phoros e Menofra acham que, matando todos os inimigos, não encontrarão oposição e nada mais a recear. Acho, entretanto, que estão apenas criando um número maior de inimigos, pois as classes médias tinham mais simpatia natural pela aristocracia do que pela ralé que constitui os

erythras.

A cerca de quatro palmos na parte superior da paliçada interna havia uma viga horizontal, sustentando as extremidades de presilhas que mantinham a paliçada em pé e, sobre essa viga, os prisioneiros puderam ficar e assistir ao que ocorria na arena, até chegar sua vez de entrar. Quando Tarzan e Valthor tomaram lugar sobre a viga, o cortejo imperial acabara de completar um circuito na arena e Menofra descia desajeitadamente da cadeirinha do elefante, entrando no palanque real. Os demais palanques estavam quase cheios e as multidões continuavam a sair pelos túneis. Era pouco o ruído, a não ser pelo arrastar de pés calçados em sandálias e o barrido ocasional de algum elefante. A Tarzan aquilo não se afigurava uma multidão satisfeita e pronta a desfrutar o espetáculo; ao contrário, assemelhava-se a uma multidão taciturna, reprimida pelo medo. Uma gargalhada teria sido coisa tão surpreendente quanto um grito.

O primeiro encontro foi travado entre dois homens; um deles, enorme guerreiro erythra, armado de espada e lança, o outro, um ex-nobre, cuja única arma era o punhal. Tratava-se de uma execução e não de duelo — execução antecédida pela tortura-. A platéia observou aquilo em silêncio, na maior parte. Ouviram-se apenas alguns gritos de incentivo, partidos dos palanques dos oficiais e da nova nobreza.

Valthor e Tarzan observavam o espetáculo, cheios de desagrado.

— Acho que ele poderia ter morto aquele grandão — disse o homem-macaco. — Vi com que facilidade se pode enfrentá-lo. É uma pena que o outro não o percebesse.

— Tu achas que poderias matar Hyark? — interpelou um guarda, ao lado de Tarzan.

— E por que não? — contrapôs o homem-macaco. — Ele é pesado e estúpido. Acima de tudo, um covarde.

— Hyark, covarde? Essa é boa. Poucos são tão corajosos, entre os erythras.

— Acredito — disse Tarzan, e Valthor prorrompeu em risadas.

Hyark se pavoneava, caminhando de um lado para outro, diante do camarim real, recebendo o aplauso de Menofra e sua comitiva, enquanto escravos arrastavam o corpo mutilado da vítima e um oficial se aproximava da estrebaria, a fim de chamar os próximos combatentes.

O guarda gritou para ele:

— Aqui temos um que se julga capaz de matar Hyark. O oficial ergueu o olhar.

— Qual deles? — interpelou.

O guarda apontou Tarzan, com o polegar.

— Este homem selvagem, este aqui. Talvez Menofra gostasse de ver o encontro. Deve ser divertido.

— Sim — disse o oficial. — Eu também gostaria de vê-lo. Talvez o façamos, após o combate seguinte. Vou perguntar a ela.

O prisioneiro seguinte a ser levado para a arena era um velho. Deram-lhe um punhal com que se defender, soltaram-lhe um leão em cima.

— É um leão muito velho — comentou Tarzan, falando com Valthor. — Já perdeu a maior parte dos dentes. Está enfraquecido pela sarna e fome.

— Mas matará o homem — observou Valthor.

— Sim, matará o homem, pois ainda é um animal poderoso.

— E tu achas que poderias matá-lo, também? — perguntou o guarda, com zombaria.

— É provável — concordou o homem-macaco.

O guarda achou muita graça e prorrompeu em gargalhadas.

O leão acabou logo com o velho, proporcionando-lhe, pelo menos, morte misericordiosa; e veio então o oficial, depois de terem recolhido o leão à jaula, usando muitas lanças. Viera avisar que Menofra concordara com a luta entre Hyark e o homem selvagem.

— Ela prometeu promover Hyark a capitão, por matar dois homens na mesma tarde — disse o oficial.

— Este aqui diz que pode matar o leão também — berrou o guarda, sacudindo-se com riso.

— Mas Hyark vai matar agora o teu homem selvagem, de modo que jamais poderemos saber se ele mataria também o leão — retrucou o oficial, fingindo profundo pesar.

— Lutarei com os dois ao mesmo tempo — propôs Tarzan. — Isto é, se Hyark não tiver medo de entrar na arena com um leão.

— Isso seria um verdadeiro espetáculo — concordou o oficial. — Vou imediatamente falar com Menofra.

— Por que disseste isso, Tarzan? — indagou Valthor.

— Eu já não te disse que prefiro ser morto por um leão a ser morto por um elefante?

Valthor sacudiu a cabeça.

— Talvez tenhas razão. Pelo menos, terminará mais cedo. Esta espera ataca os meus nervos.

O oficial não tardou a regressar.

— Ficou combinado — anunciou.

— E o que Hyark disse da proposta? — perguntou Valthor.

— Acho que não gostou, em absoluto. Disse que acabava de lembrar-se de que a esposa se acha muito doente e pediu a Menofra que concedesse a outro lutador a honra de matar o homem selvagem.

— E o que disse Menofra?

— Que se Hyark não entrasse na arena e matasse o homem selvagem ela o mandaria matar.

— Menofra é criatura de excelente humor — observou Valthor.

Tarzan desceu e foi levado à arena, onde lhe retiraram a argola de ferro do pescoço, sendo-lhe dado um punhal. Caminhou na direção do camarim real, abaixo do qual se achava Hyark. Este veio em carreira a seu encontro, contando despachá-lo depressa e sair da arena antes que o leão fosse solto. Os homens, na jaula do leão, estavam com alguma dificuldade em levantar a porta. O animal, nervoso e agitado por causa do encontro que tivera, rugia e rosnava, batendo nas grades e procurando alcançar os homens em volta.

Hyark trazia a lança à frente do corpo. Tentaria trespassar Tarzan no momento em que este chegasse ao seu alcance. Não haveria divertimento com a vítima, nesse encontro, pois só pensava em acabar com a luta e retirar-se da arena.

Tarzan se adiantou, levemente abaixado. Enfiara a adaga no cordão que lhe sustentava a tanga. O fato de que viesse com as mãos nuas intrigou a multidão de espectadores e serviu para confundir Hyark, que desde muito lamentava ter aceito o desafio com tanta jactância. Não sentia medo do homem, é claro, mas dos dois! E se o homem conseguisse escapar à morte até que o leão fosse solto? O leão poderia pular com a mesma facilidade sobre suas costas ou sobre as do outro. Era o que lhe aumentava a confusão.

Estavam bem próximos, agora. Com uma imprecação, Hyark atirou a lança sobre o peito nu do antagonista. Foi quando Tarzan fez exatamente o que planejava fazer, conhecendo sua própria agilidade e vigor. Segurou o meio da lança e arrancou-a das mãos de Hyark, jogando-a ao chão, atrás de si. E logo Hyark estendia as mãos para a espada, mas fora lento demais. O homem-macaco o pegara e dedos de aço o agarravam, faziam-no voltar-se.

A multidão emitia um grito: o leão fora solto!

Agarrando Hyark pela gola do gibão e pela correia da espada, o homem-macaco o manteve indefeso, a despeito do modo pelo qual se debatia. Pela primeira vez a

multidão de espectadores se fazia ouvir, com gargalhadas, zombando de Hyark; e logo gritava com advertências para o homem-macaco, dizendo que o leão já vinha. Mas Tarzan sabia disso. Pelo canto do olho observava o carnívoro que se aproximava em corrida pela arena. Dava agora para avaliar o animal, vendo-o mais de perto. Era leão pequeno, velho e lastimavelmente magro. Tornava-se evidente que o haviam feito passar fome muito tempo, a fim de deixá-lo furioso. A raiva de Tarzan fervia contra aqueles que tinham determinado tal crueldade, e por causa dela nasceu em sua mente o plano de vingar o leão.

Quando a fera se aproximou, Tarzan foi a seu encontro, empurrando à frente de si um Hyark frenético; e antes que o animal desferisse seu ataque mortífero, o homem-macaco deu um tremendo empurrão em Hyark, jogando-o diretamente ao grande felino. E foi quando Hyark fez exatamente aquilo que Tarzan calculara — voltou-se com rapidez para um dos lados e prorrompeu em carreira. Tarzan se manteve parado — nem um músculo em seu corpo se movia. Achava-se diretamente à frente do leão, mas esse não hesitou por um instante; voltou-se e saiu em perseguição de Hyark, um Hyark que gritava, apavorado.

— O corajoso Hyark terá de correr bem depressa, se conta chegar a capitão — comentou Valthor, falando com o guarda. — Seria melhor para ele se permanecesse parado; o leão certamente haveria de persegui-lo se fugisse. Se houvesse dado um passo para o lado, continuando parado, o leão continuaria o ataque e iria diretamente sobre Tarzan. Hyark teria, pelo menos, uma oportunidade, mas não vai correr mais do que o leão.

Exatamente em frente ao palanque de Menofra o leão alcançou Hyark, e este, aos berros, caiu sob o corpanzil, tendo um fim misericordiosamente rápido. Antes de suas convulsões finais, a fera faminta começou a devorá-lo.

Tarzan veio pela arena, na direção do palanque real e do leão que comia. A caminho apanhou a lança que Hyark perdera e aproximou-se em silêncio do leão, vindo por trás do animal; a fera, ocupada em saciar a fome, não viu que ele se aproximava. Os espectadores permaneciam silenciosos e retesados, maravilhando-se talvez com a coragem daquele despido homem selvagem. Aproximando-se sempre do leão, Tarzan vinha com passos leves; e ainda assim a fera comia a carcaça de Hyark sem perceber a presença do homem-macaco. Bem por trás do carnívoro, Tarzan colocou a lança no chão. Só a trouxera como medida de segurança, caso o seu plano fracassasse. E então, com a rapidez e a agilidade de

Sheeta, a pantera, deu um salto e montou no felino, agarrando-o pela juba e o couro solto das costas, erguendo-o e, ao mesmo tempo, rodopiando o animal que rugia e tentava desferir golpes, mas sem conseguir. Foi a rapidez fantástica empregada o que possibilitou a façanha — isso e mais sua grande força —, pois,

com esforço sobre-humano, jogou a fera no palanque real; e em seguida, sem olhar para trás uma só vez, voltou-se e regressou à estrebaria de prisioneiros.

O corpo do leão atingiu Menofra e a derrubou da cadeira, mas a fera, que estava agora assustada e confusa, só_ pensava em fugir. Assim é que saltou para o palanque ao lado. Ali, desferiu golpes com as garras, à direita e à esquerda, em meio à nobreza que prorrompia em gritos de pavor. E o leão saltou de um palanque a outro, deixando atrás de si um rastro de vítimas a gritar e gemer, até encontrar um túnel em que entrou, galopando rumo à liberdade, além do anfiteatro.

As arquibancadas explodiam de gritaria, enquanto o povo aplaudia Tarzan, que entrava na estrebaria e voltava a tomar lugar ao lado de Valthor, sobre a vigia. O guarda que o ridicularizara fitava-o agora com o maior respeito, enquanto os demais prisioneiros o louvavam, dando-lhe parabéns.

— Menofra devia dar-te uma coroa e um título — disse Valthor —, pois tu lhe proporcionaste, e à gente dela, entretenimento como nunca existiu nesta arena.

Tarzan lançou um olhar ao palanque real e viu que Menofra estava em pé, aparentemente ilesa.

— O leão perdeu uma oportunidade valiosa — observou. — E quanto à coroa e título, não os mereço, pois era o leão, e não Menofra e os espectadores, que eu queria entreter.

Quando os espectadores haviam silenciado e os feridos foram retirados, o oficial voltou à estrebaria.

— Foste um imbecil — disse a Tarzan — em jogar o leão no palanque de Menofra. Se não houvesses feito isso, acredito que ela te desse tua liberdade. Agora, porém, ordenou que sejas destruído imediatamente. Tu e Valthor entrareis em seguida. Ides tomar lugares no centro da arena, neste instante.

— Eu bem queria — observou Valthor — que tu tivesses tido recepção melhor na Cidade de Marfim. Bem queria que houvesses conhecido minha gente e ela a ti. Que tenhas vindo para morrer é trágico, mas o destino estava contra ti.

— Bem, meu amigo — disse Tarzan —, pelo menos nós dois nos voltamos a ver, e... ainda não estamos mortos.

— Logo estaremos.

— Acredito que talvez tenhas razão — concordou o homem-macaco.

— Bem, aqui estamos. Tens algum plano?

— Nenhum — respondeu Tarzan. — Sei que não posso atirar um elefante ao palanque de Menofra.

— Não o elefante que será solto — disse Valthor. — Eu o conheço. Ajudei a

capturá-lo. É um verdadeiro demônio, e enorme. Odeia os homens. Estiveram a guardá-lo para agora e provavelmente o matarão depois... é perigoso demais.

— Estão abrindo o cercado dos elefantes — disse Tarzan. — Aí vem ele!

Era um elefante enorme que acometia, barrindo, pelos portões abertos. De início, pareceu não notar a presença dos dois homens no centro da arena e saiu a trote, passando perto dos palanques, como a procurar um meio de fuga. E então, de modo repentino, voltou-se para o centro e partiu rumo aos dois homens.

Tarzan observava suas grandes dimensões e o fato de que uma das presas era mais escura do que a outra e, na tela da memória, visualizou outra cena, em outro dia — hienas na beira de um poço, prontas a devorar um enorme elefante que — tinha uma das presas escura, enquanto Ska, o abutre, adejava em círculos por cima.

A tromba do elefante se ergueu, ele barria ao aproximar-se. Foi quando Tarzan deu um passo rápido à frente e ergueu a mão, a palma voltada para a fera.

— *Dan-do, Tantor!* — ordenou. — *Tarzan yo.*

O elefante hesitou, logo parava. Tarzan caminhou em sua direção, fazendo gesto para que Valthor viesse logo atrás, e estacou com uma das mãos sobre a tromba que agora fora baixada e percorria o corpo do homem-macaco, a examiná-lo.

— *Nala Tarzan!* — ordenou o homem-macaco. — *Nala tarmangani!* — e puxou Valthor para seu lado.

O elefante ergueu a tromba e barriu estrondosamente; depois recolheu um e o outro em suas dobras, ergueu-os e os colocou sobre a cabeça. Por momentos ali ficou, oscilando de um lado para outro enquanto Tarzan lhe falava em voz baixa; em seguida, voltando a barrir, partiu a trote pela arena, enquanto os espectadores permaneciam em silêncio, aturdidos pelo espanto. A grande fera completara metade da arena oval e, em frente à estrebaria dos prisioneiros, Tarzan deu-lhe ordem curta. O elefante fez uma volta rápida para a esquerda e atravessou a arena, enquanto Tarzan instava com ele, dedicando-lhe palavras de incentivo naquela estranha língua-mãe que os grandes símios utilizam e que os símios menores, bem como os macaquinhos, também conhecem e que é compreendida, na proporção de sua inteligência, por muitas outras feras da floresta e da planície.

De cabeça baixa, o macho poderoso colidiu com a paliçada frágil, na extremidade da estrebaria, arremessando-a ao chão. E logo a paliçada externa caía à frente, e ele seguia com Tarzan e Valthor para a planície, rumo à liberdade.

Ao passarem pelo portão principal do anfiteatro, dirigindo-se ao sul, o primeiro contingente de seus perseguidores saía da arena, subindo apressadamente às cadeirinhas dos elefantes que esperavam, e antes de terem percorrido um quilômetro já a perseguição fora plenamente desencadeada.

Embora sua própria montaria estivesse andando bem, os elefantes perseguidores ganhavam terreno.

— Elefantes de corrida — comentou Valthor.

— Levando cargas pesadas — observou o homem-macaco. — Cinco e seis guerreiros, e mais a cadeirinha pesada.

Valthor assentiu.

— Se pudermos ficar à frente deles por meia hora, temos chance de fugir.

Em seguida, voltou-se e olhou à frente.

— Mãe de Dyaus! — exclamou. — Somos apanhados entre um elefante selvagem e um leão faminto... aí vêm os cathnianos, e vêm para a guerra. O que temos à frente não é expedição comum. Olha só para eles!

Tarzan voltou-se e viu homens em quantidade de um exército atravessando a planície em sua direção, e à frente destacavam-se os ferozes leões de guerra de Cathne. Ele olhou para trás. Aproximando-se deles com rapidez vinham os elefantes de guerra de Athne.

Batalha

— Acho que ainda temos uma oportunidade de escapar — disse Valthor. — Volta-o para o leste. Zygo e seus súditos leais estão lá, na montanha.

— Não precisamos fugir de nossos amigos — replicou Tarzan.

— Espero que eles te reconheçam como amigo, antes de soltarem os leões de guerra. São animais treinados a saltar nas costas dos elefantes e a matar os homens que estejam lá.

— Nesse caso nós nos aproximaremos a pé — disse o homem-macaco.

— E seremos pegos pelos erythras — aduziu Valthor.

— Teremos de arriscar-nos, mas espera! Vamos tentar uma coisa.

Falou então com o elefante e o animal estacou, voltou-se para trás; foi quando Tarzan saltou para o chão, fazendo a Valthor um gesto para que o acompanhasse. Disse algumas palavras na orelha do elefante e afastou-se para o lado. A tromba enorme subiu, adiantaram-se as orelhas imensas, quando o poderoso animal partiu de volta, para enfrentar os elefantes que se avizinhavam.

— Acho que ele os deterá o tempo suficiente para que alcancemos a linha cathniana antes que nos peguem — disse Tarzan.

Os dois homens se voltaram e partiram rumo à horda de guerreiros que avançava — na direção de fileiras de lanças luzidias, capacetes dourados e leões de guerra, presos por correntes de ouro. De súbito, um guerreiro saiu das fileiras e veio correndo à frente, ao encontro deles; e, ao aproximar-se mais, Tarzan viu que era um oficial. Tratava-se de Gemnon.

— Reconheci-te no mesmo instante — gritou ele para o homem-macaco. — Viemos te salvar.

— E como soubeste que eu estava em apuros? — perguntou Tarzan.

— Foi Gemba quem nos contou. Esteve aprisionado contigo, na senzala, mas fugiu e foi diretamente para Thudos, levando a informação de que iam te matar.

— Dois de meus amigos ainda são prisioneiros em Athne — disse Tarzan —, e agora que apanhaste muitos dos guerreiros de Phoros, aqui na planície, em desordem...

— Sim — disse Gemnon. — Thudos percebeu a vantagem e atacaremos imediatamente, assim que voltarmos para as linhas.

Valthor e Gemnon haviam-se conhecido antes, o primeiro fora prisioneiro em Cathne. Thudos, o rei, acolheu-os a ambos, pois Gemba lhe falara dos erythras, e naturalmente sua solidariedade estava com a aristocracia de Athne.

— Se Thoos estiver hoje do nosso lado — afiançou —, restauraremos Zygo em seu trono.

E então, falando com um ajudante:

— Solta os leões de guerra!

O grande elefante de presa escura alcançara o primeiro dos elefantes de guerra de Athne e lhe desferira uma cabeçada com impacto tão forte que todos os guerreiros foram derrubados da cadeirinha e o elefante jogado ao chão; e logo investia contra o seguinte, derrubando-o, ao que os demais se espalharam, procurando evitá-lo; momentos depois os leões de guerra de Cathne se achavam por ali. Não atacavam os elefantes, mas pulavam às cadeirinhas e destroçavam os guerreiros. Dois ou três leões atacavam um só elefante de cada vez, e pelo menos dois deles, via de regra, conseguiam atingir a cadeirinha.

O comandante das forças dos erythras procurou reunir-se aos homens e formar uma linha com a qual pudesse repelir o avanço dos cathnianos, e enquanto procuravam fazê-lo os guerreiros cathnianos que vinham a pé os alcançaram, aumentando a derrota que o grande elefante iniciara e os leões haviam quase completado.

Os guerreiros erythras atiravam as lanças sobre os inimigos e procuravam esmagá-los sob os pés das montarias. O primeiro objetivo dos cathnianos era matar os guias dos elefantes e pôr os animais em carreira, e enquanto alguns guerreiros o tentavam, outros se aproximavam dos elefantes na tentativa de cortar com punhais as alças, atirando ao chão as cadeirinhas e seus ocupantes.

Os gritos dos guerreiros, o barrido dos elefantes, os ruídos dos leões, os gritos dos feridos, tudo isso vinha formar um pandemônio indescritível, aumentando a confusão da cena, e parecia levar a sede de sangue dos participantes a proporções demoníacas.

Enquanto uma parte de suas forças enfrentava os erythras na planície diante da cidade, Thudos manobrava os restantes para uma posição entre a batalha e a cidade, cortando assim a retirada do inimigo; e desse modo, vendo que seu comandante fora morto, os athnianos perderam a coragem e se espalharam em todas as direções, deixando a cidade à mercê do inimigo.

Thudos conduziu suas tropas vitoriosas para Athne e em sua companhia marchavam Tarzan e Valthor. Libertaram Wood e os demais prisioneiros na senzala, inclusive Spike e Troll; e então, a pedido de Wood, marcharam para o palácio à

procura de Gonfala. Encontraram leve resistência, pois a guarda do palácio se punha em fuga, diante do número superior que a atacava.

Tarzan e Wood, conduzidos por um escravo do palácio, foram ter apressadamente ao alojamento onde Gonfala fora confinada. A porta, fechada por um ferrolho na parte externa, foi logo aberta e os dois homens entraram, encontrando Gonfala em pé sobre o cadáver de Phoros, tendo na mão um punhal.

Ao ver Wood, ela correu e se jogou nos seus braços.

— Ele acabou de saber, que Menofra morreu — disse Gonfala —, e tive de matá-lo.

Wood estreitou-a nos braços.

— Pobre menina — cochichava. —, o que deve ter sofrido! Mas as dificuldades terminaram, agora, para você. Os erythras foram batidos, estamos entre amigos.

Após a queda de Athne, os acontecimentos vieram em sucessão rápida. Zygo foi chamado das montanhas e restaurado no trono por seus inimigos hereditários, os cathnianos.

— Agora podem viver em paz — disse Tarzan.

— Paz! — gritaram Thudos e Zygo, quase no mesmo instante. — Quem quer viver sempre em paz?

— Eu substituo Zygo no trono — explicou Thudos — para que nós, cathnianos, possamos continuar a ter inimigos dignos de nossas armas. Nada de paz para nós, hein, Zygo?

— Nunca, meu amigo! — gritou o rei de Athne.

Por uma semana Tarzan e os demais europeus continuaram em Athne, e depois partiram rumo ao sul, levando Spike.

Troll e o grande diamante. Em marcha curta, saindo de Athne, encontraram Muviro, que chefiava cem guerreiros à procura de seu amado *bwana*, e, assim acompanhados, regressaram à terra do homem-macaco.

Foi lá que Tarzan deixou que Spike e Troll partissem rumo à costa, sob a promessa de que nunca mais voltariam à África.

Quando estavam de partida, Spike lançou olhares pesarosos ao grande diamante.

— A gente bem que podia ganhar alguma coisa — disse. — Afinal de contas, passamos por maus pedaços por causa disso aí.

— Muito bem — disse Tarzan. — Levem-no com vocês. Wood e Gonfala fitaram o homem-macaco, cheios de espanto, mas nada disseram até que Troll e Spike houvessem partido. Só então perguntaram a Tarzan por que dera o grande diamante a

dois patifes como aqueles.

Um sorriso veio lentamente aos lábios do homem-macaco.

— Não era o Gonfal — explicou. — Estou com ele em casa. Aquilo era a imitação que Mafka guardava, para exhibir e proteger o verdadeiro Gonfal. E há uma outra coisa que talvez lhes interesse. Descobri a grande esmeralda dos *zulis* e a enterrei no território dos bantangos. Algum dia iremos lá apanhá-la também. Você e Gonfala precisam estar bem munidos de riqueza, quando voltarem à civilização... devem ter o suficiente para arranjar bastante encrenca e ficar por lá, todo o resto da vida.

FIM

O AUTOR E SUA OBRA

“Era filho de nobres ingleses, tendo sido criado no meio da floresta africana, onde escreveu mais de noventa livros.” Essa informação, por muito tempo associada à figura de Edgar Rice Burroughs, é rigorosamente falsa: não se aplica ao escritor, plebeu norte-americano que nunca esteve na África, nem à sua célebre criatura Tarzan, que não escrevia livros, embora também não fosse o selvagem semi-analfabeto em que Hollywood o transformou.

Na verdade, Rice Burroughs era filho de um fabricante de bebidas de Chicago, onde nasceu a 1.º de setembro de 1875. Adolescente, tentou ser praça no Exército, para o que falsificou a idade. Seu pai, alegando a fraude do filho, conseguiu tirá-lo da caserna após quinze meses de campanha, o que não desagradou totalmente ao jovem Edgar.

Antes de se tornar famoso como escritor, teve muitas profissões: caixeiro-viajante, guarda ferroviário, balconista, agente policial, comerciante de gado. Fracassou em tudo, até na tentativa de ganhar dinheiro com um curso por correspondência que ensinava como vencer na vida.

Aos trinta e sete anos, desesperado, escreveu um conto de ficção científica e o enviou a uma revista popular. Para sua surpresa, o trabalho foi aceito e pediram mais. Nessa ocasião, Rice Burroughs estava preocupado com o choque entre a herança cultural do homem e o seu meio ambiente, tema sobre o qual veio a escrever muitos ensaios.

Assim, inventou Tarzan dos Macacos, um menino abandonado na África equatorial depois que seus pais, exploradores ingleses, encontram a morte nas mãos dos nativos. Criado por macacos, o garoto se torna um atleta vigoroso que enfrenta sem temor as forças naturais que o cercam. Encontrando na tenda da família um baú de livros, aprende a falar, ler e escrever, mas não abandona a selva e a natureza que adora.

Tarzan representou fama e fortuna para seu criador. Cerca de trinta volumes, com uma tiragem global que ultrapassa vinte milhões de exemplares em mais de sessenta línguas diferentes — tal é o balanço da atividade de Burroughs até março de 1950, data em que faleceu nos Estados Unidos.

Saída dos romances para o cinema e para os quadrinhos, essa criação imortal de um autor que, paradoxalmente, jamais conheceu a África foi mais que um ídolo, foi a marca de uma época — época em que se reconhece o valor da vida natural e se sonha com o modo como o homem deveria ser se a civilização não o tivesse corrompido.

Table of Contents

Folha de Rosto

PERSONAGENS E CENÁRIOS

1. A voz do passado

2. Estranho relato

3. O poder de Mafka

4. Condenado à morte

5. A pantera negra

6. Aprisionado

7. Magia verde

8. O poço do leopardo

9. O fim do corredor

10. Rumo à liberdade

11. Traição

12. Reunião

13. Canibais

14. Rapto

15. Garras

16. Tantor

17. Desconhecidos

18. Ingratidão

19. Desforra

20. Athne

21. Phoros

22. Menofra

23. Condenados

24. Morte

25. Batalha

O AUTOR E SUA OBRA